



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RAQUEL DA SILVA SANTOS

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL -
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A POLÍTICA INSTITUCIONAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)

SÃO PAULO

2018

RAQUEL DA SILVA SANTOS

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL -
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A POLÍTICA INSTITUCIONAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr^o José Eduardo de Oliveira Santos

SÃO PAULO

2018

RAQUEL DA SILVA SANTOS

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL -
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A POLÍTICA INSTITUCIONAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)**

Banca Examinadora:

Prof. José Eduardo de Oliveira Santos – UNINOVE

Orientador

Prof. Dra. Célia Maria Haas – UNICID

Titular

Prof. Manuel Tavares Gomes – UNINOVE

Titular

Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho – UNINOVE

Suplente

Prof. Ângelo Del Vecchio – UNESP

Suplente

SÃO PAULO

2018

Santos, Raquel da Silva.

Internacionalização da educação superior no Brasil – estudo exploratório sobre a política institucional da Universidade Federal do ABC (UFABC). / Raquel da Silva Santos. 2018.

300 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Dr. Prof. José Eduardo de Oliveira Santos.

1. Internacionalização da educação superior. 2. Política de educação superior. 3. Universidade Federal do ABC. 4. Internacionalização competitiva. 5. Internacionalização solidária.

I. Santos, José Eduardo de Oliveira. II. Título.

Dedico este trabalho a Deus
E aos meus pais, Wagner e Terezinha
Fundamentos da minha vida

AGRADECIMENTOS

Ao Pai, por todo o seu esplendor, graça e amor incondicional.

Ao Filho, por ser o meu maior referencial.

Ao Espírito Santo, pelo folego de vida a mim concedido.

Tudo é para ti Senhor!

Agradeço aos meus pais, Wagner e Terezinha, por todo apoio, amor, compreensão, incentivo ao longo de toda a minha vida, vocês são meus exemplos. Eu amo vocês, obrigada por estarem comigo até o fim.

A meu irmão Habner, caçulinha, amo você!

O meu fiel companheiro de todas as horas, Thor (meu vira-lata), por estar comigo em todos os momentos de escrita; os docinhos compartilhados, por acompanhar todos os cafés, chás, lágrimas e ouvir grande parte dos meus textos. Meu bebezinho, obrigada!

Às minhas titias Daniela (minha tia Nononha) e Mara, por todo apoio ao longo da minha vida, que se intensificaram nesses últimos dois anos, cada palavra de incentivo, cada conselho. Obrigada!

Aos meus avós, Neli e Luís, Tereza e Adelino (meu vô Quelé), por serem a minha maior inspiração!

Ao meu pai do coração, meu amigo, professor Manuel Tavares. Por guiar os meus primeiros passos para o campo acadêmico. Me faltam palavras para te agradecer!

Ao meu Orientador, professor Eduardo, por ser minha base, meu mentor, por acreditar, por me incentivar, pela paciência, dedicação e por confiar a mim este trabalho. Não tenho palavras para agradecer tudo o que fez por mim. Obrigada, Mestre!

Ao querido professor Ângelo Del Vecchio, por aceitar prontamente participar da banca de qualificação, com preciosas pontuações que terão relevância para a minha formação enquanto profissional e pessoal! Muito obrigada, Professor!

A minha segunda casa, Universidade Nove de Julho (UNINOVE), por me acolher desde os meus 17 anos, e me guiar dentro do campo acadêmico, abrindo as portas do conhecimento, me dando a oportunidade e contribuindo para com a minha formação profissional, para que eu me tornasse o que sou hoje. Obrigada!

Agradeço também a minha Igreja Assembleia de Deus - Ministério de Perus, por todas as orações, palavras de incentivo e compreensão da minha ausência. Por ser o berço da minha formação humana e profissional. Em especial ao meu Pr Jeremias, a Miss Jacira e Rodrigo, por toda intercessão. Obrigada!

Aos meus heróis da vida real...

Luly e Dri (minhas Marias) obrigada por toda força, acolhimento e inspiração... Amo Vocês.

Siclay e Amanda, obrigada por todo apoio, incentivo e por estarem lado a lado nos momentos bons e ruins.

Vânia, obrigada por me salvar inúmeras vezes. Você é sensacional!

Reinaldo, obrigada pelo apoio, por compartilhar ideias, materiais, angústias, risadas e trabalho.

Aos meus professores da Linha de Políticas Educacionais (LIPED), por todas as aulas maravilhosas e por estarem prontos a sanar minhas inúmeras dúvidas. Obrigada!

Ao Leonardo Matos, por cada palavra de incentivo. Obrigada!

Aos anjos...Cris, Alex, Aline, Jeniffer e Ju (minha ruiva favorita!). Vocês são as melhores pessoas! Obrigada pelos bons dias, abraços, amparo e por me ajudarem tanto!

Às meninas da limpeza, pelas salas sempre organizadas e cuidadas com zelo.

Aos meninos da estrutura, por sempre estarem felizes, dispostos a ajudar quando não dávamos conta. Vocês são maravilhosos!

Aos meus colegas de disciplinas e seminários do PPGE, pelos cafés e ideais compartilhadas.

Aos pesquisadores do OBEDUC, pela generosidade e incentivo. Obrigada a todos!

Ao PROSUP, por me dar a condição de percorrer esta jornada!

E por fim a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me apoiaram nesta trajetória.

*[...] como jóvenes que pueden cambiar el mundo, debemos romper con estas barreras
y trabajar junto a todas las personas de la sociedade [...]*

¹Camila Negrão, 2017

¹ Trecho do discurso da aluna de Relações Internacionais da UFABC no *Many Languages One World* da Organizações das Nações Unidas (ONU), em 21/07/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hOyslq9t_A&feature=youtu.be acesso em 02/11/2017

Resumo

Esta pesquisa se refere à presença da dimensão internacional nas políticas brasileiras contemporâneas de educação superior, tomando para estudo a política de internacionalização desenvolvida institucionalmente na Universidade Federal do ABC (UFABC), localizada na região metropolitana paulista do Grande ABC, tradicional polo da indústria automobilística e de organização do sindicalismo operário. Com recorte temporal compreendido entre os anos de 2005, data de criação da instituição, a 2017, quando realizada a investigação empírica, esta pesquisa trabalhou com a conjectura de que essa universidade faz parte de um conjunto de mudanças propostas pelos governos Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016) que buscaram enfrentar os desafios e condicionamentos da formação superior do século XXI, marcada pela globalização de mercados, pela ideia de sociedade do conhecimento e pela organização e difusão de *rankings*. O objetivo do trabalho é compreender os fundamentos teórico-políticos que orientam a missão desses novos modelos de universidade no Brasil, com foco particular na política interna de internacionalização da UFABC. As referências teóricas utilizadas são os pesquisadores que debatem a educação superior em registro contra hegemônico, na tensão que se estabelece entre duas macroestratégias de internacionalização do setor, a cooperativa e a competitiva, e que impactam políticas e sistemas de educação superior no Brasil. Propomos uma investigação de natureza qualitativa que utiliza o ciclo de políticas de Ball e Bowe (1992) como abordagem metodológica de análise de política pública, e a entrevista como procedimento metodológico de coleta de dados, tendo como sujeitos de pesquisa os gestores e agentes de internacionalização da UFABC. Utilizamos, ainda, o acervo de depoimentos coletados em universidades de mesmo tipo pesquisadas no âmbito do Projeto “Universidade Popular no Brasil” (Capes-Obeduc), além do recurso a uma revisão bibliográfica sobre internacionalização da educação superior brasileira. Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de Análise do Discurso, tendo Orlandi (2009) como referência mais significativa. As conclusões principais deste estudo indicam que a política de internacionalização da UFABC atende às recomendações do Banco Mundial e busca a inserção da instituição no cenário internacional a partir dos fundamentos teórico-políticos das chamadas *World Class Universities*, constituindo, portanto, um processo de internacionalização competitiva que tem os mercados globalizados como foco.

Palavras-chave: Internacionalização Competitiva. Internacionalização da Educação Superior. Internacionalização Solidária. Política de Educação Superior. Universidade Federal do ABC.

Resumen

Esta investigación se refiere a la presencia de la dimensión internacional en las políticas brasileñas contemporáneas de educación superior, tomando para estudiar la política de internacionalización desarrollada institucionalmente en la Universidad Federal del ABC (UFABC), ubicada en la región metropolitana paulista del Gran ABC, tradicional polo de la industria automovilística y, de organización del sindicalismo obrero. Con un recorte temporal comprendido entre los años 2005, fecha de creación de la institución, a 2017, cuando se realizó la investigación empírica, esta investigación trabajó con la conjetura de que esa universidad forma parte de un conjunto de cambios propuestos por los gobiernos Lula da Sddcilvera (2003 - 2010) y Dilma Rosseff (2011-2016) que buscaron enfrentar los desafíos y condicionamientos de la formación superior del siglo XXI, marcada por la globalización de mercados, por la idea de sociedad del conocimiento y por la organización y difusión de rankings. El objetivo del trabajo es comprender los fundamentos teórico-políticos que orientan la misión de estos nuevos modelos de universidad en Brasil, con un enfoque particular en la política interna de internacionalización de la UFABC. Las referencias teóricas utilizadas son los investigadores que debaten la educación superior en registro contra hegemónico, en la tensión que se establece entre dos macroestrategias de internacionalización de la educación superior, la cooperativa y la competitiva, y que impactan políticas y sistemas de educación superior en Brasil. Proponemos una investigación de naturaleza cualitativa que utiliza el ciclo de políticas de Ball y Bowe (1992) como enfoque metodológico de análisis de política pública, y la entrevista como procedimiento metodológico de recolección de datos, teniendo como sujetos de investigación formuladores del proyecto institucional de la UFABC , sus gestores y agentes de internacionalización. En el marco del Proyecto "Universidad Popular en Brasil" (Capes-Obeduc), además del recurso a una revisión bibliográfica sobre educación popular e internacionalización universitaria, utilizamos el acervo de testimonios recogidos en universidades del mismo tipo investigadas en el marco del Proyecto "Universidad Popular en Brasil" (Capes-Obeduc), además del recurso a una revisión bibliográfica sobre educación popular e internacionalización universitaria. Los datos recolectados fueron analizados por medio de la técnica de Análisis del Discurso, teniendo Orlandi (2009) como referencia más significativa. Las conclusiones principales de este estudio indican que la política de internacionalización de la UFABC atiende las recomendaciones del Banco Mundial en lo que concierne a la estructura de las World Class Universities, como fundamento teórico político, contribuyendo a la inserción de la UFABC en el escenario internacional por el sesgo de la internacionalización competitiva, las demandas de la globalización del mercado.

Palabras clave: Internacionalización competitiva. Internacionalización de la Educación Superior. Internacionalización solidaria. Política de Educación Superior. Universidad Federal del ABC.

Abstract

This research refers to the presence of the international dimension in contemporary Brazilian policies of higher education, taking to study the internationalization policy developed institutionally at the Federal University of ABC (UFABC), located in the metropolitan region of Grande ABC, a traditional hub of the automobile industry and organization of workers' unionism. With a temporal cut from the year 2005, when the institution was created, to 2017, when the empirical research was carried out, this research worked with the conjecture that this university is part of a set of changes proposed by the governments Lula da Sddcilva (2003) - 2010) and Dilma Rosseff (2011-2016) who sought to face the challenges and constraints of 21st century higher education, marked by the globalization of markets, the idea of a knowledge society and the organization and dissemination of rankings. The objective of this work is to understand the theoretical-political foundations that guide the mission of these new university models in Brazil, with a particular focus on the internationalization policy of UFABC. The theoretical references used are the researchers who debate higher education in a counter-hegemonic register, in the tension that is established between two macro strategies of internationalization of higher education, the cooperative and the competitive one, and that impact policies and systems of higher education in Brazil. We propose a research of a qualitative nature that uses Ball and Bowe's policy cycle (1992) as a methodological approach to public policy analysis, and the interview as a methodological procedure for data collection, having as research subjects formulators of the UFABC institutional project, its managers and internationalization agents. We also used the collection of testimonies collected in universities of the same type researched in the scope of the "Popular University in Brazil" Project (Capes-Obeduc), in addition to the bibliographical revision on popular education and university internationalization. The collected data were analyzed through the Discourse Analysis technique, with Orlandi (2009) being the most significant reference. The main conclusions of this study indicate that the internationalization policy of UFABC complies with the recommendations of the World Bank regarding the structure of the World Class Universities, as a theoretical political foundation, contributing to the insertion of UFABC in the international scenario through the competitive internationalization bias, demands of globalization of the market.

Keywords: Competitive Internationalization. Internationalization of Higher Education. Solidarity Internationalization. Higher Education Policy. Federal University of ABC.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA DE SÃO PAULO –
INTERNACIONALIZAÇÃO

TABELA 2 METAS DE BOLSAS POR MOBILIDADE ATÉ 2015 92

TABELA 3 ESTRUTURA FÍSICA DA UNIDADE DE ATLANTICA - UFABC

TABELA 4 A ESTRUTURA FISICA DA UNIDADE DE SANTA ADELIA – UFABC

TABELA 5 OS LABORATORIOS DA UFABC

TABELA 6 PLANEJAMENTO UFABC 2013-2022

TABELA 7 META DE AMPLIAÇÃO DA OFERTA DE VAGA DO INGRESSO NA
GRADUAÇÃO 2022

TABELA 8 ESTIMATIVA DE EXPANSÃO DE MATRICULADOS ATÉ 2022

TABELA 9 ESTIMATIVA DE MATRICULAS NA PÓS GRADUAÇÃO

TABELA 10 EXPANSÃO DOCENTE ATÉ 2022

TABELA 11 EXPANSÃO DOS TECNICOS ADMINISTRATIVO

LISTAS DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR MODALIDADE NO BRASIL

GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS

GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR PAIS DE DESTINO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

GRÁFICO 4- BOLSAS IMPLEMENTADAS POR FORMAÇÃO – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR MODALIDADES NA UFABC

GRÁFICO 5 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS POR GENERO

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 ETAPAS DO CICLO DE POLÍTICAS DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFABC

QUADRO 2 PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A UFABC E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

QUADRO 3 ACORDOS COM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS NO ANO DE 2017

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 CICLO DE POLÍTICAS DE BALL

FIGURA 2 CARACTERÍSTICAS DA *WORLD CLASS UNIVERSITY* (WCU) –
ALINHAMENTO DOS FATORES CHAVE

LISTA DE SIGLAS

AGCS -	Acordo Geral sobre Comércio de Serviços
AIIs –	Agentes de Internacionalização
BC&H –	Bacharelado em Ciências e Humanidades
BC&T –	Bacharelado em Ciências e Tecnologia
BIRD –	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BIs -	Bacharelados Interdisciplinares
BM –	Banco Mundial
BRICS –	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPPAC –	Programa de Pós-Graduação em estudos comparados sobre a América Latina
CNE –	Conselho Nacional da Educação
CsF –	Ciências sem Fronteiras
CUNIs –	Colégio Universitário
EM-	Ementa
ENEM –	Exame Nacional do Ensino Médio
ENEM –	Exame Nacional do Ensino Médio
ENFF –	Escola Florestan Fernandes
FDC-	Fundação Dom Cabral
FEA – USP	Faculdade de Administração da Universidade de São Paulo
IES –	Instituição de Educação Superior
IFES -	Instituto Federal de Ensino Superior
IMPARH –	Instituto Municipal de Pesquisa, Administração e Recursos Humanos
INEP –	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IsF –	Inglês sem Fronteiras
LDB –	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC –	Ministério da Educação e da Cultura
MERCOSUL –	Mercado Comum do Sul
MRE –	Ministério das Relações Internacionais
MST -	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OBEDUC–	Observatório da Educação (Projeto: Universidade Popular do Brasil)

OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC –	Organização Mundial do Comercio
PALOP –	Países Africanos de Língua Portuguesa
PAMA –	Programa de Andifes de Mobilidade Acadêmica
PDI –	Plano de Desenvolvimento Institucional
PEC – G –	Programa de Estudantes – Convênio de Graduação
PP –	Projeto Pedagógico
PPGE-	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROSUP - Particulares	Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino
PROUNI –	Programa Universidade para Todos
RIAPE -	Rede Ibero-Americana de Investigação em Políticas Educativas
RUF –	Ranking Universitário da Folha
SEM –	Setor Educacional do Mercosul
SINAES –	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
STJ-	Superior Tribunal de Justiça
UAM –	Universidade Anhembi Morumbi
UCB –	Universidade Católica de Brasília
UE –	União Europeia
UFABC –	Universidade Federal do ABC
UFFS-	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN-	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSB –	Universidade Federal do Sul da Bahia
UNESCO -	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICENTRO –	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFESP –	Universidade Federal de São Paulo
UNILA –	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNILAB –	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UnP –	Universidade Potiguar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
Abordagem do Ciclo de Políticas	30
CAP. I –INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	36
1.1 Revisão da literatura	36
1.1.1 Observatório da Universidade Popular no Brasil – resultados de pesquisa	40
1.1.2 Produção de conhecimento sobre internacionalização da educação superior	43
1.2 Internacionalização da educação superior no Brasil.....	85
1.3 Modalidades de internacionalização no Brasil: solidária ou competitiva?....	81
CAP. II -UFABC: UMA UNIVERSIDADE PARA O SÉCULO XXI?.....	93
2.1 Produção de conhecimento sobre a UFABC.....	92
2.2 ABC Paulista: o coração da indústria brasileira	102
1.Antecedentes históricos	102
A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC	107
I. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL I (2008 – 2013) E II (2013 -2022).....	113
ii.A infraestrutura física	124
II. A ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (ARI)	129
COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CRI): Atas	141

i.AGENTE DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFABC (AI).....	146
CAP. III – POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFABC NA VISÃO DE SEUS ATORES.....	148
□ Instrumentos de Coleta de Dados.....	153
1.Roteiro de entrevista com os gestores da área de Relações Internacionais da UFABC.....	154
2. Roteiro de entrevista com os Agentes de Internacionalização	156
TÉCNICA DE ANÁLISE DE DISCURSO	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS.....	183

APRESENTAÇÃO

Raquel da Silva Santos, 24 anos, brasileira, natural de Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Nasci no dia 24 de fevereiro de 1994.

Com os meus os meus 17 anos, adentrei aos portões da Universidade Nove de Julho, em São Paulo. Encantada pelas aulas, por cada novo livro; a cada fala me sentia mais segura e toda essa trajetória de inserção a educação superior que só foi possível através da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI) que me concedeu bolsa integral de estudos na UNINOVE o que e possibilitou o ingresso e permanência na universidade, pois realizei toda a educação básica em escola pública.

Convicta do caminho que tinha escolhido percorrer, aproveitei cada oportunidade que a universidade me proporcionou experimentar; entrei para o Teatro da UNINOVE pude conhecer muitas pessoas de outros cursos. Fiz monitoria e conhecia pessoas de outras áreas, sempre sentia vontade de conhecer mais; instigada a busca pelo conhecimento para sanar as questões que me preocupavam em relação a educação.

No segundo ano de graduação, iniciei a Residência Pedagógica dentro do Projeto Ler e Escrever – Toda Força para o primeiro ano - TOF. Estava fascinada por tudo, mas sentia que faltava algo. Fui monitora de Libras durante 1 ano pela universidade, tendo contato com surdos, e foi o primeiro passo para querer me aprofundar nas questões sobre inclusão social e, na residência, tive contato com uma comunidade extremamente carente.

Durante todo esse processo de graduação a busca pelo conhecimento e a necessidade de saber mais aumentavam a cada dia. Então, a Universidade publicou o edital da Escola da Ciência. Me inscrevi e, sem dúvida, foi a melhor decisão. Comecei a transitar por campos antes nunca explorados, viver momentos de reflexão profundos e a conhecer autores; rever a problemática vivida por aquela comunidade, não como residente, mas, agora, como pesquisadora.

Comecei a participar dos encontros do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), frequentei congressos como o da Rede Iberoamericana de Investigação em Políticas Educativas (RIAIPE), de Iniciação Científica, Colóquios, ficando cada dia mais fascinada pela academia.

Me encontrei na construção do meu primeiro projeto sobre a inclusão do multiculturalismo no currículo. O que aguçou ainda mais as curiosidades sobre o

universo da educação buscando cada dia conhecimentos novos na esperança de contribuir para uma educação de qualidade para a minha geração. Tornando um objetivo de vida e uma missão. Descobrimos que aos poucos me esvazio de mim, para completar-me de algo totalmente inédito. A experimentar trajetórias e possibilidades. E descobrir a plena ciência e conhecimento novo.

O mover ainda inatingível de conhecimento, o poder de me segurar em referências, conversar, tomar um café, ou até um almoço, me moveram ao que ainda não foi atingido. O percurso? Bom, esse foi previamente traçado por um projeto. Mas o sentido de estarmos pisando no novo leva à crença de que ainda estamos em uma construção enorme de quem somos.

A ciência não é só um espaço sintético de busca, mas uma imersão integral sobre quem somos. A busca humana de ir além. A ânsia por mergulhar em conhecimento palpável e descobrir na capacidade humana a beleza, desenhando as expectativas e hipóteses do potencial de que podemos ser mais. Onde o belo é relativo e a plenitude da busca se torna uma ânsia de vida. Uma busca pelo verdadeiro, onde o lúdico se mistura com o insano, a verdade com a dúvida. Mas a validação dos fatos e a coerência da ciência nos apoia em nossos momentos de pura intensidade.

Nesses aspectos, os problemas que evidenciam e novamente inquietam estão em um mundo muito real, diferente do mundo lúdico que criamos antes da racionalidade científica. Para responder essas buscas, procuramos entender quem somos como pessoas, como profissionais, o que queremos para o mundo. Os problemas definem as nossas escolhas, nossas crenças, nossa luta política, nosso esforço pelo que acreditamos ser ideal.

Os caminhos para a construção do meu primeiro projeto de pesquisa foram árduos e também muito prazerosos. Como mencionei, anteriormente, fui estagiária em uma escola que atendia comunidades como a Favela do Nove e a Favela da Linha, como são chamadas. Dentro dessa escola, aprendi muito sobre ser professora e toda a minha formação inicial docente foi a partir das experiências que tive nessa escola. Eu estava muito inquieta com algumas práticas que via dentro da escola: iniciou-se o confronto entre prática e teoria, então entendi que, naquele momento, precisava buscar algumas respostas para as minhas diversas perguntas. Foi quando eu entrei na Escola da Ciência e, como já falei, foi a melhor coisa que fiz.

No projeto Escola da Ciência comecei a descobrir um mundo totalmente desconhecido. Praticamente devorava todas as leituras que meu orientador me indicava

e me apaixonei de tal forma pela academia, pelos artigos, pelas leituras, que aos poucos ia sanando minhas inquietações... e gerando outras. Naquela fase eu trabalhava com inclusão de crianças com deficiência, mas dentro da academia eu descobri que a inclusão vai muito além. Enfim, eu tinha me encontrado. Nesse período, finalizei a graduação. Um momento muito marcante na minha vida terminar a graduação, mas não consegui ficar longe da academia.

No ano seguinte, iniciei minha atuação como professora de educação infantil em uma instituição privada. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois eu quis, como profissional, me dar a liberdade da descoberta. Queria descobrir o que eu realmente gostava, qual assunto eu realmente queria fixar na minha carreira. Eu gostava de dar aula, de estar com os pequenos, aquele universo é fascinante. Mas ao mesmo tempo me sentia deslocada. Foi então que meu orientador da Escola da Ciência me convidou para assistir a uma aula de metodologia como ouvinte com a turma de pós-graduação em Educação. Foi amor à primeira vista, me adaptei na sala, sempre fui tratada como parte do grupo e me sentia muito incluída e acolhida pelos meus colegas. Foi, então, que surgiu o desejo de seguir a carreira acadêmica.

Logo, estava em dedicação exclusiva à academia. Fiquei um ano como aluna ouvinte no PPGE-UNINOVE. Já nesse espaço de tempo eu estava assistindo outras aulas na academia como aluna ouvinte. Aquele ano foi mágico para mim, foi um ano de muita superação, encontros, desencontros, descobertas. Fui instigada a pensar no mestrado e aquela ideia ardia no meu coração como um sonho maravilhoso. A academia naquele momento tinha se tornado literalmente minha segunda casa, havia dias e dias que chegava cedo e só ia embora à noite, participando dos eventos, das aulas, trocando experiências e buscando absorver tudo o que eu podia de todas as falas e exemplos que via dentro daquele lugar.

Foi então que conheci o projeto “Observatório da Universidade Popular do Brasil”, que sempre chamamos apenas OBEDUC. O tema da inclusão de estudantes de escolas públicas já me fascinava; pensar em uma universidade que pudesse resgatar os saberes que outrora foram suprimidos e ainda com características próprias, uma identidade e históricos de criação vinda de movimentos sociais, realmente me instigava a querer saber mais.

Fui, então, me aprofundar no assunto, pesquisar mais, conhecer pesquisadores desse universo. Em uma das bancas de defesa de um colega sobre a temática, pude

conhecer a Universidade Federal do ABC (UFABC) e, desde então, recebi um presente: o desafio de explorar essa universidade, conhecê-la.

Tive a oportunidade de visitar a UFABC. Mas ainda estava em dúvida sobre o que pesquisar. O meu projeto inicial, quando ingressei no Mestrado, veio se modificando conforme conhecia a fundo a universidade. Até chegar ao projeto atual, sobre internacionalização. Um tema que tem me instigado a cada dia.

Porém, não tinha tido a experiência da internacionalização, apenas lido em artigo, visto exemplos de colegas que tinham tido a experiência de vivenciar as modalidades de internacionalização na pós-graduação e por meio de contato com alunos em congressos que dividiam a experiência da internacionalização comigo.

Porém, pouco tempo após a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE, um programa que, para minha sorte e privilégio possui iniciativas de internacionalização, tendo como objetivo o diálogo e a interação entre programas de pós-graduação e grupos de pesquisa de diversos países, pude vivenciar como estudante, entre outras atividades, a internacionalização. Experiências enriquecedoras, tanto do ponto de vista cultural quanto conceitual.

A primeira experiência de internacionalização e, digo, uma das mais importantes como pesquisadora, foi em um grupo de pesquisa que com ideias e ideais que vão de encontro com os discursos hegemônicos e trazem diálogos relevantes sobre a Educação superior, o Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLASCO), no qual me encontro inscrita no Grupo de Trabalho (GT) “Universidade e Políticas de Educação Superior”, subgrupo Geopolítica do Conhecimento, uma rede de pesquisa que trabalha com pesquisadores do mundo todo, sem fronteiras que se encontra em um diálogo uníssono que acredita na Educação Superior como um direito humano, inalienável.

Outra experiência de internacionalização que pude vivenciar e que trouxe aprimoramento para o projeto de pesquisa, organizado pela Linha de Pesquisa: Educação Popular e Culturas e pelo PPGE-UNINOVE, foi o módulo internacional em Santiago, Chile, para participar do Fórum Paulo Freire-2016, realizado pelo Programa Interdisciplinario de Investigación (PIIE). Conhecemos a Universidad Academia de Humanismo Cristiano, o Instituto Pedagógico da Universidad Metropolitana de Ciências de la Educación (UMCE) e a casa do poeta Pablo Neruda.

Um segundo módulo internacional, outra experiência de internacionalização, deu-se em Montevideo, Uruguai, para participar do XXXI Congresso Alas 2017, na Univesidad de la Republica, organizado pela Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais

do PPGE-UNINOVE. Para além das atividades acadêmicas do Congresso, tivemos reuniões do Subgrupo Geopolítica do Conhecimento do CLACSO no Instituto Universitario Sudamericano (IUSUR).

Essas experiências de internacionalização oferecidas pelo PPGE-UNINOVE, foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa, tanto para o entendimento dos processos quanto para a compreensão das diversas perspectivas sobre internacionalização, enriquecendo meu trabalho como pesquisadora e me sensibilizando diante das possibilidades de uma visão de internacionalização solidária, cooperativa.

As descobertas que temos durante o processo inicial como acadêmicos é de um processo de desconstrução. Venho me desconstruindo a cada dia e me reconstruindo e, quando penso que estou pronta, acontece outra desconstrução.

Esse processo nem sempre é simples, ou fácil, mas estar aqui é um privilégio, que me orgulha. Os caminhos que serão percorridos ainda são desconhecidos, mas não vai acabar aqui, vai continuar. Vou me construindo aos poucos, com o que ganho de conhecimento, de minha interação com cada pessoa no meu dia a dia. Assim será a minha pesquisa, assim vou continuar por meio deste projeto levantando a bandeira de uma educação transformadora ...

INTRODUÇÃO

O Grande ABC paulista, que engloba os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, foi historicamente marcado por seu destaque no campo econômico paulista e brasileiro em razão da existência de um forte polo industrial automobilístico e do grande fluxo turístico devido às reservas naturais e ao patrimônio histórico. Apesar do potencial econômico da região, a desigualdade social ainda é uma realidade muito presente, especialmente pelo movimento de desindustrialização que acompanhou a globalização econômica a partir dos anos de 1990. Esse movimento passou a exigir das autoridades públicas a formulação de medidas voltadas a redefinir as estratégias das políticas públicas para a região.

Foi nesse cenário que, em 2005, após anos de lutas sociais por uma universidade pública na região, por meio de uma decisão política expressa na Lei 11.145, de julho de 2005², aprovou-se a instalação, em Santo André, da Universidade Federal do ABC. Era um marco para a população local de estudantes e que permitiria trazer contribuições importantes nos campos econômico e científico. Essa universidade fazia parte de uma proposta de criação de um conjunto de novas instituições universitárias federais cujos projetos, tanto político-institucionais (missão, propósitos, gestão etc.) quanto político-pedagógicos (matriz curricular, projetos dos cursos etc.), apontavam diferenças importantes em relação aos modelos clássicos que presidiram a criação de instituições de educação superior no país, nomeadamente o humboldtiano, o napoleônico e o estadunidense.

A partir do ano de 2013, o Projeto “Universidade Popular do Brasil” (Obeduc), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até 2016³ e desenvolvido por professores e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), passou a estudar esse conjunto de novas instituições, com a hipótese de que elas representavam um novo modelo de universidade para o século XXI, de cariz popular, e que buscava promover inclusão de segmentos da população e de regiões do país tradicionalmente afastadas da formação universitária. Nos termos de Tavares e Santos (2016, p. 4), tratou-se de uma

² Posteriormente alterada pela Lei 13.110, de 25 de março de 2015.

³ Dado o atraso no envio de recursos para início do Projeto, sua vigência oficial se prolongou até novembro de 2017, mas sem financiamento.

[...] “virada” inclusiva, que vai além do acesso a vagas na universidade, por si só representa uma mudança nas políticas públicas que têm reconfigurado a educação superior que historicamente se desenvolveu no Brasil, e se vale de um processo de instalação de novas universidades federais orientado na perspectiva da integração regional (novos territórios, novos arranjos socioeconômicos, outros arranjos educacionais), novos saberes (habilitação epistemológica), novas culturas (inclusão da diversidade étnico-social).

O projeto delineado para esse conjunto de universidades tinha de afirmar uma perspectiva inclusiva que enfrentasse as desigualdades nacionais de acesso à universidade num ambiente mundial em que instituições multilaterais como OMC, Banco Mundial e BIRD (HADDAD, 2008, entre outros) propunham um modelo de internacionalização da educação superior e do conhecimento lastreado nas chamadas universidades de classe mundial (*world class universities*) e de medidas de avaliação de desempenho dadas pelos *rankings* universitários (SANTOS, TEODORO, COSTA JR., 2016, entre outros). Assim, sistemas e políticas nacionais de educação superior eram qualificadas e classificadas de acordo com critérios padronizados adotados por essas instituições mundiais, representando os interesses do capitalismo global e dos países desenvolvidos.

Inseridos no projeto de pesquisa Obeduc, chamou nossa atenção a Universidade Federal do ABC, que não estava entre os universos de pesquisa no início, embora ela fosse uma das primeiras universidades a representar essa inovação e estivesse instalada justamente numa região que carecia de novos arranjos educativos por causa da desindustrialização. E ainda mais: já no ano de 2013 a UFABC demonstrava uma boa posição no *ranking* de internacionalização, o Ranking Universitário da Folha de São Paulo (*RUF*), o que nos levou a tomar essa aparente contradição como nosso problema de pesquisa, que pode ser resumido na forma da seguinte pergunta: Como uma universidade que representa um novo modelo institucional que pretende incluir e desenvolver um projeto nacional de educação superior inclusivo se relaciona com os critérios e objetivos da política de internacionalização desse nível de ensino recomendados pelas agências multilaterais? A esse problema relacionam-se outros, também expostos na forma de perguntas: A que se deve a presença importante da UFABC no quesito “internacionalização” dos *rankings*? A UFABC representa de fato um modelo de educação superior alternativo ao produzido (e recomendado) pelos países hegemônicos e pelas instituições multilaterais do capitalismo mundial? O que pode ser

verificado em suas práticas de internacionalização? Por fim, essas práticas de internacionalização estão orientadas por quais pressupostos teóricos?

Posto dessa maneira nosso problema de pesquisa, a principal questão que orientou este trabalho foi a seguinte: Quais os fundamentos teórico-políticos que orientam as práticas de internacionalização da UFABC? Para buscar respostas a essa questão nuclear, definimos a seguinte questão derivante: Como se processa, internamente, a política de internacionalização da UFABC?

Em busca de resposta a essas questões, tomamos como objetivo geral deste trabalho: Analisar os fundamentos teórico-políticos da política de internacionalização da UFABC. E para operar na direção desse objetivo, definimos como objetivos específicos:

- Identificar os programas, projetos e ações de internacionalização desenvolvidos na UFABC.
- Compreender a dialética das relações local/global na política de internacionalização da UFABC.
- Analisar a presença, nas políticas institucionais de internacionalização da UFABC, de uma perspectiva cooperativa / solidária ou competitiva em educação superior.

Fica claro, então, que nosso objeto de pesquisa são os fundamentos político-teóricos da política institucional de internacionalização da UFABC, a política que é internamente praticada, representando justamente o contexto da prática conforme denominado pela abordagem do ciclo de políticas.

Para orientar a nossa busca de respostas, mais do que formular hipóteses, preferimos indicar, aqui, algumas conjecturas acerca de possíveis resultados, a saber: Os fundamentos políticos da internacionalização da educação superior, no paradigma de universidade proposto para o século XXI, no mundo, centrado em aplicação de conhecimento e inovação tecnológica à economia, implicam o desenvolvimento de políticas nacionais que promovam a adequação do setor de educação superior que podem ser evidenciadas na busca de boas colocações nos *rankings* internacionais, e este foi o caminho perseguido pela UFABC. Trata-se, então, de um paradigma de internacionalização competitiva, que pode, pelo menos em parte, entrar em conflito com o paradigma da internacionalização cooperativa que parece ter inspirado sua criação.

Diante dessa problematização, esta dissertação de Mestrado propõe argumentos para o debate que passam pelo olhar sobre o lugar acadêmico e o potencial científico

que essa universidade tem ocupado na região do ABC paulista, no campo do ensino, da pesquisa e da extensão; por suas propostas de inclusão epistemológica e curricular e por seu perfil institucional, que entendemos ser uma alternativa às matrizes institucionais que organizaram a educação superior no Brasil, nomeadamente a humboldtiana, a napoleônica e a estadunidense, que aqui denominamos clássicas ou tradicionais (MAGALHÃES, 2006). Isso porque localizamos, no projeto institucional original da UFABC, um paradigma político-institucional de universidade do século XXI, nos termos postos por Boaventura de Sousa Santos e Naomar de Almeida Filho (2008), também alternativo às universidades de classe mundial e às chamadas universidades tradicionais, mas caberia verificar se suas práticas acadêmicas a levavam nessa direção, o que optamos por fazer estudando a política de internacionalização desenvolvida internamente.

Contaremos com um referencial teórico que pensamos ser importante para essa abordagem. No que concerne à relevância da universidade (ou da “organização acadêmica” denominada universidade, segundo a legislação nacional) no contemporâneo e às perspectivas teórico-políticas para uma universidade do século XXI, nos referenciamos em Boaventura de Sousa Santos e Naomar de Almeida Filho (2008)⁴; para as perspectivas decoloniais e de decolonização do saber (que implica a decolonização do poder), em especial para a América Latina, adotamos os termos de Quijano (2014), Mignolo (2010) e Tavares (2013).

Na perspectiva da internacionalização da educação superior e de seus efeitos no Brasil contamos com Morosini (2006; 2011; 2017), autora que construiu dois trabalhos significativos em que faz o estado da arte desse debate; no que se refere à regulação transnacional, vamos nos servir, especialmente, de Teodoro (2012); para definir os entendimentos dos paradigmas da cooperação internacional x competição internacional, utilizaremos as formulações e pesquisas de García Guadilla (2006; 2010; 2013) e Perrotta (2012); no que se refere à discussão das estratégias de internacionalização vindas dos centros político-econômicos vis-à-vis o processo de expansão mundial da educação superior, trazemos as perspectivas de Santos (2017).

A pesquisa tem natureza qualitativa e exploratória e se vale, além da análise dos documentos institucionais do universo pesquisado e da literatura acadêmica sobre a internacionalização da educação superior no Brasil, de entrevistas em profundidade

⁴ As datas das obras dos autores aqui referenciados são apenas uma entre outras que farão parte de nossas referências teóricas.

com: (2) gestores sendo da implantação da política interna de internacionalização, ambos professores doutores atuantes na universidade desde sua fundação, tendo trabalhado em todo o processo de estruturação da política institucional de internacionalização da universidade enquanto gestores (1) Pró-reitor de Extensão e Cultura; iii. (04) agentes de internacionalização, função criada para fins de estimular e acompanhar processos de internacionalização no âmbito dos cursos, exercida por professores da instituição.

Para estruturar metodologicamente a pesquisa seguimos o planejamento proposto por Severino (2000) e por Luna (1997). Para a análise dos dados coletados nas entrevistas utilizamos a Análise de Discurso, conforme teorizada por Orlandi (2009). Para percorrer, de maneira ordenada, os processos de formulação, adaptação e implantação de uma política pública – neste caso, a de internacionalização da UFABC – recorremos ao Ciclo de Políticas de Ball e Bowe (1992), acompanhado dos trabalhos esclarecedores de Mainardes (2006), adotando mais especificamente as três primeiras etapas: contexto de influência; contexto de produção de texto; contexto de prática.

O trabalho que ora se apresenta está estruturado nos seguintes itens: Capítulo I: *Internacionalização da educação superior*, apresenta a primeira fase do ciclo de políticas, o contexto de influência, traçando um panorama do processo de internacionalização da educação superior no contemporâneo, mapeando iniciativas que influenciaram na reconfiguração das políticas e sistemas nacionais desse nível de ensino, destacando as recomendações e práticas simbólicas de agências multilaterais como OMC, OCDE, BM e UNESCO. Ao mesmo tempo, traz os fundamentos teóricos do debate que opõe uma internacionalização de natureza competitiva/mercantil a uma internacionalização de perfil solidário. No mesmo capítulo, identificamos a influência desse debate no contexto da reconfiguração da educação superior brasileira, com foco no período dos governos Lula e Dilma, quando é criado um conjunto de universidades novas, acompanhando a produção científica sobre a temática. São teses, dissertações e artigos científicos publicados sobre a internacionalização da educação no Brasil, constituindo a revisão de literatura sobre esse recorte temático.

No Capítulo II: *UFABC - uma universidade para o século XXI?* Explicitamos todo o contexto de produção de texto que resultou na criação da UFABC, nosso universo de pesquisa, e da política de internacionalização que ela desenvolve. Apresentamos o universo empírico desta pesquisa desde os antecedentes históricos da

região do ABCD paulista, onde está inserida a instituição, passando pelos documentos de formulação de seu projeto político-institucional e político-pedagógico: o *Manifesto de Angra*, primeiro texto produzido pelos idealizadores, que posteriormente deu origem ao *Subsídios para a Reforma do Ensino Superior*, que por sua vez levou à formulação do documento EM Interministerial nº 179/2004/MEC/ de 07 de julho de 2004, o qual resultaria na criação da lei de fundação da UFABC. No mesmo capítulo, apresentamos a produção de conhecimento sobre esta universidade com base na produção bibliográfica acadêmica. O capítulo é permeado pela descrição da estrutura institucional e pedagógica da instituição pesquisada, para em seguida apresentar os projetos (escopo, estrutura, dinâmica de implantação) que deram vida à Assessoria de Relações Internacionais e à Comissão de Relações Internacionais, analisando os documentos que apresentam as concepções e iniciativas de internacionalização que a universidade realizou como atas, resoluções e editais referentes à política institucional de internacionalização da UFABC.

O Capítulo III: *Política de internacionalização na UFABC na visão de seus atores*, apresenta, inicialmente, as técnicas, procedimentos e instrumentos de coleta de dados - pesquisa documental sobre a instituição: PDI, PP, Leis, atas, resoluções etc. e entrevista com roteiro semiestruturado; descreve os sujeitos de pesquisa e esclarece a técnica de análise dos dados levantados, a Análise de Discurso, a partir das propostas formuladas por Orlandi (2009). E, por fim, realiza a análise dos fundamentos político-teóricos das práticas de internacionalização dos atores institucionais da UFABC, segundo a visão desses sujeitos de pesquisa, como proposto neste trabalho, no uso das categorias internacionalização solidária (ou cooperativa) e internacionalização competitiva.

Sobre a Abordagem do Ciclo de Políticas

A abordagem do ciclo de políticas formulada por Ball⁵ e Bowe constitui uma metodologia de análise pela qual se pode “compreender como as políticas são produzidas, o que elas pretendem e quais os seus efeitos.” (MAINARDES;

⁵ Stephen J. Ball é professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, onde é professor de Sociologia da Educação. Ele é um dos mais eminentes pesquisadores da área de política educacional da atualidade. Suas pesquisas oferecem interessantes recursos conceituais e metodológicos que permitem compreender como as políticas são produzidas, o que elas pretendem e quais os seus efeitos, podendo ser conhecidos em MAINARDES, Jefferson. MARCONDES, Maria Inês. Entrevista com Stephen J. Ball: Um diálogo sobre a justiça social, pesquisa e política educacional. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 106, p. 303 – 318, jan.abr. 2009) disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a15.pdf>

MARCONDES, 2009) É utilizada neste trabalho para percorrer organizadamente - e em inter-relação - as análises das etapas de desenvolvimento da política de internacionalização aqui estudada. Nesse sentido, representa “uma abordagem bastante útil para o contexto brasileiro uma vez que o campo de pesquisa em políticas educacionais no Brasil é relativamente novo.” (MAINARDES, 2006, p. 48)

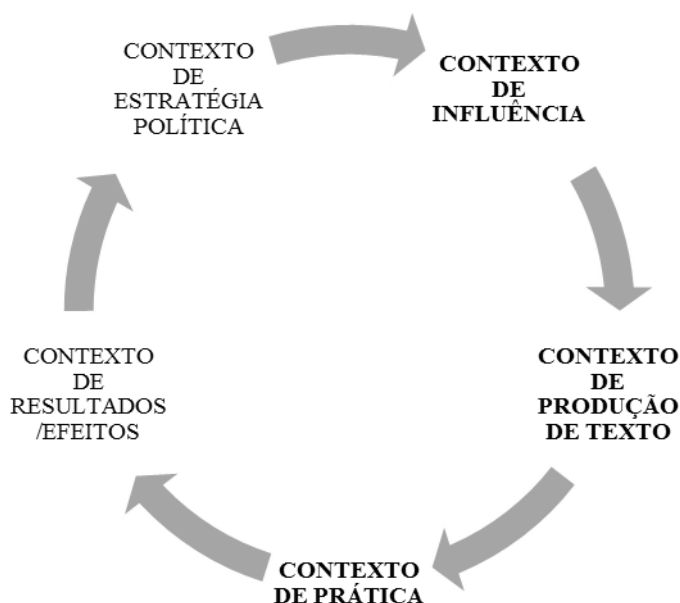
Esquemáticamente, o Ciclo de Políticas se constitui de cinco fases: 1) contexto de influência; 2) contexto de produção de texto; 3) contexto de prática; 4) contexto dos resultados/efeitos; 5) contexto de estratégia política. Para os fins deste estudo, percorremos as três primeiras etapas do ciclo: Contexto de Influência, Contexto de Produção de Texto e Contexto de Prática, cada uma delas compreendendo um capítulo do trabalho, sendo o último deles o capítulo analítico no qual analisamos o nosso objeto de estudo – a política institucional de internacionalização da UFABC – em seu processo de implantação, portanto, de prática, e segundo a visão dos sujeitos responsáveis por sua execução.

O Ciclo de Políticas é um método que tem como princípio pesquisar e teorizar as políticas, no sentido de compreensão dos desdobramentos micropolíticos em relação às macropolíticas, verificando suas influências recíprocas. Representa uma abordagem cujo pressuposto é o entendimento de que a política não é estática, mas flexível, uma vez que permite entender que a política não é linear, mas um ciclo contínuo de análise da dinâmica dos processos e etapas que compõem a política em suas diversas fases: da elaboração, a partir de elementos e discursos produzidos em escala mais ampla (contexto de influência), aqui materializados, especialmente, nas formulações externas das agências multilaterais; passa pela leitura e interpretação de tais formulações por atores e agentes que vão gerar discursos políticos que se transformam em leis, projetos etc. (produção de texto); e chegam ao âmbito da implantação dessas políticas (contexto da prática), no qual são novamente lidas e interpretadas, compondo então um ciclo que se renova dialeticamente. Trata-se, portanto, de um processo que constitui um ciclo que percorre a análise de uma política em suas diversas facetas e fases.

Para Ball (apud MAINARDES, 2006), existe uma “variedade de intenções” que influencia o processo da formulação de uma política, por isso a atenção às bases iniciais de onde advém a constituição do discurso. Bowe (1992, apud MAINARDES, 2006) afirma que esses contextos não são contínuos nem se ajustam a uma cronologia sequencial de fatos, mas tratam de um processo cíclico que vai revelando uma arena de disputas. Nesse sentido, o entendimento da formulação de uma política pode ser

compreendido como um movimento de significados de leituras de mundo e de produção de discursos, na esteira das influências das teorizações de Michel Foucault.

FIGURA 1: CICLO DE POLÍTICAS DE BALL



Fonte: Ball e Bowe (1992); Mainardes (2006). Elaboração da autora.

Neste trabalho, as etapas que vão constituindo essas leituras e discursos remetem às três fases iniciais que compõem um processo de construção de uma política: contexto de influência, contexto de produção de texto e contexto de prática. Esses contextos se relacionam entre si e se complementam ao passo que vão se integrando nesse ciclo de composição de contextos e que são analisados tanto em suas dimensões discursivas quanto em suas dimensões práticas. Assim, para a análise da política de internacionalização da UFABC, que constitui o contexto da prática – a prática de implantação de uma política interna –, percorremos, antes, as duas fases iniciais do ciclo, que são o contexto de influência e o contexto de produção de texto.

A primeira etapa do ciclo, contexto de influência, caracteriza-se por ser a fase inicial da constituição da política e ela se dá nas arenas públicas formais, que são as recomendações (discursos) das agências internacionais que produzem pesquisa e análises de políticas no campo da educação, OCDE, BM e OMC especialmente, e divulgam documentos que remetem a uma palavra de ordem: internacionalização de políticas e

sistemas nacionais de educação superior.

A etapa de produção de texto é verificada aqui nos documentos que, influenciados por essas formulações de ordem macropolítica, vão produzir os textos normativos das políticas públicas como o *Manifesto de Angra*, de 1998, que foi fortemente impactado, por exemplo, pelo Tratado de Bolonha, seguido de uma segunda produção que gerou o documento: *Subsídios para a Reforma do Ensino Superior*, documento no qual se propõe um novo paradigma para a educação superior no Brasil. Essa etapa do ciclo de políticas será utilizada na análise dos fundamentos teórico-metodológicos da política pública educacional que redundou na criação da Universidade Federal do ABC.

Mainardes (2006, p. 52) aponta as interrelações entre as duas primeiras etapas:

Contexto de influência tem uma relação simbiótica, porém não evidente ou simples, com o segundo contexto, o contexto da produção de texto. Ao passo que o contexto de influência está frequentemente relacionado com interesses mais estreitos e ideologias dogmáticas, os textos políticos normalmente estão articulados com a linguagem do interesse público mais geral. Os textos políticos, portanto, representam a política. Essas representações podem tomar várias formas: textos legais oficiais e textos políticos, comentários formais ou informais sobre os textos oficiais, pronunciamentos oficiais, vídeos etc.

Ocorre que nem sempre os textos são claros e objetivos: na maioria das vezes oferecem um campo de interpretações que, por sua vez, são cabíveis de questionamentos, porque:

A política não é feita e finalizada no momento legislativo e os textos precisam ser lidos com relação ao tempo e ao local específico de sua produção. Os textos políticos são o resultado de disputas e acordos, pois os grupos que atuam dentro dos diferentes lugares da produção de textos competem para controlar as representações da política (Bowe et al., 1992). Assim, políticas são intervenções textuais, mas elas também carregam limitações materiais e possibilidades. (op.cit., p.53)

A terceira fase, chamada de contexto de prática, é aquela em que surgem novas recriações e interpretações, fase em que se pode perceber como os gestores colocam em prática elaborações advindas tanto do contexto de influência quanto do de produção de texto. Ao longo desse processo verifica-se que “a política produz efeitos e consequências que podem representar mudanças e transformações significativas na política original. Para estes autores, o ponto-chave é que as políticas não são

simplesmente “implementadas” dentro desta arena [...] mas estão sujeitas à interpretação.” (id.ib.)

Esquemáticamente, neste trabalho o ciclo de políticas assim se estabelece em relação aos instrumentos de pesquisa utilizados:

QUADRO 1 ETAPAS DO CICLO DE POLÍTICAS APLICADAS À ANÁLISE DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFABC

Contexto de Influência	Contexto de Produção de Texto	Contexto de Prática
<p>Metodologia: pesquisa documental e bibliográfica</p> <p>Elementos em análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recomendações dos organismos multilaterais; <i>World class university</i> como modelo de produção de conhecimento e de formação universitária que atende à globalização hegemônica; . Rankings como expressão do modelo competitivo de internacionalização; . Tratado de Bolonha como modelo de um espaço unificado de educação superior; . Modelo de internacionalização dos organismos multilaterais: competitivo / de mercado; . Modelo de 	<p>Metodologia: pesquisa documental</p> <p>Documentos em análise:</p> <p><i>Manifesto de Angra;</i></p> <p><i>Subsídios para a reforma do ensino superior.</i></p> <p>Leis, Resoluções, Editais.</p> <p>Atas da Comissão de Relações Internacionais</p> <p>PDI (2008 -2013)</p> <p>PDI (2013-2022)</p> <p>PP (2008)</p>	<p>Metodologia: entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado; análise de discurso</p> <p>Categorias centrais:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Internacionalização competitiva; . Internacionalização solidária. <p>Sujeitos:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Assessoria de Relações Internacionais . Comissão de Relações Internacionais . Agentes de Relações Internacionais

internacionalização da Unesco - pautado na perspectiva dos direitos humanos (modelo cooperativo / solidário)		
--	--	--

Fonte: Elaboração da autora

CAPÍTULO I

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Este capítulo será caracterizado pela primeira etapa do Ciclo de Políticas, o contexto de influência, demarcado pelas recomendações das agências multilaterais e da produção teórica que advém dos centros de formulação simbólica extranacionais, e que tendem a ser objeto de assimilação da política brasileira para a educação superior, gerando impactos no processo de internacionalização da Universidade Federal do ABC, que aqui estudamos. É nessa etapa que tem início a formação dos discursos que propõem os princípios e argumentos que vão à arena de debates onde, conforme Ball (2009), os atores precisam se articular num processo complexo em que a política é entendida como um ciclo, confrontando a interpretação tradicional da política vista pelo aspecto da linearidade. Trata-se de um momento em que “grupos de interesse disputam para influenciar a definição das finalidades sociais da educação e do que significa ser educado.” (MAINARDES, 2006, p. 51)

Este capítulo está lastreado na revisão da literatura acadêmica, em duas dimensões: i. A produção de conhecimento sobre internacionalização da educação superior no Brasil; ii. Produção de conhecimento sobre universidades novas surgidas no governo Lula e Dilma, na perspectiva da expansão da educação superior no Brasil.

1. Revisão da literatura

*A produção científica reflete o pensamento de
pesquisadores de um determinado território em um determinado
espaço de tempo e apresenta influências dos contextos a que esse
indivíduo pertence[...]*

(MOROSINI, 2017, p.19)

Para Gil (2002, p. 17), a pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos.” Por essa razão, iniciamos esta investigação com a revisão de literatura, pois a pesquisa não se inicia no vazio nem do vazio se constitui um conhecimento, e conhecimentos novos são gerados a partir de outros conhecimentos, em busca de perguntas ainda não respondidas. A revisão de literatura se define como um caminho prévio da pesquisa que tem como

objetivo contextualizar teoricamente o assunto, a partir do levantamento produção acadêmica sobre o tema de investigação, situando o estado em que se encontra a ciência. (GIL, 2002)

Esta é uma pesquisa exploratória, pelo fato de tratarmos de um *locus* de pesquisa, a Universidade Federal do ABC (doravante, UFABC), que é uma instituição recentemente criada, e pelo fato de também ser recente a implantação de iniciativas de internacionalização nas universidades federais brasileiras. Assim, nosso primeiro passo foi levantar a produção acadêmica sobre a temática mais geral, o objeto e o universo do estudo. Em nosso caso, a temática mais geral é a internacionalização da educação superior no Brasil, mais especificamente seus impactos na construção dos novos modelos de universidade surgidas neste século a partir do governo Lula da Silva (2003-2010) e continuadas nos governos seguintes de Dilma Rousseff (2011-2016), quando se institui a UFABC, nosso universo de pesquisa, e os fundamentos teórico-políticos da política institucional de internacionalização desenvolvida nessa instituição, nosso objeto de pesquisa.

As palavras-chave que nortearam a pesquisa de revisão da literatura foram: Universidade Federal do ABC. Internacionalização da Educação Superior; Internacionalização da Universidade; Internacionalização da Educação Superior no Brasil; Internacionalização do Ensino Superior no Brasil. As fontes de pesquisa que utilizamos foram a base de dados de teses e dissertações da Capes; as bases de dados dos indexadores Scielo, Scopus, Redalyc. Explorou-se também um conjunto de dados coletados pelo projeto “Universidade Popular no Brasil”, financiado pela Capes na linha de fomento Capes-Obeduc (Observatório da Educação), no período 2013-2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), que teve as novas universidades federais e uma privada⁶ criadas neste século como universo de estudo e gerou um conjunto de dissertações, teses e artigos.

O Quadro 2 aponta o resultado do levantamento de cada fonte consultada por tipo de produção: teses, dissertações, artigos científicos.

⁶ Nomeadamente, as instituições estudadas pelo Obeduc-Uninove foram, além da UFABC, as seguintes: Unila, Unilab, UFFS e UFSB, além da privada Escola Nacional Florestan Fernandes.

QUADRO 2 PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE UFABC E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (1988- 2018)

Fontes de dados / Descritor	Obeduc-Uninove	UFABC	Internacionalização da Educação Superior
DISSERTAÇÕES DE MESTRADO	06	07	37
TESES DE DOUTORADO	02		04
ARTIGOS CIENTIFICOS		05	28
Total	08	12	69

Fonte: Plataformas Scielo, Redalyc, Scopus e Capes. (Elaboração da autora)

A primeira coluna se refere às pesquisas sobre os novos modelos de universidade federais surgidas no Brasil, no período dos governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011 - 2016), tendo como fonte as teses e dissertações produzidas no âmbito do Projeto Obeduc do PPGE-Uninove. Tanto as pesquisas desse projeto quanto a nossa pesquisa documental sobre a UFABC haviam demonstrado que ela teria sido uma das primeiras a ser projetada segundo um modelo de educação superior alternativo - no caso do Brasil -, seja em termos institucionais (p.e., matriz não departamental, mas de centros interdisciplinares, e formas mais ampliadas de acesso) seja em termos pedagógicos (p.e., matriz curricular baseada em bacharelados interdisciplinares), “inspirando” a formação das outras IES pesquisadas pelo Obeduc. Essas instituições, conforme demonstraram os estudos do Obeduc, visavam algum tipo de inovação institucional e curricular, de desenvolvimento de políticas de inclusão (acesso, diversidade cultural, epistemológica e territorial, cf. Santos e Tavares, 2016) e permanência, de integração às vocações econômicas locais.

Com recorte temporal entre 2005 a 2018, por ser o mesmo período de fundação da Universidade Federal do ABC, encontramos (0) teses e (7) dissertações sobre a universidade e sua constituição, porém, o foco maior está em seu contexto interdisciplinar e na perspectiva de uma matriz institucional inovadora, no sentido de abarcar novos modelos curriculares, não sendo encontrados trabalhos que discutissem a relação da instituição com processos de internacionalização.

A pesquisa sobre internacionalização da educação superior no Brasil foi recortada temporalmente entre 1988 e 2017. Encontramos artigos com levantamentos do

tipo estado da arte sobre internacionalização, que privilegiamos como material de consulta pela abrangência e por se referirem ao país. Como da produção científica sobre internacionalização da educação superior nas bases de dados de periódicos de Educação da Europa e da América do Norte⁷ com o título: *Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – conceitos e práticas*; outra publicação desse mesmo tipo foi produzida, em 2015, por Amarante e Verdu, com o título: *Um levantamento de publicações sobre internacionalização de ensino superior*, que pesquisou as bases de dados de periódicos nacionais e estrangeiros e alguns eventos brasileiros de administração⁸; o terceiro foi publicado em 2016, no periódico *Educação em Revista*, por Dal-Soto, Alves e Souza, sob o título: *A produção científica sobre internacionalização da educação superior na Web of Science: características gerais e metodológicas*. No ano de 2017, Morosini e Nascimento publicaram: *Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações*, explorando as bases de dados, tendo como foco de análise a produção sobre internacionalização da educação superior em pesquisas produzidas no Brasil entre 2011 e 2014.

A revisão de literatura permitiu identificar as pesquisas já realizadas sobre a temática, sua potencialidade analítica e as possíveis limitações que apresentam, além de permitir explorar as perspectivas teóricas que vem orientando o debate e a prática de internacionalização da educação superior.

Pôde-se verificar a existência de poucas pesquisas sobre a temática de internacionalização da educação superior no Brasil, tendo em vista a abrangência do tema e a necessidade que se tem, no campo educacional, de conhecer as políticas que fundamentam esse processo importante no cenário mundial. Evidenciou-se, assim, a

⁷ Periódicos Consultados: Academe; American Council On Education; Atenea; College And University; Comparative Political Studies; Current Issues in Catholic Higher Education; Daedalus; Development and Change; Education; Education Canada; Education Policy Analysis Archives; Educational Administration Abstracts; European Journal of Teacher Education; Foreign Policy in Focus; Higher Education; Higher Education In Europe; Higher Education Policy; Higher Education Quarterly; International Educational Journal, International Higher Education; International Journal of Education Development; International Review of Education; Journal of Education For Teaching; Journal Of Studies In International Education; Minerva; Research In Higher Education; Studies In Higher Education; The Academic Estate; The Chronicle of Higher Education; The Education Reform and Management Series; The Journal of Higher Education.(MOROSINI, 2006, p.114)

⁸ Periódicos brasileiros consultados: BAR – Brazilian Administration Review (trimestral); RAC – revista de Administração Contemporânea (Bimestral); ERA Revista de administração de Empresas (Semestral); RAM Revista Administração Mackenzie (Bimestral). Periódicos estrangeiros: Academy of Management Journal (Bimestral); Academy Business Review (Trimestral); International of Business Research (Mensal). Evento Brasileiro: 3Es- Encontro de Estudos em Estratégia; Enanpad – Encontro da ANPAD; Enco – Encontro de Estudos Organizacionais. (AMARANTE e VERDU, 2015, p.130)

necessidade de pesquisas que aprofundem as políticas desenvolvidas tendo em vista a internacionalização, em especial sobre os fundamentos teórico-políticos (ou ideológicos) das políticas de internacionalização desenvolvidas nas IES brasileiras. É nesse sentido que entendemos que esta pesquisa é de caráter exploratório, no sentido de descobrir como se orientam os fundamentos políticos da internacionalização, conforme as práticas desenvolvidas institucionalmente, como também pelo fato de se tratar de uma universidade há pouco tempo implantada. E esse caminho será estruturado a partir da abordagem dos ciclos de políticas do Ball (1992).

Essa análise da revisão da literatura deixa claro, ainda, a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que tenham como objeto de investigação e estudo os fundamentos políticos que norteiam as universidades novas no Brasil, dadas as lacunas dos estudos quanto às relações da educação superior brasileira no cenário nacional e global.

i. Projeto “Universidade Popular no Brasil” (Capes/Obeduc)

O programa de fomento denominado “Observatório da Educação” (Capes-Obeduc), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em parceria com INEP e SECADI, foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 5.803, de 08 de junho de 2006, tendo como objetivo fomentar os estudos e pesquisas em educação dos programas de pós-graduação. O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) aprovou, para o período 2012-2016, no âmbito dessa linha de fomento, o Projeto “Universidade Popular no Brasil”, com o objetivo de pesquisar e analisar as universidades resultantes da criação, no período Lula-Dilma, de novas instituições federais de educação superior. Um grupo de professores, mestrandos e doutorandos desenvolveram investigações nesses universos que são apresentadas a seguir, entendendo que a contribuição desses trabalhos para esta pesquisa é de fundamental importância, especialmente porque a UFABC faz parte desse conjunto de universidades federais criadas neste século XXI e que se apresentam como alternativas aos modelos clássicos.

Na tese de doutorado: *Memórias dos professores negros e negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas*, de Maria Lucia da Silva, defendida em 2016, a autora realizou estudo sobre a invisibilidade do professor (a) negro (a) na universidade brasileira, tendo como locus de pesquisa a Universidade da Integração Internacional da

Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição criada em 2010 com foco nas relações com Portugal e os países africanos, propondo a inclusão de alunos e professores brasileiros e africanos. A análise foi feita a partir de dados coletados pela metodologia de história de vida de seis professores e professoras que fazem parte da instituição. As conclusões da autora indicam que a:

A UNILAB deve manter-se comprometida e autônoma para dar voz às demandas dos afro-brasileiros e africanos silenciados pelo colonialismo, capitalismo e racismo, produzindo críticas ao euro centrismo e socializando conhecimentos emancipatórios com base em epistemologias descolonizadoras. (SILVA, 2016, p.10)

A dissertação de mestrado: *Vozes e contra-vozes de um discurso universitário lusófono: cooperação internacional na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB*, defendida em 2017 por Francisca Monica Rodrigues de Lima, apresenta aspectos do projeto internacionalista dessa universidade, fundados nos acordos de cooperação com a Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa, que estabelecem a busca de integração regional e relação sul-sul da universidade. O objeto de estudo da autora se volta para as estratégias discursivas dos acordos de cooperação entre a UNILAB e as instituições portuguesas e africanas, em específico a análise da *cooperação* proposta por tais acordos. Os aportes teóricos da pesquisa vão na perspectiva da decolonização, conforme Aníbal Quijano e Walter Dignolo. A hipótese do estudo é de que as propostas de integração que estão presentes nos acordos de cooperação entre as universidades portuguesas, as universidades africanas e a UNILAB indicam os perigos de uma ideologia neocolonialista advinda dos europeus.

Em *Os dilemas da inclusão na educação superior: estudo exploratório da proposta político-pedagógica da UFSB*, defendida em 2015 por Tatiana Romão, são discutidos aspectos relativos à expansão da educação superior brasileira e à inclusão que essas novas universidades que surgem no século XXI praticam. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou observação de campo e coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas. O estudo identificou os fundamentos políticos institucionais da UFSB que são voltadas para a inclusão de populações historicamente excluídas. As análises dos dados demonstraram que a UFSB é uma universidade nova que se propõe a “buscar equidade e excelência acadêmica e que o faz em uma região

que não possuía uma referência universitária pública (a mais próxima distava cerca de quinhentos quilômetros), poderá trazer reverberações importantes não apenas à região palco de sua atuação, mas à nação brasileira.” (ROMÃO,2015, p.128)

A dissertação de mestrado que tem por título: *Novos modelos de educação superior: Um estudo sobre as matrizes institucional e curricular da Universidade Federal da Fronteira Sul sob a ótica da inclusão da diversidade cultural e epistemológica*, defendida em 2016 por Donizete Antônio Mariano, contempla uma análise das matrizes institucional e curricular da UFFS, com a inclusão da diversidade cultural e epistemológica nos quadros de uma universidade que, por isso, se auto define como popular. Do ponto de vista metodológico a pesquisa se embasou na abordagem qualitativa, por meio de análise documental e bibliográfica, mais uma coleta de dados baseada em entrevistas semiestruturado. Os resultados da pesquisa mostraram que a universidade ainda enfrenta dificuldades para romper com as práticas tradicionais que resultam da formação tradicional dos docentes, caracterizando-se como popular no acesso, mas com o desafio da garantia da permanência. Tendo em vista que é uma universidade em fase de construção e implantação, apresenta inovação do ponto de vista curricular e institucional.

A dissertação de mestrado intitulada *A inclusão da diversidade no ensino superior: Um estudo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) na perspectiva das epistemologias contra hegemônicas* foi defendida em 2015 por Suelen Pontes Alexandre. A pesquisa analisou a inclusão da diversidade cultural e epistemológica na UNILA, direcionando sua análise por meio de uma fundamentação teórica, histórica e social das matrizes de coloniais e tomando por base o decreto 12.189 que embasou o projeto político-pedagógico da instituição. A dissertação se pautou numa discussão dos modelos epistemológicos não eurocêntricos, decoloniais, emancipatórios e populares, como afirma a autora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de análise documental, bibliográfica e de dados coletados em campo, em entrevista semiestruturada, com os gestores responsáveis pela implantação da proposta daquela universidade e compreender sua vocação para o internacionalismo solidário latino-americano. As conclusões ao final do trabalho indicam que o projeto da universidade “afirma-se como inovador no que diz respeito à integração cultural, intercâmbio regional, promovendo a democracia cognitiva em vista da equidade.” (PONTES, 2015, p.118)

A tese de Doutorado: *Inclusão do estudante africano na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB): perspectiva para um currículo contra hegemônico* foi defendida em 2017 por Daniel Bocchini. A pesquisa teve como foco o processo de operacionalização da inclusão dos alunos afro descendentes da UNILAB, tendo em vista as novas propostas de ação afirmativa que buscam inclusão e diminuição da desigualdade racial diante de uma sociedade branca historicamente hegemônica. O estudo trabalhou com abordagem qualiquantitativa, coletando dados por entrevista semi- estruturada com gestores, professores e coordenadores, mais um questionário disponibilizado na plataforma *survey monkey* aplicado aos alunos das instituições: UNILAB, UNILA e UFFS⁹, que resultou em 775. Sendo, 111 respostas somente da UNILAB. Conclui Bocchini (2017) que a UNILAB está muito distante de ser considerada uma universidade de inclusão, em parte por sua recente criação.

Na dissertação de mestrado: *Escola Nacional Florestan Fernandes: educação e formação política no Brasil contemporâneo e sua dimensão internacionalista*, defendida em 2015 por Carin Sanches de Moraes, apresenta-se a trajetória histórica de criação da proposta político-pedagógica da Escola Florestan Fernandes (ENFF), que resulta da organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), focando sua natureza internacionalista. A autora procurou identificar e descrever, por meio de análise documental, bibliográfica e de entrevistas com gestores, as motivações para a criação dessa Escola e os fundamentos que norteiam sua estrutura política-pedagógica, com a participação de movimentos sociais de diversos países, daí seu viés internacionalista. Os resultados mostraram que “o projeto de construção da ENFF coloca na ordem do dia as dificuldades enfrentadas pelos movimentos sociais e populares da classe trabalhadora que procuram manter-se mobilizados, resistindo à integração às estruturas vigentes de poder.” (MORAES, 2015, p. 145)

A dissertação de mestrado: *Ações afirmativas na universidade popular brasileira: o caso da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)*, defendida em 2016 por Evangelista Carvalho da Nóbrega, focou as ações afirmativas dessa universidade no tocante ao processo de acesso e permanência. Foi uma pesquisa de abordagem qualiquantitativa que usou documentos oficiais e observação assistemática, dando caráter exploratório ao estudo e usando a análise de conteúdo para interpretar os dados. Os resultados finais constataram que a UFSB apresenta uma proposta inovadora

⁹ <https://pt.surveymonkey.com/r/obeducuni9>

em relação aos atuais modelos de universidade porque ela “busca firmar um compromisso com as políticas de inclusão social, o qual perpassa a interiorização do acesso, a implantação dos CUNIS como espaço de integração e inclusão. ” (NOBREGA, 2015, p.10)

ii. Produção de conhecimento sobre internacionalização da educação superior

Dissertações de Mestrado:

Com o título *Circulação internacional de estudante de graduação: o caso Unicamp*, a dissertação de mestrado em educação defendida em 2014, na Universidade Estadual de Campinas, por Thais Pinheiro Zarattini Anastácio, estudou a circulação internacional de estudantes nos programas de cooperação. O objetivo do trabalho foi compreender o fluxo migratório atual de estudantes da educação superior. O trabalho demonstra que “a circulação internacional de estudantes é causada pela lógica do mercado, por políticas nacionais e internacionais, estimuladas pelos Estados e pelas Universidades ” (ANASTACIO, 2014, p.5). Como principal conclusão do estudo avaliou que a internacionalização, na sociedade atual, tem sido promovida sob novas modalidades; segundo a autora, essas estratégias se configuram em programas e práticas que aferem diferentes credenciais a atores, grupos, classes e instituições.

Wanessa de Assis defendeu sua dissertação de mestrado, com o título: *Internacionalização e conhecimento: análise do programa Capes-Bragragri na Universidade Federal de Viçosa sob a ótica de estudantes participantes do biênio 2013-2014*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa em 2016. O estudo se voltou a ações e programas no âmbito da UFV, analisando as experiências de ex-participantes do Programa de Intercâmbio Brasil-França Agricultura (Capes-Bragragri), por meio de dados de questionários e de entrevistas analisados pela Análise de Discurso. Com o objetivo de discutir as políticas de internacionalização desenvolvidas no ensino superior brasileiro a autora chegou à conclusão de que as variadas atividades realizadas na França possibilitaram tanto o desenvolvimento de diversos conhecimentos e habilidades quanto contribuíram para uma formação acadêmica de qualidade.

Sob o título *Ciências com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos*, a dissertação de mestrado (profissional) defendida no Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional por Maria Claudia Fogaça Bido, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), teve por objetivo analisar o “discurso da internacionalização como um referente da qualidade da Educação Superior no Brasil.” (BIDO, 2015, p.8) O quadro teórico da pesquisa sustenta-se nas formulações de Jane Knight (2005), Boaventura de Sousa Santos (1997, 2013, 2014), Marília Morosini (2006) e Philip Altbach (2001,2002) como aporte para conceituar e interpretar os dados de pesquisa. Referente à metodologia utilizada no estudo, tem caráter qualitativo, com modelo de análise de conteúdo embasado nos estudos de Bardin (1977).

Mérito? Gênero, raça e classe no Ciências sem Fronteiras: impactos na língua inglesa é o título da dissertação de mestrado profissional em educação defendida por Rovenia Amorim Borges. A autora parte da perspectiva do materialismo histórico e dialético e utiliza como quadro teórico as formulações de Bresser-Pereira (2003, 2006, 2015), Boito Jr. (2012; 2013), Castelo (2012), Lima e Contel (2011), Mello (2011), Martens, Rusconi e Leuze (2007), Morosini (2006, 2009, 2011 2013), Bhandari e Blumenthal (2013), Schwartzman (2001), Velho (1998, 2011), Oliveira (2010), Fernandes (2000), Lázaro (2012), Jaccoud (2013), Gomes (2001), Piovesan (2005), Rawls (2009), Louro (2000, 2014), Marx (1974, 2007, 2015), Barbosa (1996, 1999), Garcia-Filice (2007, 2011), Queiroz (2001, 2004), Guimarães (2002), Spears (2014). Os resultados obtidos constatarem três pontos importantes: o primeiro, que o CsF como estratégia de internacionalização ainda está articulado ao desenvolvimento do capitalismo; o segundo aponta para a interdependência do capitalismo transnacional do século XXI em relação à dinâmica de competitividade do mercado global; o terceiro, refletindo a estrutura desigual do sistema econômico, informa desigualdades racial e de gênero. A autora traz à tona o desajustamento do ensino de inglês da educação básica frente ao contexto internacional. Por fim, conclui que “o programa se mostrou um espaço de privilégio para jovens do sexo masculino, branco, de melhor poder aquisitivo e procedentes das regiões mais industrializadas.” (BORGES, 2015, p.4)

Internacionalização da educação superior e política externa brasileira: estudo da criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por Marta Maria Bachman, no ano de 2016, abarca as relações do projeto da Unila com a política externa brasileira,

em particular com o processo de integração regional. O objetivo principal foi averiguar a potencial contribuição da Unila ao processo de internacionalização da educação e da integração latino-americana. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa parte de um estudo exploratório e do uso de fontes primárias e secundárias. Conclui a autora que a Unila é um modelo inovador de universidade e que sua criação tem potencial para contribuir com a política externa brasileira em relação à integração regional, mas que por si só não garante o sucesso da integração.

A dissertação de mestrado que tem por título: *Mobilidade acadêmica internacional, razões da baixa mobilidade dos estudantes de colleges do Reino Unido*, foi defendida em 2015, por Cintia Nunes Bragato, no Programa de Mestrado e Doutorado em Administração – Gestão Internacional, da Escola Superior de Propaganda e Marketing. O estudo investigou as “razões pelas quais os estudantes britânicos de Colleges têm baixo interesse em programa de mobilidade acadêmica.” (BRAGATO, 2015, p.6) Metodologicamente, a pesquisa configurou-se como qualitativa, tomando o *survey* como instrumento de pesquisa. Os resultados indicam que a

Falta de conhecimento de um segundo idioma, questão familiar e a falta de vontade de vivenciar outra cultura são fatores que impactam diretamente na decisão dos estudantes britânicos em não investirem em programas de mobilidade acadêmica internacionais. (BRAGATO, 2015, p.06)

A dissertação que tem por título: *O Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica: uma mobilidade estudantil no sistema de ensino superior brasileiro*, defendida por Raquel Leite Braz, em 2015, buscou identificar “o perfil sociodemográfico dos estudantes participantes do Programa [e] conhecer as suas motivações para a participação em uma mobilidade nacional.” Metodologicamente, a pesquisa coletou dados por meio de questionário virtual e entrevistas semiestruturadas, caracterizando-se como estudo de caso, e foi dirigida aos participantes da Universidade Federal de Ouro Preto. A análise dos dados demonstrou que os estudantes participantes do Programa Andifes de Mobilidades Acadêmica (PAMA) são majoritariamente de origem branca, do sexo feminino, com média de idade de 23 anos e advindos de família pouco numerosas. A autora conclui que “mobilidade é uma vivência construtiva na formação dos estudantes de ensino superior e que ela deve ser ampliada para alcançar diferentes perfis estudantis.” (BRAZ, 2015, p.8)

Defendida por Anieli Ebling Bulé, em março de 2015, em Santa Maria, a dissertação: *Processo de institucionalização de ensino superior: estudo de caso na Universidade Federal de Santa Maria* teve como objetivo analisar as práticas de internacionalização promovidas por essa universidade, buscando evidenciar as “razões que estimulam esse processo, assim como as ações e estratégias e programáticas utilizadas para internacionalização.” (BULE, 2015, p.7) O estudo apoiou-se no modelo teórico de Knight (2004, apud BULE, 2015). No campo metodológico, a pesquisa se caracteriza como qualitativa e de natureza descritiva, tomando para estudo os casos dos programas de pós-graduação com conceitos 6 e 7 da Capes. A coleta de dados estruturou-se em dois momentos, o primeiro com estudo documental, e o segundo com entrevistas com seis profissionais que tiveram participação no processo de internacionalização da universidade. Os resultados apontam que a UFSM necessita de políticas de internacionalização que façam parte da cultura da própria universidade, pois mesmo a instituição tendo um trabalho significativo desenvolvido no âmbito da internacionalização, com crescente números de estudantes e professores envolvidos na mobilidade acadêmica, a instituição possui fragilidades significativas do ponto de vista de ajuste de políticas específicas para esta área.

A dissertação: *As bolsas de graduação-sanduíche do Programa Ciências Sem Fronteiras: uma análise de suas implicações educacionais*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Católica de Brasília (UCB), no ano de 2015, por Gêrlia Maria Nogueira Chaves, investigou os “complexos de criação e de implantação do Programa [...], focando na ampliação da concessão de bolsas de graduação-sanduíche e nas implicações educacionais que essa política teve sobre os estudantes participantes”(CHAVEZ, 2015, p.6) Trata-se de estudo qualitativo que coletou dados por entrevistas semiestruturadas e análise documental. A pesquisa se fundamentou na abordagem do Ciclo de Políticas de S. Ball em suas cinco etapas: contexto de influência, contexto de produção de texto, contexto da prática, contexto de resultados (efeitos) e contexto de estratégia. A autora concluiu que apesar de o CsF ter sido uma das maiores políticas públicas de internacionalização do Brasil, representa um modelo de internacionalização passiva e subsumido à lógica do mercado mundial de educação superior. Além disso, seus dados indicam que apesar de o Programa ter beneficiado os grupos de estudantes da instituição, a percepção dos atores é contraditória, necessitando assim de estudos e pesquisas sobre essa experiência de internacionalização.

Proyectos políticos de los sistemas de educacion superior. El caso de las politicas de admision a la Argentina y Brasil é o título da tese de doutorado apresentada por Adriana Rosa Chiroleu na Universidade de Brasília, no ano de 1996, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre a América Latina (CEPPAC), para obtenção do doutorado em Estudos comparativos da América Latina e Caribe. O estudo propõe uma análise comparativa das políticas da admissão de universidades brasileira em relação às argentinas e analisa também as formas de intervenção estatal, explorando as implicações e limites da situação global. Segundo a autora, o caso brasileiro implica uma tendência ao desenvolvimento e o argentino atende às exigências do poder político.

A dissertação de mestrado intitulada: *Internacionalização do ensino superior: estudo de caso em cursos de Administração de instituições públicas de ensino superior* foi defendida por Adriana Maria Christino no Programa de Pós-Graduação em Administração de Organizações da Universidade de São Paulo, no ano de 2013. O estudo teve por objetivo analisar o processo de internacionalização de ensino superior nas escolas de Administração, tomando como estudo de caso a UFRJ e UFMG. Do ponto de vista metodológico, a autora se apoiou nos modelos criados por Knight (1994) e Rudzki (1998), para uma análise mais ampla do processo. A autora focou a internacionalização nas suas funções de ensino, pesquisa e extensão, e analisou a importância de algumas atividades institucionais, concluindo que a internacionalização se caracteriza como um processo complexo e que nas instituições, mesmo havendo aspectos relevantes, apresenta barreiras para avançar no que diz respeito à estrutura das organizações e das políticas. Considera também a necessidade de as unidades institucionais darem espaço para operacionalização das ações de internacionalização.

A dissertação de mestrado: *Internacionalização da educação Superior: reflexos do Acordo Geral de Comércio de Serviços na regulação normativa transnacional da educação superior brasileira* foi defendida no ano de 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa de Pós-Graduação em Educação por Karla da Silva Costa. Teve por objetivo analisar os termos do Acordo Geral de Comercio e Serviços (AGCS), que foi sancionado em 1994. O estudo observou que o texto constitucional de 1988 não assegura a educação superior como um bem público, por essa razão dando vazão à regulação transnacional. A pesquisa se configura como estudo de caso e levantou dados de matrículas das vinte maiores instituições privadas. Suas conclusões indicam a existência de uma rede de instituições de educação superior articuladas por

mantenedoras, sob modelos organizacionais distintos, cuja prestação de serviço na educação superior contribui para uma internacionalização mercantil.

A dissertação de Mestrado: *Os desafios da internacionalização da educação profissional técnica: A experiência do IFES*, defendida em 2013, na Universidade Federal do Espírito Santo, por Maria Paula de Carvalho Delmaestro, teve por objetivo identificar quais são os desafios que se colocam diante dessa modalidade de ensino frente à internacionalização. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como estudo de caso, em específico do memorando de entendimento de programa educacional conjunto entre as três instituições: o Ifes, a empresa Sempcorp Marine Ltd. e a instituição educacional Ngee Ann Polytechnic. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram inquéritos de entrevistas semiestruturadas juntamente com análise documental. Em suma, foram identificados os desafios de superar com o modelo de internacionalização da educação profissional no nível técnico focado no mercado.

O papel do Instituto Municipal de Pesquisa, Administração e Recursos Humanos (IMPARH) na cooperação internacional descentralizada no município de Fortaleza é o título da dissertação de mestrado defendida, em 2012, por Maria Iris Tavares Farias, no Programa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal do Ceará. O estudo procurou identificar o papel estratégico do IMPARH enquanto ente do poder público no processo de cooperação internacional descentralizada. Foi uma pesquisa de natureza exploratória e qualitativa desenvolvida em sete linhas estratégicas do IMPARH que utilizou dados retirados de projetos e relatórios de cinco órgãos pesquisados, nos anos de 2010 e 2011. O estudo chegou à conclusão de que as políticas públicas demonstraram o fortalecimento da cooperação internacional descentralizada aplicada em setores como cultura, turismo, gênero e participação popular, como afirma a autora.

A dissertação: *Internacionalização da educação superior: um estudo de caso de alunos estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS*, defendida na Faculdade de Pós-Graduação em Educação dessa universidade por Rosemeri Nunes Feijó, em 2013, analisou o Programa de Estudantes Convênio da Pós-graduação (PEC-PG) promovido pela CAPES e CNPq, o qual contemplava bolsas a estudantes estrangeiros. Dirigido por meio de estudo de caso e metodologia qualitativa a autora entrevistou dez sujeitos participantes, chegando à conclusão de que os estudantes estrangeiros buscam formação de qualidade e programas de excelência, tendo em vista que o Brasil oferece aos alunos novos horizontes referenciais e metodológicos. Foram

identificadas algumas barreiras culturais e climáticas, como o frio rigoroso do local e o preconceito racial que existe na cidade. Os estudantes são motivados de diversas maneiras ao término do curso, alguns têm em vista a melhoria e o avanço de seu país e tendem a regressar, como o caso dos alunos do continente africano. Os alunos de origem latino-americana tendem a continuar morando, conquistar emprego e fixar-se no local. O estudo ainda apontou algumas alternativas para que o potencial da cooperação internacional do Programa seja estimulado como “realização de acordos, eventos científicos, envolvendo a participação de pesquisadores de ambos países. ” (FEIJÓ, 2013, p.6)

A dissertação por título: *Internacionalização da educação superior: contributos da mobilidade estudantil na pós-graduação em educação (2001-2010)*, defendida por Larissa Maria da Costa Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2013, analisou como se configura o processo de mobilidade de doutorando em educação naquela instituição. Metodologicamente, o estudo utiliza-se dos seguintes instrumentos: revisão bibliográfica, tabulação de dados quantitativos, análise documental e entrevista semiestruturadas. As conclusões advertem que:

O processo de internacionalização brasileiro, que esse país se insere neste contexto ainda de maneira passiva, por meio de uma política de indução de envio de estudantes e docentes para formação no exterior, em especial nos EUA e países europeus, principalmente em nível de doutorado, na modalidade *sandwich*. (FERNANDES, 2013, p.5)

A dissertação de Mestrado: *Internacionalização do ensino superior: cooperação internacional versus mercantilização*, defendida em 2016 por Anna Luiza de Castro no Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, constitui uma pesquisa documental que estudou doutrina, legislação e documentos oficiais, nacionais e internacionais, sobre a temática. O trabalho analisa a maneira de “como acesso efetivo exercício do direito à educação vêm sendo abordados no plano nacional e internacional e em que medida o ensino superior vem promovendo a concretização do princípio da dignidade da pessoa humana. ” (GIANASI, 2016, p.7)

A dissertação: *Internacionalização do ensino superior: Estudo de caso sobre mobilidade internacional de estudantes de graduação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Franca, no período de 2003 a 2014*, foi defendida por Orlinéya Maciel Guimarães no ano de 2016. O estudo “analisa a política pública de

internacionalização do ensino superior, enfocando o aspecto específico da promoção da mobilidade acadêmica internacional de estudantes de graduação. ” (GUIMARÃES, 2016, p.8) Tratou-se de um estudo de caso vazado em documentos e relatos históricos, de natureza quantiquantitativa. Os resultados apontam para a necessidade de se compreender o processo de construção das legislações pertinentes.

Na dissertação: *Políticas de internacionalização da educação superior na região norte do Brasil: uma análise do Programa Ciências Sem Fronteiras na Universidade Federal de Tocantins*, Thelma Silva Rodrigues Lage fez um estudo empírico com aplicação de entrevistas semiestruturadas e questionários a cento e vinte alunos beneficiado pelo Programa, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Tocantins. Os resultados obtidos demonstram que o Programa CsF tem

Gerado efeitos significativos no fomento da internacionalização da Universidade Federal do Tocantins, destacando a inserção de alunos de baixa renda nas mobilidades acadêmicas internacionais e o enriquecimento cultural de seus beneficiários. No entanto, quando visto sob diferentes óticas no contexto da referida instituição, o Programa CsF apresenta fragilidades que apontam sinais de alerta merecedores de atenção especial, dentre as quais o domínio da língua estrangeira revela-se como principal obstáculo para o sucesso do Programa. (LAGE, 2015, p. 9)

A dissertação de Mestrado *Programa Ciência Sem Fronteiras no contexto da política de internacionalização da educação superior brasileira*, defendida em 2015, na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), por Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim, no Programa de Pós-Graduação em Educação, volta-se ao estudo da implantação do Programa CsF no contexto da política de internacionalização da educação no Brasil. A investigação se caracteriza por exploratório e de natureza qualitativa, coletando dados por meio de entrevistas semiestruturadas com três sujeitos representantes de instituições idealizadoras e gestoras do CsF. Os resultados obtidos pela pesquisa foram que o programa tem tendências a negligenciar a solidariedade mútua e põe foco em uma estratégia política para fortalecimento do modelo econômico vigente.

A dissertação *Internacionalização da pós-graduação: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Maria* foi defendido, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria, por Liliane

Gontan Timm Della Méa. O estudo destaca as origens da educação superior no Brasil e analisa os processos de expansão e regulação da pós-graduação e da avaliação pela Capes. Estudando os sistemas Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e da Avaliação da Pós-Graduação Brasileira, em que a internacionalização é um fator de impacto na máxima qualificação e conceituação dos cursos de doutorado dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A investigação foi de natureza qualitativa e analisou documentos, fichas de avaliação e a auto-avaliação dos cursos. As análises levaram à conclusão da ampla inquietação dos programas de pós-graduação pela internacionalização como forma de alcançar a excelência, em suas diversas modalidades, seja por meio de parcerias internacionais, intercâmbios, capacitação de curta duração no exterior, seja pelo aumento de publicações internacionais. Frente aos requisitos impostos na avaliação dos programas de pós-graduação, a autora entende que é necessária uma gestão articulada para o aperfeiçoamento e fortalecimento da UFSM no campo da internacionalização.

A dissertação de mestrado: *O processo de internacionalização do ensino superior: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais dessa universidade, por Cristina Verônica Mueller, objetivou analisar a dimensão institucional da internacionalização da UFRGS, verificando como o processo está se desenvolvendo na instituição e qual a concepção de internacionalização adotada. Do ponto visto metodológico o estudo coletou dados por meio de levantamento documental, registros em arquivos e entrevista com sujeitos representantes da instituição e do programa. Para análise dos dados apoiou-se no círculo de internacionalização por Knight (1994), chegando à conclusão de que ainda é pouco clara a concepção de internacionalização na UFRGS e que os programas avaliados demonstraram que “não há um processo institucionalizado tendo por base a realidade dos programas avaliados e as características da estrutura da Universidade que indica a existência da fragmentação.” (MUELLER, 2013, p.8)

A dissertação por título: *Internacionalização da educação superior: um estudo de caso dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, defendida em 2016, na Universidade Federal da Bahia, por Lutecia Maciel Nobrega, analisou como ocorre a internacionalização dos cursos de pós-graduação da Univasf, do ponto de vista de sua condição de elemento dinamizador do processo de cooperação internacional na instituição para inserir-se na realidade da

internacionalização nesse nível de ensino. O aporte teórico no qual o estudo se sustentou está firmado no ciclo de internacionalização formulado por Knight (1994) e nos critérios de internacionalização da Capes. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é descritiva e de natureza exploratória, realizando uma revisão da literatura e caracterizando-se como estudo de caso. Os resultados da pesquisa constataram a Capes como fundamental para o processo de internacionalização, tendo em vista o papel relevante que exerce na avaliação do sistema de educação superior e do fato de a categoria internacionalização ser um dos critérios relevantes de ponderação. Quanto à Univasf, o trabalho indica que essa universidade apresenta resultados ainda embrionários no que se refere à internacionalização, por inexistência de políticas formalmente institucionalizadas e devidamente articuladas.

A dissertação: *Internacionalização universitária e interculturalidade: análise dos programas federais interuniversitários Sul-Sul durante a Gestão Lula* foi defendida por Soraya Pimentel Pessino, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia. O estudo foca a contribuição da dimensão global da política externa brasileira, nos anos de 2003 a 2010, na promoção do desenvolvimento da relação entre América Latina, África e Ásia, dado o apoio aos mecanismos de integração pela via da internacionalização universitária. A pesquisa baseou-se nas ações internacionais do período de governos Lula da Silva no tocante à transversalidade da cultura e dos desafios d interculturalidade. Metodologicamente, a pesquisa utiliza-se da análise qualitativa e pesquisa bibliográfica. Em conclusão, o estudo pretendeu “sugerir um novo caminho, processual e metodológico, para os processos de internacionalização universitária.” (PESSINO,2015, p.5)

Internacionalização de escolas de negócio: análise do processo de internacionalização da Fundação Dom Cabral é o título da dissertação apresentada por Ricardo Dias Pimenta ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no ano de 2016. O estudo de caso tem como objetivo a compreensão do processo de internacionalização da Fundação Dom Cabral (FDC) a partir do conjunto de atividades que a instituição propõe nas dimensões internacional e intercultural. As categorias globalização e internacionalização embasaram a análise dos impactos concernentes à educação de executivos no cenário brasileiro. Para a análise optou-se pelo modelo proposto por Rudzki (1998), base teórica fundamental para análise ambiental e posicionamento competitivo. No campo metodológico, a pesquisa utiliza-se de análise documental e entrevista com gestores,

professores participantes, gestores de empresas clientes. Os resultados obtidos pelo autor identificam diversas ações em desenvolvimento pela FDC que foram ao encontro do modelo utilizado para análise. O autor alerta para a necessidade de novas investigações no campo, por não se pode generalizar as conclusões de um estudo de caso particular.

A dissertação de mestrado: *La movilidad académica internacional en el posgrado: un estudio comparado entre doctorados en educacion de Brasil y México*, defendida, no ano de 2016, na Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul é de autoria de Leslie Adriana Quiroz Schulz. O estudo propôs uma análise relacional da internacionalização do ensino superior tomando como objetivo geral compreender como se configuram as “políticas educacionais para a Mobilidade Acadêmica Internacional (MAI).” (QUIROZ, 2016, p. 9). No campo teórico, a pesquisa se estrutura na teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, para um modelo de análise reflexiva e interpretativa. No campo metodológico a pesquisa trabalha com dados qualitativos e dados quantitativos, explorando estatísticas nacionais e internacionais e entrevistas semiestruturadas. Um dos resultados da pesquisa informa que as

Políticas para a Internacionalização da Pós-Graduação, em ambos os países, estão entrelaçadas com as diretrizes de política externa dos atuais governos, sendo mais clara a convergência no caso brasileiro que no mexicano. (SCHULZ, 2017, p.9)

Outro resultado significativo, extraído das entrevistas, permitiu identificar reconhecimento da importância da experiência MAI, pois consolida o *habitus* científico, proporcionando o aumento de capital social dos doutorandos. Porém, identifica-se uma prática desigual na temporalidade de cada país (Brasil e México) quanto à permanência dos estudantes de doutorado.

Carla Camargo Cassol da Silva defendeu a dissertação de mestrado: *Avaliação da internacionalização no ensino superior: um estudo multicaso*, em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Negócios da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Trata-se de um estudo multicaso que pesquisou duas universidades brasileiras, uma privada e outra comunitária, com coleta de dados baseada em análise documental, sob perspectiva qualitativa. De caráter exploratório, busca conhecer o ponto de vista da gestão e da avaliação em relação a processos de internacionalização, valendo-se de observações diretas e entrevistas semiestruturadas com gestores ligados

ao processo de internacionalização na instituição. Os resultados “sugerem que a realização de um auto avaliação do processo de internacionalização com instrumentos disponíveis na literatura e/ou com instrumento próprio elaborado a partir dos mesmos [...]” (SILVA, 2015, p.7), para construção de estratégias, planejamentos, monitoramento de indicadores e avaliação são de suma importância para a compreensão da evolução da internacionalização nas instituições de ensino superior pesquisadas.

Na dissertação de mestrado *Mobilidade corpórea de estudantes internacionais - motivações dos estudantes internacionais acolhidas por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte*, defendida, em 2013, por Claudia Cristiane dos Santos, no Programa de Mestrado em Gestão Internacional da Escola Superior de Propaganda e Marketing, buscou-se compreender as “motivações dos estudantes internacionais me investir em um período de estudo no Brasil e em instituições de educação superior localizadas nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte.” (SANTOS, 2013, p. 6) O percurso metodológico foi realizado por uma triangulação de dados de pesquisas qualitativas e quantitativas que objetivaram mapear as motivações que levam os estudantes à mobilidade acadêmica.

A dissertação de mestrado: *Internacionalização da Educação Superior: Um estudo da mobilidade em cursos de graduação da UFRN no âmbito do Programa Ciências sem Fronteiras (2012-2014)* foi defendida em 2016, por Josielle Soares da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O estudo analisa a implementação do Programa Ciência sem Fronteiras nessa universidade federal a partir da visão de gestores e coordenadores de curso e as contribuições ao processo de mobilidade acadêmica proporcionada pelo Programa na instituição. Os procedimentos metodológicos utilizados foram revisão de literatura, análise documental e entrevistas semiestruturadas. O estudo demonstrou que os coordenadores “compreendem como importante a internacionalização no âmbito das instituições de ensino superior.” (SILVA, 2016, p.5)

Na dissertação de mestrado: *O programa de estudantes-convênios de graduação na Universidade Federal da Bahia: percepção dos estudantes PEC-G oriundos de países de língua oficial portuguesa – anos 2009-2013*, defendido por Alzira Dias de Souza, no ano de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, analisou-se PEC-G promovido pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC), para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). O principal objetivo da pesquisa foi

analisar as percepções dos estudantes da UFBA envolvidos no Programa no que diz respeito às suas motivações e às experiências vividas. Constituiu uma pesquisa qualitativa caracterizada como estudo de caso e cujos fundamentos teóricos assentaram no conceito de afiliação universitária desenvolvido por Alain Coulon. As conclusões do estudo indicam que esses acordos PEC-G, em específico o voltado aos PALOP, são importantes para os países em desenvolvimento.

Na dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, com o título: *Mapeando os caminhos da internacionalização de instituições de ensino superior no Brasil*, defendida no ano de 2016, Eduardo Pinheiro de Souza propõe a compreensão do processo de internacionalização em uma Instituição de Educação Superior (IES) do Brasil. Discute o cenário globalizado em que a geração de conhecimentos avançados torna-se cada vez mais um elemento de dependência de empresas, apontando para o papel fundamental da universidade na formação de estudantes em meio a tal ambiente. Trata-se de pesquisa exploratória e qualitativa que analisa diferentes formas de internacionalização nas IES brasileiras: a primeira se dirige à “aquisição de participação acionária do *New College of California (NCC)* no Centro Universitário Campo Grande (UNAES)”; a segunda na “aquisição de participação acionária na Universidade Anhembi Morumbi (UAM) pela rede Internacional de Universidade Laureate” e ainda a “formação de *joint venture* entre a Kroton Educacional e o grupo Apollo para a criação da Faculdade Pitágoras.” (SOUZA, 2016, p.11) O autor utilizou levantamento documental, entrevistas e observação direta. Os resultados apresentados na pesquisa destacam alguns elementos dos processos de internacionalização como a orientação de tais processos pela via das concepções dos organismo multilaterais; a formação de competências organizacionais ajustadas à natureza das IES, sejam elas públicas ou privadas; o aproveitamento de vantagens para a instalação de atividades internacionais nas instituições, sejam elas oferecidas pelo Brasil ou por outros países; a implementação de conjuntos de práticas de gestão no âmbito da educação transnacional e acadêmica.

Na dissertação de mestrado: *Programa de licenciatura internacional na Universidade Federal de Uberlândia: limites e possibilidades*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia por Nayara Christine Souza, a autora investigou o Programa de Licenciatura Internacional (PLI) promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2010, tendo como foco a UFU. Os objetivos gerais da

pesquisa se direcionam à análise das implicações, enquanto limites e possibilidades, da implementação do PLI naquela universidade no período 2010/2012, com dados coletados por meio de análise documental e entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos constataam que os estudantes da UFU que participaram do Programa, dada a possibilidade de realizar disciplinas no exterior, vêm aumentando seu capital cultural e sua formação pessoal.

A dissertação: *Internacionalização da educação superior: estratégias e ações da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*, defendida no Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica do Paraná por Marcelo Tavares, no ano de 2016, analisou as estratégias e ações de internacionalização praticadas na UTFP, buscando estabelecer o contexto em que elas se inserem no que diz respeito à dimensão internacional da educação superior. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se apoia na análise de conteúdo dos documentos institucionais e relatórios de gestão, juntamente com entrevistas semiestruturadas. Os resultados apresentam que a UTFP está dando seus passos iniciais no processo de internacionalização e busca ampliar essa dimensão pela importância singular que ela tem no cenário da expansão e consolidação da internacionalização da educação superior brasileira.

A dissertação de mestrado: *Ciências sem fronteiras: Análise de dados do Programa Ciências sem Fronteiras como instrumento de política social de educação para inclusão de estudantes em um ambiente universitário internacionalizado*, defendida em 2015 na Universidade Cruzeiro do Sul, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Políticas Sociais, por André Valva, foca o subprograma Inglês sem Fronteiras (IsF) desenvolvido nessa universidade privada da Zona Leste da cidade de São Paulo. Foi uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas aos sujeitos participantes de ambos os programas. A pesquisa evidenciou que o “Programa CSF se constitui em um importante instrumento de política de pesquisa científica no país e sua continuidade e aperfeiçoamento se faz útil e necessário para o processo de inserção internacional nas IES.” (VALVA, 2015, p.112)

A dissertação: *A internacionalização da pós-graduação no Brasil: a relação entre rankings acadêmicos globais e avaliação dos programas de pós-graduação em administração*, defendida na Escola Superior de Propaganda e Marketing, no programa de Mestrado e Doutorado em Gestão Internacional, por Rosilene Carla Vieira, teve como objetivo investigar o tipo de relação possível entre os critérios e indicadores

norteadores que dirigem os *rankings* e o sistema nacional de pós-graduação da Capes. No uso de levantamento documental e pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com acadêmicos internacionais, a pesquisa revelou que os critérios e indicadores de internacionalização das avaliações convergem no uso de elementos indicativos da qualidade dos professores e da produtividade.

A dissertação: *Mobilidade Estudantil: Relações Brasil no Mercosul*, defendida por Ana Clara Carvalho Machuca Voigt no Programa de Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), no ano de 2015, analisou a legislação interna (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e de organismos internacionais (Protocolo do Mercosul para a Educação Superior), em par com o posicionamento do Conselho Nacional da Educação (CNE) e da CAPES, como elementos da reconfiguração da educação no cenário da internacionalização, em particular na questão do reconhecimento de diplomas no Brasil. O estudo partiu de revisão bibliográfica sobre a internacionalização da educação superior e de análise documental. Os resultados da pesquisa indicam que “as mobilidades estudantis para o Mercosul são uma realidade para o Brasil, enquanto concretização das intenções manifestadas.” (VOIGT, 2015, p. 6)

O processo de internacionalização da Educação como fator estratégico de desenvolvimento institucional: Um olhar sobre as ações de internacionalização desenvolvidas em instituições de ensino superior no Rio Grande do Norte é o título do trabalho de Maria das Graças Dantas Bezerra, defendido no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UnP) em 2012. O objetivo do estudo foi analisar o processo de internacionalização como fator estratégico de desenvolvimento institucional, focando as ações de internacionalização desenvolvidas em instituições de ensino superior do Rio Grande do Norte, por meio de abordagem qualitativa e de caráter descritivo, utilizando levantamento censitário e pesquisa documental, e para análise de dados, a técnica de Análise de Conteúdo. O estudo chegou às seguintes conclusões, nas palavras da autora: “a maioria das instituições como a Universidade do Rio Grande do Norte não concebe ações de internacionalização como fator estratégico de desenvolvimento institucional pelo fato de a internacionalização não estar incluída como política institucional.” (BEZERRA, 2012, p.8)

- **Teses de doutorado**

A tese de doutorado: *A internacionalização do ensino superior brasileiro. Conceito e característica do processo em instituições privadas de ensino superior* foi defendida em 2012 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) por Luis Antônio Vilalta. A pesquisa buscou responder à seguinte questão de pesquisa: quais os conceitos e características que identificam o processo de internacionalização em universidades brasileiras? Para responder a essa questão, recorreu-se a uma metodologia de perspectiva qualitativa e cunho exploratório, com estudo de caso múltiplo de quatro IES privadas brasileiras. Os resultados obtidos indicam que as estratégias de internacionalização teriam de se valer de estrutura básica para dar início ao processo de internacionalização, e que a mobilidade discente constitui o cerne do processo de internacionalização, apontando também que esse processo de internacionalização está em fase embrionária nas quatro universidades pesquisadas.

A tese de doutorado: *Ciências sem fronteiras: perspectiva da Internacionalização e a experiência australiana*, defendida em 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Vida e Saúde, por Dileide Amaral da Cunha, investigou a performance inicial do Programa Ciências sem Fronteiras quanto a sua contribuição para a formação dos estudantes brasileiros em universidades australianas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza quantiquantitativa, documental, bibliográfica e empírica, com entrevistas semiestruturadas aplicadas a onze especialistas australianos e latino-americanos, mais a análise de questionário respondido por 641 estudantes. Os dados foram interpretados à luz da Análise de Conteúdo conforme formulada por Bardin. Os resultados obtidos apontaram que parte dos entraves que ocorreram no programa estão relacionados ao planejamento, fazendo-se necessárias mudanças que fomentem o processo de internacionalização da educação superior.

Na tese de doutorado: *Internacionalização da educação superior: um estudo da universidade Federal de Santa Catarina*, defendida por Sonia Pereira Laus na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2012, objetivou-se o estudo dos processos de definição e implementação das estratégias de internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina. A tese estruturou-se por meio de três objetivos específicos de investigação:

o primeiro a construção de um quadro conceitual dos processos de internacionalização da educação e sua capilarização nas instituições de ensino superior, principalmente do Brasil; o segundo a análise das políticas e planos estratégicos institucionais visando ao processo de internacionalização da UFSC, e o terceiro o estudo do processo interno de construção e condução dessas políticas na gestão 2008/2011, verificando a influência nele exercida pelos professores, pesquisadores e grupo de pesquisa, bem como a existência de estruturas de gestão da cooperação acadêmica internacional e sua posição no organograma institucional. (LAUS, 2012, p.8)

Para alcançar esses objetivos, o estudo se valeu de revisão da literatura, nacional e internacional, compondo então quadros teóricos sobre a forma de desenvolvimento e as políticas que desencadearam o processo de internacionalização na instituição. Apresenta também uma síntese sobre os principais autores que discutem a internacionalização dos pontos de vista econômico, político, cultural e social. O estudo enfatiza o tema internacionalização contextualizando-o no processo de globalização, com discussões voltadas ao papel das organizações multilaterais e à dominação exercida pelos países do Norte na tentativa de “homogeneizar aquilo que não é homogêneo.” (LAUS, 2012, p.8) O estudo concluiu que as razões e motivações da UFSC estão balizadas na perspectiva da cooperação acadêmica internacional dos processos de internacionalização, bem como no desenvolvimento de políticas, estratégias e programas desenvolvidos para esse fim.

A tese de doutorado: *Processo de internacionalização no contexto da globalização: uma relação entre universidades e empresas*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí por Patrícia Duarte Peixoto Morella, em 2015, teve como objetivo central a interpretação da influência que as empresas internacionalizadas exercem na internacionalização das universidades. Fez-se o uso do método qualitativo de caráter exploratório, o estudo trabalhou com triangulação de dados dos levantamentos realizados no *Ranking* Universitário (RUF), juntamente com as fichas de avaliação da CAPES do triênio 2010-2013 e a plataforma Sucupira, em conjunto com a realização de entrevistas semiestruturadas. Em conclusão, assegura a autora que “o processo de internacionalização de universidades reconhecidas como de excelência dá-se pela influência que as empresas internacionalizadas têm sobre a educação superior.” (MORELLA, 2015, p. 4)

A tese de doutorado de Silvia Helena Rodrigues, nominada: *Jovens oriundos de países africanos de língua portuguesa na Universidade de Brasília: experiência de migração internacional estudantil*, defendida na Faculdade de Educação da

Universidade de Brasília, no ano de 2013, teve como foco a migração internacional de estudantes universitários vindos de Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) na graduação da Universidade de Brasília (UnB). Utilizando o “Método Documentário” de Ralf Bohnsck, baseado na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim, a pesquisa trabalhou com quatro países pertencentes ao PALOP: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. O resultado obtido informa que no “período de migração estudantil, as reflexões sobre os países de origem adquirem uma dimensão estreitamente vinculada às bases da identidade nacional”, pois grande parte tem compromisso com sua nação.

- **Artigos Científicos**

No artigo: *Temos de fazer um cavalo de Troia: elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior*, publicado em 2015 na Revista de Educação da Universidade de Minho, Portugal, as autoras Emília Rodrigues Araújo e Silvia Silva discutem a diversidade de sentidos que está sendo atribuída à internacionalização nas investigações sobre a educação superior. Com base em dados recolhidos por meio de entrevistas realizadas por correio eletrônico com reitores e vice-reitores de centros de investigação portuguesa, as autoras procuraram analisar a percepção desses atores sobre a internacionalização, concluindo positivamente sobre o processo, mesmo diante das avaliações e intervenções de indicadores.

O artigo: *Saberes sem fronteiras: políticas para as migrações pós-modernas*, publicado na revista Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA), número trinta e dois, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2016, Renata Archanjo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apresenta um estudo sobre a produção e o acesso ao conhecimento científico no cenário mundial globalizado da contemporaneidade.

Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão é o título de artigo publicado na Revista Avaliação, no ano de 2015, por Lucídio Bianchetti e Antônio M. Magalhães. O artigo é resultado de parte de uma pesquisa sobre a temática de Internacionalização da Educação da Educação Superior e nele os autores se concentram em analisar precedentes da Declaração de Bolonha e a participação de reitores nessa construção.

No artigo: *A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas*, publicado na Revista Brasileira de Educação, volume 8, número 54, de 2013, Cristina Helena Almeida de Carvalho, da Universidade de Brasília, mapeou o fenômeno de mercantilização da educação superior brasileira devido ao crescimento das Instituições de Educação Superior (IES) lucrativas e as várias estratégias de mercado adotadas, concluindo que elas têm a direção da financeirização e da oligopolização. A autora conclui no artigo que “o fenômeno recente que não pode ser ignorado é o movimento multifacetado de *financeirização, oligopolização e internacionalização* da educação superior brasileira.” (CARVALHO, 2013, p. 773). Recomenda que haja aprofundamento dos estudos que acompanham o desenvolvimento do segmento mercantil e a construção de uma agenda futura de pesquisa comparativa entre os casos brasileiro e dos países latino-americanos.

Em *O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina*, texto publicado na Revista Lusófona de Educação, no ano de 2012, Alda Araújo Castro e Antônio Cabral Neto discutem a temática da internacionalização com ênfase no estudo da mobilidade de estudantes nas regiões do mundo, apontando como América Latina e Brasil se inserem nesse processo. O artigo utiliza revisão bibliográfica, analisa documentos e também faz uso de dados secundários. Suas principais conclusões são que as regiões que recebem mais estudantes são aquelas mais desenvolvidas e avançadas no cenário econômico mundial, enquanto a América Latina se insere nesse contexto mundial de mobilidade acadêmica de forma periférica, seguindo tendência de exportação de estudantes, e que os novos programas de mobilidade e a criação de universidades públicas que visam a integração regional propõem mobilidade estudantil mais horizontalizada.

Indicadores efetivos da internacionalização da ciência é o título do artigo publicado na Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em 2015, apresentando trabalho realizado no Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto explora a temática de internacionalização na perspectiva da área médica e as políticas adotadas pelas nações, explorando o potencial de cooperação internacional interdisciplinar de cada laboratório. No campo metodológico, baseou-se em avaliações realizadas por meio de indicadores do grau de internacionalização das universidades e institutos de pesquisa, concluindo que a pesquisa científica é realizada individualmente, porém, está integrada a outros

processos sociais, e que a pesquisa se encontra entre os tópicos de alto reconhecimento internacional, mas em razão das exigências do mundo globalizado encontra dificuldades de internacionalizar a pesquisa nacional.

O artigo: *Internacionalization: towards new horizons/ Internacionalização: Rumo a Novos Horizontes*, publicado na revista Psicologia - Reflexão e Crítica, por Anna Carolina Lo Bianco, da Universidade do Rio de Janeiro; Claudio S. Hutz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Emília Yamamoto, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2015, examina as ações de internacionalização dos programas de pós-graduação brasileiros. Foi feita coleta na base de dados da Capes, em especial em seu Caderno de Indicadores da produção de cada Programa. Os resultados obtidos no estudo demonstraram que a avaliação desse órgão do MEC privilegia a produção de publicações estrangeiras, em detrimento, na maioria dos casos, das revistas brasileiras de ciência, e nessa medida contribui efetivamente para a internacionalização. As considerações do artigo examinam que apesar de esforços apreciáveis de internacionalização efetiva dos programas, considera importante “tornar a pós-graduação nacional um ponto de referência na comunidade internacional.” (BIANCO; HUTZ; YAMAMOTO, 2015, p.49)

Com o título: *O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização das instituições de ensino superior*, fruto da parceria de Roberto Gonzalez Duarte, José Márcio de Castro, Ana Luiza Albuquerque Cruz e Irene K. Miura, esse artigo foi publicado na Revista de Educação, em 2012. No artigo se discute o papel das redes de relacionamento no processo de internacionalização da pós-graduação, com base em estudo comparativo de duas universidades confessionais brasileiras: PUC-RS e PUC-SP. Considera-se no artigo que a literatura sobre a internacionalização das instituições de ensino superior do Brasil não difere internacionalização da pós-graduação e da graduação, e que, em ambos os casos, as políticas de internacionalização formuladas nas universidades, de forma geral, não contemplam as especificidades desses níveis de formação.

Estratégias na busca de parcerias internacionais, texto publicado em 2015 na Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões por Denise de Freitas, apresenta trabalho realizado no Programa de Pós-Graduação em Oftalmologia e Ciências Visuais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O estudo se baseou em fontes documentais e trouxe como resultados que para a internacionalização se desenvolver há necessidade de articular uma variedade de aspectos, entre eles:

Conhecer os grandes eixos da internacionalização; ter visão internacional; promover estratégia para a internacionalização; saber das características de um centro institucional de internacionalização; e conhecer as vantagens institucionais da internacionalização. (FREITAS, 2015, p. 81)

Conclui a autora que a internacionalização é indispensável para a pós-graduação porque resulta em contribuições inovadoras e que a ciência não pode ser imaginada sem essa perspectiva internacional.

No artigo: *Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)*, publicado em 2014 na Revista Lusófona de Educação por Nilma Lino Gomes e Sofia Lerche Vieira, tem como objetivo discutir os aspectos relativos à criação e implantação dessa instituição. O estudo se volta para a construção da matriz institucional e curricular da UNILAB a partir de uma proposta de cooperação internacional solidária entre os países falantes de língua portuguesa. Conclui que essa universidade conta com muitos desafios para a implantação de seu projeto, mas que de todo modo representa uma ponte para diálogos e possibilidades de cooperação, além de ser um agente da expansão brasileira de educação superior.

No artigo: *Avaliação e internacionalização da educação superior: quo vadis América Latina?* Publicado em 2012 na revista Avaliação, por Denise Leite e Maria Elly Herz Genro, os autores trabalham com temas de avaliação, acreditação e internacionalização das instituições de educação superior da América Latina e Caribe. O artigo teoriza a partir dos conceitos de hegemonia, imperialismo e globalização neoliberal, apresentando dados e evidências sobre a constituição prática do novo imperialismo que se está a produzir por meio de “atores hegemônicos” lastreados nas estratégias do Processo de Bolonha e em articulação com as agências de acreditação e avaliação, redundando em procedimentos para internacionalização de instituições de educação superior. De acordo com os autores, todo esse conjunto de políticas se faz necessário, principalmente devido ao surgimento de uma nova epistemologia para o século XXI, acarreta modificações nos caminhos que as universidades irão trilhar diante desta era global e internacional e as modalidades de capitalismo acadêmico.

Em *Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica*, publicado em 2016 por Maria Beatriz Luce, Caterine Vila Fagundes e Olga Gonzalez Mediel, os autores

abordam o processo de mobilidade acadêmica em sua dimensão intercultural, tendo como objetivo o conhecimento do “grau de satisfação dos alunos que estão em mobilidade bem como as ações desta universidade para promover a qualidade de formação acadêmica.” (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016, p. 317) Trata-se de uma abordagem quantiquantitativa vazada em análise documental e na aplicação de questionários. As conclusões a que os autores chegaram com a análise dos dados demonstram que as ações institucionais que promovem a mobilidade *incoming* são ainda frágeis e incipientes.

O artigo *Qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores*, publicado em 2016 por Marília Costa Morosini, Cleoni Maria Barbosa Fernandes, Denise Leite, Maria Estela Dal Pai Franco, Maria Isabel da Cunha e Silvia Maria Aguiar Isaia, na Revista Brasileira de Educação, resulta de reflexões sobre a qualidade da educação superior com base nas pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Observatório de Educação Superior, pela Rede Sul-Brasileira de Investigadores de Educação. O estudo faz um inventário de interpretação teórica da produção acadêmica que aborda a qualidade da educação superior nas temáticas de internacionalização. O resultado final resultou na construção de indicadores que pudessem auxiliar na percepção da qualidade.

Em *Gestão de processos aplicada à realização de convênios internacionais bilaterais em uma instituição de ensino superior pública brasileira*, texto publicado em 2013 por Everson Muckenberger, Gustavo Benjamin Togashi, Silvia Inês Dallavalle de Pádua e Irene Kazumi Miura, na Revista Produção, os pesquisadores adotam o modelo de Gestão de Processos de Negócios (BPM) para analisar o “processo de realização de convênios bilaterais em universidades da escola de negócios de um dos campus da instituição.” (MUCKENBER; TOGASHI; PADUA; MIURA, 2012, p.638)

Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários é o título do artigo publicado, em 2016, por Adriana Leonidas de Oliveira e Maria Ester de Freitas em Educação em Revista, volume 32. O objetivo do artigo foi analisar as motivações de alunos e professores universitários para a mobilidade acadêmica. Foi uma pesquisa empírica com 30 estudantes, brasileiros e estrangeiros, e professores brasileiros que fizeram a opção por mobilidade acadêmica. A coleta de dados realizada foi submetida à análise de conteúdo temática por meio do *software Ethnograph* e as análises utilizaram conceitos de Bourdieu. Os resultados obtidos apontaram que os três grupos de entrevistados apresentaram maiores

motivações de fator pessoal para a mobilidade, porém, do ponto de vista de professores e alunos de pós-graduação, as motivações são de cunho profissional e acadêmico.

No artigo: *Indústria e universidade: a cooperação internacional e institucional e o protagonismo da mobilidade estudantil nos sistemas de inovação da Alemanha*, publicado em 2017, na Revista Educação e Pesquisa, por Joaquim Carlos Racy e Everton de Almeida Silva, apresenta-se um quadro das políticas empreendidas pela República Federal da Alemanha, visando captar possíveis potencialidades técnico-científicas ao redor do mundo. O texto promove discussão sobre o papel da universidade no processo de produção do conhecimento, destacando a cooperação internacional e interinstitucional. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que analisa a circulação de estudantes do mundo em direção à Alemanha, procurando delimitar o programa de inovação alemão. A consideração final indicou que “um eventual modelo de geração de inovação passível de reprodução por países em desvantagem em termos de desenvolvimento frente à Alemanha.” (RACY; SILVA, 2017, p. 569)

O artigo: *A educação internacional e os resultados de cooperação Brasil-Alemanha na Unicentro*, foi publicado em 2016, na Revista Avaliação, de autoria de Margarida Gandara Rauen e Afonso Figueiredo Filho. Os autores apresentam resultados de uma abordagem construtivista sobre a internacionalização dos cursos de Engenharia Florestal da Universidade Estadual Centro-Oeste (UNICENTRO), analisando as parcerias internacionais entre instituições de ensino. Para os autores:

Estágios iniciais de internacionalização, o estabelecimento de parcerias internacionais por meios de projetos de pesquisa e mobilidade um projeto de pesquisa e mobilidade é uma estratégia eficiente, mas nem todo programa proporciona ações de cooperação. (RAUEN; FILHO, 2016, p. 673)

O artigo *Setor educacional do MERCOSUL: convergência e integração regional da educação superior brasileira* foi publicado, em 2016, na revista Avaliação, de autoria de Zuleide S. Silveira. Nele, a autora teve como objetivo compreender as atuais modificações na educação superior brasileira mediante a relação entre dois agentes: o Estado brasileiro e o Setor Educacional do Mercado Comum do Sul (SEM). O contexto que a autora apresenta destaca a internacionalização da economia e das relações sociopolíticas e foi tratado na perspectiva histórica e estrutural em que é constituído e

articulado o funcionamento da educação. O artigo também traz uma ampla discussão sobre gestão supranacional e relações com a grande política, como também as relações micropolíticas. A base de dados é constituída de atas de reuniões, protocolos, planos de ação, tratados e acordos firmados na esfera do SEM.

Mudanças necessárias na universidade brasileira: autonomia, forma de governo e internacionalização é o título de artigo publicado em 2013 no periódico Educação em Revista, volume 29, por Fernando Seabra Santos, Elimar Pinheiro do Nascimento e Cristovam Buarque. O artigo buscou discutir o papel da universidade moderna na sociedade do conhecimento em meio à competição por mercados, às condições estatais e às modificações que a universidade percorreu em resposta às novas realidades, enfatizando suas implicações para a educação superior, na América Latina e na Europa, no desenvolvimento de inovação e tecnologia, e as mudanças que a universidade necessita incrementar. Passam os autores por avaliações tanto da Reforma Flexner, de 1910, nos EUA, quanto do Tratado de Bolonha de 1999, com a criação de um espaço europeu de conhecimento que abriu ainda mais os debates sobre o papel da universidade no sec. XXI.

Em *Demanda e políticas públicas para o ensino superior nos BRICS*, publicado em 2015 no Dossiê dos Cadernos CRH, volume 28, Simon Schwartzman analisa a expansão do ensino superior em países que compõem esse organismo. Ressaltadas as singularidades de cada país componente, o autor destaca características comuns como escassez de recursos e participação de atores dos sistemas de ensino público e do poder político. O texto apresenta cinco dilemas que se apresentam aos países participantes:

- 1) expansão, igualdade de acesso e diversificação das matrículas, taxas de participação, o número e os tipos de instituições; 2) limitações financeiras; 3) regulação do ensino superior privado; 4) como fazer com que as instituições de ensino superior prestem mais contas a seus alunos, funcionários e à sociedade como um todo; e 5) qualidade e relevância social da aprendizagem e pesquisa em instituições de ensino superior. (SCHWARTZMAN, 2015, p. 267)

As conclusões a que o autor chegou com o estudo informam que grande parte dos países do BRICS, com exceção do Brasil, lida com o crescimento da diversificação formal de suas instituições.

No artigo: *O professor pesquisador nas universidades públicas no contexto da internacionalização do capital: a produtividade do trabalho imaterial superqualificado*,

publicado em 2009, na Revista Portuguesa de Educação, João dos Reis Silva Junior buscou compreender o processo de mercantilização da universidade estatal pública brasileira e de sua identidade institucional, analisando as atividades e a formação de professores das universidades estatais públicas em geral. A conclusão a que chegou o autor indicam que “[...] o processo de racionalização, em sua forma histórica atual, tem como essência também histórica a racionalidade de formação social do capitalismo [...]” (SILVA JUNIOR, 2009, p 1)

No texto: *Intercambio cooperativo versus mercantilización competitiva: las políticas de movilidad académica em el Mercosul e la Union Europea*, publicado em 2014 na Revista Ibero-Americana de Educação Superior, Facundo Solanas analisa como as mudanças dos modelos de educação superior repercutiram nas políticas acadêmicas do Mercosul e da União Europeia (UE). De acordo com o autor, o processo de internacionalização da educação superior caminha de forma estreita com a cooperação científica e acadêmica entre universidades do Mercosul e universidades da União Europeia.

- **Artigos que apresentam o estado da arte da pesquisa acadêmica sobre internacionalização da educação superior**

A especificidade desses trabalhos de estado da arte merece de nossa parte uma atenção especial pelo fato de se tratar de pesquisadores de diversas universidades empenhados em mapear os estudos sobre o tema. São eles:

O texto publicado em forma de artigo: *Levantamento de publicações sobre internacionalização de instituições de ensino superior*, publicado em 2015 na *Acta Scientiarum*, por Juliana Marangoni Amarante e Fabiane Cortez Verdu, realiza um levantamento das publicações dos últimos cinco anos (2010-2015) sobre internacionalização de IES, principalmente da área de administração. A pesquisa realizada tem caráter descritivo, revelando a escassez de estudo e de investigação na área de administração sobre a internacionalização da educação superior.

A produção científica sobre internacionalização da educação superior na Web of Science: características gerais e metodológicas, artigo publicado em 2016 no periódico Educação em Revista de outubro/dezembro de 2016, traz um levantamento analítico de uma década de produção científica sobre internacionalização, com dados coletados na base de dados *ISI Web of Science/Knowledge*, utilizando um recorte

temporal de 2004 a 2013. Os resultados obtidos demonstraram a crescente produção de estudos na área, com trabalhos teóricos e analíticos baseados, na sua maioria, em abordagens qualitativas. O método utilizado foi a revisão sistemática, em duas fases de pesquisa. Na primeira fase do estudo cuidou-se do levantamento das publicações e da contagem dos artigos mais citados; numa segunda fase os artigos selecionados foram analisados a partir dos critérios: natureza da análise e natureza da pesquisa, métodos e técnicas de pesquisa utilizados. Dentre os trabalhos encontrados pelo estudo percebe-se equilíbrio entre trabalhos teóricos e teórico-empíricos. Conforme os autores, “em termos gerais, a internacionalização da educação superior se mostra como um campo de significativa relevância acadêmica, para as IES e a sociedade em geral no atual contexto globalizado” (DAL SOTO; ALVES; SOUZA, 2016, p. 245)

O texto por título: *Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações*, publicado em 2017, por Morosini e Nascimento, em Educação em Revista analisa “a produção acadêmica de teses e dissertações sobre internacionalização da educação superior que foram produzidas entre 2011 e 2014. Os dados foram coletados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informações em Ciências e Tecnologia (IBICT, e também os repositórios de teses e dissertações dos programas de pós-graduação com nota de excelência. Além do objetivo geral acima mencionado, os autores se dedicaram a “analisar incidências e o objeto de internacionalização da educação superior, defendidas entre 2011 e 2014. ” (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p.3) Para tal, guiaram-se pela “identificação da temática, com classificação de pergunta de partida, e das palavras ligadas ao tema; leitura e discussão sobre produção científica no plano teórico e no empírico. ” (MOROSINI, 2015, Apud MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p.3) A análise realizada por esses autores recomenda novos estudos que visem a investigação sobre o tema internacionalização da educação em outras fontes, para aprofundar e verificar a abrangência dos estudos e produções locais.

A construção do estado do conhecimento por Morosini e Nascimento se estruturou em três fases de identificação bibliográficas: a Anotada; a Sistematizada e a Categorizada, por meio de leitura flutuante. A identificação bibliográfica anotada é a “relação das teses ou dissertações, selecionadas e organizadas por referências bibliográficas completas e respectivo resumo, e a busca da monografia na sua íntegra via diferentes repositórios e/ ou e-mail dos autores. ” (MOROSINI; NASCIMENTO,

2017, p.5) A identificação bibliográfica sistematizada é a “relação das teses ou dissertações a partir do ano de defesa, instituição e programa de pós-graduação, autor, título, nível da pós-graduação, objetivo, metodologia e resultados. ” (id.ib.) A identificação bibliográfica categorizada é o “reagrupamento da bibliográfica sistematizada segundo temas” (id. ib.), para, num segundo momento, realizar a construção de categorias temáticas. A pesquisa se divide em três dimensões, que dão prosseguimento às categorias temáticas estudadas anteriormente, são elas: dimensão global/ regional; dimensão nacional; e dimensão institucional.

Na dimensão global/regional retrata o reflexo, no campo educacional, das mudanças econômicas e da nova ordem mundial dos anos 90, trazendo as evidências dos impactos da globalização na medida em que se discute a internacionalização do ponto de vista de comércio/serviços. Na dimensão nacional, evidenciaram os autores aspectos referentes à redução do Estado ao papel de avaliador mediante uma construção histórica que, desde a colônia, trabalha na perspectiva de formar quadros capazes de competir e se relacionar com o mercado internacional (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017). A dimensão institucional destaca os trabalhos que trazem estudos de caso de internacionalização no que concerne a “políticas que tratam de aspectos específicos de internacionalização e/ou políticas que integram e apoiam a dimensão internacional na missão primária e nas funções da instituição. ” (KNIGHT, 2004, p.17 apud MOROSINI; NASCIMENTO, 2017)

Os resultados apresentados pelas autoras mostram “que os estudos de internacionalização revelam momento de transição entre um modelo de universidade tradicional e um modelo de universidade do século XXI” (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p.19), carecendo assim de mais estudo e pesquisa sobre a temática.

O estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – conceitos e práticas/ The state of knowledge in the internacionalization of higher education – concepts and practices é o título de artigo publicado por Marília Morosini no ano de 2006, na Revista Educar, de Curitiba, como resultado de um trabalho apresentado na Anped. A coleta de dados em repositórios de dados e revistas especializadas dessas regiões¹⁰. A proposta do artigo apresentado por Morosini (2006)

¹⁰ Trata-se das seguintes fontes: os periódicos consultados foram: Academe; American Council On Education; Atenea; College And University; Comparative Political Studies; Current Issues in Catholic Higher Education; Daedalus; Development and Change; Education; Education Canada; Education Policy

foi de identificar o estado do conhecimento sobre internacionalização universitária, trabalhando os conceitos e práticas utilizados. A autora parte de análise bibliométrica das citações de trabalhos publicados entre 1988 e 1998, pela qual 81% das citações internacionais se concentra em países como “USA, Reino Unido, Japão, Alemanha, França, Canada e Itália e 48% nos Estados Unidos.” (MOROSINI, 2006, p. 109)

A análise do material levantado fundamentou-se em Dale (2000), no contexto das influências políticas a partir dos anos 90, com a caracterização do cenário global de modificações no mercado mundial tendo em vista as propostas de tornar o campo da educação um espaço de mercado vinculado às áreas de comércio e serviço, para além da formação humana. O contexto teórico-político utilizado como referência relaciona educação e globalização, salientando o papel das recomendações para a construção de uma agenda global educacional e a correspondente influência dessa relação nas políticas nacionais. Nesse movimento entre o nacional e o global reconfigura-se o Estado-Nação de uma posição de propositor de políticas públicas educacionais para a de um Estado regulador. Com as modificações econômicas, a relação da universidade com o mundo se modificou, com impacto nas relações entre o Estado e a educação. Traçando um panorama das modificações do Estado no contexto histórico brasileiro, a autora expõe que elas buscam atender às tendências globais, impactando direta e significativamente o campo educacional, o que se concretiza “via relações dos campos científicos e profissional.” (op.cit., p.111)

No que se refere ao conceito de internacionalização, a autora o descreve como complexo e polissêmico, devido à diversidade de termos utilizados e a seus diversos usos e fases. É assim que, no século XX, o termo educação internacional surge em meio e logo após a guerra, com forte influência estadunidense; após a guerra fria e os processos e estratégias de desenvolvimento ligados à globalização e interesses regionais, usou-se o termo internacionalização da educação superior. São muitas definições e autores encontrados pela autora que compreendem a internacionalização dessa forma, caso de Bartell (2003 *apud* Morosini, 2006), que a conceitua como “trocias internacionais relacionadas à educação e à globalização”, enquanto outros teóricos

Analysis Archives; Educational Administration Abstracts; European Journal of Teacher Education; Foreign Policy in Focus; Higher Education; Higher Education In Europe; Higher Education Policy; Higher Education Quarterly; International Educational Journal, International Higher Education; International Journal of Education Development; International Review of Education; Journal of Education For Teaching; Journal Of Studies In International Education; Minerva; Research In Higher Education; Studies In Higher Education; The Academic Estate; The Chronicle of Higher Education; The Education Reform and Management Series; The Journal of Higher Education (MOROSINI, 2006, p.8

“identificam internacionalização como um processo na universidade como um todo [...]” (op.cit., p.116); Marginson e Rhoades (2002 *apud* op.cit., 116), trabalhando com o conceito de capitalismo acadêmico, a conceituam como “a globalização do ensino superior [...]”, devido ao aumento da integração de sistemas de ensino; já Green e Eckel (2002, *apud* op.cit., 116) destacam que o conceito de globalização tem em seu cerne ambiguidade e tendem a justificar processos de dominação de nações, perda de identidade e da cultura [...] implica na hegemonia do sistema capitalista.” Em consonância com tais posições, Altbach traz alertas importantes acerca do domínio exercido pelas multinacionais e da visão comercial sobre a educação transformando a internacionalização em estratégia subordinada ao lucro, portanto, presa às exigências de mercado. Ainda em acordo com Altbach, Morosini destaca Teichler (2004 *apud* op.cit., p. 116), o qual define internacionalização como “Crescentes atividades além-fronteiras entre os sistemas nacionais de educação superior. ”

Para além dessas conceituações, a autora destaca outras vertentes do processo de internacionalização que têm apontado para “resistências aos processos de internacionalização examinado o caso USA e do México; internacionalização como meio para a igualdade universitária; e a minimização da pobreza, a amplitude do acesso e da distribuição de recursos” (op. cit., p.117) No texto, Morosini desta a importância de se ter clareza acerca de possíveis armadilhas que afetariam os sistemas nacionais: desigualdades, desconstrução de identidade nacional, entre outras problemáticas que a globalização ocasiona nos países consumidores de educação pós- secundária estrangeira como o Brasil. Por fim, chamando a atenção para o ambiente mundial em que se dá tal processo de internacionalização da educação superior, ela o resume na expressão “irracionalidade global”.

Algumas considerações sobre a construção do objeto de pesquisa

A revisão da literatura demonstrou que o processo de internacionalização da educação superior é um tema crescente e que está sendo pesquisado em diversas áreas - Administração, Educação, História, Geografia, Direito, Saúde...

O percurso de levantamento bibliográfico e revisão da literatura – tratamento dos dados, seleção e limitação do material de interesse mais direto para este trabalho – nos levou a focar o objeto de pesquisa deste trabalho na política institucional de internacionalização. Os objetos de estudo dos trabalhos levantados são diversos e

específicos, mediante o cenário e ambiente de investigação definido pelo pesquisador. Porém, o panorama das políticas de internacionalização que estão em operacionalização nas universidades brasileiras, tanto públicas quanto privadas, demonstrou que, no Brasil, as políticas institucionais nessa direção ainda são incipientes. As pressões contemporâneas às políticas e sistemas de educação superior nessa direção levaram as universidades ao desafio de se internacionalizar, e nessa medida questionam os objetivos de cada universidade em sua região e em sua realidade cultural, apresentando uma dialética global/local que também nos interessa explorar neste trabalho, a partir do estudo de uma política institucional de internacionalização de uma universidade nacional.

O termo internacionalização, no contexto global contemporâneo, é constituído de maneira polissêmica, pois existem diferentes perspectivas teóricas, realidades nacionais e regionais e iniciativas de políticas. A literatura traz diversas conceituações, porém, o entendimento dos impactos das demandas por internacionalização se dá a partir das realidades objetivas dos diversos países, cabendo aos estudos científicos analisar tanto as mudanças quanto as influências recíprocas dos contextos locais/regionais/nacionais diante dessas demandas. De acordo com Hans de Wit (2012, p. 23), cabe sempre a pergunta: “que queremos decir con la internacionalización de la educación?”¹¹, pois em seu entendimento as diversas definições e políticas formuladas e as práticas de internacionalização assumidas têm relação com os diferentes contextos de implantação. É ainda De Witt (op.cit., p.14) que alerta: “As the international dimension of hight education gains more attention and recognition, people tend to use it in that best suits theirs purpose.”¹² Knigth (2008 p.19 apud DeWit 2012 p.24) define a internacionalização como “un proceso de integración de la dimensión internacional y cultural a la docência, investigación y las de servicio de la institución.”¹³ Van der Wende (apud LIMA; CONTEL, 2011, p. 153) entende que “A internacionalização da educação corresponde a um conjunto de esforços que objetiva capacitar o ensino superior a responder aos desafios decorrentes da mundialização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho.”

¹¹ “O que queremos dizer com a internacionalização da educação? ” (tradução nossa)

¹² “À medida que a dimensão internacional da educação superior ganha mais atenção e reconhecimento, as pessoas tendem a usá-la naquilo que melhor se adequa ao propósito delas. ” (Tradução nossa)

¹³ “Um processo de integração da dimensão internacional e cultural à docência, investigação e os serviços da instituição. ” (Tradução nossa)

Após os anos noventa, com as modificações e as transformações do ponto de vista econômico, a concepção de uma educação internacional vinculou-se ao termo globalização. Esse enlace entre internacionalização e globalização promoveu uma complexa relação que nos leva novamente a perguntar: o que queremos dizer com a internacionalização da educação? E, particularmente, com a internacionalização da educação superior, em especial do ponto de vista dos interesses nacionais brasileiros. Entender internacionalização a partir do olhar de um país periférico, como o Brasil e demais da América Latina, exige reflexões que tendem a ir de encontro ao modelo recomendado pelas agências multilaterais e pelo centro do capital mundial, onde a palavra de ordem é internacionalização.

Knight (2008 apud DE WIT 2012) revê a importância da constante atualização do significado de internacionalização da educação, o que se deve à crescente e complexa realidade perante o desafio posto pela globalização, tendo em vista que a internacionalização tem permeado a construção de um verdadeiro “mercado da educação” que responde às exigências de uma economia mundial também globalizada. Num país que historicamente se constituiu sob a colonização, com devastação cultural, exploração de recursos e invasão política em diversas esferas, inclusive no campo da identidade nacional e da produção intelectual, é relevante repensar a forma de internacionalizar as IES, pois são diferentes as necessidades que países desenvolvidos possuem em relação aos países em desenvolvimento ou localizados na periferia da economia capitalista.

É fato, no entanto, que internacionalização, mesmo sendo a palavra de ordem do momento contemporâneo, não é novidade no que concerne ao campo acadêmico, tendo em vista que a universidade ocidental se constituiu nesse interdiálogo entre distintos grupos que percorriam espaços a fim de buscar e trocar conhecimento na Europa medieval. Para Guadilla (2013), Lamarra (2010) e Santos (2017), que se posicionam em favor de uma concepção de internacionalização solidária, os propósitos de internacionalização necessitam ser abarcados pelos objetivos de desenvolvimento de cada realidade nacional e/ou regional (caso da América Latina, por exemplo), para além das exigências competitivas do mercado mundial. Também para Perrota (2012) a chama da internacionalização solidária foge dos desideratos de uma internacionalização “fenícia”, como ela denomina o padrão competitivo de mercado que invade a realidade das instituições de formação superior e de produção de ciência. Na voz de Morosini (2006; 2011; 2017), a perspectiva advogada é de internacionalização horizontal, fugindo

de uma visão vertical que se dirige à captura de mentes, abrindo-se, por exemplo, às possibilidades de uma mobilidade equilibrada e proveitosa para ambas e/ou várias realidades em intercâmbio.

Nesse prospecto de concepções sobre a internacionalização no panorama mundial e no panorama local – vale dizer, nessa dialética entre o global e o local –, interessa-nos a compreensão dos fatores ideopolíticos que influenciaram as universidades nacionais na composição e criação de políticas institucionais com projetos, missões e objetivos definidos e específicos, e em relação com as recomendações externas.

i. Organismos multilaterais

Depois da segunda guerra mundial, o mundo passou por muitas mudanças, tanto no campo econômico, político e social quanto, em resposta adaptativa, na educação, devido à destruição que devastou os países europeus e enfraqueceu suas economias e a estabilidade do sistema econômico mundial. Com a paz restabelecida, ainda que frágil, os países ainda estavam em crise e necessitavam retomar as condições econômicas e políticas para a reconstrução social após a guerra.

O mundo do trabalho também passou por modificações importantes, em especial a transição do modelo de produção *fordista* para o de acumulação *flexível* (HARVEY, 1997), que implicou processos de transição: do uso intensivo de mão de obra aplicada à indústria e de uma divisão de trabalho fragmentada em atos técnicos ao uso cada vez mais amplo de tecnologias, máquinas e investimento na área de serviços e em trabalhadores flexíveis e de melhor formação intelectual. O tipo de desenvolvimento econômico capitalista do pós-guerra - baseado na urbanização e na industrialização em áreas antes rurais e periféricas ao sistema, na economia de serviços e no incremento tecnológico das economias centrais -, levou à criação de novos postos de trabalho e novas áreas profissionais, o que também impulsionou a expansão das universidades e da formação superior. A essas mudanças no mundo material corresponderam mudanças nas concepções sobre economia e política, entrando em cena o neoliberalismo e o neoconservadorismo¹⁴. A principal crítica posta pelo neoliberalismo voltou-se à

¹⁴ Este trecho deve muito às teorizações do professor André Robert, da Universidade de Lyon, desenvolvidas em palestra no PPGE-Uninove em 15/05/2017, que teve como tema “Educação e neoliberalismo”.

concepção e prática do Estado de Bem-Estar Social que havia sido implantado na Europa. Defendiam-se políticas de mínima participação do Estado, livre circulação de mercadorias e capitais, desregulamentação do comércio, desnacionalização da produção.

Essas mudanças no campo da economia e do pensamento econômico e político e a hegemonia das ideias neoliberais instituem uma nova racionalidade ao sistema, repercutindo fortemente no campo da formação dos profissionais e dos cidadãos contemporâneos. De acordo com Wendy Brown (2015), define-se uma nova racionalidade política que tem a racionalidade econômica das corporações como modelo de governabilidade política dos Estados nacionais, redefinindo o papel das instituições de formação superior com termos e concepções da área empresarial – produtividade, eficiência, competitividade, relações custo-benefício e investimento-retorno, desempenho etc. Dessa forma, invade todas as dimensões da vida social e da subjetividade, tese central dessa autora.

O neoliberalismo formata os indivíduos como atores empreendedores. A ‘classe’ política que administra o Estado é constituída, mais do que por homens da lei, por homens de negócios. O neoliberalismo tem uma visão filosófica que advoga, para um mundo sem empregos, um homem como empreendedor de si mesmo. Assim, o fracasso da humanidade está no fracasso do empreendimento de ser humano. Na compreensão antropológica, o projeto neoliberal percebe o indivíduo como detentor de bens privados que não se preocupam com o bem comum. No entanto, o projeto neoliberal não é executado plenamente por haver lutas sociais e pela possibilidade de outras formas de governabilidade. Essas posições geram um paradoxo: ao lado do superindividualismo, cria uma necessidade de moralização neoconservadora e de um retorno à moral e ao religioso. Pode-se destacar como exemplo o modelo de sociedade norte-americano em que há separação da religião e dos fundamentos políticos, mas na qual vigoram as verdades dos instantes, das *fake news*. Então, não há uma aliança possível que possibilite a convivência entre uma racionalidade política de mercado e uma racionalidade moral. De acordo com André Robert (Aula Magna, PPGE-UNINOVE, 2017), o neoliberalismo é uma antropologia política e o neoconservadorismo é uma potencialidade contemporânea do neoliberalismo.

Para a educação, em particular a superior, há muitos efeitos das posições neoliberais e neoconservadoras, dificultando cada vez mais o rompimento com modelos ‘tradicionais’ e a emergência de novos paradigmas de instituições, políticas e sistemas

de educação superior. A busca por resultados (performance), a perseguição a modelos de sucesso (*world class universities*), a aproximação dos sistemas educacionais aos sistemas de produção (*in put/out put*, custo-benefício, investimento-retorno, mensuração de externalidades econômicas da formação etc.), o prestígio das avaliações como elemento central da regulação (rankings, medidas de impacto...) são os elementos que atuam na reconfiguração de sistemas e políticas de educação superior.

Os professores também estão presos a esses paradigmas, dada uma avaliação gerencialista que privilegia a dimensão economicista da atividade docente (produtivismo) e da qualidade das escolas (desempenho e responsabilização, performance e *accountability*). A educação dos governos, de uma maneira geral, é feita por números, tanto em universidades quanto em escolas primárias, haja vista a importância que têm, respectivamente, os *rankings* e exames de larga escala como o PISA.

Diante desse cenário de conflitos de ideias e de imposições que posicionam a educação como mercadoria e as pessoas como potencial consumidoras, para além da condição de sujeitos que pensam e constroem sua própria história e cultura, resulta submissão a medidas economicistas e tendências à competitividade.

A partir deste ponto iremos tratar das agências multilaterais e dos elementos que influenciam uma concepção de internacionalização como um direito humano, indo de encontro às propostas advindas das regiões centrais do capitalismo, que concebem a educação como serviço e mercadoria.

• **Influências e caminhos para criação de política de internacionalização**

O Banco Mundial¹⁵ foi criado após a Segunda Guerra Mundial, num momento em que a economia capitalista estava em turbulência dados os prejuízos deixados pelos anos de conflito, como também se vivenciavam as modificações no mundo do trabalho e na sociedade em geral. Diante desse cenário, foram necessários meios de recuperação

¹⁵ A apresentação das agências multilaterais, na perspectiva de verificar suas influências sobre universidades mundo afora, contou com pesquisas de iniciação científica desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, no Grupo de Pesquisa em Políticas de Educação Superior (GRUPPES), coordenado pelo prof. Drº Eduardo Santos, envolvendo estudantes de C. Sociais, intitulada: “Fundamentos político-ideológicos da internacionalização da educação superior no Brasil e na América Latina”, estruturando-se a partir de análise de discursos dos documentos dessas instituições sobre esse nível de ensino.

da economia mundial, em especial do território da Europa. O BM foi instituído para ser o organismo financeiro multilateral que estabeleceria equilíbrio na economia por meio do controle das finanças, do crédito e da regulamentação dos mercados.

Já a Organização Mundial do Comércio (OMC) teve início com as chamadas rodadas de negociação que se abriram a partir da Rodada Uruguai, em 1994. Até então, o organismo que cuidava das regras referentes à organização do comércio mundial era o Acordo Geral sobre Aduanas e Comércio (GATT, na sigla em inglês), criado em 1947 para estabelecer regulação pactuada sobre o comércio mundial na direção de liberalizar a economia, atendendo ao objetivo principal de reequilibrar o comércio a partir dos interesses das grandes economias vencedoras da guerra. O GATT 1994, como ficou conhecido, passou a ter mais uma letra em sua sigla a partir do ano seguinte para incorporar a área de serviços, transformando-se em Acordo Geral sobre Comércio em Serviços (GATS). Passa, então, a deter o papel fundamental, em colaboração com outras agências como OCDE e FMI, além do próprio Banco Mundial, de subsidiar a criação e o funcionamento da Organização Mundial de Comércio (OMC) na definição das regras comerciais para as áreas de serviço em escala mundial.

A OMC se divide em diversas áreas e 12 setores: “comércio, comunicação, construção e engenharia, distribuição, educação, meio ambiente, serviços financeiros, saúde, turismo e viagem, lazer, cultura e esportes.” (ALMEIDA, 2016, p.113) Para além da organização do comércio, a OMC, assim como o BM, funciona como instituição de produção intelectual da perspectiva neoliberal que orienta acordos bilaterais e mundiais, construindo recomendações sobre regras comerciais que incidem nas políticas públicas nacionais. Podemos sentir essa presença da OMC no que diz respeito à concepção de educação que difunde, pois do ponto de vista do organismo o setor educacional é mais um serviço como outro qualquer, podendo assim ser comercializado internacionalmente como qualquer outra mercadoria.

O Consenso de Washington, formulado em 1989 pelos organismos sediados em Washington – FMI, Banco Mundial e Tesouro dos Estados Unidos –, já havia impulsionado uma agenda de liberalização comercial e financeira (e, antes de tudo, política) que estabeleceria critérios para aprovação de empréstimos e financiamentos multilaterais, consignando em dez pontos medidas de política econômica voltadas ao ajuste das economias nacionais para participarem do sistema de crédito, financiamento e comércio mundiais. As recomendações da agenda do Consenso atendiam, em larga medida, aos interesses econômicos dos agentes privados, vale dizer, das grandes

corporações mundiais, e representaram um divisor geopolítico que, para a educação superior, nos termos de Lima e Contel (2001), dividia as nações entre ativas e passivas, de acordo com sua presença efetiva na definição de regras de participação no debate sobre a formação superior e do mercado de educação superior.

A concepção que serve de base a esses esforços conjugados de liberalização do comércio do “serviço educação” se valeu dessa produção simbólica preparada e difundida pelas agências multilaterais, com mais ênfase a partir dos anos de 1960 quando, ao lado da recuperação econômica europeia, e por causa dela, se tem uma expansão significativa de sistemas e cursos superiores. E é dessa maneira que a educação – em especial a superior – também passa a ser concebida como uma mercadoria ou serviço que fica disponível no mercado e deixa de ser considerada um patrimônio cultural a ser protegido promovido pelos Estados nacionais. A esse ente, aliás, o Estado nacional, cabe produzir as condições concretas – legislativas, econômicas (de mercado) etc. – da regulação, agora informada por objetivos e necessidades trazidas de fora para dentro e não mais pelas demandas das populações nacionais em suas especificidades históricas. (ALMEIDA, 2016)

Nessas condições ideológicas e políticas, a educação se torna privilégio daqueles que podem pagar, perde suas relações com a cultura nacional e é desresponsabilizada dos investimentos necessários para manter os sistemas educacionais, ou seja, a educação deixa de ser um direito dos cidadãos de um país. O resultado dessa “virada” conceitual, com a reformulação do papel do Estado, a presença consentida do capital privado (nacional ou estrangeiro, divisão que passa a não ter mais sentido) e a constituição de uma regulação transnacional dos mercados de educação superior, é uma reconfiguração acelerada de políticas e de sistemas nacionais nesse campo e a difusão de um modelo de universidade de classe mundial. E nesse processo o Brasil, cujo sistema de educação superior já era majoritariamente privatizado desde os anos de 1990, passa a constituir um fabuloso mercado para a iniciativa privada, o que se percebe na criação e atuação de verdadeiras multinacionais do ensino, a exemplo do Grupo Sylvan Laureate, que adquiriu a universidade Anhembi-Morumbi e FMU na cidade de São Paulo, ou o grupo brasileiro Kroton Educacional, que se espalhou pelo Brasil e por vários outros países, numa verdadeira atuação internacional (ou transnacional?). (SANTOS, 2017)

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi criada em 30 de setembro de 1961, abrangendo mais de 35 países do chamado mundo desenvolvido comprometidos com a democracia representativa e com a economia de

mercado. Sua plataforma política se estabelece com recomendações de reestruturação do Estado e de avaliações em larga escala, principalmente dos sistemas educativos, caso do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês), que por meio de suas avaliações acaba gerando um padrão requerido de desempenho dos sistemas, em consonância com as mudanças dos mercados de trabalho. Do ponto de vista da internacionalização da educação superior, a visão da OCDE está focada no desenvolvimento econômico sustentável do capitalismo, sustentabilidade que só é possível com a recomendação, entre outras medidas, de investimentos em alfabetização e educação básica, em detrimento do superior, pois este poderá se sustentar a partir do mercado. A missão da OCDE foca crescimento econômico, elevação da taxa de emprego, aumento do nível de vida, manutenção e estabilidade financeira e crescimento do comércio mundial, orientadas pelo princípio da boa governança, da perspectiva do público para o qual está direcionada.

Para a OCDE, o Brasil tem fundamental relevância como ator no cenário da globalização, dada sua grandeza econômica e o número ainda muito alto de cidadãos que estão fora da universidade, constituindo um mercado amplo e rentável para os investimentos provados em educação superior – a internacionalização da educação não consegue se desassociar da internacionalização da economia.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi fundada em 04 de novembro de 1946 como órgão executivo da ONU destinado a promover a paz e dissemina a “solidariedade intelectual e moral da humanidade”, agrupando trinta e sete países. As posições da Unesco, em relação à educação superior, são ligeiramente diferentes das posições das outras agências multilaterais, pois marca seu desempenho por centrar-se em perspectivas humanísticas, indo de encontro à postura que prioriza a competição e a visão mercadológica na educação ao defender que a educação, a cultura e os valores humanos devem estar em equilíbrio com a economia. Dessa forma, a Unesco busca promover a internacionalização da educação superior pelo viés cooperativo, com modelos horizontalizados de intercâmbio e pautados na perspectiva dos direitos humanos.

1. Modalidades de internacionalização no Brasil: solidária ou competitiva?

A internacionalização solidária, de acordo com Naidorf (2005 *apud* Perrota, 2012, p.153), se define como parte de um campo de relações acadêmicas internacionais que consiste

en vinculaciones o interacciones internacionales (entre equipos, intituciones, académicos) sedimentadas en el mutuo conocimiento e interés recíproco, sostenidos en la capacidad de la universidad de ser un espacio de reflexión a largo plazo y donde el objetivo principal lo constituye el desarrollo del pensamiento crítico y el potencial para crear proyectos compartidos, implicando una interacción beneficiosa en la forma de crear puentes para el conocimiento y el entendimiento (NAIDORF, 2005). Este paradigma se basa en valores a largo plazo como la virtud de la reciprocidad, la confianza mutua, la transparencia, el desarrollo a partir de la cooperación y el trabajo colaborativo, los esfuerzos conjuntos para la reducción de costos, el aprendizaje a partir de la comprensión mutua y demás (Altbach &Teichler, 2001). (NAIDORF, 2005, p.156)

Indo de encontro à dimensão solidária, outro modelo mencionado por Perrota (2012, p.156) diz respeito ao paradigma competitivo, pelo qual a dinâmica de internacionalização da educação superior se rende aos objetivos e projetos que repercutem as concepções dos organismos financeiros multilaterais como OMC, OCDE e BM, que percebem e classificam educação como um fator vinculado à categoria de serviços – a esse tipo de internacionalização Perrota (2012) descreve como *internacionalización fenicia*, ou competitiva, ou de mercado, pois

se orienta a las ganancias financieras, la publicidad y el marketing. Los riesgos inherentes al mismo son cabalmente señalados por Altbach y Teichler (2002), a saber: la desestimación de la capacidad de igualar oportunidades de la educación superior; la pérdida de relevancia del proceso de aprendizaje (por no producir resultados para el mercado); la expoliación, ya sea financierara o a través de programas de gaja callidad, de estudiantes extranjeros; el énfasis sobre los productos facilmente comercializables (programas dictados e inglés, predominancia de los MBA, cursos de idioma inglés, cursos de informática, etc.); la priorización de la venta de productos del conocimiento para extranjeros por encima de los esfuerzos hacia la internacionalización y el entendimiento comparado; y, el crecimiento de empresas orientadas al lucro que entregan programas educativos comercializables, muchas veces con poca atención en estándares de calidad (Altbach & Teichler, 2001:21) (PERROTA, 2012, p.156)

Descritivamente, na prática institucional acadêmica, as modalidades de internacionalização utilizadas se definem da seguinte maneira: i. mobilidade *stricto sensu* - mobilidade mais comum na qual o estudante precisa apenas receber o acolhimento de uma instituição estrangeira; ii. Dupla titulação - trata-se de um acordo entre duas universidades que se comprometem com a formação do estudante, o que leva à aproximação acadêmica entre as duas instituições; formação sanduíche - abrange doutorandos que realizam parte do curso em uma instituição estrangeira e, após o cumprimento do período, retornam a sua universidade de origem; iii. Formação em cotutela - formação partilhada em duas universidades diferentes, uma nacional e outra estrangeira, para doutorandos e mestrados, os quais recebem a tutela de professores de ambas as instituições e leva à dupla titulação; iv. Formação integral no estrangeiro - neste caso, o estudante opta por ingressar numa universidade estrangeira e cursar de forma integral (graduação, pós-graduação, pós-doc); v. diploma conjunto - duas universidades de diferentes países emitem o mesmo diploma de formação - significa um salto grandioso no que se refere à acreditação de cursos de formação, que ainda é uma realidade burocratizada e pouco expressiva no país.

As modalidades de internacionalização mais frequentes nas instituições universitárias brasileiras, de acordo com Santos e Almeida Filho (2012), são: mobilidade acadêmica (graduação e *stricto sensu*); dupla titulação; formação sanduíche (doutorado); formação em cotutela; formação integral no estrangeiro; diplomas conjuntos; redes internacionais de investigação científica; atividades de transferência e de inovação; diplomacia cultural universitária. A mobilidade acadêmica não é uma novidade para o campo acadêmico, pois está entre as pioneiras modalidades de internacionalização a serem praticadas no Brasil desde a década de 30, pela influência francesa e, posteriormente, estadunidense. (LIMA; CONTEL, 2011) De acordo com Santos e Almeida Filho (2012, p. 147), os contextos históricos evidenciam a prática de mobilidade entre alunos e professores desde a Idade Média, com a naturalidade do “simplesmente viajando entre conhecimentos”, sem qualquer “limitação burocrático-acadêmico.” Assim, a “movimentação de acadêmicos entre os centros de saber aparece, portanto como a primeira manifestação de internacionalização universitária.” (op. cit., p.149)

A partir da metade do sec. XX e atualmente no XXI estão surgindo iniciativas de redes institucionais na América Latina com relevância nos processos de construção de

intercâmbio pela pesquisa. Destaca-se o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), a Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação (REDUC) e a Rede Iberoamericana de Investigação em Políticas Educativas (RIAIPE).

O CLACSO surgiu em 1964, em Buenos Aires, por iniciativa do Conselho Internacional de Ciências Sociais. Com o comitê organizacional formado, o grupo se reúne pela primeira vez em 1966, na Universidade Central da Venezuela, em Caracas. De acordo com Torres, Romão e Teodoro (2012), no ano de 1967, na Universidade de Bogotá, houve a segunda reunião dos diretores de centros e institutos de pesquisa em ciências sociais, que apresentou formalmente a proposta de criação do CLACSO. As atividades desenvolvidas pelo grupo, com mais de quarenta anos trajetória, registra adesão de mais de 60 centros de pesquisa. O CLACSO se articula em Grupos de Trabalho que debatem, sob a lente das Ciências Sociais, e disseminam conhecimento e posições sobre temas socialmente relevantes, além de oferecer vagas em cursos de extensão e especialização a distância, por meio de seminários virtuais, e disponibilizar um rico acervo de produção intelectual. Essa rede de pesquisa teve e tem importante significado, pois cumpriu papéis relevantes diante das ditaduras vivenciadas no território latino americano, “promovendo proteção e traslado de pesquisadores para outros países.” (TORRES; ROMÃO; TEODORO, 2012, p.22)

A FLACSO surgiu em 1957, em Santiago do Chile, por iniciativa da UNESCO, com o objetivo de “promover as Ciências Sociais na América Latina e no Caribe” (op.cit. p.22). Mediante a ditadura vivida em sua sede chilena, mudou para Buenos Aires em 1974. A FLACSO realiza diversas atividades acadêmicas como: docência, pesquisa, difusão, extensão e cooperação técnica.

A REDUC foi criada em 1977, com sua coordenação-geral também sediada no Chile, tornando-se a maior rede de documentação do mundo, com o objetivo de “preservação da memória da produção educacional latino-americana em educação.” (op.cit., 2012, p.23) Ela se estrutura por categorias: centros coordenadores; centros de associação; centros especializados; centros difusores, cada centro se ocupando de cuidar de coleções, resumos, sistematização e difusão de documentos. Sabe-se que a “informação é um dos mais poderosos elementos de transformação de qualquer estrutura ou processo” (op.cit., 2012, p.24); tendo isso em vista, a Reduc empenha forças em estar presente onde os problemas educacionais são latentes, sem fins

lucrativos, tendo como foco a justiça social, constituindo um “sistema latino americano de coletas de dados, informações e análise sobre a educação.” (id.ib)

A Rede Iberoamericana de Investigación em Políticas de Educação (RIAIPE), criada em 2006, foi a junção de 9 centros de investigação de diversos países da América Latina e alguns europeus que tinha como objetivo “coordenar a investigação no campo da análise das políticas educativas, que as equipas que a integraram desenvolveram.” (TORRES; ROMÃO; TEODORO, 2012, p.27). A RIAIPE criou possibilidades de laços de cooperação científica, por meio de construção de quadros teóricos e analíticos, em perspectiva comparada, dos sistemas de educação superior da região ibero-americana, nessa medida fomentando a cooperação nas instituições de ensino superior:

Ao considerar a desigualdade e a exclusão como determinantes na tendência das políticas de equidade e inclusão nas IES da região da AL, aborda-se a problemática com uma perspectiva que emane do interior dos sistemas de educação superior nacionais (políticas de inclusão nas IES, sistemas de governo, pertinência dos programas universitários, projetos de vinculação) e também, de acordo com a dinâmica externa e o contexto global no qual nos movemos. (op.cit., p.28)

i. *Rankings*

Como elemento com importante influência nas políticas e sistemas de educação superior, assim como na formação de uma opinião pública sobre esse nível de ensino, os *rankings* internacionais constituem a construção de critérios e métricas de avaliação (indicadores) das instituições, exercendo papel fundamental no desenvolvimento atual das universidades, tendo em vista a construção de modelos institucionais e missões pedagógicas.

Segundo Santos, Teodoro e Costa Júnior (2016), os *rankings* desempenham um duplo papel em relação ao cenário da educação superior: o primeiro se refere à *regulação de mercado*, no que concerne à demanda estudantil e à contratação pelas empresas; o segundo diz respeito à difusão de modelos organizacionais. Analisando os prestigiosos *rankings*: *Academic Ranking of World Universities (ARWU)*, do Instituto de Educação Superior da Jiao Tong University of Shanghai; *Times Higher Education World Universities Rankings (THE)*, do jornal britânico *Times*; Ranking Universitário Folha (RUF), do Jornal Folha de São Paulo, nacional, verificam-se que os principais critérios

utilizados para a classificação pretendida são *qualidade da educação; qualidade do corpo docente; produção científica*.

Em 2004, edita-se pela primeira vez o ranking da *Times Higher Education World Universities Rankings (THE)*, publicado pela empresa de consultoria *Quacquarelli Symonds (QS)*. A partir de 2009, passa à responsabilidade da empresa Thomson Reuters, e em 2014 o *THE* assumiu responsabilidades próprias de coleta de dados. Em sua versão atual, esse *ranking* estabelece 5 categorias e 13 indicadores. Em 2014, novamente o *Ranking* passa por reformulações do ponto de vista metodológico, assumindo uma nova abordagem que:

Procura construir o mais vasto e compreensivo banco de dados de universidade no mundo, incluindo informações sobre recursos, corpo docente, pesquisa, perfil dos estudantes por instituições e áreas científicas coletando informações de centenas de instituições em todas as regiões do planeta. (SANTOS; TEODORO; JUNIOR, 2016, p.41)

O *Ranking* Universitário Folha (RUF), nacional, faz uma avaliação da educação superior no Brasil abrangendo toda a diversidade de instituições de educação superior, públicas e privadas, assim como seus cursos de graduação, sendo este um critério diferenciado em relação aos rankings internacionais. Utiliza dados do Censo de Educação Superior, do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior; das bases de dados Scielo, *Web of Science*, Capes e CNPq. Os indicadores gerais são: qualidade de ensino; qualidade de pesquisa; avaliação de mercado; inovação e internacionalização.

Santos, Teodoro e Costa Jr. (2016), em avaliação comparada entre os *rankings* acima mencionados, criticam, entre outros aspectos, o fato de esses indicadores medirem a qualidade de educação por meio de diplomas emitidos e de atendimento aos mercados de trabalho, sem outras considerações sobre elementos importantes da vida acadêmica como atividades de extensão que relacionam as instituições com as comunidades sociais, projetos e atividades de iniciação científica, entre outras; no que concerne à produção científica, exploram-se quase exclusivamente os impactos medidos por plataformas como *Web Science* e pela publicação em revistas de língua inglesa de prestígio como *Nature e Science*, desconsiderando a produção nacional; de mensurar a qualidade do corpo docente por critérios como número de medalhas Fields e prêmios Nobel conquistados por seus acadêmicos.

Concluem que a métrica utilizada pelos *rankings* tende a beneficiar sistemas universitários dos centros hegemônicos e um determinado padrão de universidade considerado de excelência, as *world class universities*, o que resulta em prejuízos à visibilidade das nações periféricas e descaso com as realidades objetivas de cada país, desconsiderando práticas institucionais que se relacionam com a busca de soluções para os problemas nacionais ou regionais (da América Latina, por exemplo). Além disso, dados os critérios utilizados, nota-se uma tendência de exclusão das áreas de ciências sociais e humanas de forma geral e de monopólio daqueles mesmos países econômica e politicamente hegemônicos no campo da produção editorial científica.

TABELA 1 RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA DE SÃO PAULO - INTERNACIONALIZAÇÃO

Posição no país ▲	Nome da Universidade	UF	● Pública ● Privada	Citações internacionais por docente	Publicações em coautoria internacional
1º	Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC)	SP	●	1º	3º
2º	Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)	MG	●	6º	10º
3º	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	●	5º	13º
4º	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	RJ	●	13º	15º
5º	Universidade de São Paulo (USP)	SP	●	3º	26º
6º	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	MG	●	9º	21º
7º	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)	RJ	●	25º	8º
8º	Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	●	11º	24º
9º	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	●	8º	34º
10º	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	SP	●	4º	46º
11º	Universidade de Brasília (UNB)	DF	●	24º	33º
11º	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	●	7º	49º
13º	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	SP	●	2º	56º
14º	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	●	14º	45º
15º	Universidade Católica de Brasília (UCB)	DF	●	41º	18º
15º	Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)	SP	●	31º	28º
17º	Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)	SP	●	40º	23º
18º	Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	●	26º	38º
19º	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	●	33º	31º
20º	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	PA	●	61º	6º

Fonte: Ranking universitário da Folha de São Paulo;

1.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

A universidade é definida como uma instituição cosmopolita que contribui para uma cultura comum, ao serviço de uma cidadania plena [...]

(RAMALHO, 2011, p. 237)

Desde o Brasil-colônia os processos de mobilidade de estudantes ocorreram, tendo em vista a vinda dos jesuítas ao Brasil e a ida de membros da elite nacional ao exterior para os estudos superiores, em especial a Coimbra. Porém, a partir da década de 30, os processos de internacionalização se intensificam, como destacam Lima e Contel (2011, p.157):

[...] é possível assegurar que, de 1930 aos dias atuais, o processo de internacionalização no Brasil sofreu sucessivas modificações. Elas foram decorrentes de fatores internos, tais como: heterogeneidade do sistema de educação superior brasileiro, descontinuidade política entre os diferentes governos, transformação de necessidade identificadas e consequente alteração de motivações que justificavam investimento em política de internacionalização, a maior ou menor disponibilidade de recursos financeiros etc.; de caráter externo, podem ser citados: interesse de natureza acadêmica, política e econômica.

De acordo com esses autores, o histórico de internacionalização da educação superior no Brasil foi marcado por diversos períodos e distintos significados: o chamado período inaugural da internacionalização no Brasil se deu a partir de 1930 a meados de 1950, mediante a fundação de instituições universitárias como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - ou Nacional do Brasil -, em 1920; a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), criada em 1928; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade de São Paulo (USP), ambas no ano de 1934.

A fundação dessas quatro universidades deu início à política nacional de cooperação internacional, tendo como principais motivações, nesse período, a atração e presença de professores visitantes nas universidades do país, por meio de programas de cooperação acadêmica internacional promovidos por universidades estrangeiras e brasileiras. A motivação do período foi acadêmica, tendo em vista a necessidade de consolidar os modelos emergentes de universidade. A intenção dos governos de então

era o fortalecimento das universidades recém-criadas e se deu sob a influência de dois modelos acadêmicos de universidade, como afirmam Lima e Contel (2011, p. 161):

A influência exercida pela cultura acadêmica francesa associada à universidade do poder, e pela universidade americana, associada à universidade do progresso na formação do sistema universitário do País é retratada por vários autores, que contribuíram com a historiografia da universidade brasileira (Cunha, 2007; Rossato, 1998; Ribeiro, 1991, entre outros). Enquanto a presença de intelectuais franceses se orientou por propósitos eminentemente acadêmicos, a presença de consultores norte-americanos foi mais pretenciosa. A ação desses consultores objetivava fundamentalmente influir sobre os rumos da educação no país, considerando os diferentes níveis do processo educativo, ou seja, a formação de professores, a estruturação de currículos, a gestão universitária e, no âmbito do Ministério da Educação, sobre a concepção e estruturação do sistema de educação superior.

Acordos de cooperação revelavam pretensões ambiciosas do ponto de vista de desenvolvimento da educação superior no país: do lado francês, os acordos de cooperação trouxeram influência nas áreas de Ciências Humanas e Sociais dessas universidades; do lado norte-americano, destaca-se o lançamento de um programa de cooperação e de assistência técnica em 1949 que desencadeou a assinatura de dois protocolos: o Acordo Básico de Cooperação Técnica, no ano de 1950; e o Acordo sobre Serviços Técnicos Especial, de 1953.

Esse desenho geopolítico se intensifica no segundo período reformista, que podemos delimitar entre os anos de 1960 até os de 1970, em que o processo de internacionalização da educação superior brasileira é marcado pela presença de consultores estrangeiros e com a formalização, em 1961, do Tratado da Aliança para o Progresso e da execução dos projetos da *United States Agency for International Development* (USAID), motivados pela “modernização” das instituições, de seus professores e estudantes - o foco principal dos consultores era a formação de recursos humanos para o aumento da produção industrial e agrícola. Nesse mesmo ano, cria-se a Comissão Coordenadora da Aliança para o Progresso (COCAP), pela qual consultores de origem anglo-americana tinham em vista a criação de “um programa de modernização da educação superior, particularmente comprometido com a formulação de um projeto de reforma da universidade brasileira.” (LIMA; CONTEL, 2011, p. 168)

De acordo com esses autores, foram concedidas pelo Acordo MEC-USAID 3.800 bolsas de estudo, para mestrado e doutorado em universidades estadunidenses. O

Acordo implicou financiamento de editoras, universidades e institutos e o incremento da pesquisa científica e tecnológica brasileira.

O terceiro período, entre 1980 e 1990, foi de consolidação, que marca a expansão da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Foi marcado pelo despertar em relação à subordinação exercida nos processos de cooperação, período que inaugurou a modificação do modo de cooperar, numa tentativa mais “igualitária”, como afirmam Lima e Contel (2011, p. 172)

Esse movimento de afirmação de parte da comunidade acadêmica brasileira, em busca de uma integração mais equilibrada no sistema mundial de educação superior, está em curso porque, mesmo no âmbito acadêmico, as relações hierárquicas Norte-Sul tendem a se reproduzir. No caso do processo de internacionalização da educação, essas desigualdades entre as posições de prestígio e poder das instituições e dos acadêmicos dos países centrais são identificadas como expressões de uma espécie de colonialismo moderno.

Os organismos nacionais concentraram esforços na implementação de programas centrados nas ciências e na tecnologia, entre os quais salientamos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); financiadora de Estudos e Projetos (FINEP); Agência Brasileira de Cooperação (ABC); Divisão de Temas Educacionais (DCE) do Ministério das Relações Exteriores (MRE). A estrutura organizada nesse período, com o crescimento do sistema de pós-graduação, prepara o país para a conquista de resultados consideráveis nos *rankings* internacionais da virada do milênio como o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), do Instituto de Ensino Superior da Shanghai Jiao Tong University e o *Times Righer Education World Universities Rankings*, desenvolvido pelo jornal Times, ficando entre as 500 melhores universidades do mundo.

O quarto período reformista parte dos anos 2000, no qual se “reflete o amadurecimento da internacionalização testada e financiada pelas instâncias governamentais e os primeiros passos da internacionalização gestada pela iniciativa privada.” (LIMA; CONTEL, 2011, p. 158) O período demarca a abertura da comercialização da educação superior como um serviço, a criação de universidades federais com objetivos de integração internacional – em alguns casos no quadro do regionalismo latino-americano, como a Unila, e afro-brasileiro, como a Unilab –, a concessão de bolsas de estudo para áreas sem tradição de pesquisa, além de programas

de cooperação internacional em pesquisa. Segundo Lima e Contel (2011, p. 160), as motivações da internacionalização da educação superior que marca o período diversificação, foram na perspectiva:

Acadêmica, econômica e mercadológica: inserção internacional dos programas de pós-graduação *stricto sensu*; incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas; diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos; captação de estudantes e contratação de professores visitantes.

Nesse período, no qual ainda estamos, o país se abre a iniciativas mercadológicas na educação, baseado na diversificação de serviços educacionais e por meio de verdadeiras multinacionais do ensino como Kroton Educacional, Estácio Participações S.A e Sistema Educacional Brasileiro S/A (SEB). Ao mesmo tempo, vão se sucedendo iniciativas governamentais que objetivam a internacionalização do sistema brasileiro de educação superior, as quais passamos a relatar.

ii. Ciências Sem Fronteiras (CsF)

O Programa Ciências Sem Fronteiras foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em conjunto com os ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e das Relações Exteriores (MRE), e põe foco na mobilidade de estudantes como forma de promover o avanço, a consolidação e a expansão da internacionalização no campo da educação superior, envolvendo graduação e pós-graduação.

Até 2015, as metas que o programa CsF busca atingir, posta na 7^o Reunião do Comitê de executivo do programa ciências sem fronteiras, do dia 22 de janeiro de 2013, estipularam qual meta para as bolsas de estudo de acordo com a tabela abaixo:

TABELA 2 META DE BOLSAS POR MODALIDADE ATÉ O ANO DE 2015

Modalidade	Nº de Bolsas
Doutorado sanduíche	15.000
Doutorado pleno	4.500
Pós-doutorado	6.440
Graduação sanduíche	64.000
Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior	7.060
Atração de Jovens Talentos (no Brasil)	2.000
Pesquisador Visitante Especial (no Brasil)	2.000
Total	101.000

Fonte: Ciências sem Fronteiras.

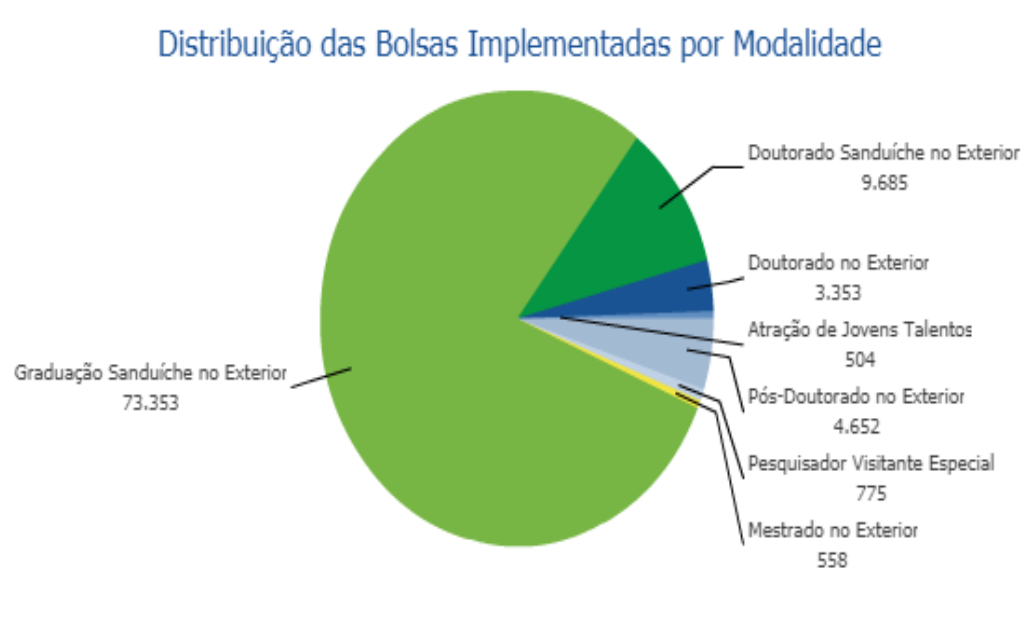
Os objetivos do programa são:

- iii. Investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento;
- iv. Aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior;
- v. Promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros;
- vi. Ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas;
- vii. Atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

As áreas de atuação mais expressivas do Programa são: Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos.

As modalidades de bolsas concedidas no exterior abrangem os seguintes níveis de ensino (i) e modalidades de bolsa no exterior para estudantes brasileiros são: i. graduação, tecnólogo, desenvolvimento tecnológico e inovação, doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado e mestrado profissional. (ii) as modalidades de bolsas no país (Brasil) são ii. Atração de cientistas ao Brasil, pesquisador visitante especial, bolsa de jovens talentos.

GRÁFICO 1 DISTRIBUIÇÃO DE BOLSA IMPLEMENTADAS POR MODALIDADE NO BRASIL



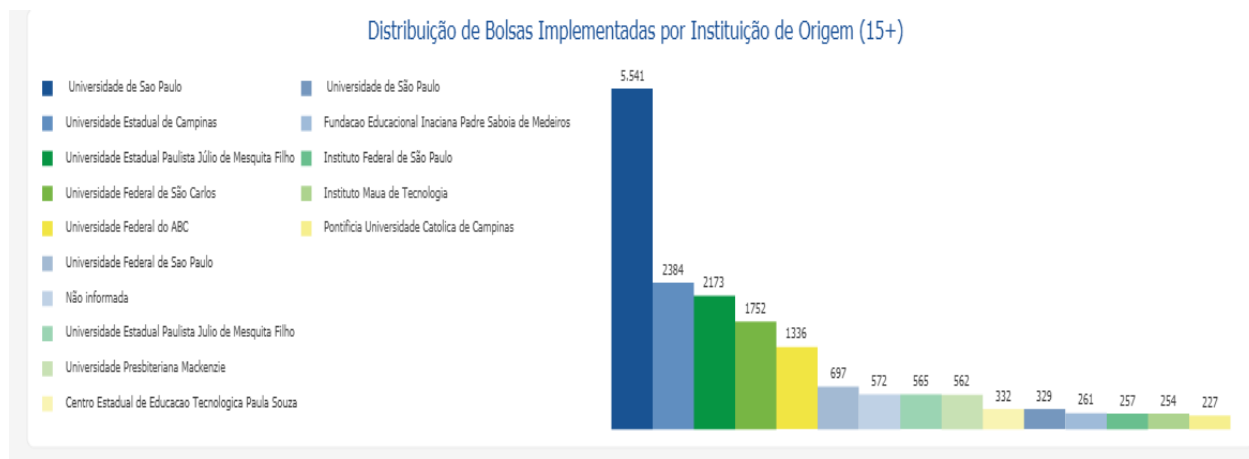
Fonte: Programa ciências sem Fronteiras.

O Gráfico 1 apresenta o panorama geral das ciências sem fronteiras, com a distribuição de bolsas e sua implementação por modalidades, sendo elas: graduação sanduíche no exterior, que envolveu 73.353 estudantes; doutorado-sanduíche no exterior, com 9.685 estudantes; doutorado no exterior, atingiu a 3.353; atração de jovens talentos, abrangeu 504 estudantes; pós-doutorado no exterior, participaram 4.652; pesquisador visitante especial, envolveu 775 professores / pesquisadores; mestrado no exterior, serviu a 558 estudantes.

Tendo em vista os tipos de curso que têm preferência na distribuição de bolsas, pode-se considerar que os motivos que justificam tais diferenças regionais nos quantitativos de bolsas distribuídas são o fluxo industrial e o destaque tecnológico da região Sudeste, aliados à participação ativa nos circuitos de pesquisa e na

disponibilidade de laboratório, enquanto as outras regiões têm foco na agropecuária e nas tecnologias agrícolas.

GRÁFICO 2 DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR INSTITUIÇÃO DE ORIGEM



Fonte: Programa Ciências sem Fronteiras.

Seguindo a mesma lógica, o gráfico 2 apresenta a distribuição de bolsas do CsF segundo a origem institucional dos estudantes, demonstrando uma esmagadora concentração na região Sudeste, particularmente no estado de São Paulo: em primeiro lugar no quantitativo de bolsas aparece a Universidade de São Paulo, com 5.542 bolsas implementadas, seguida da Universidade Estadual de Campinas, com 2.384; da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, com 2.173, e, por fim, uma federal localizada no mesmo estado, a Universidade Federal de São Carlos, com 1.752. O destaque desta Tabela, ocupando o quinto lugar no número de bolsas concedidas, também está no estado de São Paulo e representa uma das motivações que nos levou a pesquisar tal universo, a Universidade Federal do ABC, com 1.336 bolsas implementadas entre graduação e pós-graduação e demais modalidades de internacionalização de acordo com os objetivos de CsF.

O próximo capítulo apresenta o universo de estudo desta pesquisa, a Universidade Federal do ABC, relatando o processo de formulação de seu projeto institucional e de seus documentos legais de fundação, compondo o contexto de produção de texto como nomeado pelo Ciclo de Políticas de Ball. O capítulo põe foco na construção da política de internacionalização da instituição, que tem como destaque a intensa participação no CsF.

CAPÍTULO II

O UNIVERSO DE PESQUISA: UFABC: UMA UNIVERSIDADE PARA O SÉCULO XXI?

Este capítulo representa a segunda etapa do Ciclo de Políticas: o contexto de produção de texto, componente importante da dinâmica do ciclo contínuo de produção de uma política pública. Nesse sentido, o capítulo apresenta o processo de formulação do texto político (ou da política), traduzindo a influência dos contextos mais amplos de internacionalização da educação superior e sua tradução / interpretação na constituição da Universidade Federal do ABC (UFABC).

A etapa de produção de texto se constituiu, aqui, a partir da interpretação dos documentos de influência, em especial das recomendações das agências multilaterais, com destaque para a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial e a UNESCO. Isso porque as pesquisas e documentos desses organismos, no campo da educação (ou da economia da educação, já que são instituições de natureza e objetivos fundamentalmente econômicos, com exceção da Unesco), difundiram perspectivas ideológicas que tiveram notória influência na construção das políticas públicas dos Estados-Nação dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

A produção de texto é uma etapa que descreve e analisa os textos produzidos para a criação de uma política, no caso deste trabalho, a criação da UFABC e de sua política institucional, com destaque para o processo de construção de sua política interna de internacionalização. Nesse processo, é possível conhecer quando e como se iniciou a produção do texto político, as vozes presentes e ausentes na formulação dessa política pública que gerou as novas universidades federais do século XXI, a composição de seu projeto político-institucional, os grupos de interesse que participaram, direta ou indiretamente, dessa construção e, por fim, as políticas internas que buscaram atender às demandas de internacionalização.

Antes, porém, iniciamos com a apresentação da literatura acadêmica até aqui produzida sobre essa universidade, nas diversas esferas do conhecimento.

i. A produção do conhecimento sobre a Universidade Federal do ABC (UFABC)

A produção científica encontrada sobre a UFABC, cuja fundação só se deu em 2005, demonstra que seu projeto vem despertando interesse em pesquisadores de diversas áreas do conhecimento devido a sua estrutura moderna e inovadora em relação às propostas de inserção nacional e regional, e principalmente em relação a sua estrutura curricular, pois, de acordo com os levantamentos documentais que já realizamos, ela propõe a interdisciplinaridade, a inclusão e a inovação científica.

Foram encontrados no levantamento de dados, no banco de teses e dissertações da Capes, (07) dissertações de mestrado; na base Scielo foram encontrados (05) artigos científicos. As abordagens utilizadas pelos autores têm características qualitativas, com o uso de entrevistas baseadas em roteiros semiestruturados.

• Dissertações de Mestrado:

A interdisciplinaridade licenciatura nas áreas constituintes de ciências naturais: um estudo de caso da Universidade Federal do ABC é o título do trabalho de mestrado em Ensino de Química defendido por Karina Beatriz Gomes, em 2014, na Faculdade de Educação, Instituto de Biociências, Instituto de Física e Instituto de Química da Universidade de São Paulo. O estudo teve por objetivo verificar a interdisciplinaridade na formação de docentes das áreas de ciências naturais da UFABC. A pesquisa foi desenvolvida na forma de um estudo de caso, de cunho qualitativo, exploratório e descritivo, partindo da análise do Projeto Pedagógico Acadêmico de cada uma das licenciaturas constituintes das áreas de: Ciências Naturais, Ciências Biológicas, Física e Química. Ainda no campo metodológico, a autora utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento de coletas de dados, tomando como sujeitos de pesquisa três professores atuantes na formação interdisciplinar. Com a análise das entrevistas e dos documentos oficiais da UFABC a autora chegou à conclusão de que “a formação interdisciplinar de professores é fundamental para que o futuro docente perceba a complexidade dos conhecimentos globais, que envolvem as esferas social, ambiental e tecnológica.” (GOMES, 2014, p.7)

A importância desta pesquisa para o nosso trabalho se dá pela possibilidade de compreender a dimensão curricular da UFABC, para verificar como a sua política de

internacionalização, eventualmente, se fundamenta em critérios de natureza curricular. Da mesma forma, nos ajuda a dimensionar as condições político-teóricas de rompimento dos padrões tradicionais de formulação de matrizes curriculares adotados, se contra hegemônicos ou não em relação aos modelos clássicos de universidade, podendo influenciar práticas, projetos e a constituição de novos paradigmas para os currículos da educação superior no Brasil. Assim, o trabalho exploratório que Gomes desenvolveu dá-nos suporte para as discussões sobre o projeto pedagógico da instituição, para além das dimensões específicas do currículo e da formação de professores, como nos situa em relação à relevância que o ensino e a pesquisa têm na estrutura político-institucional.

A dissertação de Mestrado: *Democracia e governança na universidade do século XXI: o caso da Universidade Federal do ABC* foi defendida por Thiago Sales Barbosa, em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da própria UFABC. Na pesquisa o autor analisa a estrutura e os processos de regulação endógena e exógena à universidade, na medida em que desenvolve o trabalho à luz do neo-institucionalismo histórico, partindo do conceito de *path dependence* (dependência da trajetória). O trabalho de Barbosa realiza uma abordagem histórica das instituições desde a Grécia Antiga até os dias atuais, com os novos modelos de universidade que surgiram. A dissertação traz contribuições importantes para o nosso trabalho, pois ajuda na compreensão da constituição política da matriz institucional, tanto pelo viés das lutas da comunidade local reivindicando uma universidade pública, gratuita e de qualidade na região, quanto às implicações político-institucionais da proposta do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro que levaram a sua real implantação em 2005.

Universidade Federal do ABC: uma nova proposta de universidade pública? É o título da dissertação de mestrado em educação defendida em 2011, por Tatiana Carvalho, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na Área de Concentração: Estado, Sociedade e Educação. O trabalho de Carvalho possui dois elementos importantes para o nosso: i. examina a criação da UFABC, avaliando a implantação ao seu projeto pedagógico, e ii. Analisa a capacidade transformadora da universidade na realidade regional. Sobre esses dois pontos analisados, a partir do conceito de desenvolvimento regional e social, a autora situa o aparecimento da UFABC na região metropolitana do ABC em relação à reestruturação produtiva local e seus impactos nos municípios vizinhos. A autora utiliza estatísticas do IBGE e do INEP,

documentos institucionais e análise bibliográfica, para depois analisar o projeto pedagógico. Este trabalho contribui para que o desenvolvimento desta pesquisa atente para a reestruturação social e o papel da UFABC nesse panorama, tendo em vista o potencial tecnológico e científico que ela dispõe e sua atuação na comunidade, seu compromisso social e a produção de conhecimento coerente com a realidade local e nacional.

A dissertação de mestrado em Administração nomeada: *UFABC: limites, perspectivas, possibilidades de um modelo de ensino inovador a partir da criação do projeto da Universidade Federal do ABC*, defendida por Maria Carmen Tavares Christóvão, em 2013, no Centro Universitário da FEI, objetiva avaliar o “modelo de ensino superior implantado na UFABC. ” (CHRISTÓVÃO, 2013, p.5). Do ponto de vista teórico-metodológico a pesquisa propõe uma análise interpretativa e descritiva, configurando um estudo de caso, com enfoque na análise exploratória dos documentos fundantes da instituição pesquisada concomitantemente à coleta de dados por entrevista com atores participantes do processo de criação. A autora conclui

[...] que a principal contribuição da UFABC foi a criação de bacharelados interdisciplinares (Bis) em que o aluno entra na universidade e não em um curso específico através do processo seletivo. Tal ingresso permite o trânsito nas carreiras sem a perda dos créditos já cursados. Posterga ainda a escolha do aluno por uma profissão, que hoje se dá de forma prematura causando desistências e evasão. Tal formação se torna indispensável para o atual mercado de trabalho, que evolui num ritmo sem precedentes e requer o preparo de profissionais com novas competências para atender às necessidades do mundo globalizado, marcado pela maior diversidade étnica, cultural, incertezas tecnológicas, econômicas e desafios socioambientais, sobretudo na área tecnológica. (op.cit., p. 05)

O trabalho de Christóvão tem grande relevância na investigação sobre os novos modelos de universidade que surgiram e de seus potenciais impactos nos modelos clássicos que organizou a universidade brasileira. Suas proposições evidenciam a legitimidade da UFABC como pioneira, no Brasil, desse novo modelo de universidade pública, a exemplo dos bacharelados interdisciplinares, pelos quais os departamentos são extintos e se produz o rompimento com as disciplinas isoladas, ao mesmo tempo apresentando um conjunto de possibilidades para essa era tecnológica e globalizada.

Interdisciplinaridade e inclusão social no processo de implantação da Universidade Federal do ABC: da proposta à prática é o título da dissertação de

mestrado em educação de Gustavo Adolfo Galati de Oliveira, defendida em 2010 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na área de concentração: Estado, Sociedade e Educação. O estudo realizado pelo autor tem por objeto a avaliação da prática pedagógica em dois eixos: a interdisciplinaridade e a inclusão social, enfatizando as relações entre academia e comunidade regional, considerados “dois grupos que determinaram o processo de construção da UFABC. ” (OLIVEIRA, 2010, p.12) Do ponto de vista teórico-metodológico a pesquisa se organiza em dois pontos: o primeiro propõe a descrição do contexto teórico-político em que a UFABC foi inserida, tendo em vista a sua concepção que, “ao contrário do usual, não ocorreu de desmembramento de uma instituição antiga ou por junção de unidades educacionais pré-existent” (op.cit., p.7); o segundo é a revisão histórica de como de fato se deu a criação da instituição, trazendo seu contexto social. Avalia o autor que a prática poderá possibilitar à UFABC se tornar “paradigma indutor de inovações em outras instituições. ” (id.ib.) Para tal, o autor utilizou a análise de Bourdieu sobre o sistema escolar excludente, com o objetivo de trazer ao debate o aspecto da inclusão social diante de uma realidade de exclusão, principalmente de jovens das áreas ditas periféricas, e a inclusão de cotistas que normalmente estão excluídos da educação superior. A evasão nos primeiros anos de graduação na UFABC foi seu objeto de estudo. Conclui o autor que a instituição tem um papel importante na discussão sobre as reformas universitária, tendo em vista o dinamismo inovador, as parcerias com organizações não governamentais e os contatos não subordinados com empresas, governos, entidades sindicais. Para ele, esse contexto faz com que a UFABC sirva de paradigma, inicialmente devido aos bacharelados interdisciplinares que resistiram, nesse curto período de tempo, às tentações de ceder ao modelo tradicional de universidade e de matriz curricular.

O processo de adaptação de professores ao projeto pedagógico da UFABC é o título da dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática por Fernanda Carla Pantaleão, em 2013, no Centro de Ciências Naturais e Humanidades da Universidade Federal do ABC, no *campus* Santo André. O objetivo do estudo da autora foi compreender o processo de adaptação de professores aos projetos pedagógicos dessa nova universidade, que tem a interdisciplinariedade como ponto de partida de suas atividades. Do ponto de vista metodológico a pesquisa se configura qualitativa, coletando dados a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado aplicado a quatorze professores. Os resultados obtidos mostraram que “a interdisciplinaridade tem influenciado a prática dos docentes no

ensino e na pesquisa” (PANTALEÃO, 2013, p.4) e que os docentes entrevistados demonstraram ter uma visão diferenciada dos moldes de ensino tradicional, bem como entendem que a convivência com professores de diversas áreas é enriquecedora e, ao mesmo tempo, dela emergem muitos desafios relacionados à prática profissional. A experiência é considerada positiva pela autora tendo em vista que os entrevistados demonstraram satisfação com o sistema e a proposta de ensino, sendo primordiais, no entanto, a atuação dos gestores na implantação e aperfeiçoamento, nas palavras da autora, do novo modelo, “já que a ação política sobre o coletivo é determinante na ação individual.” (id.ib.)

No crepúsculo da mudança: Um estudo sobre a formação continuada dos professores da Universidade Federal do ABC na confluência de uma prática pedagógica inclusiva e intercultural, trabalho defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho por Sandra Rosa Gomes dos Santos, em 2017. O objeto pesquisado neste trabalho foi a formação continuada dos professores da UFABC, com o objetivo de analisar o modo como se organiza sua prática didático-pedagógica. Utiliza como fontes de dados documentos da instituição e das agências internacionais e coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas. O referencial teórico utilizado na investigação está de acordo com as teorias pós-críticas e pós-coloniais, dentre eles Quijano (2005); no que concerne às teorias sobre formação continuada a autora se assegurou em Nóvoa (1992, 1995, 1999), Imbernon (2009, 2010, 2011), Pimenta (2012) e Isabel Cunha (2010, 2013); no que diz respeito a fundamentos de modelos pedagógicos apresenta Cortesão (2010); no aspecto da interdisciplinaridade a autora se apoia em Maria Candida Moraes (2002), Frigotto (1995), Luiz Bevilacqua (2016) e Tavares (2016). Os resultados apresentados pela pesquisadora evidenciaram a inexistência de formação continuada para os professores, que acabam por trabalhar de forma genérica as questões da diversidade cultural, indo de encontro à proposta pedagógica presente nos documentos da universidade. Nas palavras da autora:

[...] os professores atribuem a importância a dimensão da pesquisa e à sua relação com o ensino, e à necessidade que sentem de uma formação continuada que lhes permita o aperfeiçoamento das questões de natureza pedagógica e didática, e a promoção da interculturalidade como complemento obrigatório da inclusão social (SANTOS, 2017, p.9)

- **Artigos científicos**

O artigo que tem por título *Democracia e governança na educação pública de nível superior: desafios para a universidade do século XXI*, publicado na III Semana de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em 2015, por Thiago Sales Barbosa e Adalberto Mantovani Martiniano Azevedo, trata das “possibilidades de participação dos autores da comunidade acadêmica nas arenas decisórias da Universidade Federal do ABC.” (BARBOSA; AZEVEDO, 2015, p.1) A base teórica fundamental do artigo reside na abordagem da governança democrática, o que é feito a partir da avaliação das eleições para reitor. Os resultados obtidos em relação à governança e à democracia na instituição destacam, segundo os autores, a alta concentração de poder entre dirigentes e sugerem mais oportunidades de participação política para professores e outras categorias. Em suma, tendo em vista ser objetivo da UFABC formar profissionais com valores democráticos, o aumento da participação de diversos atores nas arenas decisórias melhora a qualidade das decisões e o modelo de gestão democrática é aprimorado, permitindo concretizar as inovações que caracterizam a nova universidade.

A universidade e uma nova hegemonia, texto publicado por Tatiane Carvalho na revista *Filosofia e Educação*, em 2010, traz reflexões sobre o papel da universidade na sociedade capitalista e as concepções do “mundo do trabalho” que contribuem para a construção de uma outra sociedade. Com base nessas reflexões a autora discute se a universidade de fato está contribuindo para a superação de modelos que reproduzem a sociedade atual ou se está a contribuir para ir além dessa sociedade. Nesse sentido, faz uma análise partindo das teorias gramscianas para compreender a universidade brasileira e sua atuação transformadora da realidade social.

O artigo *Uma nova perspectiva em gestão de bibliotecas públicas universitárias: o caso UFABC*, publicado no XIX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU 2016), “Biblioteca Universitária como agente de sustentabilidade institucional”, por Márcio Rodrigo da Silva Monteiro, Maria do Carmo Cardoso Kersnowsky, Eduardo Fernandes Vieira dos Santos e João Victor Cavalcante dos Santos, todos da UFABC, teve como objetivo apresentar a reestruturação organizacional implantada no Sistema de Bibliotecas dessa universidade, pontuando as decorrências do processo de aquisição e administração do acervo. Foi realizada uma revisão de literatura sobre a concepção de

biblioteca e os fundamentos organizacionais que deram embasamento à construção e organização da biblioteca da UFABC, em processo de reorganização na instituição devido à modificação administrativa ocorrida em 2014. Tendo como base os próprios dados do Sistema de Bibliotecas a abordagem metodológica do estudo se deu por enfoque quantitativo e a pesquisa realizada foi descritiva, analisando características, fatores e variáveis que se relacionam ao elemento investigado. Em conclusão, constataram os autores que,

Ao identificar que a estrutura ora estabelecida não correspondia às necessidades estabelecidas, buscou reestruturar o SISBI, e diante das possibilidades, vislumbrou que uma possível solução seria a criação da Divisão Administrativa, no intuito de elevar o desempenho quanto as atividades que obtinham baixa eficiência. (MONTEIRO, et al. 2016 p. 10)

As modificações ocorridas melhoraram o processo de trabalho, acarretando progressos no desempenho da instituição e uma tramitação mais adequada dos procedimentos administrativos e de gestão orçamentária.

O artigo *A experiência da UFABC – uma visão interdisciplinar*, apresentado no 4º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI), na área de Política Externa, em 2013, em Belo Horizonte, tem como autor Giorgio Romano Schutte. O autor propôs como objetivo do artigo avaliar a experiência de instalação do curso de Relações Internacionais no intuito de contribuir com os cursos de RI no Brasil, tendo em vista o pioneirismo da expansão da educação superior no Brasil que a UFABC protagonizou, em especial quanto à estrutura tecnológica e inovadora de seu projeto pedagógico, com a instalação dos bacharelados interdisciplinares (BIs), inicialmente os Bacharelados de Ciências e Tecnologia (BCT) e, posteriormente os de Ciências e Humanidades (BCH). Em suma, o “caráter interdisciplinar, inovador e predominantemente tecnológico da UFABC, como também o envolvimento de atores regionais, influenciaram a formatação do curso e de seu projeto pedagógico.” (SCHUTTE, 2013, p. 3) Entre 2010 e 2012, após discussões em grupos restritos de professores, foi elaborado o projeto pedagógico do curso de RI. A pesquisa, de cunho descritivo, relata toda a construção e as concessões preliminares à constituição do curso de RI na UFABC.

Em *Humanidades na UFABC: produção do conhecimento interdisciplinar na pós-graduação*, artigo publicado na revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG), em

2015, os autores Claudio Luís de Camargo Penteado, Sidney Jard da Silva e Karen Christina Dias da Fonseca tomam a construção da interdisciplinaridade na UFABC como objeto de estudo, com base em dois programas de ciências sociais aplicadas: Programa de Ciências Humanas (PCHS) e Programa de Planejamento e Gestão do Território (PGT). Propõem uma análise a partir das avaliações interdisciplinares em três bases elementares: linhas de pesquisa; perfil de formação do quadro docente e produção em coautoria. A conclusão do trabalho sugere que os dois programas analisados possuem produções interdisciplinares, porém, cada programa adota abordagens diferentes e específicas: o PCHS mais centrado no conceito de interdisciplinaridade e o PGT trabalhando com o conceito de território.

Como síntese da revisão de literatura que tem a própria UFABC como tema de estudo, percebe-se um estado de exploração desse universo, tendo em vista o curto período de criação e o pioneirismo de sua proposta institucional e curricular, mas que nos ajudaram a propor e justificar nossa pesquisa. Evidenciou-se que a UFABC se insere em um período específico e principia um modelo inovador de educação superior no Brasil, nascendo em momento de reconfiguração das políticas e sistemas de educação superior.

ii. ABC PAULISTA: O CORAÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

1. Antecedentes históricos

Fundada por João Ramalho, o lendário português que viveu entre os indígenas, surge Santo André da Borda do Campo como pequena vila que, com data imprecisa, nasce como primeiro aglomerado urbano organizado na região que hoje conhecemos como ABC.

João Ramalho nasceu em Portugal, na cidade de Vouselas, não se tendo registro exato de seu nascimento, acredita-se que em 1480, dadas as atas encontradas por historiadores (GAIARSA, 1991). Viajava em expedições com a corte real como escudeiro. De acordo com a lenda, por causa de delitos cometidos no reino fora castigado ao abandono, o que levou muitos cronistas a acusá-lo de “contrabandista, degredado, traficante de índio... ou de apenas aventureiro, naufrago de um barco dado a piratarias.” (GAIARSA, 1991, p. 13). Esse homem lendário, em 1553, quando Martin Afonso deu a nomeação de vila ao povoado, já teria filhos, netos e bisnetos do

casamento com Potira (ou Bartira), que era filha do cacique Tibiriçá, de acordo com registro do historiador Eugênio Ferreira de Castro (citado por Gaiarsa, 1991) para a revista do Instituto Histórico de São Paulo:

João Ramalho afronta serras e matas, dominou-as com tantos passos difíceis de varas as trilhas dos índios, galgou-as e ao natural da terra se ligou para vencer o campo que lhe abria largo ante os olhos para, a seguir, com a geração mameluca da qual foi patriarca, vir a iniciar o domínio do sertão. Durante algum tempo esteve confinado na faixa litorânea de S. Vicente uma das primeiras povoações a ser fundada após o descobrimento da ilha de Vera Cruz. Aí viviam também náufragos, pilotos, assim como embarcações Antônio Rodrigues, Gonçalo Costa, Mestre Cosme e Francisco Chaves em companhia de espanhóis de passagem pela costa vicentina. (GAIARSA, 1991, p.13-14)

Andando por territórios não conhecidos, João Ramalho teria aprendido a língua da terra devido ao contato com os povos nativos e, com seus filhos, guiou Martin Afonso ao planalto. Vivia com os indígenas e cuidava mais da borda do Piratininga, preparando aldeamentos que mais à frente seriam vilas. A fundação de Santo André da Borda do Campo se deu em 8 de abril de 1553, por Martin Afonso e Antônio Cubas, sendo João Ramalho nomeado governador, já exercendo o cargo de guarda-mor do campo.

João Ramalho morreu em 1582, em lugar não registrado, anos depois de ter sido eleito vereador de São Paulo e recusado por já estar em idade avançada. Confirmando assim a sua participação histórica na fundação da então cidade, trazendo o reconhecimento da existência, não como lenda, mas por veracidade, devido a sua assinatura nas atas de fundação, como explana Gaiarsa (1991) nos seus escritos.

Os primeiros habitantes da região andreense foram índios Guaianases, que tinham habilidades “industriosas”, como menciona Gaiarsa (1991, p. 20), pela maneira como sepultavam os mortos e organizavam suas aldeias. De acordo com os registros desse autor a cidade “dormiu por três séculos devido à invasão dos tamoios”; aniquilada e abandonada palpitou apenas nos corações daqueles que foram recolhidos na vila de São Paulo, ajudando-a na construção e na defesa de sua expansão muito além dos limites sonhados pelos seus fundadores. ” (op. cit., p.25). Aos poucos a acalmada cidade foi acordando com as frequentes visitas, constituindo redescobertas e uma nova roupagem, para além de encontrar progresso na população de S. Bernardo: em 1776 já havia registro de 997 habitantes.

A região do ABC, a partir daí, começa a vivenciar níveis de incremento urbano-industrial em seus municípios. O primeiro deles com a construção da 1ª Estrada de Ferro São Paulo Railway, que ligava o porto de Santos ao interior paulista (a atual Santos-Jundiaí), idealizada pelo Barão de Mauá, que teve grande importância no desenvolvimento econômico e social: “a primeira estaca foi fincada no dia 15 de maio de 1860, junto ao atual porto de Santos, entre o cais do Valongo e o convento de S. Francisco, hoje terminal ao pé da serra.” (GAIARSA, 1991, p.30) A estrada tornou-se um patrimônio da União e foi demolida em 1972, dando espaço para novos desenvolvimentos. O segundo veio com a instalação da Represa Billings e, em consequência, a chegada da hidroelétrica Light & Power (atualmente Eletropaulo), trazendo luz elétrica para uma cidade que antes era iluminada a lampião e gerando avanços em relação às outras regiões da Grande São Paulo no quesito industrialização.

A partir de 1877, a região passa a receber imigrantes italianos, os primeiros do Brasil, pelo porto de Santos. Formam-se lavouras de café nas terras cedidas pelos beneditinos. Em 1885, houve aumento considerável no número de imigrantes, continuando a dedicação à terra, para em 1889 ser criado o município de São Bernardo.

As primeiras indústrias surgem em 1889, nas áreas de tecelagem e olaria; em 1908 nasce a primeira indústria de moveis “finos”, e no mesmo ano a Pezzolo e Cia, de produção de geladeiras “Algida”, e em 1915 a fábrica de tecidos chamada Ipiranguinha. No ano de 1919, uma grande empresa se instala no município, pertencente ao grupo francês Rhone Poulenc, em seguida, Rhodia-Seda, estabelecida em 1929, do mesmo grupo, e a Valisére (1934), de confecção de fios e tecidos, propiciando a contratação de milhares de operários. Em 1936, a indústria de Móveis Gianoglio e Filho está em pleno funcionamento, e no lugar da Ipiranguinha, demolida, será construído, em 1972, o supermercado Jumbo. Em outubro de 1948 se instala em Capuava (Santo André) a Refinaria de Petróleo União S/A. Acompanhando o ritmo dos investimentos na produção industrial tem-se a inauguração, em 1957, de uma agência do Banco do Brasil na região.

Por fim, cabe destacar, no plano do desenvolvimento industrial, aquele setor que marcaria a região que envolve os municípios de Santo André e São Bernardo do Campo: as indústrias automotivas Mercedes Benz, Volkswagen, Ford, General Motors, Scania etc. Ato contínuo, passa a ganhar importância e protagonismo o movimento operário. É do coração industrial do ABC que irá emergir também um líder operário que acabaria por criar um novo partido identificado com as lutas dos trabalhadores e que

iria, muito tempo depois, ocupar a cadeira de presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva. A luta operária tornou-se marco importante para a região do ABC, por ser lugar de origem de vários sindicatos operários e que teria levado à criação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), dando proporções históricas à luta sindical que contaminaria todo o país.

No campo da educação e da cultura, vale destacar alguns marcos importantes. No ano de 1865 foi instalada a primeira escola de alfabetização, recebendo como primeiros alunos os filhos de imigrantes italianos que advinham das colônias em S. Bernardo, e em 1911 cria-se a primeira escola em Paranapiacaba, com aulas majoritariamente à noite, pois os alunos já trabalhavam nas primeiras fábricas. No ano de 1935 criou-se a escola Profissional Júlio de Mesquita, equipamento público estadual, e em 1945 cria-se o ginásio oficial em Santo André e o SENAI na região.

Já a primeira instituição de educação superior surgiu em 1953, a Faculdade de Ciências Econômicas, mantida pelo município, e após a construção da Cidade Universitária do Sítio Tangará é criada duas instituições de alto nível: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e processamento de dados, após foi criada a Faculdade de Medicina (idem). A primeira faculdade teve início às atividades na “Exposição Industrial do IVº Centenário”.

Em meados dos anos 1980 assiste-se, na região do ABC, a um processo de transformação econômica, reflexo das mudanças econômicas e políticas trazidas pela globalização da economia, processo ainda em curso e que tem, entre suas marcas mais significativas, a desindustrialização, processo que já havia ocorrido nos países ditos de “primeiro mundo”. Tratava-se, nos termos de Harvey (2001), da transição do fordismo para a acumulação flexível.

Após as políticas neoliberais adotadas no Consenso de Washington e a volta das eleições diretas para presidente da República no Brasil, inicia-se uma verdadeira era de reformas econômicas que vai aplicar o receituário de ajustes ao país: abertura ao capital estrangeiro, desregulação econômica, realismo fiscal, Estado mínimo etc. Essa era percorre os governos de Fernando Collor (1990-1992), primeiro, o curto intervalo de governo de Itamar Franco (1992-1995) e, em seguida, os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), sucedendo-se planos econômicos de ajuste à globalização econômica, com impactos, principalmente, no setor industrial e, claro, no movimento sindical operário.

O conceito de desindustrialização que surgiu em 1990 foi definido por Rowthorn e Ramaswani (1999 apud OREIRO; FEIJÓ, 2010, p.220) como “uma redução persistente da participação do emprego industrial no emprego total de um país ou região.” Esse intenso processo ocorreu com todos os países ditos de ‘primeiro mundo’, sendo que nos anos 1990, na América Latina, elas foram fortemente vivenciadas devido à imensa perda de empregos e aos novos critérios de contratação – por extensão, de formação – que as novas configurações do mundo do trabalho (e da produção) passam a exigir, dados os novos critérios de empregabilidade e da profunda terceirização “do território econômico do ABC”, como discorre Anau (2002, p. 46).

Buscamos destacar as características do território onde foi situada a UFABC para retratar a significação de uma universidade pública nesse espaço regional, apresentando as transformações históricas que configuraram a realidade atual. É assim que a promoção do desenvolvimento local se apoiou na criação, em 1990, do Consórcio Intermunicipal Grande ABC¹⁶, no sentido de representar um conjunto de interesses comuns e propor o planejamento articulado do desenvolvimento regional articulado. A ideia era implantar iniciativas de cooperação entre prefeituras locais e organismos estaduais e federais, para definir prioridades e atender às demandas de desenvolvimento regional. Os municípios que compõem o Consórcio são: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

De acordo com Anau (2002, p. 56), desde os anos 1980 os poderes públicos vêm juntando forças e se organizando em fóruns regionais:

Consórcio Intermunicipal das Bacias do Alto do Tamanduateí e Billings/ Tamanduateí, esse último âmbito do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê. Esse processo culminou com a criação em 1997 da Câmara Regional do Grande ABC. Trata-se de iniciativas dos agentes políticos, sociais e econômicos locais que decidiram não assistir passivamente às transformações assinaladas e organizar-se para enfrenta-las.

No âmbito de tais movimentos, cujo foco está no desenvolvimento socioeconômico da região, reivindica-se uma universidade pública. E é nesse contexto que nasce a UFABC, tendo em sua gênese o compromisso com a ciência e a tecnologia e, nesses aspectos, contempla e desenvolve políticas de internacionalização como fator de desenvolvimento local.

¹⁶ <http://consorcioabc.sp.gov.br/>

iii. A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

Entre 1986 e 1990, o professor Dr^o Luiz Bevilacqua, que posteriormente presidiria a Comissão de Implantação da UFABC¹⁷, propôs uma reforma nos cursos de engenharia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo da proposta de reforma seria promover a atualização dos cursos de Engenharia mediante as mudanças sociais e produtivas que afetavam esse campo, sob o entendimento de que ele se via cada dia mais defasado em termos dos desafios contemporâneos de formação. As propostas iniciais buscavam reforçar a formação dos estudantes de engenharia da UFRJ, para atender às mudanças que vêm acontecendo na chamada sociedade do conhecimento. As modificações que eles propuseram eram inovadoras, no entanto, diante das concepções tradicionais das universidades, não logrou aprovação pelo Conselho Universitário. (SARAIVA, 2014 p. 38)

Em maio de 1992, o professor Bevilacqua representou o Ministério da Ciência e Tecnologia da época em encontro em Montevidéu, no qual teve contato com o Instituto Interamericano de Pesquisas em Mudanças Globais, e a partir daí incorporou-se ao Grupo de Trabalho (GT) e começou a desenvolver pesquisa sobre os temas que o inquietavam anteriormente, na sua área de conhecimento, relacionados às mudanças globais que ocorriam no mundo do conhecimento e da tecnologia. A pesquisa se estendeu e dentro do GT ele desenvolveu parte fundamental das ideias iniciais do que seria o ideal de uma estrutura universitária capaz de abarcar as demandas profissionais dos mercados de trabalho.

Em novembro de 2004, o GT apresentou a primeira carta pública intitulada: *Subsídios para a reforma da educação superior*, desencadeando o debate sobre um novo modelo de universidade para o Brasil, baseado nos princípios da autonomia, inclusão, flexibilidade curricular, cursos inovadores, livres de compartimentos e com interação com outras áreas do conhecimento. Consideramos que esse seja o primeiro documento que impactou a formulação do projeto da Universidade Federal do ABC,

¹⁷ **Comissão de Implantação:** Luiz Bevilacqua – Presidente, Cleuza Rodrigues Repulho, José Fernandes de Lima, Lúcia Helena, Marco Antônio Raupp, Maria Aparecida Paiva, Maria Teresa Leme Fleury, Sebastião Elias Kuri. **Equipe de Concepção do Projeto Pedagógico:** Adelaide Faljoni- Alario, Agenor de Toledo Fleury, Alaor Silvério Chaves, Alfredo Gontijo de Oliveira, Diolino José dos Santos Filho, Edson Hirokazu Watanabe, Hélio Waldman, Humberto Abdalla Jr., João Sergio Cordeiro, Laerte Sodré Junior, Lucia Helena Lodi, Luiz Bevilacqua, Manuel A.G. da Silva, Marcelo Miranda Viana da Silva, Marcos Antonio Raupp, Maria Elza Miranda Ataíde, Marly Monteiro de Carvalho, Maurizio Ferrante, Nilton Luiz Menegon, Paulo Eigi Miyagi, Philippe O. Alexandre Navaux, Raul Gonzáles Lima, Saide Jorge Calil, Sebastião Elias Kuri, Sérgio Santos Muhlen, Siang Wun Song. **Apoio Técnico:** Maria Leda Costa Diniz

como de resto um conjunto de outras novas universidades, por conta de ser um documento que respondia a alguns anseios históricos acerca dos modelos de universidade no Brasil. O *Subsídios para a reforma da educação superior*, documento criado por 9 pessoas de distintas áreas, mediante solicitação do Ministério da Educação, visava, então, contribuir para as discussões sobre a reforma da educação superior.

O *Manifesto de Angra*, importante documento da etapa de produção de texto, conforme denominação cunhada por Ball (1992) e utilizada neste trabalho, foi fundamental no processo de formulação da UFABC. Foi um conclave do Grupo de Defesa da Universidade Pública ao governo e à comunidade acadêmica em defesa dessa instituição, com o intuito de propor reformas urgentes na universidade pública brasileira. O Manifesto resulta de uma reunião promovida pela COPEA (Coordenação de Programas de Estudos Avançados da UFRJ) em 29 e 30 de maio de 1998.¹⁸ O *Manifesto de angra* propunha uma “reforma já” e vinha dividido em seis temas: por uma reforma urgente para salvar a universidade brasileira; reformar o ensino superior – ensinar a aprender; reformar a organização – méritos e valores acadêmicos; autonomia e financiamento público; o papel da universidade pública na geração e difusão de conhecimento. Esses temas desenvolvidos no *Manifesto de Angra* vinham de um debate histórico sobre a reforma do ensino superior, por isso a necessidade de se investir em setores estratégicos como menciona a carta: “é essencial investir seus recursos humanos em educação, ciência e tecnologia” (Manifesto de Angra, et.al p.1), dando indícios de alguns dos pilares fundadores das novas universidades, em particular da UFABC. Mais adiante, no documento, reconhece-se a concentração de pesquisa científica e tecnológica nas universidades públicas e os avanços gerados por elas, porém, aponta-se também para a falta de investimentos e a precarização do ensino.

As grandes preocupações destacadas nesses documentos são com a qualidade do ensino e com o modo como esses alunos que adentram à universidade se colocam em mercados de trabalho em constante modificação, exigindo dos formuladores de políticas educativas atenção às demandas, pressões e experiências externas, para tomadas de posição em relação à política interna: “São necessários métodos inovadores na seleção

¹⁸ Teve como signatários: Alaor Silvério Chaves, Alberto Carvalho da Silva, Alzira Abreu, Carlos Alberto Aragão de Carvalho Filho, Carlos Henrique de Brito Cruz, Carlos Lessa, Carlos Vogt, Eduardo Moacyr Krieger, Esper Abrão Cavaleiro, Gilberto Cardoso Alves Velho, Glaci Zancan, Herch Moysés Nussenzveig, Isaias Raw, Jacob Palis Junior, José Arthur Gianotti, Joé Fernando Perez, Leopoldo de Meis, Luciano Coutinho, Luiz Bevilacqua, Luis Fernando Dias Duarte, Luiz Pinguelli Rosa, Margarida Souza Neves, Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha, Roque Laraia, Sérgio Henrique Ferreira e Simon Schwartzman. (MANIFESTO DE ANGRA, 2004, p. 07)

para ingressos e na formação, estimulando a iniciativa individual e “ensinando a aprender’.”¹⁹ (MANIFESTO DE ANGRA, 2004, p. 03) Nesses quesitos se destacam as influências dos modelos estadunidenses e europeus contemporâneos da universidade de pesquisa. Porém, o que destaca é uma ideia original, de projetar uma universidade que cultive uma identidade que, além de se referenciar em modelos e experiências extranacionais, procura abarcar as características do ambiente e dos desafios da cultura local:

Valores acadêmicos, em mérito, em liberdade acadêmica, em ensino capaz de formar lideranças intelectuais, em pesquisa de excelência, em interação da universidade com a sociedade. **Uma reforma à altura de melhores realizações e das elevadas responsabilidades do ensino superior brasileiro.** (op.cit., p.7- grifo nosso)

Nesse ponto cabe deixar claro o anseio do grupo em romper com alguns paradigmas tradicionais das universidades, provocando uma forte reflexão sobre a carência no setor de ensino e na relação com o desenvolvimento do país: “não se pode ter um país desenvolvido com uma universidade subdesenvolvida. ” (id.ib.). Cabia também não ceder ao predomínio e às vantagens do corporativismo, e buscar a formação de cidadão críticos:

É preciso criar condições que eram a universidade pública atender a demanda crescente por um ensino superior de qualidade. Tanto na carreira universitária como na escolha de dirigentes, a hierarquia por mérito e da **excelência acadêmica deve prevalecer sobre o corporativismo.** (MANIFESTO DE ANGRA, et. al. 2004, p.1- grifo nosso)

No segundo tema pontuado pelo grupo de formuladores do *Manifesto de Angra*: Reformar o ensino superior – ensinar a aprender, aprofunda-se a reflexão sobre as ideias que se tem das metodologias e ensino tradicionais e do currículo compartimentado. Para eles, a graduação é o momento que o indivíduo começa a ter o “pensamento crítico” e se orienta pelo “aprender a aprender”, e se é assim, existe uma grande preocupação de como esses alunos aprendem e de como a formação inicial influencia seu futuro como profissional e cidadão. E, para isso, critica-se o fato de os modelos institucionais e pedagógicos da universidade atual não darem subsídios para que o aluno se desenvolva

¹⁹ Ponto importante no desenvolvimento do projeto pedagógico proposto para essa nova universidade.

nesses aspectos, entre outros motivos dada a precocidade na escolha da carreira que tende a provocar frustrações. Nesse particular, destacam os autores que seria interessante organizar um processo de formação que conjugue iniciação profissional mais completa com a exposição do estudante às diversas áreas do conhecimento, por exemplo, das ciências exatas

Postas as influências do *Manifesto de Angra*, aqui rapidamente apontadas, o documento *Subsídios para a reforma da educação superior* está organizado em três subtemas: i. Ingresso e permanência e paradigmas curriculares; ii. Avaliação e financiamento; iii. Autonomia, estrutura e gestão, está dizendo respeito à estrutura e à avaliação das instituições de ensino superior.

O primeiro tema: Ingresso e permanência e paradigmas curriculares, retrata a inclusão e as ideias de um novo currículo, com influência direta do Tratado de Bolonha²⁰. Ainda em 2004 foi encaminhado à Subchefia de Relações Interministeriais a Ementa (EM) nº 179/2004/MEC/MP, com a exposição de motivos que embasaria a criação da UFABC, no âmbito de uma política de expansão das universidades públicas conjugada a investimentos em C&T:

A expansão da rede de ensino superior e a ampliação do investimento em ciência e tecnologia são objetivos centrais do governo federal e foco do debate sobre a reforma universitária. A criação de uma grande universidade pública no coração da indústria, na maior região metropolitana do país, é uma clara demonstração de compromisso com o desenvolvimento, a cultura e a democratização do acesso ao ensino superior. É uma das iniciativas que renovam a confiança do país em si mesmo e têm o poder de mobilizar as novas gerações para a invenção do futuro. (MEC/MP nº 179, 2004, p.1)

No que diz respeito ao local de instalação da universidade, denota-se a preocupação com a modernização industrial e o emprego no Brasil contemporâneo e uma visão de país em busca de soberania:

O ABC paulista representou, desde os anos 1950, a vontade de superação do subdesenvolvimento, a industrialização, a energia do empreendimento e as expectativas de progresso e mobilidade social. Mais recentemente, tornou-se parte da história brasileira de afirmação das liberdades e da cidadania, expressão do moderno movimento

²⁰ O Tratado de Bolonha também constitui parte do contexto de influência de formulação da política de implantação da UFABC, porém, por uma opção metodológica, escolhemos descrevê-lo com mais detalhe também nesta etapa de produção de texto, dado a exemplaridade que a experiência do sistema unificado de educação superior trouxe para essa última etapa no Brasil. No limite, estamos demonstrando a perspectiva de interação dialética que as etapas do Ciclo de Políticas apresentam.

operário e das lutas pela democracia. A reforma universitária começa como deve ser: com investimento público em educação e ciência, inovação institucional e confiança no Brasil. (id.ib.)

No que se refere à estrutura e organização da universidade, a preocupação com um modelo institucional de gestão democrática se apresenta:

Nasce uma nova universidade federal comprometida com o desenvolvimento e a democracia, aberta a todos os brasileiros, com características de uma Universidade tecnológica para a formação de profissionais de elevada qualificação em áreas estratégicas para o desenvolvimento brasileiro, produção de conhecimento e tecnologia para a indústria, gestão de empresas, políticas públicas e educação básica; de uma Universidade aberta que utilize tecnologias educacionais e permita o atendimento de um grande número de estudantes, além de ter uma organização curricular flexível que multiplique as oportunidades de formação, e, de uma universidade democrática, de gestão participativa com efetiva contribuição de trabalhadores, empresários e organizações não governamentais. (id.ib.)

Ainda nesse aspecto, destacam-se algumas características que a tornam distinta das universidades clássicas como: laboratórios integrados às empresas; programas de formação, pesquisa e extensão decorrentes da parceria entre empresas e universidades; observatórios da sociedade e da economia com o propósito de gerar conhecimento, sobretudo, sobre a região do ABC e estabelecer ‘arranjos educativos’ para vocações socioeconômicas; associação com a administração pública para a formação de pessoal em gestão e políticas públicas; associação com a educação básica para a formação inicial e continuada de profissionais e o desenvolvimento de tecnologias educacionais que projetem um novo padrão de integração entre a universidade e a educação básica; graduação em regime semipresencial com redução da carga de trabalho em sala de aula presencial, apoio diferenciado ao estudante e valorização dos docentes; flexibilidade curricular com a instituição de um ciclo básico, ampliação das oportunidades de formação profissional e de acesso à pós-graduação; universidade com autonomia de gestão, financeira e patrimonial, gerida com a participação de seus profissionais, alunos e sociedade civil. São essas as características iniciais que se apresentou no seu anteprojeto.

A sexta proposta trata da universidade vinculada a uma perspectiva interdisciplinar que se ajuste aos moldes de uma educação integrada e que seja ela sem

compartimentos, com metas bem definidas e objetivos claros de formação a alcançar. Tal proposta se viabiliza na seguinte estrutura organizacional:

A universidade deverá inicialmente ser integrada por três centros, que traduzem as características estratégicas: Centro de Tecnologias e Indústria, Centro de Educação e Centro de Ciências Sociais. Tendo como meta 20.000 estudantes em cursos de graduação semipresenciais, 2.500 estudantes em cursos de mestrado profissionais semipresenciais e 1.000 estudantes em cursos de doutorado, além de 600 professores doutores em tempo integral e 1.000 monitores bolsistas dos programas de pós-graduação. (id. *ibid*)

A proposta inicial do seu nome era UniABC (Universidade do ABC); também se especulou com a ideia de colocar a sigla ABCD na nomenclatura, enfatizando os locais em que a universidade se fixaria, porém, por voto da comissão de implementação, no seu segundo projeto a universidade passou a se chamar Universidade Federal do ABC e ostentar a sigla UFABC.

A Lei nº 11.145, de 26 de julho de 2005, publicada no Diário Oficial da União nº 58, de 26 de março de 2015, Seção 1, instituiu a Fundação Universidade Federal do ABC, vinculada ao Ministério da Educação, com sede em Santo André, no estado de São Paulo. Pelo que até aqui expusemos, ela foi pensada como universidade pública inovadora, resultante e compromissada com reivindicações da comunidade acadêmica, industrial e de empresas dessa região. Define sua missão institucional em seu art. 2º, da seguinte forma:

A UFABC terá como objetivo ministrar educação superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional mediante a atuação multicampi na região do ABC paulista.

A Universidade Federal do ABC foi pioneira nesse modelo de universidade do século XXI, cujas características diferem das universidades tradicionais, como também tem toda a sua estrutura - arquitetônica, pedagógica e de desenvolvimento institucional - pensada e elaborada com foco na interdisciplinaridade, na inclusão e na pesquisa, desenvolvendo assim uma conexão significativa entre estudantes, professores e as diversas áreas do conhecimento.

O objetivo era garantir um repertório mais amplo e uma vida acadêmica enriquecida com o concurso dos diversos campos da ciência e de diferentes possibilidades de itinerários de formação, evitando uma escolha precoce de carreira.

Assim, a UFABC foi a primeira a pôr em funcionamento esse tipo de universidade pensada a partir de um projeto inovador, a primeira universidade a romper com os modelos tradicionais e implantar, por exemplo, uma matriz curricular e bacharelados interdisciplinares, currículos flexíveis, centros integrados em lugar dos departamentos tradicionais, uso amplo do ENEM-SISU como processo de ingresso e de 50% de cotas para estudantes de escolas públicas.

A instituição produziu um projeto institucional que procura responder às novas demandas de profissões da região surgidas no processo de reconversão produtiva, incorporando as tendências do capitalismo contemporâneo que buscam cada vez mais uma formação polivalente, versátil e flexível. Daí outro fator que influenciou o surgimento de um novo modelo de universidade: a busca da inovação e da pesquisa tecnológicas, tendo em vista o ambiente de competição econômica e por empregos cada vez mais dependente do conhecimento – em especial o de base tecnológica – como fator diferencial da economia contemporânea.

Para dar consequências práticas às propostas e objetivos projetados foram elaborados dois documentos fundamentais para o planejamento e estruturação da instituição, a saber: Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), produzido em 2008 e que teve vigência até o ano de 2013; e segundo PDI, para execução no período 2013-2022.

iv. Planos de desenvolvimento institucional i (2008-2013) e ii (2013-2022)

O Plano de Desenvolvimento Institucional I (PDI) foi instituído em 14 de abril de 2004 “como uma ferramenta de planejamento, monitoramento e de avaliação das instituições de ensino superior no Brasil. ” (PDI, 2013, p. 13) O primeiro PDI foi publicado em 2008, logo após a fundação da UFABC, o segundo, após seis anos, em 2013, com um balanço dos seis anos de atividade, do desenvolvimento dos objetivos e metas da universidade no período. O documento estabelece os fundamentos conceituais da instituição, suas bases estruturais e operacionais. Os fundamentos conceituais da UFABC estipulam a ética e o respeito “como condições imprescindíveis para o convívio humano (PDI, 2013-2022, p. 3) ” excelência acadêmica em pesquisa, ensino, extensão e gestão; interdisciplinaridade e a integração das diversas áreas do conhecimento; e a inclusão social na perspectiva da solidariedade e da responsabilidade. Mediante esses

fundamentos, a missão da universidade é: “promover o avanço do conhecimento através de ações de ensino, pesquisa e extensão”. (PDI 2013-2022, xi)

Com base em tais fundamentos, a UFABC foi a primeira universidade a instituir os bacharelados interdisciplinares, a organização por centros e não departamentos e o sistema quadrimestral. A excelência acadêmica vincula-se a uma perspectiva de avaliação que busca verificar qualidade e desempenho. A avaliação compreende, de um lado, o conjunto de indicadores nacionais produzidos pelo INEP, ENADE e Capes, expressando-se na forma de Conceito Preliminar de Curso (CPC) e de Índice Geral de Curso; de outro, abarca os resultados dos *rankings* universitários como o produzido pelo jornal Folha de São Paulo (RUF), de abrangência nacional, especialmente no indicador de internacionalização, e dos *rankings* internacionais como os da *Times Higher Education Supplement* e da Universidade de Shanghai. Nesses *rankings* acadêmicos são apontados os indicadores que medem o desenvolvimento da universidade, na medida em que a UFABC “acompanha e estuda os mais diversos *rankings* universitários, desde as avaliações periódicas dos cursos da graduação e da pós-graduação pelo MEC e pela Capes, até os *rankings* internacionais de universidades de classe mundial.” (UFABC, PDI, p.28) Assim, vincula-se o princípio da excelência acadêmica aos indicadores auferidos nos *rankings*, estabelecendo determinado contexto para avaliar a estratégia de desenvolvimento institucional, privilegiando-se o aspecto da “internacionalização” que cada um deles apresenta.

Para alcançar bons resultados em tais *rankings* a UFABC se vale de um conjunto de ações voltadas a estimular o intercâmbio e a inserção internacionais tais como: oferta de cursos de redação científica e de inglês à comunidade acadêmica; atração de pesquisadores visitantes nacionais e estrangeiros de alto nível; estímulo a programas de colaboração internacional como o *Ciência sem Fronteiras*; concentração da carga horária de aula dos professores em dois quadrimestres letivos, para possibilitar o afastamento para colaboração com outras instituições durante o terceiro; melhoria da presença da universidade na internet, oferecendo o conteúdo do *site* em inglês e espanhol e adotando uma estratégia proativa de divulgação da universidade e da sua produção em sites como *Wikipedia*, *Twitter* e *Facebook*; estímulo à colaboração e ao intercâmbio com outros países da América Latina, aproveitando o papel de liderança regional do Brasil; atração de professores, alunos e servidores técnico-administrativos comprometidos com a excelência acadêmica.

No desenvolvimento do princípio da excelência, a UFABC se utiliza da abordagem proposta pelo Salmi (2009) ao Banco Mundial - o conceito de Universidade de Classe Mundial -, que se expressa em 3 direcionamentos básicos: amplo acesso a talentos humanos; recursos financeiros abundantes e governança adequada. Como fundamento para o seu desenvolvimento institucional, se apropriando destas recomendações (UFABC, PDI, 2013-2022, p. 23).

Em 2005, ano de sua fundação, a UFABC iniciou sua estruturação pedagógica implantando um modelo pedagógico livre, conforme indicado em seu Plano de Desenvolvimento Institucional. De acordo com esse documento institucional, o modelo livre se constituiu por meio de uma matriz curricular não “engessada”, que propicia liberdade de criação na sua elaboração e que está baseada nas mudanças da ciência ao longo dos séculos e na necessidade de uma formação que prepare o discente para a vida moderna, capacitando-o a trilhar caminhos de autonomia em um contexto de construção humana. (UFABC, PP, 2006)

A busca pela integração à sociedade é um ponto importante que se destaca no projeto pedagógico (2006) e diz muito sobre a visão de compromisso social e inclusão que percorre seu projeto pedagógico, além de demarcar essa instituição como parte de um projeto de expansão da educação superior no país. O fato é que, na região do ABCD (que inclui a cidade de Diadema), até o ano de criação dessa universidade pública federal, o atendimento aos estudantes universitários se distribuía em 20% nas instituições municipais e 15% nas privadas de natureza comunitária ou filantrópica, o que tornou ainda mais relevante a fundação de uma universidade pública como a UFABC na região e propõe destaque ao seu envolvimento com o desenvolvimento econômico regional e o fortalecimento da demanda de vagas de ensino público local.

A criação da UFABC está inserida num programa federal de expansão da Universidade pública que pretende promover a inclusão de segmentos sociais até agora ausentes ou muito pouca participação gerando condições de finalmente suprimir a herança maldita da escravidão e unir a sociedade brasileira. (UFABC, PP, 2006, p. 6)

Essa perspectiva inclusiva e de integração local ao desenvolvimento orientaram a proposição de um diferencial em seu projeto pedagógico, em comparação com o das universidades tradicionais, que se consolida na perspectiva interdisciplinar que a universidade acolhe, propiciando aos alunos uma gama de possibilidades de conhecer o panorama geral e específico nos diálogos presentes nas diversas áreas do conhecimento.

Vivemos em uma sociedade contemporânea na qual o indivíduo tem que desenvolver muitas habilidades ao longo de sua formação, para dar conta tanto das demandas do mercado quanto das diversas formas de conhecimento das diferentes áreas da ciência. Consiste em integrar conhecimentos e atualizar a instituição aos paradigmas da universidade do século XXI, o que implica superar a formação focada na estrita especialização. Para essa articulação buscou-se resgatar a integridade do conhecimento, pois, de acordo com o Projeto Pedagógico (2006, p. 2), “essa técnica valoriza naturalmente o trabalho de equipes pesquisadores filiados a diferentes disciplinas, empenhados na busca de soluções para o problema-caso em estudo. ”

A UFABC, então, nasce com essa visão sistêmica do saber, e para isso construiu “uma estrutura maleável e aberta, sem Departamentos, permeável aos novos modos e ritmos de apropriação do conhecimento. ” (op.cit., 2006, p. 3) Tal direção gerou a organização de três grandes centros direcionados para: i. Engenharias - Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Aplicadas; ii. Ciências Naturais - Centro de Ciências Naturais e Humanas; iii. Matemática e Computação - Centro de Matemática, Computação e Cognição, desse modo fundando a estrutura institucional interdisciplinar da universidade.

A fim de contribuir para a justiça social com aqueles que historicamente ficaram apartados da dignidade da educação, do conhecimento e da cultura, a UFABC se propõe a assegurar tais direitos por meio da oferta de ensino superior público, de qualidade e com política deliberada de inclusão. Pensar em integrar segmentos da sociedade brasileira ao contexto educacional contemporâneo significa atuar no contexto local sob orientação de uma visão nacional, na proposta de compartilhar no cenário de desenvolvimento:

Propõe uma matriz interdisciplinar que considera a revolução no progresso da ciência originada pela intercessão de várias áreas do conhecimento científico e tecnológico. A Universidade Federal do ABC contribuirá não apenas para o benefício da região, mas também para o país como um todo. A Universidade Federal do ABC não é forjada em nenhuma matriz preparada de antemão, mas define sua identidade a partir da reflexão própria de seus professores e alunos, livres de preconceitos e padrões que frequentemente impedem a busca de novos caminhos. (op.cit., p.7)

A UFABC se compromete a se articular com as organizações contemporâneas para atender às transições que a sociedade moderna vem sofrendo. Para atender a essas características estabeleceu os seguintes compromissos e princípios:

A UFABC se compromete à formação de pessoal de nível superior científica e tecnicamente competentes e qualificados para o exercício profissional, consciente dos compromissos éticos e da necessidade de superação das desigualdades sociais e da preservação do meio ambiente.

A UFABC assume compromissos inalienáveis com o progresso do conhecimento racional, e a busca da verdade através do método científico, respeitando os princípios éticos subjacentes a toda investigação científica e tecnológica e colocando-os disponíveis à sociedade.

A UFABC está firmemente comprometida com a solução dos problemas sociais e para o desenvolvimento sócio-econômico e industrial do país dentro de sua competência e disponibilidade.

A UFABC obedece aos princípios da indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A UFABC obedece aos princípios do ensino público e gratuito, sem discriminação de raça, religião, ou de qualquer outra natureza.

A UFABC envolve áreas de atuação multi- e interdisciplinares, com a perspectiva de atuação integrada em diversas áreas de conhecimento com enfoque no desenvolvimento sustentável.

À alta qualificação dos integrantes da UFABC, particularmente os docentes, necessária para que a Universidade alcance seus objetivos acadêmicos, deve ser agregado o compromisso com a identidade institucional da mesma. A sinergia entre os cursos e programas de pesquisa e extensão será um vetor de promoção da interdisciplinaridade e do desenvolvimento do conhecimento.

O caráter universal da UFABC é a base para promover o intercâmbio de conhecimento através de constante interação do corpo docente com professores e cientistas no Brasil e no exterior, além do intercâmbio de estudantes com outras universidades brasileiras e do exterior.

A UFABC é uma Instituição que privilegia a educação integral, que articula a formação humanística ao avanço do conhecimento racional através da pesquisa científica e tecnológica.

Diante das novas características interdisciplinares do desenvolvimento científico, do avanço vertiginoso do conhecimento e de suas aplicações junto à necessidade da formação integral dos seus estudantes e de seus professores, a UFABC admite na sua estrutura acadêmica os setores de Humanidades e Ciências Sociais que melhor atendem às aspirações pela plenitude de formação integral dos seus alunos e os objetivos de sua constituição acadêmica.

A UFABC também privilegia a difusão do conhecimento para o público em geral e a promoção da educação continuada como contribuições importantes para a sociedade.

Esses são os princípios e compromissos que norteiam a formação integral do indivíduo para a sua atuação em sociedade, como cidadão, e ao mercado de trabalho,

como profissional, preparando-o para os diversos desafios que lhe permitam desenvolver, com autonomia, a articulação entre as diversas áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade, característica da formação na UFABC, tem como objetivo a formação do profissional para o mundo moderno, para que o indivíduo seja capaz de transformar o ambiente. Nesse aspecto, a universidade incorpora ao projeto pedagógico de seus cursos aspectos “que possam proporcionar aos estudantes recursos pedagógicos para a aquisição das ferramentas necessárias a uma atuação ágil e flexível no mercado de trabalho, tornando-os aptos a se adaptarem a diversas atividades de trabalho. ” (UFABC; PP, 2006, p. 11)

De acordo com Tavares (2016), o conceito de interdisciplinaridade chegou na segunda metade do século XX ao Brasil, na década de 50, a partir das formulações de George Gusdorf (1912-2000). Esse autor assim o descreve:

Conceito, no seu sentido originário, significa uma interação e um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento e a reciprocidade entre elas, tendo em consideração a abordagem de uma temática de conhecimento suscetível de relações e interações entre diversos domínios do conhecimento. (TAVARES, 2006, p.29)

No centro do debate está a busca de superar a compartimentalização disciplinar da formação superior, perspectiva que a UFABC aplica ao propor uma estrutura livre de departamentos disciplinares e uma ideia de “liberdade” na sua carga curricular, que se justifica, para Tavares (2016, p. 30), pelo fato da “fragmentação do saber, decorrente de uma concepção fragmentária do real [...]” que implica perda de poder e impossibilidade de controle do saber, prática de difícil implantação tendo em vista a estrutura em que o conhecimento foi construído na cultura tradicional dominante. No documento norteador da UFABC ela se apresenta, então, como um modelo de inovação, pois rompe com as divisões departamentais e cria centros integrados, estabelecendo uma estrutura interligada de participação mútua de diversas áreas do conhecimento. É assim que seu projeto político-institucional define a interdisciplinaridade como:

[...] a interação entre áreas e a integração de conhecimentos e apontada como caminho para resolução das grandes questões do século XXI, que exigem a atuação e intercomunicação de profissionais de diferentes formações e visões, é um dos pilares do PDI da UFABC. A interdisciplinaridade e a identificação de grandes eixos sistêmicos do conhecimento humano consistem na base da organização curricular dos bacharelados de ingresso e na própria organização estrutural com

que foi criada a universidade, onde departamentos foram abolidos e as responsabilidades acadêmicas foram distribuídas nos três Centros temáticos, todos eles reunindo profissionais das áreas científicas, tecnológicas e humanas, visando a maiores permeabilidade, flexibilidade e fluxo de informações. (UFABC, PDI 2013-2022, p. 33)

Desse modo, a estrutura curricular se organiza da seguinte forma: os anos iniciais formam um ciclo de três anos, como Bacharelados Interdisciplinares (BIs), o primeiro deles consistindo no Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BC&T) e o segundo, posteriormente criado, no Bacharelados de Ciências e Humanidades (BC&H), tornando os BIs a única forma de entrada na universidade. Projeta-se a expansão dos cursos até 2022, com a criação de novos BIs em “Ciências da Vida” e “Artes e Tecnologias”. Após os três anos de formação nos BIs o aluno está pronto para dar início ao chamado “ciclo complementar”, que são as licenciaturas nas áreas específicas: biologia, física, química, entre outras. Após concluir o BIs o estudante tem a opção de continuar na universidade cursando outros cursos em áreas mais específicas, se assim desejar; caso contrário, tem plena condição de já atuar no mercado após concluir a sua formação nos BIs. A proposta busca evitar a escolha precoce de áreas específicas, dando ao estudante a oportunidade de explorar a estrutura interdisciplinar, para, ao final do curso, estar mais seguro da escolha da área que deseja seguir, evitando a evasão tão recorrente nas universidades.

Os requisitos para formação nos BIs são o cumprimento de 90 créditos no mínimo; estágios supervisionados que somam 20 créditos e créditos específicos para engenharia e outras áreas. O curso se organiza em quadrimestres e por um processo letivo diferenciado. Os alunos que uma vez são admitidos precisam obrigatoriamente cumprir 47,4% das disciplinas obrigatórias; 30% das disciplinas de opção limitada e 22,6 % das disciplinas livres.

Essa organização acadêmica foi difundida a partir do *Manifesto de Angra*, que tinha como um dos requisitos a não compartimentalização das disciplinas, mas a conexão entre os conhecimentos. Os centros oferecem as disciplinas fundamentais para a formação dos Bacharelados Interdisciplinares. O quadro docente é obrigatoriamente composto de professores doutores que trabalham com o objetivo de propor a integração de saberes. Esse modelo de organização visa o não isolamento das áreas de ciência, podendo explorar de cada área o melhor de si e expor ao aluno uma gama de disciplinas que se entrelaçam, trazendo uma formação mais completa durante as atividades

acadêmicas que se realizam. No projeto pedagógico da UFABC essa organização é baseada na tríade: “descobrir, sistematizar e inventar”, pois pressupõe que a integração dos centros facilita a que as disciplinas se reúnam e discorram no sentido de integrar as perspectivas científicas: “aos cientistas dedicados a ciências naturais a atração pela descoberta, aos cientistas dedicados à matemática e computação o gosto pelo rigor lógico, e aos engenheiros a tarefa de inventar e inovar.” (UFABC, PP, 2006)

Outro diferencial das unidades acadêmicas da universidade está na interação docente que se coloca, pois, professores de diferentes áreas também se socializam durante as atividades que ocorrem, trazendo assim debates e iniciativas que ajudam a construir e enriquecer a formação dos alunos e o próprio projeto da universidade. É interessante observar que tanto a estrutura pedagógica da universidade quanto a estrutura organizacional mostram compatibilidade, ambas coerentes com as ideias que perfazem a unidade acadêmica, trazendo assim originalidade ao projeto e também um diferencial inovador que personaliza a UFABC.

Destacaremos agora as funções de cada Centro, por considerarmos importante destacar a estrutura organizacional das unidades acadêmicas para o debate de nosso foco de pesquisa que é a política institucional de internacionalização da UFABC.

Cada Centro compreende a atividade de ensino de uma maneira singular. O Centro de Ciências Naturais e Humanas trabalha integrando ensino, pesquisa e extensão e abrangendo ciências físicas, químicas e biológicas, todas em um modelo integrado e que dispõe de temas que envolvem pensamento filosófico e história em ciências. A formação acadêmica conduz ao bacharelado e à licenciatura em física, química e biologia, podendo seguir para o mestrado e, depois, ao doutorado em física, química ou biologia, oferecidos nas respectivas áreas disciplinares, a saber: Física Moderna I, Física Moderna II, Princípios de Mecânica Quântica, Mecânica, Magnetismo, Óptica, Teoria do Campo, Termodinâmica, Introdução à Cosmologia, Introdução à gravitação I, Introdução à gravitação II, Teoria da Relatividade, Física dos Oceanos e Atmosfera, Circulação Oceano Atmosférica, Física da Alta Atmosfera e Ionosfera, Astrofísica, Geofísica Espacial, Química Moderna I, Química Moderna II, Química I, Bioquímica I, Bioquímica II, Biologia da Célula, Fundamentos da Evolução Molecular, Introdução à Genética, Evolução, Evolução e Expansão de Espécies I, Evolução e Expansão de Espécies II, Ecologia, Mudanças Climáticas, Ciclo Biogeoquímicos, Ecossistemas Marinhos, Ecossistemas Fluviais, História da Ciência I, História da Ciência II, Introdução à Filosofia da Ciência, Filosofia da Revolução Científica.

O Centro de Matemática, Computação e Cognição, como característica própria da UFABC, possui uma modelagem integrada. Como destacado em seu Projeto Pedagógico, “compreende as atividades de pesquisa ensino e extensão nas áreas de matemática pura, computação, sistemas complexos e modelagem.” (UFABC, PP, 2006, p. 15) São oferecidas disciplinas pelo Centro que atendem à formação e orientação para obtenção de grau de bacharel em Ciências e Tecnologia. Conta também com a orientação acadêmica em outros graus como: Bacharel e Licenciado em Matemática; Mestre em Matemática e Computação. As disciplinas oferecidas pelo CMCC são: Cálculo Numérico, Funções de Várias Variáveis, Métodos Matemáticos, Métodos Matemáticos II, Análise Real MAC 130 - Variável Complexa, Elementos de Cálculo Variacional, Introdução à análise funcional, Equações Diferenciais Ordinárias, Equações a Derivadas Parciais I (Elípticas), Equações a Derivadas Parciais II (Parabólicas, Difusão – Reação), Equações a Derivadas Parciais III (Hiperbólica – Onda), Solução Numérica de Equações Diferenciais, Álgebra Linear MAC 255 - Modelos probabilísticos, Teoria dos Jogos em Modelos Econômicos, Programação Matemática, Introdução à Matemática Financeira, Linguística Computacional, Computação/Redes, Introdução a Sistemas Formais de Computação, Engenharia de Software, Sistemas Operacionais, Arquitetura e Organização de Computadores, Criptografia.

O Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas atende à pesquisa, ao ensino e à extensão nessa área e também se estende à inclusão das ciências sociais aplicadas, atuando de forma interdisciplinar nas “áreas de engenharias em temas que envolvem gestão, administração e economia.” (UFABC, PP, 2006, p.16) Esse Centro se caracteriza pela colaboração, pois não se organiza em divisões, mas segue na perspectiva de cooperação conjunta com os demais centros. Com a finalidade de desenvolver os alunos para os campos trabalho e da pesquisa, esse Centro oferece disciplinas fundamentais para a formação dos alunos e para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências e Tecnologia.

As disciplinas oferecidas pelo Centro são: Geração Hidráulica, Medidas Elétricas e Instrumentação, Teoria Eletromagnética II, Circuitos Elétricos, Circuitos I, Circuitos II, Fundamentos de Eletrônica, Eletrônica II, Fotônica, Transformada de Fourier, Sistemas de Controle II, Controle de Sistemas Interligados, Máquinas Elétricas, Transmissão de Energia Elétrica, Análise de Defeitos em Sistemas de Potência, Eletrônica de Potência I ENG 162 - Eletrônica de Potência II, Análise de

Sistemas de Potência, Cálculo de Transitórios Eletromagnéticos, Projeto de Sistemas com Microprocessadores, Aplicação de Computadores a Sistemas de Potência, Distribuição de Energia Elétrica, Proteção de Sistemas Elétricos, Linhas Aéreas de Extra Alta Tensão, Estabilidade de Sistemas de Potência, Técnicas de Alta Tensão, Subestações, Conservação de Energia, Energia Alternativa, Planejamento de Sistemas Energéticos, Planejamento em Ambiente Competitivo, Computação de Alto Desempenho, Circuitos de micro-ondas e antenas, Processamento de sinais I, Processamento de sinais II, Fundamentos de Desenho e Projeto, Introdução ao Processamento Digital de Imagem, Visualização, Introdução à Robótica, Acionamentos, Microprocessadores e micro controladores, Projeto de sistemas com microprocessadores e micro controladores, Sistemas fluido-mecânico, Física dos corpos deformáveis, Mecânica dos sólidos, Análise de estruturas, Geotecnia, Materiais, Teoria da Estabilidade, Vibrações de Máquinas. Fundamentos de Ciência dos Materiais I, Fundamentos de Ciência dos Materiais II, Termodinâmica da matéria condensada, Transformação de Fase, Armazenamento e Conversão Eletromecânica de Energia, Difração e estrutura de materiais, Mecânica dos fluidos, Dinâmica de fluidos, Fenômenos de transporte, Sistemas térmicos, Turbinas, Máquinas de combustão interna, Aquíferos e Mananciais de água, Projeto de máquinas, Processos de fabricação, Projeto e Fabricação Assistidos por Computador I, Projeto e Fabricação Assistidos por computador II, Elementos de máquinas, Engenharia do Produto I, Engenharia do Produto II, Interface Produto-Usuário, Projeto de mecanismos, Física da informação, Nanotecnologia, Sistemas de informação, Organizações e Informação, Análise sob Incerteza, Análise de Decisão, Processos Decisórios em Organizações Industriais, Logística, Modelagem para Gestão Empresarial, Gestão Financeira, Gestão Administrativa, Engenharia da Qualidade, Contabilidade Industrial, Análise de Investimento, Introdução às Ciências Espaciais, Mecânica Orbital, Tecnologias e Aplicações Espaciais, Sensoriamento Remoto Multiespectral, Aplicações de Sensoriamento Remoto, Sensoriamento Remoto I, Sensoriamento Remoto II, Engenharia Aeroespacial I, Engenharia Aeroespacial II, Engenharia Aeroespacial III, Navegação espacial, Propulsão de veículos espaciais, Integração e testes, Técnicas para Treinamento, Avaliação de Tecnologias, Gestão de Tecnologias I, Gestão de Tecnologias II, Instrumentação Médico-Hospitalar I, Instrumentação Médico-Hospitalar II, Instrumentação Hospitalar, Transdutores e sensores, Gestão Qualidade, Ergonomia

Estima-se, no planejamento institucional da instituição, a criação de novos cursos e vagas e a expansão do campus na região do ABC, no sentido de abarcar demanda por cursos de que a região carece.

Ainda no campo da proposta político-pedagógica, tem-se a pós-graduação, parte integrante da concepção original da UFABC, que exerce também um caráter inovador pois desde suas primeiras instalações provisórias visava à pesquisa no campo da Ciência e Tecnologia. Importante ressaltar que algumas áreas de concentração são experimentais e que as linhas de pesquisa dos programas foram construídas como cursos interdisciplinares de doutorado, com a intenção de expansão dos cursos e das vagas.

Tem sido um desafio à universidade. Os campos de estudo prioritários vão ao encontro das preocupações da realidade contemporânea do mundo e das sociedades. Por essa razão, a pós-graduação da UFABC investiga as principais grandes áreas, a saber (UFABC, PP,2006, p.33):

1. **Estrutura da matéria**, compreendendo o desenvolvimento de novos materiais, com particular atenção para nanotecnologia. Também nessa linha situam-se os desenvolvimentos de instrumentação miniaturizada (MEMS). Para fins clínicos. Materiais biológicos devem ser também motivo de atenção especial. Ainda sob este grande tema estimula-se a engenharia de novos produtos e novos processos de produção com avaliação custo-benefício.
2. **Energia**, compreendendo o planejamento do uso de energia, desenvolvimento de novas fontes, como células combustíveis, avaliação dos impactos ambientais provocados pelo uso descontrolado de energia e a correspondente mitigação. As questões ambientais estarão presentes neste tema incluindo modelagem ambiental e projeção de cenários.
3. **Processos de transformação**, compreendendo tanto processos artificiais de fabricação de novos produtos quanto processos naturais bioquímicos. Associam-se aí a descoberta e a invenção para fazer avançar o conhecimento a melhorar as condições de vida. Bioengenharia é um dos tópicos de destaque nesta linha.
4. **Comunicação e Informação**, compreendendo tópicos especulativos sobre o processo de conhecer e transmitir conhecimento. Codificação e decodificação em processos artificiais e naturais. Aqui a bioinformática tem um papel muito importante. Também aqui se encaixam os processos de observação da terra e sensoriamento remoto e telecomunicação com aplicações em telefonia e outros sistemas de radiofrequência.
5. **Simulação e representação** que compreende mais especificamente a modelagem matemática e computacional de fenômenos artificiais e naturais incluindo visualização. As técnicas de modelagem estão abrangendo vários

i. A infraestrutura física²¹

Nos anos iniciais de sua fundação a UFABC se estruturou em prédios alugados provisórios em Santo André - enquanto os novos estavam em construção – na Av. Atlântica e Rua Catequese –, comportando os setores administrativo, laboratorial e de salas de aula. As instalações de Catequese contavam com 3.526m² e acolhiam a estrutura administrativa: Gabinete da Reitoria e Pró-reitorias, Procuradoria Jurídica, Prefeitura Universitária, Secretaria Geral e Órgãos de Apoio Acadêmico e Complementar, além de extensões das diretorias dos centros e salas de professores.

TABELA 3 ESTRUTURA FÍSICA DA UNIDADE DE ATLÂNTICA- UFABC

ESTRUTURA FÍSICA - (área útil)		ATLÂNTICA	
		Qtd	m ²
Salas de Aula Grande (+ de 80 alunos)		0	0
Salas de Aula Pequena e Média (até 80 alunos)		0	0
Laboratório Didático		0	0
Laboratório de Informática		0	0
Laboratórios de Pesquisa		2	143
Central Multiusuário		0	0
Sala de Professores		0	99
Biblioteca		0	0
Auditório		0	0
Espaços Administrativos	Reitoria	0	0
	Pró-reitorias	0	0
	outras áreas adm.	0	49
Outras Áreas		0	802
Área Útil Total		0	1.092
Área Construída Total		0	2.269
Área do Terreno		0	1.444

Fonte: Coordenação de Obras - Prefeitura Universitária UFABC (maio/2009)

fonte: PDI 2008-2013

O Edifício da Av. Atlântica tinha 2269 (Ibid) e abrigava os alunos ingressantes dos primeiros vestibulares e laboratórios de informática.

²¹ Fotos em anexo da estrutura da UFABC.

TABELA 4 A ESTRUTURA FÍSICA DA UNIDADE DE SANTA ADELIA – UFABC

ESTRUTURA FÍSICA - (área útil)		SANTA ADELIA	
		Qtd	m²
Salas de Aula Grandes (+ de 80 alunos)		4	510
Salas de Aula Pequenas e Médias (até 80 alunos)		3	165
Laboratório Didático		0	0
Laboratório de Informática		0	0
Laboratório de Pesquisa		0	0
Central Multiusuário		0	0
Sala de Professores		0	0
Biblioteca		1	320
Auditório		0	0
Espaços Administrativos	Reitoria	0	0
	Pré-reitorias	0	177
	outras áreas adm.	0	55
Outras Áreas		0	381
Área Útil Total		0	1.608
Área Construída Total		0	1.270
Área do Terreno			4.486

Fonte: Coordenação de Obras - Prefeitura Universitária UFABC (maio/2009)

Fonte: PDI 2008-2013

A infraestrutura dos laboratórios, um supercomputador o ALTIX, com processadores duplos, serve de suporte a alunos e professores. A Tabela 14 mostra a estrutura inicial da universidade.

TABELA 5 OS LABORATÓRIOS DA UFABC

LABORATÓRIOS	BLOCO B		ATLÂNTICA		TOTAL	
	QTD	ÁREA (M²)	QTD	ÁREA (M²)	QTD	ÁREA (M²)
LAB. INFORMÁTICA	8	530	0	0	8	530
LAB. DIDÁTICOS	8	947	0	0	8	947
LAB. PESQUISA	19	1150	2	143	21	1293

Fonte: Coordenação de Obras - Prefeitura Universitária UFABC (maio/2009)

Tabela 16: Laboratórios (área física)

Fonte: PDI 2008-2013

O projeto de construção da UFABC ficou por conta da construtora Augusto Velloso e a arquitetura ficou por conta da Vigliecca & Associados, empresas vencedoras do

concurso realizado pela IAB/ SP e pela Prefeitura de Santo André. Foram contruídos dois *campi*: o de Santo Andre, que tem capacidade para 7.000 alunos, abriga mais de 1000 funcionarios numa estrutura física de 60.00m² e é organizado por blocos: Bloco E – Complexo Poliesportivo; Bloco C - Complexo Cultural; Bloco F – Torre do Relógio. Para 2022, tem-se o objetivo de construir o Bloco L e outros blocos anexos destinados a laboratórios.

Vale mencionar que toda a obra arquitetônica foi inspirada na sua estrutura pedagógica: os centros são conectados por espaços abertos para interação dos alunos de diversas áreas; o prédio possui espelhos d'água e estrutura integralmente em cimento armado, característica da construção brasileira.

O segundo *campus* fica em São Bernardo e tem 36.000 m, também dividido em blocos: Bloco Alfa I, destinado a salas de aula e laboratórios; Bloco Beta, onde ficam auditórios e bibliotecas; Bloco Gama, dos restaurantes universitários; Bloco Delta, abriga sala de professores e laboratórios. A proposta é construir mais um Bloco Delta para abarcar toda a infraestrutura física planejada para a próxima década na universidade.

A Tabela 15 foi reproduzida do PDI 2013-2022 e faz uma comparação entre as áreas projetadas e as áreas construídas desde a sua implantação. A meta da UFABC é aumentar essa infraestrutura em cerca de 103% até 2022.

TABELA 6 PLANEJAMENTO UFABC 2013 -2022

Câmpus	Área construída 2012/2013 (m ²)	Área construída projetada para 2015 (m ²)	Área construída projetada para 2020 (m ²)	Crescimento da área construída 2012-2020
Santo André	60000	80000	127000	112%
São Bernardo do Campo	36000	48000	68000	88%
Total	96000	128000	195000	103%

Fonte: Coordenação de Obras\Propladi

Fonte: PDI -2013-2022

Os recursos de manutenção da instituição advêm do orçamento público da União, complementados com recursos de fomento à investigação científica das agências

governamentais e de projetos desenvolvidos com empresas, representando estratégia para adquirir recursos necessários para o desenvolvimento de pesquisas.

TABELA 7 META DE AMPLIAÇÃO DA OFERTA DE VAGAS DO INGRESSO NA GRADUAÇÃO ATÉ 2022

Tabela 2: Ampliação da oferta de vagas para ingresso na Graduação (2013-2022)

Ano	Câmpus Santo André	Câmpus São Bernardo do Campo	Total
2013	1125	835	1960
2022	2000	1600	3600

Fonte: Propladi – UFABC

Fonte: PDI 2013-2022

Outro ponto importante do desenvolvimento que a UFABC destaca em seus documentos de planejamento é a evolução do quadro discente em 2,7 vezes, acarretando a necessidade de preparar quadros técnicos e docentes e infraestrutura para abrigar os estudantes. A Tabela 16 mostra a expectativa de progresso de vagas para a próxima década, na graduação, e a Tabela 17, na pós-graduação.

TABELA 8 ESTIMATIVA DE EXPANSÃO DE MATRICULADOS ATÉ 2022

Tabela 3: Estimativa da evolução dos matriculados na Graduação (2012-2022)⁶¹

Ano	Câmpus Santo André	Câmpus São Bernardo do Campo	Total
2012	5.700	1.450	7.150
2022	11.000	8.400	3600

Fonte: Prograd \Propladi – UFABC

Fonte: PDI – (2011-2022)

TABELA 9 ESTIMATIVA DE MATRICULAS NA PÓS GRADUAÇÃO

Tabela 4: Evolução matriculados pós-graduação

Ano	Matriculados Pós-Graduação 2012-2022
2012	850
2022	4.800

Fonte: Propp\Propladi – UFABC

Fonte: UFABC/PDI 2013-2022

Para operacionalizar o proposto em ampliação de vagas, além dos investimentos em infraestrutura, carece do aumento de recursos docentes. A Tabela 19 propõe a estimativa necessária para a contratação de professores, tendo em vista a relação alunos/professor e de acordo com o REUNI, como destacado no PDI 2013-2022.

TABELA 10 EXPANSÃO DOCENTE ATÉ 2022

Tabela 6: Expansão – Necessidade de Docentes

Ano	Matriculados (Graduação + Pós-Graduação)	Docentes	Relação Alunos por Docente MEC - 18/1
2012	8.000	477	16,77
2022	24.200	1.344	18,00

Fonte: Projeção Propladi

Fonte: PDI 2013-2022

TABELA 11 EXPANSÃO DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS

Tabela 7: Expansão – Necessidade de Técnico-administrativos

Ano	Matriculados (Graduação + Pós-Graduação)	Técnico- administrativos (TA)	Relação Alunos por TA MEC - 15/1
2012	8.000	581	13,76
2022	24.200	1.613	15,00

Fonte: Projeção Propladi

fonte: PDI 2013-2022

Para finalizar, a proposta da universidade é expandir não só internamente, mas de forma a cumprir o que destaca desde a lei de fundação, na qual propõe que a UFABC seja multicampi, expandindo-se para outros municípios da região e consolidando seu projeto enquanto estratégia de expansão e desenvolvimento regional.

v. A ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (ARI)

Na visão da UFABC a internacionalização constitui elemento fundamental e indissociável diante dos três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão, e de sua proposta de projetar a instituição, em escala mundial, como produtora de tecnologia e formadora de profissionais de nível internacional. Assim, para dar curso a ações práticas nessa direção, foi criada a Assessoria de Relações Internacionais com a missão de “Desenvolver políticas de relações internacionais da Universidade Federal do ABC, promovendo a cooperação e o intercâmbio científico e acadêmico entre a UFABC e as instituições estrangeiras.” (UFABC, ARI, 2017) Tal intercâmbio implica, entre outras ações, propor e executar mecanismos de mobilidade acadêmica. Entende-se que a mobilidade acadêmica internacional “compreende as ações de internacionalização por meio de envio e recebimento de membros da comunidade acadêmica (alunos, professores e pessoal administrativo).” (id.ib.)

A ARI é formada por três divisões, de acordo com os seguintes projetos e atividades: Mobilidade Acadêmica e Programa Ciências sem Fronteiras; Idiomas sem Fronteiras e cursos de idiomas; acordos internacionais, questões institucionais e assuntos gerais, que exercem as tarefas principais como mobilidade estudantil nacional e internacional, envio e recebimento dos alunos de graduação no âmbito das parcerias com as universidades para cursar disciplinas ou desenvolver pesquisa. Os programas de mobilidade estudantil que a assessoria coordena são: Mobilidade Nacional Santander/Andifes; Ciências sem Fronteiras; Programa Bracol; Programa *Dialogues on Disability*; Programa de Ensino de Idiomas; Inglês sem Fronteiras; Curso Online Universia. A ARI viabiliza e apoia a inserção internacional dos alunos, diante de processos intermediários que têm como objetivo auxiliar na execução dos projetos e demandas da comunidade acadêmica. Cabe descrever alguns deles, seus objetivos, critérios de participação e modos de operação.

O Programa de Mobilidade Nacional Santander/Andifes²² é direcionado a estudantes de universidades federais regularmente matriculados e que tenham cumprido vinte por cento da carga horária do curso. Resulta da parceria entre as duas instituições que fazem parte de seu nome: Santander, empresa espanhola do ramo financeiro com filiais em grande número de países, e a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (ANDIFES), criada em 1989 como pessoa jurídica de direito privado e sem fins lucrativos, para representar os reitores de universidades e institutos federais.

Mediante aprovação de seu Conselho Pleno, em sua LXVIIIª reunião ordinária, realizada em fevereiro de 2008, em Salvador, a ANDIFES propõe, no que diz respeito à temática da internacionalização, o “Intercâmbio de informações e experiências com instituições de ensino e pesquisa, entidades culturais, científicas e tecnológicas nacionais e estrangeiras [...]”, que se complementa ao item IV desse mesmo Estatuto que indica: “Assessoramento às instituições federais de ensino superior no equacionamento de questões políticas administrativas, jurídicas e técnicas pertinente a sua problemática interna a ao relacionamento com os poderes públicos.” (ANDIFES, Ata LXVIIIª, 2008, p.1) No cumprimento desses dispositivos, a Andifes, por meio de seu Colégio de Pró-Reitores de Graduação (COGRAD), estabelece convênio que visa o desenvolvimento de um programa de mobilidade acadêmica nas instituições federais, revogando convênio anterior – de mobilidade acadêmica, de 29 de abril de 2003 –, e cria, em 8 de julho de 2015, na 109ª reunião extraordinária de seu Conselho Pleno, a Comissão de Novas Universidades, com a finalidade de acompanhar as novas universidades federais ligadas à instituição.²³

A UFABC disponibiliza vagas, por meio de um edital semestral, para atendimento da mobilidade dos estudantes, com o objetivo de que os alunos tenham experiência e contato com instituições federais fora do estado de São Paulo. O Programa de Mobilidade Andifes, no semestre de 2017, em seu Edital nº008/2017, aprovou 10

²² <http://www.andifes.org.br/mob-academica/>

²³ Os membros e instituições representadas nesse período eram os seguintes: Presidente: Reitor Marco Antônio Fontoura Hansen (UNIPAMPA); Reitor Anastácio de Queiroz Sousa (UNILAB); Diretor-geral Carlos Henrique Figueiredo Alves (CEFET-RJ); Reitora Iracema Santos Veloso (UFOB); Reitor Jaime Giolo (UFFS); Reitor Klaus Werner Capelle (UFABC); Reitor Maurílio de Abreu Monteiro (UNIFESSPA); Reitor Naomar Monteiro de Almeida Filho (UFSB); Reitora Raimunda Nonata Monteiro (UFOPA); Reitor Ricardo Luiz Lange Ness (UFCA); Vice-reitor Roberto Rodrigues Ramos (UFCA).

alunos para as universidades federais participantes do programa. No ano corrente, abriu um novo edital nº17 de março de 2018 para convocação dos alunos para mobilidade, não tendo ainda disponíveis os selecionados.

O Programa Internacional *Dialogues on Disability*²⁴, iniciativa da Universidade de Deli (Índia) e do King's College de Londres, tem por objetivo incluir jovens universitários com deficiências no ambiente de trabalho, ligando-os a uma rede de mobilidade a fim de trocar e compartilhar experiências.

O Programa de Ensino de Idiomas da UFABC surge em 2011 como ação da Assessoria de Relações Internacionais e de sua Divisão de Idiomas (DI-ARI), oferecendo curso de português a alunos estrangeiros, nesse sentido buscando a valorização da língua e da cultura nacionais. Os objetivos do Programas são promover ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras; oferecer cursos gratuitos de idiomas para estudantes estrangeiros na instituição. Um novo programa está em implantação e pretende alcançar estudantes nacionais e de outros países, servidores, estagiários e funcionários terceirizados a fim de prepara-los para projetos de mobilidade internacional, mais especificamente nivelar estudantes socioeconomicamente vulneráveis do Programa Ciências sem Fronteiras.

O Inglês sem Fronteiras²⁵, programa criado por um grupo de especialistas em línguas estrangeiras em 2012, pela Portaria Normativa nº. 1.466/2012, atendeu a uma solicitação da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) de auxiliar estudantes a acessarem programas de mobilidade. O Programa contribuiu para auxiliar no processo de internacionalização nas universidades brasileiras, capacitando estudantes, professores e técnicos administrativos.

Ciência sem Fronteiras e a UFABC²⁶

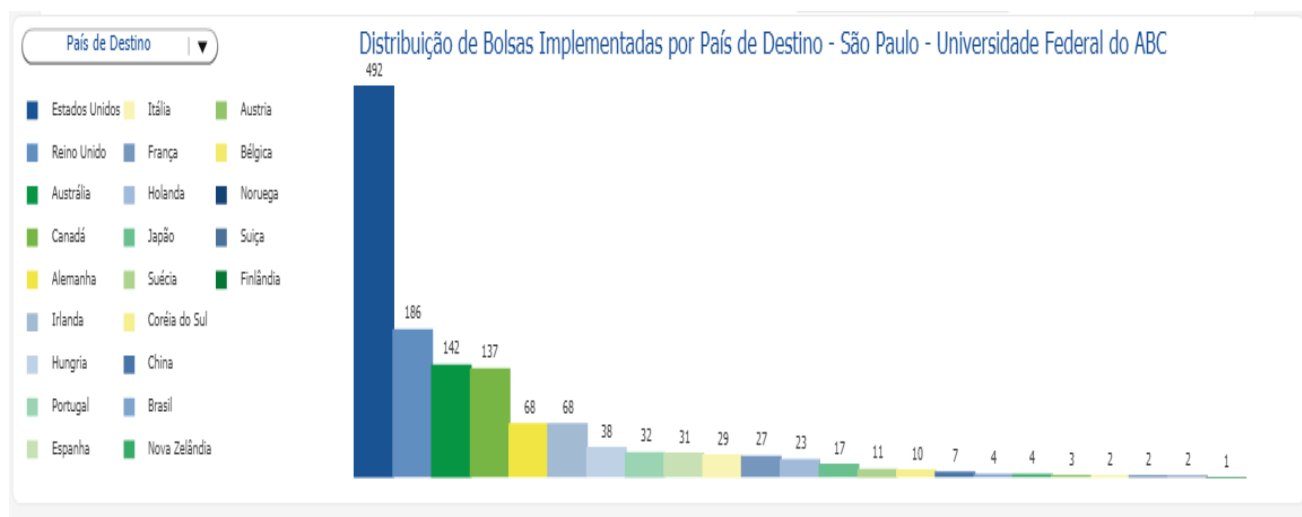
O Programa CsF teve grande relevância na construção da Assessoria de Relações Internacionais da UFABC, tendo em vista que foi um dos maiores programas

²⁴Diálogos sobre a deficiência (tradução nossa). In: http://www.dgcs.unam.mx/boletin/bdboletin/2017_047.html

²⁵ <http://isf.mec.gov.br/>

de mobilização de estudantes para universidades mundo afora. Na Tabela 21 mostramos a distribuição de bolsas nacionais e os países de destino.

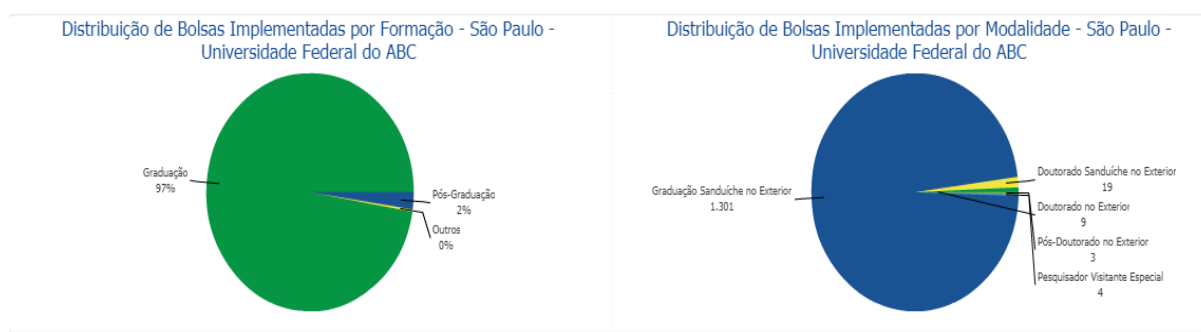
GRÁFICO 3 DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR PAÍS DE DESTINO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC



Fonte: Ciências sem Fronteiras

No âmbito do CsF, foram 492 bolsas, utilizada por estudantes que tiveram como destinos principais o Reino Unido (186), a Austrália (142), Canadá (137), Alemanha e Irlanda (ambos com 68). No outro extremo de procura, a Finlândia foi o destino de apenas 1 aluno.

GRÁFICO 4 BOLSAS IMPLEMENTADAS POR FORMAÇÃO- DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR MODALIDADE NA UFABC



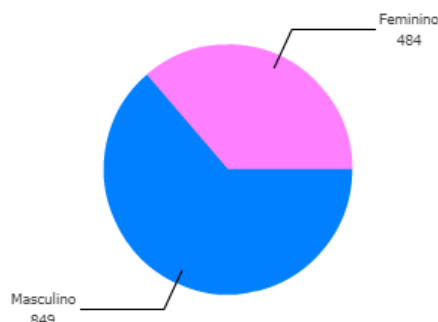
Fonte: Ciências sem Fronteiras

O Gráfico 4 demonstra as porcentagens por grau de formação e por modalidade. Quanto ao grau, 97% das bolsas foram destinadas à graduação e 2% apenas para a pós-graduação, deixando nítido o foco do programa na formação dos estudantes de graduação.

O Gráfico 4 mostra que a distribuição das bolsas por tipo de mobilidade se concentrou na graduação sanduíche, com 1.301 alunos; no campo da pós-graduação, foram disponibilizadas 19 bolsas para Doutorado Sanduíche no exterior, 9 bolsas de doutorado no exterior e 3 bolsas de pós-doutorado no exterior; professores visitantes especiais tiveram 4 vagas. Dessas bolsas, destacamos a participação por gênero dos estudantes, pois chama a atenção, quando discriminado o gênero (Tabela 23) dos estudantes que acessaram o Programa, o percentual de participantes do gênero masculino, cerca de quase 100% maior que os do gênero feminino, o que evidencia que o sexismo no processo de mobilidade acadêmica ainda é um fator de desigualdade no que diz respeito à política de internacionalização da UFABC.

GRÁFICO 5 DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS POR GÊNERO

Distribuição de Bolsas Implementadas por Gênero - São Paulo - Universidade Federal do ABC

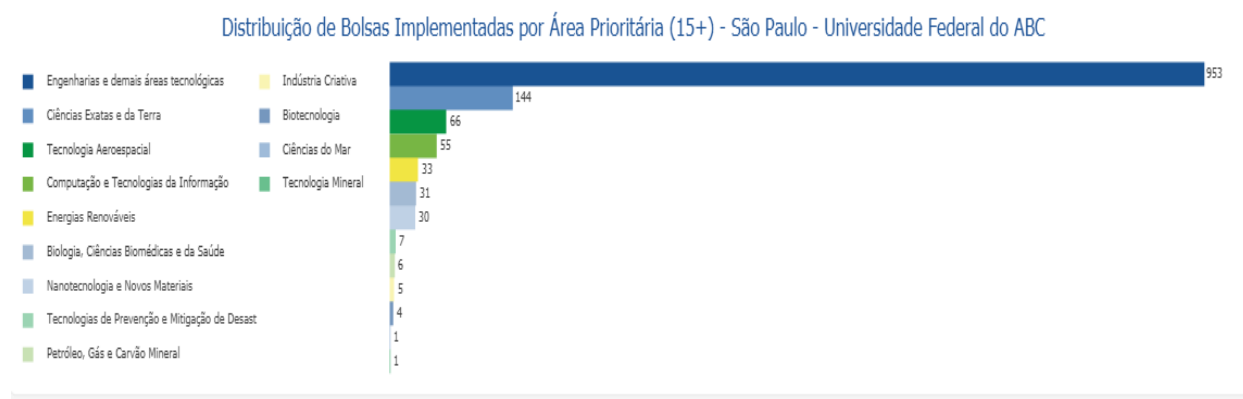


Fonte: Ciências sem Fronteiras

Outro dado que ressalta desses números é a maior presença de estudantes da área de Ciência & Tecnologia (engenharias e demais áreas tecnológicas) no Programa, demonstrando o foco da UFABC e o fato de essa universidade estar em consonância com as prioridades, em termos de cursos, da política governamental de internacionalização.

O Gráfico 24 destaca as áreas prioritárias de que a UFABC participou. No Programa CsF, a UFABC teve participação relevante na mobilidade nas engenharias e demais áreas tecnológicas, com 953 bolsas, o maior número de participantes; a segunda área de maior participação foi em Ciências Exatas e da Terra, com 144 bolsas; a terceira foi a área de Tecnologia Aeroespacial, com 66 bolsas; em quinto lugar, a área de Computação e Tecnologias da Informação, com 55 bolsas distribuídas; a sexta área, Energias Renováveis, recebeu 33 bolsas; nas áreas de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, foram 31 bolsas e, por fim, a área de Nanotecnologia recebeu 30 bolsas. As áreas com menor número de bolsas foram as Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres (7), Petróleo, Gás e Carvão Mineral (6), Indústria Criativa (5), Biotecnologia (4), Ciências do Mar e Tecnologia Mineral, ambas com apenas 1 bolsa.

GRÁFICO 6 UFABC - DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS IMPLEMENTADAS POR ÁREA PRIORITÁRIA



Fonte: Ciências sem Fronteiras

Esses números têm relevância na construção da política de internacionalização da universidade pois materializaram convênios realizados com universidades de vários países, acordos que envolveram alunos e professores, como mostra tabela 20, que destaca os principais acordos interuniversitários que resultaram do Edital nº 018, de 15 de junho de 2016. A partir de 2017, os acordos internacionais serão substituídos por protocolo de intenção com as universidades estrangeiras, uma forma de facilitar as articulações jurídicas.

QUADRO 3 ACORDOS COM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS NO ANO 2017

	<i>Idioma de estudo</i>	<i>Informações específicas sobre mobilidade</i>
ALEMANHA		
Beuth University of Applied Sciences Berlin	Alemão	http://www.beuth-hochschule.de/en/516/
Frankfurt University of Applied Sciences	Inglês	https://www.frankfurt-university.de/en/international/studying-at-frankfurt-uas/application-for-exchange.html
Hochschule Offenburg University of Applied Sciences	Inglês	http://www.hs-offenburg.de/en/international/study-in-offenburg/exchange-students-and-special-programs/
University Alliance Metropolis Ruhr	Inglês	http://www.aaa.tu-dortmund.de/cms/en/International_Students/Applicants/index.html
CANADÁ		
École de Technologie Supérieure	Francês	http://en.etsmtl.ca/en/International/Procedure/Student-exchange-program
COLÔMBIA		
Instituto Metropolitano da Colômbia	Espanhol	http://www.itm.edu.co/
COREIA DO SUL		
Gyeongsang National University	Inglês	http://eng.gnu.ac.kr/main/
Myongji University	Inglês	http://jw4.mju.ac.kr/user/indexSub.action?codyMenuSeq=1317731&siteId=abroadeng
JAPÃO		
Shibaura Institute of Technology	Inglês	http://www.shibaura-it.ac.jp/en/prospective/study_abroad/sandwich_program.html
MÉXICO		
Universidad Autónoma de Sinaloa	Espanhol	http://diva.uasnet.mx/movilidad/
PORTUGAL		
Universidade de Lisboa	Português	https://ciencias.ulisboa.pt/
Universidade do Minho	Português	http://www.sri.uminho.pt/Default.aspx?tabid=9&pageid=159&lang=pt
SUÉCIA		
Linköping University	Inglês	https://www.student.liu.se/exchange?l=em

Fonte: Assessoria de Relações Internacionais da UFABC

Visão Estratégica e Diretrizes para Internacionalização: Relatório Final do Grupo de Trabalho

Em março de 2015, a Comissão de Relações Internacionais apresentou o *Relatório Final do Grupo de Trabalho*, que buscava propor uma visão estratégica para a política de internacionalização na UFABC, com base nas diretrizes do PDI 2013-2022.

O GT foi instituído por meio da Portaria nº 654, de 11 de agosto de 2014, com prazo de conclusão de 120 dias. Teve como signatários os seguintes gestores: Carlos Alberto Kamienski (Assessoria de Relações Internacionais) – Presidente; José Fernando Queiruga Rey (Pró-Reitoria de Graduação); Gustavo Martini Dalpian (Pró-Reitoria de

Pós-Graduação); Marcela Sorelli Carneiro Ramos (Pró-Reitoria de Pesquisa); Gloria Maria Merola de Oliveira (Pró-Reitoria de Extensão); Ricardo Suyama (Coordenação da Graduação em Engenharia da Informação); Itana Stiubiener (Coordenação do Bacharelado em Ciência e Tecnologia); Renata Ayres Rocha (Coordenação da Graduação em Engenharia de Materiais); Luís Paulo Barbour Scott (Coordenação da Pós-Graduação em Engenharia da Informação); Klaus Frey (Coordenação da Pós-Graduação em Políticas Públicas); Fabio Furlan Ferreira (Coordenação da Pós-Graduação em Nanociências e Materiais Avançados); Leandro Sumida Garcia (Técnico Administrativo da ARI). (UFABC, CRI, 2015, p.3)

A partir da visão de internacionalização do PDI da UFABC, o documento buscava “uma definição de internacionalização e uma lista de objetivos e diretrizes para a internacionalização. ” (op. cit., p. 7) Propunha-se uma leitura do contexto de internacionalização na universidade, que embora não seja um assunto novo no campo da educação superior no Brasil, teve expansão significativa a partir de 2011 com o lançamento do Programa Ciências sem Fronteiras.

Os países europeus investem no tema há mais tempo que Brasil, por isso, as referências trazidas no documento se relacionam a definições e trabalhos desenvolvidos por associações de educação internacional estrangeiras como a *Association of International Educators* (NAFSA), dos Estados Unidos da América; a *European Association for International Education* (EAIE); e as nacionais Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (CGUB), rede que desenvolve várias atividades de mobilidade acadêmica, e Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), espaço de articulação das universidades públicas nacionais para processos de internacionalização.

Segundo o GT (UFABC, 2015), “a internacionalização é considerada por universidades do mundo inteiro como um processo necessário para elevar os índices de excelência em pesquisa e formação ampla para os alunos transitarem pelo mundo” (id.ib., p.4), conceito que, como já visto, tem peso significativo na definição da visão de internacionalização da UFABC e que corresponde, em larga medida, aos requisitos das chamadas *Word Class University* (Universidade de Classe Mundial), pois “o PDI da UFABC considera universidades de classe mundial como sinônimo para universidade de excelência.” (id.ib., p.5). Essa definição, por sua vez, baseia-se nas concepções e iniciativas de universidades de Harvard, Stanford, MIT, Oxford e Cambridge, dado os resultados alcançados por essas instituições nos *rankings* mundiais, o que as torna

símbolos da excelência pela “alta demanda por seus alunos, liderança em pesquisa e transferência de tecnologia.” (id.ib., p.5)

Relembrando a definição de Salmi em documento do Banco Mundial de 2009, uma *World Class University* é aquela que apresenta os seguintes elementos qualitativos: a) alta concentração de talentos; b) recursos abundantes; c) governança favorável. Estabelecidas tais características, para se criar uma universidade de classe mundial, de acordo com o GT, torna-se necessária a adoção de enfoques como: melhorar universidades com alto potencial de excelência (*Picking Winners*); criar novas universidades (*Clean-State Approach*); promover a fusão de universidades menores (*Hybrid Approach*). Salienta-se, no documento, que:

Uma universidade não se torna de classe mundial por desejo próprio. Esse status tem origem externa e vem por reconhecimento internacional. É possível notar que entre vários critérios essas universidades têm grande presença internacional e isso é algo que deve ser promovido internamente. (id.ib., p.6)

Nessa “perseguição” a critérios de internacionalização, o GT da UFABC reflete sobre o índice criado pelo Conselho Americano Educação (ACE, na sigla em inglês), que classifica as atuações em seis dimensões. São instruções que guiam o estabelecimento do plano estratégico para o desenvolvimento efetivo de cada dimensão, a saber:

Visão Estratégica: visão de um compromisso institucional articulado com os vários atores da comunidade universitária e externa, como a existência de políticas, planejamento estratégico, comissão de internacionalização e avaliação;

Currículo e Aprendizado: ofertas acadêmicas na forma de introdução de perspectivas internacionais no currículo (idiomas, estudos, regiões, questões globais, elementos interculturais), a avaliação dos resultados do aprendizado e a introdução de tecnologias que permitam maior interação com pessoas em diferentes partes do mundo;

Estrutura Organizacional: envolvimento da liderança máxima e existência de estruturas administrativas e hierárquicas para implementação da internacionalização, incluindo a estrutura do escritório de internacionalização;

Apoio ao Docente: políticas e práticas de apoio para que docentes desenvolvam competência internacional, sejam reconhecidos como os condutores do ensino e da pesquisa, com políticas de promoção, diretrizes de contratação, mobilidade e oportunidades de desenvolvimento profissional;

Mobilidade Estudantil: fluxo de estudantes nos dois sentidos, ou seja, alunos da UFABC estudando no exterior e alunos estrangeiros

estudando na UFABC, que requer políticas de equivalência de créditos, financiamento, programas de orientação e apoio a estudantes locais e estrangeiros;

Colaboração e Parceria: oportunidades para extensão do alcance global da universidade através de colaborações e parcerias, que envolvem várias ações, como intercâmbio de estudantes, docentes e técnicos, programas de dupla diplomação (incluindo cotutela para o doutorado), filiais internacionais, acordos de cooperação e projetos de pesquisa colaborativos. (id.ib., p.7 – grifos nossos)

Nesse sentido, o GT confere relevância ao conceito de excelência, tendo em vista que o termo é o que melhor define as universidades de classe mundial. Portanto, o objetivo da política de internacionalização da UFABC está em integrá-la ao círculo de excelência acadêmica mundial. Para tal, foram traçados objetivos que definem foco e prioridades para a internacionalização na UFABC, quais sejam:

- Objetivo 1. Aumentar a exposição internacional da UFABC;
- Objetivo 2. Aumentar o número de projetos de ensino, pesquisa e extensão em colaboração internacional;
- Objetivo 3. Aumentar a produção científica em periódicos de circulação internacional e em colaboração internacional;
- Objetivo 4. Incrementar o número de docentes com estágio pós-doutoral no exterior;
- Objetivo 5. Incrementar programas de mobilidade internacional;
- Objetivo 6. Aumentar a atração de alunos, docentes e pesquisadores estrangeiros;
- Objetivo 7. Incentivar o estabelecimento de acordos de dupla diplomação;
- Objetivo 8. Oferecer disciplinas em inglês na graduação e pós-graduação;
- Objetivo 9. Promover a internacionalização do currículo;
- Objetivo 10. Proporcionar formação em língua estrangeira para brasileiros, principalmente em inglês, e em língua portuguesa para estrangeiros. (op. cit., p.8)

A visão estratégica do GT de internacionalização da UFABC está em manter objetivos, estratégias e planos claros e atualizados, no propósito de aumentar a visibilidade da UFABC no cenário global, por meio de diversas ações. Uma delas é incentivar a apresentação de trabalhos científicos em eventos internacionais, tanto os realizados no Brasil quanto os que ocorrem no exterior, no sentido de possibilitar a divulgação da instituição e permitir futuras parcerias institucionais. Em continuação, propõe missões de divulgação no exterior, promoção de eventos internacionais e incentivo à contratação de professores estrangeiros.

Seguindo, o GT de internacionalização complementa que a visão estratégica é promover a inserção da UFABC nas comunidades científicas de extensão internacional, em processos de cooperação, ademais do estabelecimento de mecanismos de acompanhamento de áreas, instituições e oportunidades de internacionalização. Busca a popularização da ciência produzida no Brasil em nível internacional, o desenvolvimento de *websites* e *folders* para divulgar e assessorar a atração de potenciais parceiros e legitimar a “constituição da comissão de relações internacionais, como fórum consultivo e deliberativo para assuntos relacionados à internacionalização.” (op. cit., p.9)

Do ponto de vista curricular e da aprendizagem, a proposta de internacionalização da UFABC está em disponibilizar disciplinas em inglês para a graduação e a pós-graduação, para permitir o acesso de alunos não luso-falantes na instituição, para a construção de um ambiente internacional e intercultural dentro da própria universidade - uma estratégia de “internacionalização em casa”. Significa que os conteúdos das disciplinas devem estar expressos também em inglês e que a instituição deve perseguir oportunidades de cooperação internacional, ao mesmo tempo que promove a infraestrutura adequada para a organização e gestão de projetos nessa direção.

No que concerne à posição docente, o GT de internacionalização visa investimentos na criação de programas de incentivo a estágio pós-doutoral de professores da UFABC no exterior; busca vincular progressão funcional a parcerias em publicação e ações extensionistas internacionais; propõe a oferta de cursos de qualificação para a redação de artigos científicos de alto impacto e propostas internacionais, assim como de ensino de inglês; e o aumento do número de projetos efetivos de ensino e pesquisa em colaboração com universidades no exterior. Para dar suporte à mobilidade acadêmica, o GT de internacionalização propõe:

- D32. Incentivar fortemente a participação de alunos de doutorado em estágios sanduíche;
- D33. Viabilizar a construção de moradia para alunos e visitantes estrangeiros;
- D34. Criar experiências de integração de currículos com programas de países estrangeiros, incluindo dupla diplomação;
- D35. Criar programas de intercâmbio de alunos e professores com universidades estrangeiras;
- D36. Aumentar o recrutamento de estudantes e pesquisadores do exterior para graduação, pós-graduação e pós-doutorado;
- D37. Promover a internacionalização do currículo, incluindo a criação de disciplinas novas ou tradução e adaptação de disciplinas existentes

(nomes, ementas, conteúdo e bibliografia) para oferecer uma visão globalizada aos alunos. (op.cit., p.12)

O Relatório ainda propõe estabelecer acordos de dupla titulação para formação tanto de graduação quanto de *stricto sensu*, disponibilizando recursos iniciais para participação dos professores da UFABC em projetos internacionais de pesquisa. Indica ainda o aumento de submissão de projetos que tenham abrangência internacional às agências de fomento, como também o incentivo de proposta para programas de colaboração e de mobilidade internacionais.

Em suma, o relatório do GT de internacionalização da UFABC, em seus comentários finais, diante dos desafios de uma universidade do século XXI, propõe o desenvolvimento do país como elemento estratégico do desenvolvimento regional e de impulso à internacionalização:

A internacionalização das universidades está na ordem do dia no mundo inteiro porque ela remete à construção da excelência e à busca pelo reconhecimento internacional, contribui decisivamente para o posicionamento estratégico do país num cenário global e melhora as condições de vida do nosso povo. Uma universidade não se torna de classe mundial por desejo próprio, esse status tem origem externa e vem por reconhecimento internacional. É possível notar que, entre vários critérios, essas universidades têm grande presença internacional e isso é algo que deve ser promovido internamente. A UFABC deve promover a internacionalização pela sua vocação, pelo seu potencial e pelo momento estratégico que o país atravessa. (UFABC, 2015, p. 12)

vi. Comissão de Relações Internacionais (CRI): Atas ²⁷

Mediante a Resolução do CONSUNI²⁸ nº 147, de 8 de Dezembro de 2014²⁹, revogada e substituída pela Resolução nº 164, de 2 de Agosto de 2016³⁰, institui-se a Comissão de Relações Internacionais da UFABC como um órgão deliberativo e consultivo da Assessoria de Relações Internacionais com o objetivo de contribuir para o atingimento das metas e objetivos propostos no PDI (2012- 2022) e na ARI da UFABC.

²⁸ Conselho Universitário.

²⁹ Disponível em: <http://ri.ufabc.edu.br/images/CRI/resolucao-consuni-no-147-institui-a-comissao-de-relacoes-internacionais-cri-da-ufabc.pdf>. anexo.

³⁰ Disponível em: <http://ri.ufabc.edu.br/images/CRI/resolucao%20consuni%20164%20-%20institui%20a%20cri%20e%20revoga%20147.pdf>. anexo

A CRI, além de relacionar-se com outras comissões dentro da universidade, tem como foco “gerar avanços na internacionalização para oferecer um ambiente de ensino, pesquisa e extensão mais adequado às necessidades de um mundo moderno. ” (RESOLUÇÃO CONSUNI Nº 147. 2014.p.1). Ela foi dotada de algumas competências como a avaliação dos cursos de idiomas; avaliação e coordenação dos acordos de cooperação internacional com outras instituições de ensino superior e centros de pesquisa.

A CRI também tem sob sua responsabilidade o estabelecimento de políticas, diretrizes e estratégias específicas para o trabalho interno de internacionalização, assim como planos de ação e de acompanhamento do processo. Cabe à CRI, ainda, autorizar as bolsas de estudo aos alunos de graduação e pós-graduação, que até então era atribuição dos órgãos da administração, segundo as rubricas e disponibilidades orçamentárias para mobilidade acadêmica dos estudantes.

Para a CRI, cursos de internacionalização são aqueles que têm o “objetivo de atualização, treinamento, qualificação profissional e aperfeiçoamento para servidores docentes ou técnicos-administrativos. ” (CRI, Art. 2º, inciso IIIa, p.2) E as ações de internacionalização são aquelas que geram mobilidade acadêmica internacional por intermédio de cursos e oficinas que envolvam os aspectos do ensino, da pesquisa e da extensão, como descrito no mesmo artigo.

Após a instituição da CRI, a Resolução da nº 001, de 29 de janeiro de 2015, deliberou muitas ações de provimento de bolsas a estudantes de mobilidade do convênio Bracol³¹ e de estabelecimento de diretrizes; com a Resolução da CRI nº 002, de 29 de janeiro de 2015 estabeleceu diretrizes para o estabelecimento de acordos de cooperação internacional³²; por meio da Resolução nº 003, de 28 de julho de 2016³³, autoriza provimento de recursos para bolsa de mobilidade de estudantes estrangeiros que atuarão como leitores de língua francesa na UFABC; pela Resolução nº 004, de 03 de novembro de 2016, estabeleceu critérios para participação da UFABC no programa internacional *Dialogues on Disability*; revogada pela Resolução nº 005, de 16 de dezembro de 2016. Este é um interessante e importante programa de mobilidade acadêmica, que tem um

³¹ BRACOL - é a sigla para o Programa de Mobilidade Brasil-Colômbia, é um programa de mobilidade estudantil da graduação promovido pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (CGUB). Esse programa tem como foco, uma aproximação da Educação superior Brasileira e Colombiana.

propósito de inclusão e inserção de estudantes com deficiência no processo de mobilidade acadêmica, desenvolvido pela Universidade Autônoma do México (UNAM), com parcerias com universidades da Índia e da Inglaterra, que tem por objetivo a integração e inclusão do jovem com deficiência tanto na universidade quanto em seu local de trabalho.

Como parte das propostas de internacionalização do PDI (2012- 2022), a Portaria Conjunta PROPG/ARI nº01, de 25 de abril de 2016, determinou os procedimentos para o estabelecimento de acordo de cotutela de tese. Essa portaria permite que os estudantes de doutorado da UFABC possam ter sua tese certificada por dois programas de pós-graduação, no Brasil e no estrangeiro.

Na análise das atas das reuniões ordinárias da Comissão de Relações Internacionais³⁴, compreendemos algumas decisões referente ao processo de mobilização acadêmica e internacionalização. A primeira reunião da Comissão, realizada em 29 de janeiro de 2015, expõe a necessidade de sua criação e afirma que a própria Assessoria de Relações Internacionais sentia essa necessidade em razão de uma série de decisões que não tinha condições de tomar e de ações que não tinha condições de gerir com a estrutura que possuía, entre elas o tempo de autorização dos cursos de idiomas e de pagamento de bolsas de mobilidade estudantil. Assim, foi criada a Comissão com competências que pareciam estar em conformidade com as necessidades e exigências burocráticas e acadêmicas, políticas e culturais de atendimento da proposta de internacionalização da UFABC.

Além disso, a Comissão firmou uma resolução a respeito de acordos, analisando criticamente que havia muitos acordos de mobilidade e poucos resultados em relação a convênios. Com relação a esses assuntos, definiu a Comissão que a recepção dos seus alunos de doutorado em universidade estrangeiras com identidade de estudante necessitaria de um convênio para disciplinar e limitar a quantidade de convênios diante de resultados infrutíferos que apresentassem. Os acordos seriam, a partir daí firmados por meio de um contrato elaborado em português e em inglês pela Comissão e todo acordo de cooperação seria de responsabilidade de um servidor da UFABC na condição de agente de internacionalização.

³⁴ Foram realizadas pela Comissão de Relações Internacionais 6 reuniões em 2015: 1ª reunião – 29/01/2015. 2ª reunião – 25/03/2015. 3ª reunião – 08/06/2015. 4ª reunião – 13/08/2015 (quórum insuficiente, não houve ata) 5ª reunião – 28/09/ 2015. 6ª reunião – 26/11/2015.

Foram realizadas 6 reuniões em 2016: 1ª reunião – 25/01/2016. 2ª reunião 28/04/2016. 3ª reunião 21/06/2016. 4ª reunião 22/08/2016. 5ª reunião 01/ 11/ 2016. 6ª reunião – 20/12/2016. As Atas de 2017 só foram divulgadas em 2018 em virtude a reestruturação do site a ARI, portanto não foram analisadas

A Ata nº 2 trouxe a ideia de implementação de um conselho estratégico nos moldes de um Conselho Consultivo Internacional (CCI), com o intuito de assessorar a internacionalização. Tal Conselho seria composto de pessoas de fora da UFABC, inspirado nos modelos asiáticos, em especial no de Cingapura. As pessoas que comporiam o CCI seriam diplomatas, embaixadores e ex-presidentes. Na Ata n. 3 de oito de junho de 2015 registra-se o debate do programa de pós-doutorado no exterior, que ainda está em discussão, como forma de incentivar e estimular o professor a realizar seu pós-doutorado no exterior. Para a CRI, a formulação da política que une CRI, ARI e centros foca o interesse da universidade na formação do professor, pois a saída dele ao exterior pode gerar contatos, publicações, projetos e participações em convênios internacionais.

O projeto foi encaminhado ao ConSEPE e à ARI, que poderá mediar com os centros o cumprimento da carga didática do professor que for realizar o pós-doutorado no exterior. A assistência aos estudantes também foi pauta da reunião, no que se refere à hospedagem de alunos estrangeiros. A UFABC tem um programa dessa natureza para estudantes que vêm por meio de convênios, programa que dá credibilidade às instituições vinculadas. A Comissão, por unanimidade, dispôs a criação de um sistema de informações para hospedar alunos estrangeiros.

A ata Nº 05/2015 tratou das possibilidades de custeio de moradia do leitor belga para o ensino de francês na UFABC. Essa pauta foi uma das justificativas que levaram a pensar em uma nova resolução, pois a antiga apenas cumpria o provimento de bolsas e custeio de moradia para alunos, o que foi informado ao MEC.

A Ata Nº 06/2015, relatório do Grupo de Trabalho de Pós-doutorado, registra a resolução que instituiu a política de estímulo à realização de pós-doutorado no exterior pelos docentes da UFABC, proposta encaminhada ao CONSUNI, para deliberação da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPC). No ponto 2. o convênio de cotutela de tese entre a UFABC e a *Università Delgi Studi di Napoli Federico II* terminou por ser encaminhado à decisão da pós-graduação.

Na Ata Nº01/2016 foram tratadas as propostas de alteração da resolução, para contemplar mecanismos de aceitação dos leitores belgas na universidade. A proposta que havia sido encaminhada em 2015 para o MEC foi devolvida com instruções de contrapartidas como hospedagem ou auxílio monetário para facilitar a acomodação do leitor.

A Comissão verificou que não havia mecanismo que viabilizasse esse acesso e, em função disso, houve perda dos leitores. Ainda sobre a justificativa de alteração da resolução também foi debatida a proposta de inclusão dos técnicos administrativos nos programas de mobilidade acadêmica. Deliberou-se que os participantes de mobilidade acadêmica nacional e internacional serão professores, alunos, pesquisadores e servidores TAs., todos eles devendo oferecer contrapartida à universidade. As alterações foram encaminhadas ao CONSUNI para aprovação final.

A Ata N° 02/2016 discutiu e aprovou o acordo de cooperação entre a UFABC e a *Ohio State Univerity* (OSU) que trata de uma pesquisa do projeto Sprit/FAPESP. O acordo prevê a preservação do direito de propriedade intelectual de ambas universidades. Na mesma reunião, foi aprovado acordo entre a UFABC e a Universidad de Alcalá, Espanha, que tem por objetivo um intercâmbio entre os alunos de pós-graduação. Nessa mesma Ata foi produzida a resolução sobre os agentes de internacionalização, justificando-se a criação dessa função pela necessidade de de ter um ator importante nos processos de mobilidade da universidade: “o objetivo dos agentes era trabalhar com a questão da convalidação de créditos, disciplinas, o reconhecimento de créditos provenientes do exterior após o retorno dos Estudantes brasileiros do CsF.” (UFABC, ATA N°02/2016)

No dia vinte e cinco de junho de 2016, pela Ata n° 03/2016, votou-se a resolução de bolsa para o leitor francês, mediante a um edital conjunto com a ANDIFES. A escolha do leitor será feita a partir da disposição da embaixada francesa, o leitor permanecerá 3 meses no ano de 2016 e 4 meses em 2017. Também foi aprovado um acordo de cooperação entre a UFABC e a universidade de Koç, acordo de suma importância visto a disponibilidade de recursos para os alunos do exterior.

Na última Ata, N° 04 /2016, de vinte e dois de agosto, foram aprovados quatro acordos da UFABC com universidades estrangeiras: *ITMO University (Informacion, Mechanics and Optics)* – Rússia; *UIST St Paul the Apostle* – Macedônia; *Universidad Nacional General Sarmiento* - Argentina; *Università degli Studi di Milano* – Itália. O acordo com a ITMO ocorreu devido à visita de seus representantes ao Brasil por meio da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI). O objeto é buscar a aproximação por meio de intercâmbio dos alunos e desenvolvimento de pesquisa. A UIST surge de um acordo entre os reitores das duas instituições que envolve áreas de desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação. Quanto à Universidade Nacional de General Sarmiento, o acordo foi feito por um professor da UFABC e

viabiliza a participação de alunos por meio de um edital de financiamento internacional, disponibilizado nas redes de pesquisa do MERCOSUL. O acordo com a Università degli di Milano-Bicocca surge de uma afinidade que a universidade tem com um de seus professores e envolve professores visitantes da UFABC à instituição italiana

i. Agente de Internacionalização da UFABC (AI)

Como parte do projeto original da Assessoria de Relações Internacionais está a criação de agentes de internacionalização. A ideia é que cada coordenador de curso de graduação e pós-graduação tenha um professor que possa auxiliar, orientar e organizar vagas, bolsas, disciplinas e certificação dos créditos disciplinares dos alunos vindos do exterior. A eles também caberia orientar nos casos de dupla titulação e todos os aspectos acadêmicos e administrativos envolvidos nas ações e convênios de mobilidade acadêmica. Todos são professores doutores e têm atuação em disciplinas dos cursos de graduação da UFABC e dos bacharelados interdisciplinares.

Os AIs foram instituídos pela Portaria da Reitoria nº 063, de 15 de março de 2016. Foram convidados 26 professores de diversas áreas do conhecimento dos três centros interdisciplinares de ensino: Centro de Ciências Naturais e Humanas, Centro de Matemática, Computação e Cognição e Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas. A Portaria designa, em seu Art. 1º, os docentes que assumiriam a função nos respectivos cursos de graduação³⁵.

De acordo com a Portaria, cada agente desenvolverá as funções descritas em seu respectivo curso e centro, e terá algumas atribuições cuja gestão é de responsabilidade da Assessoria de Relações Internacionais da UFABC, a saber:

³⁵ Designar os docentes abaixo relacionados para exercerem a atividade de Agente de Internacionalização (AI) dos cursos de Graduação: Adriano Reinaldo Viçoto Benvenho, Bacharelado em Física, Alberto Sanyuan Suen, Bacharelado em Ciências Econômica, Alessandro Jacques Ribeiro, Licenciatura em Matemática, Alexei Magalhães Veneziani, Bacharelado em Matemática, Ana Carolina Quirino Simões, - Engenharia Biomédica, Arthur Zimerman - Bacharelado em Políticas Públicas, Cláudia Boian - Engenharia Ambiental e Urbana, Cristiane Negreiros Abbud Ayoub - Bacharelado em Filosofia, Filipe Ieda Fazanaro- Bacharelado em Ciências Biológicas, Gabriel Teixeira Landi - Bacharelado em Ciência e Tecnologia, Gilberto Marcos Antonio Rodrigues - Bacharelado em Relações Internacionais, Graciela de Souza Oliver - Licenciatura em Ciências Biológicas, Gustavo Muniz Dias - Bacharelado em Ciências Biológicas, Hueder Paulo Moisés de Oliveira - Bacharelado em Química, Jeroen Schoenmaker - Engenharia de Materiais, João Manoel Losada Moreira- Engenharia de Energia, Leonardo Ribeiro Rodrigue - Engenharia de Gestão, Luca Jean Pitteloud - Bacharelado em Ciências e Humanidades,, Marcela Bermúdez Echeverry - Bacharelado em Neurociências, Maria Beatriz Fagundes - Licenciatura em Física, Marinê de Souza Pereira - Licenciatura em Filosofia, Monael Pinheiro Ribeiro - Bacharelado em Ciência da Computação, Rafael Cava Mori- Licenciatura em Química, Ricardo Suyama- Engenharia de Informação, Thais Maia Araujo - Engenharia Aeroespacial, Vanessa Lucena Empinotti, - Bacharelado em Planejamento Territorial.

- a) desenvolver atividades relacionadas à internacionalização do curso, em sintonia com os objetivos de internacionalização da UFABC, que podem ser promovidas por iniciativa própria, conjuntamente com a Assessoria de Relações Internacionais ou outra unidade administrativa ou acadêmica;
- b) atuar como interface nas comunicações entre a Assessoria de Relações Internacionais e a Coordenação do curso de Graduação no qual esteja vinculado, participando nos processos de fomento à internacionalização da universidade, tais como acordos de cooperação, intercâmbios específicos, entre outros;
- c) efetuar o acompanhamento do processo de mobilidade estudantil e intercâmbio dos discentes da UFABC;
- d) Auxiliar discentes participantes de programa de mobilidade na elaboração de plano de estudos;
- e) Participar da análise técnica dos processos de reconhecimento, aproveitamento e equivalência de disciplinas cursadas em outras instituições de ensino estrangeiras;
- f) propor e implementar políticas específicas, no curso ao qual esteja vinculado, para o recebimento de professores, pesquisadores e alunos em mobilidade. (UFABC, PORTARIA REITORIA Nº 063 ,2016 p. 2)

CAPITULO III

POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFABC NA VISÃO DE SEUS ATORES

Este capítulo constitui a terceira etapa desta pesquisa, baseada na abordagem do Ciclo de Políticas, caracterizada como contexto de prática, contexto no qual são interpretadas e articuladas as etapas antecedentes no que concerne à ação de implantação de uma política. Para Ball e Bowe (1992), de acordo com Mainardes (2006), nessa etapa do contexto de prática “a política está sujeita as interpretações, recriação e onde a política produz efeitos e consequências que podem representar mudanças e transformações significativa na política original. ” (MAINARDES,2006, p.53)

A busca do discurso dos atores, em sua subjetividade, nos leva a compreender que nesse contexto o texto escrito nem sempre será o texto falado, pois as “políticas serão interpretadas diferentemente uma vez que historias, experiências, valores propósitos e interesses são diversos. ” (BOWE, et. al.,1992, p. 22 apud MAINARDES,2006, p. 53).

Os significados dos textos não podem ser controlados por seus autores, tendo em vista que o texto pode ter outras interpretações mediante o ambiente, as disputas e os interesses que permeiam sua execução. Direciona-nos, então, a duas vertentes, compreendidas por Ball (1993 apud MAINARDES 2006) como a “política como texto” e “política como discurso”. Nos capítulos anteriores, compreendemos a política como argumentação escrita e documentada por meio de grupos de trabalho, no esforço de construção de uma política, porém é a partir do seguimento de ciclo que compreendemos a política enquanto discurso.

Nesta etapa do contexto de prática os gestores e professores terão um papel ativo no discurso, tendo em vista que são eles que assumem o papel de inventar e reinventar uma política. Nesse sentido, os discursos se apresentam múltiplos, assim como há uma pluralidade de textos envolvidos. Há também a possibilidade de modificação de pensamento, ou de construção, as vozes dos atores executores podendo se tonar “regime de verdades”, de acordo com Ball (1993), expondo as limitações do próprio discurso, que não é neutro nem despido de influências, história, vivências, interesses e poder.

Por conseguinte, neste capítulo apresentaremos o percurso metodológico de coleta de dados, os roteiros de entrevista aos sujeitos gestores e aos sujeitos agentes de internacionalização e, por fim, faremos a análise do discurso desses atores entrevistados: os agentes de internacionalização.

Caracterização dos sujeitos

Os sujeitos da pesquisa foram: (2) gestores sendo da implantação da política interna de internacionalização e (1) pró-reitor de Extensão e Cultura (4) agentes de internacionalização, todos professores da instituição que acumulam essa função. Trata-se de sujeitos que têm relação direta com a política de internacionalização da UFABC e que podem, portanto, oferecer elementos para análise de nosso objeto de estudo: os fundamentos teórico-políticos dessa política desenvolvida internamente.

i. Sujeito 1 – sexo masculino - Presidente da Comissão de Relações Internacionais

Possui graduação em ciências da computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1989), mestrado em ciências da computação pela universidade Estadual de Campinas (1994) e doutorado em ciências da computação pela Universidade Federal de Pernambuco (2003).

Seus interesses de pesquisa de pesquisa estão voltados para computação em nuvem, redes definidas por software, análise de redes sociais online, cidades inteligente e internet do futuro.

Sua carreira profissional, atuou como coordenador de projetos científicos de pesquisa, desenvolvimento e inovação financeiras de órgão de fomento, órgãos públicos e empresas privadas,

Atuou como coordenador da Pós-graduação em Engenharia da Informação da UFABC em junho de 2008 a fevereiro de 2010, foi Pró-Reitor de Pós-Graduação de Fevereiro de 2010 a fevereiro de 2014.

Atualmente é professor na UFABC, trabalha também como coordenador do Núcleo Estratégico NUVEM (universos virtuais, E entretenimento e mobilidade) da UFABC desde dezembro de 2013. É presidente da Comissão de Relações Internacionais e foi coordenador do programa Ciências sem Fronteiras.

ii. Sujeito 2 - sexo masculino – Professor na UFABC foi o primeiro Assessor de Relações Internacionais

Possui Bacharel em física pela Universidade Estadual de Campinas (1993), Mestre em matemática pela Universidade Estadual de Campinas (1996), Doutor em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2001).

Pós-doutorado em Massachusetts Institute of Technology, MIT, Estados Unidos; Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Atualmente é professor adjunto do Centro de Matemática Computação e Cognição da UFABC, tem experiência na área de Física – Matemática, com ênfase em sistemas dinâmicos e gravitação.

iii. Sujeito 3 – sexo masculino - Pró-reitor de Extensão e Cultura

Pela Universidade Metodista de São Paulo (2004); possui doutorado em educação pela Universidade de São Paulo (2010). Coordena o colégio de Extensão (COEX) da Andifes e é presidente nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex). Atua como principalmente em temas relacionadas: ética e filosofia política; filosofia moderna e contemporânea; filosofia e educação; América Latina. Coordena o GT Filosofia na América Latina, filosofia da Libertação e Pensamento Decolonial (ANPOF); lidera o Grupo de pesquisa Perspectivas Críticas de Filosofia Moderna e Contemporânea (UFABC/CNPq), membro do centro de filosofia brasileira (PPGF/UFRJ), do GT Ética e Cidadania (ANPOF), do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia (UFABC) e da asociación Latino-americana de Filosofia de La Educacion.

Foram selecionados 4 Agentes de internacionalização da UFABC. No que concerne a seleção da amostra se constitui a partir de cada Centro da UFABC, sendo então que os agentes, representará o Centro de Ciências naturais e humanas (CCNH), o Centro de Engenharia e Ciências Sociais (CECS), e o Centro de Matemática, Computação e Cognição (CMCC).

Nas modalidades escolhidas que cada agente representará será de: Bacharelados em Ciência e Tecnologia (BC&T) e o Bacharelado de Ciências e Humanidades (BC&H).

Os cursos selecionados para a representação da amostra formam os cursos que são: Relações internacionais, políticas públicas, engenharia ambiental e urbana e engenharia da informática.

iv. Sujeito 4 - AI 1 – sexo masculino – professor adjunto do centro de ciências do Bacharelado em Ciências e Tecnologia

Possui graduação em Bacharelado em física pela universidade de São Paulo (2003), graduação em administração pela universidade de São Paulo (1996) e doutorado em física pela universidade de São Paulo (2008). Obteve pós doc no laboratório europeia CERN (programa HELEN), na universidade Estadual de Campinas, no Laboratório Nacional de Berkeley (LBNL/CERN); na universidade de São Paulo.

Atualmente atua como professor adjunto no Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) da UFABC. Possui experiência na área de física como foco em altas energias e ions pesados.

v. Sujeito 4- sexo feminino - professora do curso de Engenharia Aeroespacial da Universidade Federal do ABC.

Possui graduação em engenharia química na escola de engenharia de Lorena – USP, EEL/USP, Brasil (1985). Realizou mestrado em Engenharia e Tecnologia Espaciais no Instituto Nacional de Pesquisa Espacial, INPE, Brasil (1988). Coursou doutorado em Engenharia Mecânica na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, UNESP, Brasil (1995).

Ministra disciplinas nas áreas fluido- térmica, combustão e propulsão. Pesquisa combustíveis alternativos de aeronaves e foguetes, instabilidade de combustão, emissão de poluente de motores de combustão interna, gaseificação de biomassa e queimada de florestas. É professora do curso de Engenharia Aeroespacial da Universidade Federal do ABC.

vi. Sujeito 5- sexo masculino - professor coordenador do Curso de Engenharia Aeroespacial

Físico de formação, astrofísico de pós-graduação, pela Universidade de São Paulo. Possui doutorado na França, entrou na UFABC i para o curso de engenharia aeroespacial na área de manobras orbitais e controles de satélites, atuou por um tempo na área de projetos de motores de foguetes, assumiu o cargo de Diretor do curso de engenharia Aeroespacial.

vii. Sujeito 6 – sexo masculino - professor Adjunto no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS)

Possui formação em Engenharia de Automação (2002); docência Universitária (2204) mestrado em Sistemas Digitais (2005) pelo instituto politécnico José Antônio Echeverría da Universidade da Havana. Doutorado em Engenharia Elétrica pela Politécnica da Universidade de São Paulo em 2011.

Possui experiência nas áreas de controle e identificação de processos industriais, os sistemas digitais e embarcados, a robótica, a programação em alto e baixo nível e informática.

viii. Sujeito 7– sexo masculino - professor adjunto I no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS)

Possui graduação em Bacharelado em Física pela universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (1997); Mestrado em física pela universidade de São Paulo (2001); doutorado em física pela Universidade de São Paulo (2005). Realizou doutorado sanduiche pela univesité Paris – Sud XI, na França. Trabalhou na universidade durante seis meses.

Possui experiência em processamento e caracterização de magnéticos, semicondutores e MEMS, especialmente em microscopias de sondas de varredura

Seus estudos e pesquisa se voltam para áreas da termodinâmica, instrumentação e astrofísica. Atualmente trabalha como professor adjunto I no Centro de Engenharia, Modelagem, Ciências Sociais Aplicadas.

- **Instrumento de Coleta de Dados**

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade, baseado em roteiro semiestruturado, instrumento de pesquisa que permite interação e diálogo. Sobre esse instrumento de investigação, Szymansky (2011, p.11) indica “considerarmos o caráter de interação social da entrevista” como um processo de suma importância para a construção de significação por meio da relação entrevistador/entrevistado.

As entrevistas semiestruturadas com gestores e professores (estes na condição de agentes de internacionalização) permitiu obter melhores resultados acerca da visão sobre o processo de internacionalização de uma instituição de educação superior pelos atores que a vivenciam e praticam, explorando e relacionando elementos teórico-políticos das três etapas iniciais do Ciclo de Políticas: contextos de influência, produção de texto e de prática, pois, para Ball (2009 apud MAINARDES; MARCONDES, 2009), a construção de uma política é um processo complexo de articulação entre modalidades, que fogem da perspectiva linear das análises de política.

Para isso formulamos entrevistas semiestruturadas, partindo da lógica de construção inspirada nos Ciclo de Políticas, com perguntas que abrangessem cada etapa, para captar os discursos dos sujeitos na formação cíclica da política de internacionalização da UFABC, como também os fundamentos que embasam sua justificção e seu processo de implantação. Assim, trabalhamos com dois roteiros, o primeiro construído para os gestores, o segundo para os professores na função de agentes de internacionalização, ambos compostos de perguntas abertas, voltadas a extrair dos sujeitos a profundidade do conhecimento e da prática deles sobre a política de internacionalização que está em implantação.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS GESTORES DA COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CRI)

Contexto de Influência:

1. A UFABC faz parte de um conjunto de instituições de educação superior que apresentam, segundo nossas pesquisas, um projeto político-institucional diferenciado em relação às universidades que conhecemos. O Sr. conheceu este projeto?
2. Qual era intenção do governo de turno com a criação dessas novas universidades?
3. Como são propostas / desenhadas / aparecem as demandas de internacionalização nesse conjunto de novas instituições?
4. Qual a leitura que o Senhor faz das demandas de internacionalização postas à universidade contemporânea (sua importância, relevância, necessidade...)?

Contexto de produção de texto:

1. Como a UFABC se relaciona ou representa esse projeto?
2. Por que implantar uma universidade federal de novo tipo nessa região do ABC?
3. Qual o projeto político-institucional da UFABC e como ele se relaciona com/influencia o seu projeto político-pedagógico?
4. Qual a especificidade da internacionalização proposta na UFABC dentro desse projeto?
5. Os documentos da UFABC estabelecem objetivos específicos em relação ao seu posicionamento e às suas expectativas de resultados nos rankings universitários. Isso significa que há um modelo de instituição universitária internacionalizada a perseguir? Constituir-se como *world class universities*, como universidade de pesquisa....
6. Até 2015, tornar a internacionalização elemento fundamental do desenvolvimento das atividades indissociáveis. A internacionalização seria uma quarta missão da UFABC?

Contexto de prática:

1. Qual a política interna de internacionalização que a universidade estabeleceu, sua relação e presença no âmbito da gestão universitária, seus princípios, valores e objetivos?
2. Como a instituição vê a relação entre necessidades regionais (desenvolvimento local e sustentado, p.e.) e nacionais (inclusão, des. Nacional, p.e.) e as diretrizes de internacionalização?
3. Quais os mecanismos (*modus operandi*) postos em funcionamento – projetos., programas, ações - para atingir esses objetivos de internacionalização?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO - AGENTES DE INTERNACIONALIZAÇÃO (AI)

Contexto de influência

1. Quais foram os critérios de escolha de seu nome para essa função de AI?
2. Você conhecia o projeto institucional da UFABC quando fez concurso para docente?
3. Considera que o projeto institucional da UFABC representa uma inovação em termos de política de educação superior no Brasil? Ou se trata de uma universidade federal como qualquer outra?
4. Como definiria a função do Agente de Internacionalização tendo em vista sua experiência?

Contexto de produção de texto

5. Quais objetivos se busca alcançar com e que orientam o trabalho do AI?
6. O trabalho do AI é dirigido a que público? (SE ELE JÁ NÃO TIVER RESPONDIDO ISSO NA QUESTÃO ACIMA)
7. Há projetos prioritários (Ciência sem Fronteiras, Mobilidade Acadêmica Estudantil...) ou áreas prioritárias (Engenharias, Administração, Informática...?) Que devem ser desenvolvidos com os estudantes?

Contexto de prática

8. Como é operacionalizada, na sua área de competência, a cooperação com instituições estrangeiras ou projetos internacionais (de pesquisa, de mobilidade etc.) e como ela envolve os estudantes?
9. Como a política de internacionalização chega aos estudantes, aos professores, aos gestores? Isto é, como cada ator acadêmico recebe o e se relaciona com o trabalho desenvolvido pelos agentes?
10. Que resultados V. consegue perceber ou já consegue contabilizar em sua área de atuação?

11. Quais as dificuldades do dia a dia de seu trabalho?
12. Considera que o trabalho dos AI deve ter continuidade? Deveria ser reformulado em algum (s) aspecto (s)

Técnica de Análise de Discurso

Pelo fato de esta pesquisa propor uma abordagem metodológica qualitativa, baseada em coleta de dados por entrevista, a análise dos dados recolhidos recorre à técnica de Análise de Discurso, com fundamento nas teorizações metodológicas de Orlandi (2009). Entendemos que nenhuma pesquisa é neutra e que todo o discurso produzido na investigação apresenta sentidos e significados diversos que compõem o conjunto de práticas, neste caso de práticas de implantação de um projeto institucional de internacionalização que buscamos analisar.

Para Orlandi (2009), o processo de análise busca também a compreensão de mundo do sujeito e a interação do indivíduo com a instituição que lhe acolhe, pois, as extremidades de significados extraídos das falas dos sujeitos vão se relacionando às condicionantes e dimensões locais e globais. De acordo com Orlandi (2009), o discurso faz um percurso ideológico que com a injunção linguística se habilita de significados diante de um movimento, de um percurso – trata-se de compreender “o homem falando”, extraindo os sentidos de sua fala e/ou buscando atribuir sentido ao discurso pronunciado.

Nesse movimento, a Análise do Discurso implica analisar o homem como o ser construtivo da sua própria história e da própria teia de significados e significantes que vão além das palavras ditas, representativas de sua formação ideológica, política e cultural, de seu repertório de vida e vivências, da estruturação de sua fala enquanto cidadão atuante no mundo: “[...] todo discurso, fica incompleto, sem início absoluto nem ponto final definido. ” (ORLANDI, 2009 p.11). Isso porque ele é movimento constante, de constantes alterações e apresenta significados que se modificam de acordo com os contextos reais e simbólicos que constituíram suas experiências.

É dizer: o discurso vai além da produção de texto, o discurso é um processo de acumulação, bagagem histórica e sentidos que se criam ao longo da existência humana, e que se expressa pela linguagem. Para Orlandi (2009), a linguagem media a relação que existe entre o homem e a realidade natural, para ela, isso é o discurso. Nesse ponto, o indivíduo tem um papel muito importante, porque ele será “interpelado em sujeito pela

ideologia e é assim que a língua faz sentido. ” (op.cit) A língua não no sentido sintático do termo, mas como uma representação daquilo que é relação entre língua e realidade, tradução subjetiva da realidade.

O discurso nem sempre é apenas o que foi dito, mas também aquilo que está escondido e que ainda não foi dito. Diante disso, a técnica de análise do discurso faz um percurso triangular que abrange documentos institucionais, referências teóricas do pesquisador e o discurso pronunciado, porque o “discurso é um objeto sócio histórico.” (Op.cit.) Como construtor de cultura e de sua própria interpretação do mundo, a partir do que anteriormente foi dito, trata-se da exposição de um movimento constante entre condicionantes locais e globais.

Pêcheux (1983) nos conduz a pensar que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. ” A formação do sujeito vai influenciar muito na sua interpretação da realidade e da sua significação, diante da memória que se estabelece no lugar onde se observa (o local). A técnica de “análise do discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido de outro lado” (ORLANDI, 2009, p.17), mas interpretar o processo interno de significação da linguagem e da forma como ele interpreta o mundo e buscar a produção de conhecimento que esse “meio” desenvolve.

O objetivo não é uma busca final, mas um processo de continuo encontro e desencontro com a aquilo que busca verificar, diante da realidade proposta, nem se detém em trabalhar com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar, o que nos condiciona a conhecer de forma a “espessura semântica concebe a discursividade. ” (op.cit)

i. Categorias de análise

De acordo com Severino (1997), as categorias são a fonte principal do desenvolvimento do trabalho, e execução e proposta de análise e constatação do objeto se coloca diante de uma proposta muito profunda que se insere dentro do desenvolvimento do trabalho. A proposta é uma abordagem que busca compreender como de fato se operacionaliza e como se desenvolve os programas e o projetos da universidade.

As categorias de análise: internacionalização da educação superior; dialética local/global (relações nacional/internacional);

Subcategorias: internacionalização pela perspectiva competitiva ou pelo aspecto solidário;

A análise será dividida em duas etapas, a primeira será a partir do discurso dos gestores; a segunda será a análise do discurso dos agentes de internacionalização, sendo ainda subdivididas **por categoria e subcategoria analítica**.

Discurso dos gestores

1. Internacionalização da Educação Superior

A internacionalização da Universidade Federal do ABC está contida em documento norteador da instituição desde sua formação, seu Plano de Desenvolvimento Institucional, elemento importante para seu processo de implantação.

A implantação da política de internacionalização aconteceu de maneira processual na instituição, constando no documento sua relevância para a universidade em razão da visibilidade que propiciaria e da orientação para sua atuação em relação aos demais países, expondo pontos relevantes da sua construção enquanto uma universidade do século XXI. De acordo com o Sujeito 2, a internacionalização na UFABC foi recebida de maneira intensa devido ao início do Programa Ciências sem Fronteiras (CsF):

A gente foi um pouco atropelada pelo Ciência sem Fronteiras...não, foi ótimo, fomos atropelados no sentido que a gente chegou do zero a mandar mais de mil alunos para o exterior, isso em ...acho que a gente tinha chegado a enviar 1000 alunos em 2 anos...

O processo de internacionalização foi recebido de maneira desafiadora pelos gestores e focou o CsF, tendo em vista que o início desse programa foi concomitante ao seu documento orientador. Como relata o Sujeito 1:

[...] foi todo um processo, assim, de construção, assim, de trocar o pneu do carro e colocar ele em movimento, mais ou menos foi esse processo, então quando veio o Ciência sem Fronteiras aí teve um grande aumento dessa demanda com internacionalização, a maior parte das universidades nem tinha uma área pra cuidar de relações internacionais, a UFABC não tinha, e aí foi nesse contexto do CsF que foi criada a Assessoria de Relações Internacionais na UFABC, principalmente pra dar conta do programa Ciência sem Fronteiras, e na grande maioria das universidades federais que eu tenho conversado também não existia nada de internacionalização

Inicialmente, com a criação da AI, a produção de texto sobre a política propriamente dita de internacionalização foi construída ao longo do processo, orientando-se pelos objetivos descritos no documento orientador e pela oportunidade e atribuições inerentes ao CsF. A visão do Sujeito 3 busca interpretar a implantação de uma política de internacionalização, que para ele ainda não existe institucionalmente:

Eu não tenho claro. Assim, é uma resposta ambígua, por um lado [...] está claro nos dois documentos, no projeto pedagógico e no plano de desenvolvimento, que a internacionalização, o diálogo internacional mais amplamente [...] é fundamental, então não há dúvidas disso, né? Acontece que no curso do processo histórico, por vários motivos, eu acho que a gente não desenvolveu uma política de internacionalização ainda, porque veja, cria-se a Assessoria de Relações Internacionais [...] quase que pra dar conta do Ciência sem Fronteiras, então minha leitura é que houve uma política do governo federal de internacionalização que foi o CsF, que veio com muitos recursos, muitos alunos da UFABC, uma quantidade incrível de alunos da UFABC - na época dava dez por cento do alunado da UFABC - participando disso ou tendo já participado. Então, assim como tinha essa política nacional muito forte que a UFABC tinha que dar conta ela acabou meio que, na minha leitura, dando vazão para a política nacional do governo federal, mas não criou a política própria de internacionalização. E aí, quando acaba a Ciência sem Fronteiras, ele se reconfigura, agora vai adquirir uma nova forma.

A ambiguidade destacada se dá pela intensa mobilidade propiciada por um programa em que grande parte do alunado teve participação, como afirmado acima; porém, inicialmente, o projeto de internacionalização da UFABC, em seus documentos principais: Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Projeto Pedagógico (PP) já se configura a internacionalização como um mecanismo relevante para a constituição e construção de uma universidade que visa a excelência.

O conceito de excelência que a UFABC persegue remete a constituir-se como universidade do século XXI, que tem como um de seus objetivos principais orientar-se na direção do âmbito internacional: “[...] excelência é um conceito no sentido intrinsecamente relativo: para identificar quem se destaca temos que fazer comparação com os pares. A UFABC não deve hesitar em se comparar com as melhores universidades nacionais e internacionais.” (UFABC, PDI – 2013-2022, p.19)

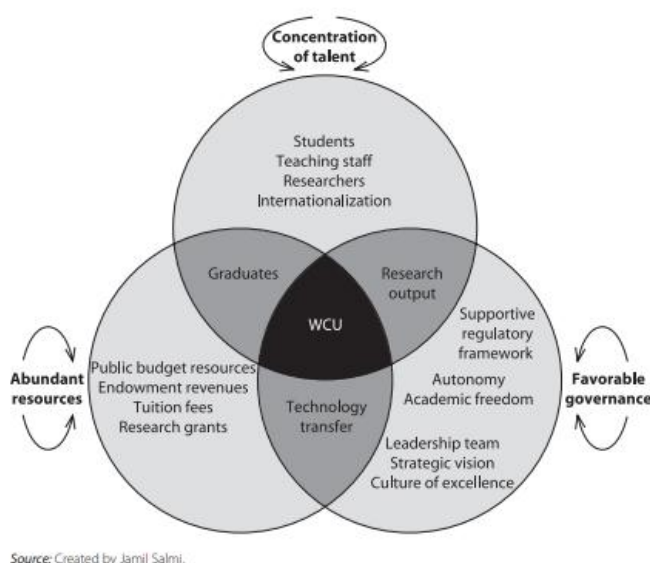
Percebe-se que a proposta de internacionalização da UFABC tem fundamento inicial no direcionar políticas internas para cumprir os objetivos propostos no PDI 2013-2022, documento orientador no qual a internacionalização se coloca como elemento

forte na busca de construir uma universidade arraigada às propostas de *World Class University* baseada em dois documentos do Banco Mundial, como afirma o próprio documento:

A excelência se revela na comparação com os pares. Por esse motivo, a UFABC deve acompanhar e estudar os mais diversos *rankings* universitários, desde as avaliações periódicas dos cursos de graduação e da pós-graduação pelo MEC e pela Capes, até *rankings* Internacionais de Universidade de classe mundial. (PDI 2013-2022, p. 28)

Para se tornar uma Universidade de classe mundial existem condições necessárias, como “amplo talento humano; recursos financeiros abundantes e governança adequada.” (UFABC, PDI 2013-2022, p. 24) A UFABC buscou se adequar a essas indicações para efetivação de uma WCU. A Figura 2 mostra as características de uma WCU:

Figura 2 – Características da Worl-Class University (WCU): alinhamento dos fatores chave



Fonte: *The Challenge of Establishing World-Class Universities*. Jamil Salmi. The World Bank. 2009

O significado utilizado pela UFABC sobre ser uma *World Class* define-se a partir desse trabalho do Banco Mundial, assinado por Salmi (2009, p. 15), como “compete in a global tertiary education marketplace [...]”³⁶. (SHARPE, 2014 p.9).

³⁶ “Competir em um mercado global de educação [...]” (tradução própria)

Evidencia-se sua condição de termo polissêmico, mesmo no âmbito dos discursos neoliberais:

What makes a university world class is inherently subjective (Levin, Jeong & Ou, 2006; Altbach 2003). Li (2012: 320) suggests that the concept is ‘ambiguous, uncertain, and contested, varying from one context to the next’. Despite the deemed subjective and ambiguous nature, the concept of the world class university appears both well established and widely discussed in higher education discourse.³⁷

Retrocedendo algumas páginas no PDI 2013-2022, uma instituição que toma como missão a inclusão social, notam-se dicotomias em seus fundamentos conceituais e institucionais, dividindo-se em discursos abissais (SANTOS, 2007), em que, de um lado, a educação é vista como um direito e elemento de justiça social, e no outro como um artigo do mercado global. Na visão do Sujeito 3:

Pensando não só na UFABC, mas no conjunto das universidades novas que essa é uma questão muitíssimo forte, é uma questão que não está secundarizada, se foram 10 universidades novas e três remetem diretamente à questão internacional isso é um sinal, acho que mais do que isso, esse sinal é qualificado porque está se tratando muito nesses três casos de relações internacionais no hemisfério sul e daí as relações sul-sul têm um destaque obviamente, né. E entendo que isso tem a ver com o modelo de política internacional dos governos anteriores, dos governos Lula e Dilma que eram um modelo de afirmar o Brasil como um *player* no cenário global, que o Brasil no cenário internacional saísse de uma posição de apenas coadjuvante e assumisse protagonismo em alguns processos e aí obviamente vamos dizer que o hemisfério sul é um hemisfério, vamos dizer, carente de liderança própria, o hemisfério sul tá sempre olhando pro norte e acho que as universidades como parte desse projeto de política internacional do governo brasileiro no começo dos anos 2000, acho que essas universidades ajudam a alavancar esse processo, o que eu acho muito interessante porque são universidades fortemente internacionalizadas em diálogo com um projeto de internacionalização do próprio governo e isso dá mais força pro projeto e para o processo.

Em 2015, o Grupo de Trabalho da Assessoria de Relações Internacionais propôs, por meio da Portaria nº 654, de 11 de agosto de 2014, um documento orientador para o processo de internacionalização na UFABC denominado *Visão estratégica e diretrizes para internacionalização*. Nele, projeta-se internacionalização como: “Integrar a

³⁷ “O que faz uma universidade de classe mundial são inerentemente subjetivos [...]. Li (2012: 320) sugere que o conceito é “ambíguo, incerto e contestado, variando de um contexto para o outro.” Apesar da natureza subjetiva e ambígua, o conceito de universidade de classe mundial aparece bem estabelecido e amplamente discutido no discurso da educação superior.”

UFABC no círculo de excelência acadêmica mundial. ” O que se percebe é que os fundamentos da política de internacionalização projetada para a UFABC presentes em seu PDI 2013-2022 estão orientados pelo modelo de uma universidade de classe mundial, pois o texto elaborado pelo GT está em consonância com os documentos do BM: *The challenge of establishing World-Class Universities. The Internacional Bank for Reconstruction and Development* (SALMI, 2009) e *The Road to Academic Excellence: The Making of World-Class Research Universities* (ALTBACH; SALMI, 2011).

Esses dois documentos parecem nortear fortemente o processo de internacionalização da UFABC. De acordo com eles, o princípio da internacionalização adotado corresponde à concepção de uma universidade de classe mundial defendida pelo Banco, que significa, basicamente, uma universidade de pesquisa que persegue elementos de avaliação usados pelos rankings internacionais. O que podemos verificar pelas palavras do Sujeito 2:

Bom, ela quer virar uma universidade internacionalizada como um todo. Mas eu posso até falar por mim, porque quando eu comecei nas relações internacionais a primeira coisa que eu fiz foi buscar universidades próximas para saber o que eles fizeram, então eu conversei com quem cuidava na época do setor na UNIFESP para saber como é que eles eram e tal. E aí não sei se a gente tem um modelo específico, mas se você vai pra universidades fora do Brasil não são muito diferentes, né? Na realidade, não tem um modelo [...] melhor do que dessa e tal, não tem exatamente uma grande diferença. O que a gente tem que fazer, o que tem que acontecer é que tem que ser natural a internacionalização: a gente tem que chegar num nível que você não precisa chegar e dizer “ah qual é a política de internacionalização da universidade?” Não, ela é natural, a gente tem que chegar num nível de vir gente de fora, ir aluno para fora, vir pessoas de fora, servidores...

Na visão desse gestor, a internacionalização possui aspectos relevantes a considerar. O Sujeito 2 entende que “o processo de internacionalização é necessário para o mundo e acho que a universidade é um ambiente onde isso é possível. ” Existe uma linha tênue entre se tornar uma WCU e atender algumas demandas nacionais existentes, nisso está a dicotomia de posições a que nos referimos.

Os fundamentos político-institucionais que orientam a prática de internacionalização da UFABC advêm, especialmente, das recomendações do Banco Mundial, pelas quais o modelo de universidade que se persegue são as universidades de

classe mundial. Entende-se que todo o contexto de influência (política e simbólica) se delineou na direção de se moldar às recomendações do sistema hegemônico e das exigências da economia mundializada, incorporando-se a internacionalização ao conceito de excelência.

No documento *Visão Estratégica e Diretrizes para a Internacionalização* (2015, p.7), que estrutura o trabalho da CRI e da ARI, a internacionalização na UFABC tem o objetivo de: “[...] integrar a UFABC no círculo de excelência acadêmica mundial. ” E isso está em consonância com o que afirma o Sujeito 1: “ [...] baseado nas observações de Salmi (2009) de como eram as universidades, então, assim, não é que vai criar uma universidade de classe mundial, é mais uma inspiração sabe, universidade mundial [...]”

Para a concretização da política de internacionalização existe uma proposta de mudança que comporta diferentes pontos de vista em relação ao trabalho das relações internacionais. Os pontos em comum dentre os gestores são quanto à relevância e ao papel da internacionalização, entendida conforme a letra dos documentos do BM, conforme apontado acima. Há, no entanto, singularidades que aparecem nos discursos, sobre a forma como interpretam a prática da política de internacionalização na universidade.

Nos diferentes momentos da pesquisa com os gestores, observam-se pontos de tensão entre as interpretações e também variações entre a ideologia da instituição e a ideologia do sujeito e sua interpretação do cenário político em que se dá a internacionalização praticada internamente, assim como na sua relação com o projeto da UFABC, o que aparece na fala do Sujeito 2:

Mas eu posso até falar por mim, porque quando eu comecei nas relações internacionais a primeira coisa que eu fiz foi buscar universidades próximas para saber o que eles fizeram, então eu conversei com quem cuidava na época do setor na UNIFESP para saber como é que eles eram e tal e aí não sei se a gente tem um modelo específico, mas se você vai pra universidades fora do Brasil não são muito diferentes né na realidade, o que que você quer não tem um modelo [...]

O discurso do Sujeito 3 também tem enraizada uma leitura que não valida internacionalização proposta nos documentos da UFABC, pois quando perguntado se havia uma política afirma “eu acho que a gente não tem uma política, uma política que deva dizer seus objetivos principais [...]”; , mais à frente, diz: “Veja que eu faço uma leitura que como parte da minha formação veio das políticas educacionais eu entendo

que o setor tem uma política quando ele tem planos escritos e publicados, que podem ser depois revistos, criticados, alterados.”

Há evidências nos discursos dos gestores de que a prática de internacionalização acontece de maneira um tanto individual, um tanto espontânea, devido às iniciativas de participação dos professores em circuitos de pesquisa de áreas específicas do conhecimento, como também coletiva no sentido do grande número de alunos que se direcionaram à mobilidade acadêmica para o exterior com o Programa Ciências sem Fronteiras, o qual demandou muita atenção e a criação de uma assessoria de relações internacionais, tendo em vista o alinhamento da proposta do Programa CsF com a constituição da UFABC e as demandas governamentais na área de C&T. Como afirma o Sujeito 1:

Nesse contexto do programa Ciência sem Fronteiras que foi criada a assessoria de relações internacionais na UFABC, principalmente para dar conta do programa Ciência sem Fronteiras, e na grande maioria das universidades federais que eu tenho conversado também não existia nada de internacionalização e também deu um impulso de internacionalização em várias universidades estaduais, universidades privadas confessionais, tiveram um impulso grande de internacionalização

Os gestores, no processo de implantação da política de internacionalização, receberam apoio para atuar nessa direção, o que muito se deve ao fato de o próprio Reitor da UFABC ser um cidadão de origem alemã. A ARI tem recebido apoio positivo para o desenvolvimento das modalidades de internacionalização e incentivo para atração de alunos e professores de outras nações para a UFABC, especialmente aproveitando o financiamento e objetivos do CsF. Como afirma o Sujeito 1:

[...] porque é o seguinte, desde que entrou o professor Klaus Capelle - ele é alemão né? - Ele fala assim: “sou suspeito para falar, mas internacionalização para mim é uma prioridade”. Então, ele sempre colocou a internacionalização como prioridade. Eu cheguei a discutir com ele sobre mudar a missão porque a missão da UFABC é promover o avanço do conhecimento através de ações de ensino, pesquisa e extensão como fundamentos, a internacionalidade e a excelência acadêmicas e a inclusão social e aí eu ia colocar tendo como fundamentos a interdisciplinaridade, excelência acadêmica, convívio social e a internacionalização, tanto que não foi [...] para fazer a exposição internacional.

Os gestores e também formuladores de políticas se mostram alinhados aos documentos, que orienta a um trabalho de tornar a UFABC uma universidade

internacional, porém, se mostram realistas na compreensão das desigualdades que a internacionalização pode gerar, como podemos observar na fala do Sujeito 2:

[...] o próprio acesso, não às políticas de internacionalização, mas à própria possibilidade que algumas pessoas têm de ter contato exterior, vamos usar esse termo, ela gera desigualdade porque hoje uma pessoa que pode passar dois anos fora estudando, mesmo que não seja um estudo de alto nível, mesmo que não seja algo espetacular só o fato de ela conhecer outra cultura ter acesso a outro idioma ela já sai à frente da outra que não pode. Então, isso já é uma desigualdade, isso já é um agravante da desigualdade. Então, a UFABC tem a função de diminuir desigualdade, ela deve tentar, eu acho que parte da política de internacionalização da universidade pública é tentar corrigir um pouco essa desigualdade que os alunos, os adolescentes...

Pela fala dos gestores entrevistados pode-se compreender que os fundamentos teórico-políticos que desde o início orientam a prática da ARI e da CRI estão vinculados à visão dos documentos das agências, o que causa certa ambiguidade com a realidade e com as orientações oficiais voltadas à inclusão. Na perspectiva desses atores, a internacionalização deve acontecer de forma natural, como afirmou o Sujeito 2, embora o processo interno de internacionalização tenha se valido centralmente do CsF, com mais de mil alunos ativos em mobilidade. Como deixa claro o Sujeito 2:

O objetivo que a gente cumpriu parcialmente - provavelmente o gestor atual deve ter melhorado um pouco e provavelmente vai melhorar mais ainda - é capilarizar a internacionalização para que ela seja natural. Então, ela não pode ser centralizada na assessoria, por que a gente criou os agentes de internacionalização para que cada grupo, para que cada graduação ou cada pós-graduação tivesse alguém cujo objetivo é bom...

Nesse caso, os ajustes em relação ao contexto de produção de texto da política de relações internacionais na UFABC mostram que a prática de internacionalização tem estimulado implementação de iniciativas de ‘internacionalização em casa’ como ministração de aulas em inglês para seus alunos e para os estrangeiros que a frequentam. O conceito de internacionalização em casa, de acordo com Beleen (2012), tem origem pelo professor sueco Bengt Nilsson, que entende que uma política de internacionalização deve propor foco na diversidade intercultural. Ao longo dos anos, muitos autores foram propondo redefinições conceituais, dentre eles Knight (2006 apud Beleen, 2012, p.166), que define as características da internacionalização em casa do seguinte modo:

- Está dirigida a todos los estudiantes y es, por lo tanto, parte del programa obligatorio.
- Está compuesta por uma serie de instrumentos destinados a adquirir competências internacionais e interculturales.
- Se basa em la suposición de que, mientras los estudiantes viajen por motivos personales, la mayoría no se movilizará con propósitos relacionados con lo académico, aunque esta posibilidad no que se descarta del todo.
- Puede incluir uma movilidad externa de corta estancia, como en misiones para investigadores visitantes que sean componentes del currículo obligatorio.
- Solo toma em cuenta la experiencias individuales estudiantiles y de trabajo em el extranjero cuando estas están integradas a la herramientas estándar de la institución de origen (como em el caso del portafolio de todos los estudiantes)

Para além das aulas em inglês para os alunos e servidores, e aulas de português para estrangeiros, também são apresentadas disciplinas em inglês, como afirma o Sujeito 1: “Queremos fazer internacionalização em casa. Inclusive nós oferecemos disciplinas em inglês na graduação na pós-graduação justamente para atrair estrangeiros que não falam português, isso faz parte aqui, é um dos objetivos quer ver.”

2. Dialética local e global

Nesse sentido, é interessante perceber o diálogo entre o local e o global como categoria de análise, que nasceu das reflexões do papel da internacionalização no cenário do ABC paulista.

Esses diálogos sobre internacionalização e seu papel na construção da UFABC nos remetem às relações entre contexto local e global. Essa dialética local / global surge como uma maneira de compreensão da realidade que posiciona a internacionalização na contradição e que pode ser encontrada na fala do Sujeito 1:

Por outro lado, também, [...] vem de fora né, quer dizer são as montadoras, e as tecnologias que eles desenvolvem. Lá em suas matrizes em seus centros de pesquisas espalhados por vários lugares e aqui você vai lá e implementa, algumas pesquisas desenvolvidas aqui, alguns desenvolvimentos, claro, né, sempre tem muita coisa local, por exemplo [...] cálculo tal, muita coisa que é local no Brasil e tal, mas ...também não sou da área automobilística para dizer de maneira geral é essa a questão. Então, a proposta da universidade é desenvolver alta

tecnologia de maneira que com os recursos nacionais gere uma autonomia nacional para conseguir criar inovação tanto nas empresas existentes ou criar novas empresas startups que vão trabalhar com essa alta tecnologia, esse é o objetivo, é contribuir para a autonomia nacional, acho isso uma coisa importantíssima, você não pode ser visto como produtor de commodities, quer dizer, exportador [...]

No uso analítico dessa categoria buscou-se evidenciar o papel da internacionalização para o desenvolvimento da região do ABC, compreendendo que a região recebeu bem a universidade que chegou com o objetivo de atender a uma demanda das empresas e indústrias locais, tanto no processo da reconstrução do ambiente econômico do ABC quanto no seu enquadramento no âmbito da competição internacional. O Sujeito 1 pondera que:

Então a ideia é também dá uma revitalizada na região, claro, porque de maneira geral se mantém razoavelmente constante: um terço dos nossos alunos vem do ABC, os outros dois terços vêm de fora, ou da Grande São Paulo ou do resto da cidade de São Paulo ou do estado e tal, mas muitos acabam ficando por aqui, acabam tendo empregos por aqui. Claro, muitos também vão para outros lugares, tem uma mobilidade grande. Então, se vê que muitos acabam entrando nas empresas por aqui e tal, quer dizer, isso é uma coisa muito boa para a região, né, porque também estava naquele contexto a economia do país fechada na época dos militares, daí o Collor abriu e teve aquela queda econômica no início dos anos noventa, então a instalação da universidade vem com essa promessa que seria o resgate dos tempos gloriosos....

Como afirma o Sujeito 2: “O ABC ainda passa por uma crise muito grande de desemprego gerado pelas montadoras, e aí é importante estrategicamente que a região se redefina e uma universidade tem esse papel da redefinição. ” “Os tempos gloriosos”, como dito pelo Sujeito 1, faz lembrar que o Grande ABC paulista é um polo industrial que tem, historicamente, papel de suma relevância na produção industrial brasileira e que sofreu o fenômeno da perda de importância da indústria na economia brasileira e da intensificação do uso de tecnologias que dispensam mão de obra. Por essas razões, a instalação da UFABC nesse território respondia a alguns objetivos de política econômica e da competição internacional, como podemos depreender da fala do Sujeito 2G:

Havia uma ideia que se fosse uma universidade federal numa região carente de universidade, e São Paulo é uma região carente de universidade pública. E uma das pontes que você faz se pegar a população do estado de São Paulo e comparar com o número de vagas

em universidade pública é o estado que tinha menos vagas em universidades públicas do Brasil porque é um estado muito grande, pouquíssimas vagas [...] e a região do ABC era uma região muito populosa, uma região que passa ainda por transformação porque se você pegar as montadoras da época da década de 80 sei lá, do ABC, você produzia uma montadora, ela fazia quase todas as etapas de produção de um carro, então você precisava de muito mais gente trabalhando. Hoje não, hoje você tem a mecanização muito grande, boa parte das montadoras elas pegam uma peça produzida na China, outras, sei lá onde, outras no Brasil e juntam tudo.

É necessário lembrar que a criação da UFABC deriva de um contexto no qual as ideias que a constituíram foram amadurecendo desde o *Manifesto de Angra* em sua tentativa de renovação dos cursos de engenharia da UFRJ. A fala dos gestores sobre internacionalização, como não poderia deixar de ser, leva a uma visão de universidade que gere conhecimento para uma economia mundial em transformação e num território que recebeu muitos impactos das mudanças dos modelos produtivos e dos avanços tecnológicos, perdendo competitividade no cenário econômico mundial. Nas palavras do Sujeito 3:

O conhecimento não é conhecimento local, não existe mais isso, há décadas atrás uma tese de doutorado se esperava que ela fosse uma tese inédita no país, então, você iria apresentar a justificativa você dizia: - olha não tem nenhum trabalho em língua portuguesa sobre esse assunto. Hoje isso já não é mais uma justificativa, porque o conhecimento está acessível...estão disponíveis, nem sempre acessíveis, mas quer dizer se tem alguém fazendo uma pesquisa que dialoga com a sua em uma região da Turquia, do Oriente Médio, da China, da Europa, isso tudo pode estar conectado. Então, eu diria que as fronteiras do conhecimento se tornaram também fronteiras globais e por isso a universidade, se ela quer continuar sendo uma instituição de conhecimento, instituição de guarda e de produção principalmente de novos conhecimentos, é imprescindível que a universidade esteja colocada nesse diálogo internacional

Enfatizando a geopolítica do conhecimento e a disseminação de informações que contribuiriam para um conhecimento global, a educação se torna também um agente de interesses e propósitos globais como a criação de um “doutorado industrial” (Sujeito 2) que proporciona vários convênios entre a universidade e a indústria. Nessa medida, precisa compatibilizar os objetivos nacionais de desenvolvimento social e econômico (inclusão, vocação socioeconômica local etc.) com a realidade dos mercados e as recomendações de políticas educativas de instituições multilaterais.

Porém, para o Sujeito 3, mesmo a universidade tendo um amplo campo de conhecimento a se trabalhar no campo da internacionalização, algumas iniciativas foram tomadas para estabelecer uma relação entre local e global:

A criação do consórcio intermunicipal como uma entidade que congregasse os sete municípios da região e como entidade suprapartidária que cada vez um dirigente de um partido político presidia e tal, justamente para que tivesse esse caráter que é da conta da região como um todo né. Mas isso foi implementado, gerou alguns avanços, mas eu acho que ainda muito aquém, acredito que muitas fragilidades que a região enfrenta ainda é na internacionalização por conta dessa falta de agregação dos municípios, quer dizer, como os municípios não agem no geral como região eles ficam mais fragilizados nas relações internacionais [...]

Uma estratégia usada pela universidade no sentido de fazer a universidade conhecida é a sua colocação nos rankings de internacionalização, tornada um objetivo que a faz ser “alvo de parceiros internacionais” (SUJEITO 1), por meio da exposição de estudantes e professores às questões internacionais, especialmente as vinculadas ao desenvolvimento econômico e às tecnologias.

Do ponto de vista do resgate de saberes locais na produção de conhecimento e de oportunizar educação superior aos que foram historicamente desfavorecidos, parece que se apresenta no discurso estratégico, é a busca por semelhança as universidades de classe mundial. Parece que as políticas e práticas internas de inclusão social, mesmo estando presentes com algum peso nos documentos institucionais, ficam em segundo plano ao se propor foco nas recomendações das agências multilaterais como foco, e não nas demandas locais.

3. Internacionalização pela perspectiva competitiva ou solidária

Como visto na análise a partir da categoria ‘internacionalização da educação superior’ sobre os fundamentos que orientam a política institucional de internacionalização da UFABC, um dos objetivos do PDI 2013-2022 é chamar a atenção para os indicadores de qualidade universitária e faz parte do discurso dos gestores.

A esse respeito, o Sujeito 3 relata: “a UFABC ela tem, eu diria, algumas características muito peculiares que eu acho que são interessantes: primeira, se destaca nos *rankings* universitários pela questão da internacionalização, né? ” Um dos motivos que justificam tal colocação em primeiro lugar no *Ranking* Universitário da Folha, na

categoria internacionalização, é o fator de impacto das publicações. Para o Sujeito 3: “em grande parte isso se deve ao fato de que cem por cento dos docentes da UFABC são doutores [...]”, que corresponde a um dos aspectos que definem, segundo documento do BM construído por Salmi (2009), as condições de possibilidade de uma universidade ser de classe mundial: alta concentração de talentos. Condição vista, segundo o Sujeito 2, da seguinte forma:

A meu ver, eu acho que não pode desprezar os rankings e “ah vamos fazer tudo e o que for bom é bom e o que não for bom não é bom”, mas a meu ver eu acho que os *rankings* eles devem emitir uma melhora, uma excelência da universidade, vamos dizer assim, em todos os aspectos e a gente tem a ambição de ser uma universidade com importância internacional.

De acordo com o documento orientador da universidade, o PDI 2013-2022, a instituição busca se destacar nos rankings pois “deve acompanhar, estudar os mais diversos *rankings* universitários, desde as avaliações periódicas dos cursos de graduação, pós-graduação pelo MEC e pela Capes, até os *rankings* internacionais de universidades de classe mundial. ” Também tem como objetivo atingir melhores posições nos rankings nacionais, como o RUF, já citado, assim como nas avaliações do INEP, ENADE e Capes, e nos indicadores específicos CPC e IGC. A justificativa dada pelo Sujeito 2G pela boa colocação nos *rankings* é que,

Em geral, nos rankings internacionais a gente vai crescendo consequentemente em todos os anos, principalmente porque nossa pesquisa aqui é muito internacionalizada... É de qualidade, hoje em dia para ser pesquisa de qualidade ela tem que ter alguma repercussão internacional.

Nota-se uma posição confinada aos critérios das WCU em relação aos parâmetros de qualidade e de excelência delineadas nos documentos internacionais e trazidos para a realidade da UFABC. O Sujeito 3 corrobora tal posição da seguinte maneira:

Não é um modelo a perseguir. As políticas internas, as decisões, as políticas pelo menos dessa gestão da qual eu participo elas não são políticas decididas, tomadas com o objetivo de melhorar no ranking x ou y. Então, assim, esse é um elemento, a gente olha pra esses rankings, eu diria, tendo um sinal e não entendendo eles como uma verdade absoluta, ele é um dos elementos, os rankings são um dos elementos que permitem a auto avaliação da universidade, mas a gente não acredita que são os elementos únicos nem os principais, são um elemento entre outros, né. E nesse sentido a minha leitura é que não se trata de perseguir o modelo de universidade internacional, mas

desenvolver a UFABC segundo os valores de seu projeto pedagógico que a gente acredita que sejam valores diferenciados, que agregam em relação ao modelo mais tradicional de universidade e a nossa aposta é que quanto mais a gente conseguir implantar esse projeto...porque uma coisa é você ter o projeto, outra coisa é implantar ele, quanto mais a gente conseguir implantar esse projeto mais a universidade vai - quase como um efeito colateral - se destacar nesses *rankings*. Então, a gente não está conseguindo *ranking*, mas a gente acha que vai alcançá-lo desenvolvendo o projeto pedagógico que a gente tem.

Se tomados os documentos institucionais da universidade e comparados à fala desse Sujeito, percebe-se que há um discurso voltado à cooperação nas propostas e posicionamentos oficiais da universidade; no entanto, a implantação prática desses objetivos e os programas e estruturas desenvolvidos para alcançá-los caminham, sim, para um modelo que busca conexão aos mercados, às demandas da economia mundial, em outras palavras, a uma perspectiva de mercado.

Pois a perseguição aos rankings e os resultados apresentados apenas validam o fato de a UFABC ser um modelo de universidade que cumpre com as recomendações do BM e atende aos conceitos propostos por essa instituição sobre internacionalização do terciário.

O propósito se torna fulgente com o discurso do Sujeito 1, que diz o seguinte: “[...] o *ranking* desafia a tradição, ele desafia a reputação.” Refere-se o entrevistado à reputação de uma universidade tradicional que é desafiada, desafio que é enfrentado a partir de bons indicadores, que por sua vez se estabelecem a partir de um conceito de excelência que se propõe para uma WCU.

De acordo com Santos, Teodoro e Costa Junior (2016), ao analisarem os critérios de ranqueamento frente à onda neoliberal e à criação das novas universidades, esses indicadores têm caráter ideológico, pois representam a perspectiva dos países hegemônicos e, nesse sentido, vão de encontro às necessidades dos países periféricos que dizem respeito à inclusão, à produção de conhecimento que funcione para as comunidades de entorno e para a sociedade brasileira e assim por diante.

É nesse sentido que entendemos que tais critérios e tais indicadores tornam-se, na periferia do capitalismo, um instrumento de dominação. Mesmo que consideremos que o projeto de criação das novas universidades tinha, originalmente, o objetivo de reconfiguração da educação superior pública no Brasil a partir de uma perspectiva contra hegemônica, o que vemos na prática, na UFABC, segundo os discursos de seus

gestores, é que seu projeto institucional cede à palavra de ordem que define o modelo institucional da educação superior do mundo moderno: a *World Class Universities*.

Neste ponto, é relevante refletir, com Llavador (2012, p. 47), sobre a influência dos interesses da economia e da geopolítica mundial:

Cambiamos de perspectiva, y volvamos al principio de nuestra breve reflexión. La expresión “indicadores de calidad” aplicada a la educación encuentran su origen en un discurso propio de la economía, y de un tipo de economía específico, a saber: la economía del sistema capitalista en su fase más reciente y extrema: la economía de producción y su culminación en la economía de consumo (a la que algunos ya comienzan a llamar, dada su imbricación con lo virtual, economía de ficción). Cuando hablamos, entonces, de indicios, índices o indicadores de calidad educativa estamos hablando, en este orden del discurso o en este discurso de orden, indicadores de producción, consumo y rendimiento educativos contables. En definitiva, estamos hablando de la educación como un modo de producción, pero al hacerlo así ya no estamos hablando (de hecho, estamos dejando de hablar) del sentido de la educación ni de los fines de la educación en un mundo finito, de fragilidad creciente, mayor cuanto mayor es la aceleración del cambio, y la dificultad de aplicar los “frenos de emergencia”. (LLAVADOR, 2012, p. 47)

Discurso dos Agentes de internacionalização

1. Internacionalização da Educação Superior

A função de agente de internacionalização foi criada pela Resolução Consuni nº 063, de 15 de março de 2016, designando atribuições a professores em relação aos cursos de graduação, entre outras atividades. A Resolução dispõe sobre o desenvolvimento de atividades que se relacionam à internacionalização do curso, mediação entre a assessoria de relações internacionais e outras universidades, acompanhamento dos estudantes em seus processos de mobilidade, análise e reconhecimento de disciplinas cursadas em outras instituições, apoio à participação discente em programas de mobilidade e seus devidos planos de estudos. Como perfil, o agente de internacionalização tem necessariamente de ser um professor ativo em alguma das áreas de curso, além de experiência em atividades acadêmicas no exterior, seja por meio da pesquisa, do ensino ou da extensão.

Para Ball (1993, p. 22), “a política como discurso estabelece limites sobre o que é permitido pensar e tem efeito em distribuir “vozes”, uma vez que somente algumas

vozes serão ouvidas como legítimas e investidas de autoridade. ” A fala do Sujeito 7: “Eu esperaria ter um pouco mais de voz [...]”, parece evidenciar justamente essa ausência de voz (de influência, portanto) na formulação e implementação da política de internacionalização, tendo seu trabalho minimizado. Pois inexistiu um processo de participação dos Ais. Na CRI e na ARI.

De acordo com os dados coletados com os Ais. Relativos a sua visão sobre a internacionalização da educação superior e a construção da política da UFABC nesse quesito, ainda não se deu a implementação efetiva dessa política interna. Apenas um sujeito, que além de exercer a função de agente atua como gestor de uma área específica, observa que o agente de internacionalização tem o papel ativo de empreendedor no âmbito da RI e CRI. Os demais sujeitos entrevistados, alguns com um discurso mais rigoroso em relação à função exercida enquanto agente de internacionalização, entendem que a primeira fase da política de internacionalização se deu em função do Programa Ciência sem Fronteiras, pois a partir de sua execução muitos estudantes trouxeram acordos interuniversitários, e os agentes foram o apoio para a validação e organização de documentos e créditos disciplinares.

O documento que define a condição de professor doutor para o exercício da função de agente descreve as seguintes pertinências:

- a) desenvolver atividades relacionadas à internacionalização do curso, em sintonia com os objetivos de internacionalização da UFABC, que podem ser promovidas por iniciativa própria, conjuntamente com a Assessoria de Relações Internacionais ou outra unidade administrativa ou acadêmica;
- b) atuar como interface nas comunicações entre a Assessoria de Relações Internacionais e a Coordenação do curso de Graduação no qual esteja vinculado, participando nos processos de fomento à internacionalização da universidade, tais como acordos de cooperação, intercâmbios específicos, entre outros;
- c) efetuar o acompanhamento do processo de mobilidade estudantil e intercâmbio dos discentes da UFABC;
- d) Auxiliar discentes participantes de programa de mobilidade na elaboração de plano de estudos;
- e) participar da análise técnica dos processos de reconhecimento, aproveitamento e equivalência de disciplinas cursadas em outras instituições de ensino estrangeiras;
- f) propor e implementar políticas específicas, no curso ao qual esteja vinculado, para o recebimento de professores, pesquisadores e alunos em mobilidade. (Art.2º RESOLUÇÃO CONSUNI Nº 063, de 15 de março de 2016. p. 2)

Os professores na função de AI também desenvolvem, por área de conhecimento, atividade relacionadas à internacionalização como: ministração de aulas em inglês, tradução de páginas em inglês, além de manterem pesquisas singulares, com participação ativa nos circuitos de produção mundial. Porém, a crítica que foi evidenciada no contexto da prática é a inatividade deles em relação à formulação dessa política específica (a produção de texto, nos termos de Ball); eles querem ser mais ativos, ter mais participação, mas não veem movimentos nessa direção entre agentes e assessoria, expondo sua exclusão dos processos decisórios e de participação ativa em reuniões dos conselhos. De uma maneira geral, expõem a dificuldade de fluxo entre as funções, tornando, então, os agentes internacionalização vozes ausentes do processo de construção e de elaboração da produção de texto e, conseqüentemente, limitando suas práticas em torno da política institucional de internacionalização da UFABC.

O Sujeito 4 foi um dos primeiros professores que tiveram contato com CsF desde o início da função:

Meu envolvimento com os alunos que saíram pro Ciência sem Fronteira é desde o início, desde o primeiro pessoal que foi pro Ciência, que inclusive acho que foram duas alunas e como era muito novo e ninguém sabia direito o que era aquele Ciência sem Fronteiras, aquele dinheiro que o país estava dando, vários alunos meus foram para Portugal, que foi onde se conseguiu da noite pro dia contatos com instituições lá que também não sabiam o que fazer com aluno que estava chegando do nada, então Portugal foi um começo, acho que o primeiro ano.

Na visão do Sujeito 6:

[...] cada curso escolhe um mas é mais pra resolver burocracia de...quer dizer, acho que grande parte, mais de 90% do trabalho dos agentes de internacionalização dos cursos hoje em dia está relacionado com a burocracia dos alunos que foram pro Ciências sem Fronteiras, então eu tenho aqui...o que eu resolvo é isso, o aluno foi pra fora...eu estou com uma pasta aqui que é de uma aluna que foi para fora e aí ela fez várias disciplinas fora e aí eu tenho que fazer a equivalência das disciplinas pra ela aproveitar os créditos aqui, se vão substituir disciplinas obrigatórias ou de opções limitadas ou se entram como créditos livres e aí é o agente de internacionalização que resolve isso, e outra função foi coordenar dentro do curso e isso foi uma iniciativa do professor Kamienski de ter um site em inglês

O Sujeito 7 define a prática:

Em geral, a principal demanda de trabalho que eu tenho em relação a isso é avaliar os pedidos dos estudantes que foram fazer algum estágio

no exterior, 99,9% deles dentro do programa Ciência Sem Fronteiras, então eles saíram pra fazer estágios de seis meses, um ano, as vezes até mais que um ano e lá eles tiveram obviamente que cursar certas disciplinas que podem ter sobreposição com o nosso currículo, então muitas vezes eu sou solicitado a avaliar demandas de por exemplo, reconhecer os créditos de disciplinas que eles fizeram lá, liberando a obrigatoriedade de fazer disciplinas que teriam uma sobreposição grande de currículo daqui da universidade.

Houve algumas participações pontuais como a participação dos AI na tradução das páginas da *web* dos cursos para a língua inglesa, a fim de facilitar o acesso dos alunos estrangeiros às ementas de cursos, carga horária, currículo e demais informações necessárias. O que acaba por isolar cada agente em sua área por não haver tal diálogo, o que os impede de exercer a função integralmente.

O Sujeito 5 tem uma visão diferenciada dos demais sujeitos entrevistados sobre o papel ativo do agente de internacionalização, destacando o empreendedorismo que está previsto no item a) da Portaria supracitada (“[...] que podem ser promovidas por iniciativa própria [...]):

O agente de internacionalização tem uma característica de empreendedor, ele tem que ir atrás da oportunidade, que a gente pode chamar de oportunidade de negócios que seria criar um vínculo de levar um aluno para o exterior e trazer alunos do exterior para cá, e também professores, pesquisas, convênios etc. Então o agente de internacionalização é muito mais do que um sujeito que assina papel, ele está na verdade prospectando negócios,

Perante a análise dessas entrevistas, fica evidente também que o texto é interpretado de maneira singular por cada sujeito, havendo pontos uníssonos marcantes para todos como a interpretação das intenções da universidade, sua inserção no contexto nacional e a relevância da pesquisa. No entanto, professores doutores entrevistados que estão na função de Ais. Veem a função em sua dimensão burocrática de validação e aprovação de disciplinas. Mas validam a importância do AI, mesmo indicando a vontade e a necessidade da participação na formulação e avaliação da política.

Em um segundo momento, quando abordada a temática internacionalização da educação superior, pode-se perceber como cada um compreende e entende os documentos, relevando assim dicotomia entre as práticas dos professores agentes de internacionalização e os gestores no cumprimento do proposto no PDI 2013-2022). Observa-se que existem resistências dos dois campos e em suas relações: entre gestores e agentes, entre os agentes e a Comissão e entre a assessoria. Significa que na arena da

micropolítica de internacionalização da UAFBC os agentes não exercem seu papel com autonomia por não terem oportunidades de discutir, concordar ou expressar as dificuldades, os desafios e suas avaliações sobre a própria prática com os alunos³⁸ e nas experiências de relações com as universidades estrangeiras e as pesquisas desenvolvidas internamente.

A autonomia de trabalho está mais voltada às pesquisas desenvolvidas de forma singular por cada agente, sendo que muitos deles possuem pesquisas ativas que envolvem, em sua grande maioria, mobilidade acadêmica. Engendrando desigualdades como mencionado da análise dos gestores em relação aos alunos, assim como desigualdades entre as áreas, por exemplo, com a concentração maior de bolsas e de mobilidade para alunos de engenharia e física.

O texto que rege a prática da política de internacionalização da UFABC evidencia também falta de interação e diálogo entre a ARI e os agentes de internacionalização, dado que a atuação desta procura seguir o disposto nos documentos e na orientação geral da Assessoria, mas tem de enfrentar e dar solução para questões que se põem no dia do processo de internacionalização, especialmente na relação com os estudantes.

2. Dialética Local e Global

Um aspecto interessante e em comum aos agentes é que todos compreendem a UFABC e a internacionalização como um fator de desenvolvimento regional, tendo em vista a criação da instituição num cenário local de reestruturação industrial dos municípios que a compõem e na formação de quadros para os mercados de trabalho locais. É assim que veem de forma positiva a cooperação universidade-indústria e universidade empresa, como relata o Sujeito 4:

Eu tenho recebido muito retorno de como as empresas gostam dos nossos alunos e o diferencial é por conta do treinamento que se tem aqui com esse projeto pedagógico diferente, ou seja, o quadrimestre você trabalha muito sob pressão, porque ele é curto, ele tem bastante cobrança, você tem uma prova atrás da outra e além de correr atrás de uma série de coisas isso está dando um treinamento de lidar com pressão para os alunos que está sendo visto como uma grande vantagem nas empresas.

³⁸ Este trabalho limita a investigação com os gestores e com agente de internacionalização. Porém, destaca a importância dos alunos nesse processo, tornando os estudantes da UFABC possíveis sujeitos para pesquisas posteriores.

Pode-se perceber que a avaliação dos Ais. É de que os alunos que passaram pela experiência de uma universidade que em seu plano de desenvolvimento institucional tem como propósito a excelência de uma universidade internacional estariam capacitados para contribuir qualificadamente para a economia local. Interessante notar, no discurso de alguns agentes, que os termos ‘inclusão’ e ‘compromisso social’ são utilizados no sentido de resgate histórico em relação à desigualdade de participação no mercado de trabalho, pois é perceptível o destaque dado ao papel da política de internacionalização no atendimento das demandas dos setores econômicos locais. Como diz o Sujeito 5:

As políticas de internacionalização que a gente tem vêm de um projeto de crescimento regional...fala que é do país todo, mas as outras universidades que estavam na mesma rede que a nossa, que têm o mesmo padrão de pensamento que o nosso, têm uma visão nacional e é um projeto de três, quatro décadas, não é coisa pouca não, mas faz parte disso, então entra nisso nossa preocupação social [...]

Mais à frente um dos agentes fala da extensão que busca abarcar a comunidade, com alunos de escolas públicas a vivenciarem o processo de internacionalização por meio de seminários, o que, na visão do Sujeito 7, significa:

[...] a UFABC presta um serviço de ser uma oferta para o pessoal da região, e aí quanto mais internacional tiver a universidade melhor você vai estar fazendo essa oferta para o pessoal daqui. Uma das coisas que a gente fez, tem um projeto que eu faço parte, que eu tenho feito parte nos últimos dois anos, que não tem nada a ver com a assessoria de relações internacionais, é um projeto de extensão universitária.

Já o Sujeito 5 percebe a política de internacionalização como favorável à constituição de uma nova planta industrial para o ABC, a partir da relação com as empresas locais, viabilizando oportunidades para a mobilidade dos alunos e vantagens para as atividades de pesquisa:

Número de convênios que temos de pesquisa também, muitos vínculos de internacionalização resultaram em projetos de pesquisa que resultaram em patentes também, patente, inovação e os convênios com as indústrias locais. Por exemplo, se a gente tem um convenio internacional e coloca alunos em universidades lá na Alemanha, a Mercedes Benz, a Volkswagem...esses caras querem conversar com a gente né, quer dizer, as indústrias, as empresas da região do ABC, que

não são poucas, o polo mais forte do hemisfério sul é aqui no ABC, eles batem na nossa porta querendo esses alunos para estágio, trainee etc. e também oferecem oportunidades [...]

3. Internacionalização competitiva ou solidária

De uma maneira geral, os agentes consideram que a prática de internacionalização na UFABC é uma prática que se poderia adjetivar como solidária. Porém, se consultarmos os fundamentos político-institucionais que norteiam a instituição, a justificativa posta para uma política de tal tipo implica uma visão mercadológica.

O Sujeito 5, um dos agentes que demonstrou uma visão mais ampla em relação à função, diz que parte da cooperação dos alunos advém do Programa CsF:

O aluno trouxe o convênio e eu diria assim: dois terços do que está aqui veio assim. Então, isso nasceu do Ciência sem Fronteiras e nós estamos mantendo. No meio do caminho nós descobrimos que existe um projeto invertido de Ciências sem Fronteiras, da França.

As experiências em redes colaborativas de pesquisa são feitas, em boa medida, de maneira individualizada, sendo que os agentes entrevistados já tinham experiência com mobilidade acadêmica e também em pesquisa. Como nos relata o Sujeito 6, aposta-se numa modalidade de internacionalização em casa que tem como objetivo a cooperação entre universidades:

Uma experiência nova aqui pra UFABC e razoavelmente nova no mundo também, que foi oferecida uma disciplina do tipo COIL, que é a sigla para Collaborative Online International Learning. Qual que é a proposta? Você oferece esse tipo de disciplina em parceria com uma outra universidade fora do país, então no nosso caso foi com a Wayne State University, nos Estados Unidos. Qual que é a proposta? Você matricula numa mesma disciplina, numa mesma turma, alunos daqui da UFABC e alunos da Wayne State University, então nós tivemos 20 alunos aqui e 20 alunos lá. E aí eles fazem uma mesma disciplina e nessa disciplina eles têm que desenvolver projetos em conjunto, então a gente monta grupos mistos, a gente montou grupos assim, de dois alunos da UFABC e dois alunos da Wayne State, então um grupo de quatro alunos, e eles têm que desenvolver em conjunto um projeto num dado tema e aí eles têm que colaborar, então via mídias sociais, Skype, email...

Pelo fato de a UFABC obter números altos no que diz respeito à internacionalização, suas produções acadêmicas e colaborações internacionais advém de grandes redes de pesquisa colaborativa que reúne vários países presentes no circuito de

desenvolvimento científico, o que contribui para que os pesquisadores levem avanços para suas realidades nacionais, como é o caso da pesquisa desenvolvida pelo Sujeito 7:

O grande impacto da internacionalização que leva a UFABC em primeiro lugar é o fato de que a gente tem algumas pessoas trabalhando em colaborações internacionais como a que eu trabalho. Então, o número de publicação com autores estrangeiros de alto impacto é muito grande, porque tenho eu do ALICE, tem o pessoal do CNS, tem o pessoal de outro experimento super gigante também, tem o pessoal que trabalha no observatório [...] do sul que fica no Chile, então todas essas publicações têm impacto muito grande, e elas têm um grande número de autores estrangeiros, então ela é cooperativa pois elas estão dentro do contexto destas colaborações internacionais, que são cooperativas por natureza, as colaborações internacionais o nome já diz, colaboração.

Na visão do Sujeito 7 sobre a internacionalização não se consegue fugir da competição dentro da sociedade contemporânea dada a necessidade de alimentar a economia pela e para a competição dos mercados, agora em escala internacional; por sua vez, no campo da pesquisa, existem as competições, incluindo dentro da própria UFABC as que se dão entre áreas, projetos, gerando exclusão, segregação.

Competição existe, ela sempre vai existir, então tem coisas que eventualmente eu faço aqui que o pessoal do CNS também quer fazer e aí tem uma competição de ver quem faz primeiro e tal. Mas eu não vejo isso como uma forma de...talvez o que você quer saber é se é uma coisa excludente ou inclusiva, eu não vejo assim uma competição do tipo, eu vou ganhar alguma coisa do tipo, eu particularmente vou ganhar alguma coisa com isso, eu vou ter mais projeção

Se analisarmos os objetivos do seu Plano de Desenvolvimento Institucional sob a hipótese de pesquisa do Projeto “Universidade Popular no Brasil” sobre as universidades criadas no mesmo período da UFABC, compreende-se que ela não atende a um perfil popular, a não ser na questão do acesso, e mesmo assim de forma muito mais atenuada, nesse quesito, que a de outras universidades públicas criadas no período Lula (2003–2011) e Dilma (2011–2016).

Isso porque os gestores responsáveis pela implantação das intenções e objetivos de inclusão social apontados nos documentos e nas propostas mais gerais que orientaram a criação de um conjunto de novas universidades federais brasileiras neste século XXI os tornaram distantes na prática de implantação, na medida em que seu

discurso procura justificar os esforços de internacionalização da instituição na necessidade de adaptação às demandas e realidades dos mercados da economia globalizada, a fim de atender as indústrias, as empresas etc.. Nesse sentido, os objetivos de internacionalização se concentram no desenvolvimento e no intercâmbio de tecnologias e de pesquisas tecnológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se caracterizou como uma pesquisa de caráter exploratório que buscou analisar os desafios teórico-políticos que se põem no cenário das políticas de internacionalização da educação superior pública no Brasil, a partir do estudo da política institucional de internacionalização de uma universidade de recente implantação, a Universidade Federal do ABC. Nesse passo, foi possível identificar as tendências que impactam a construção da universidade do século XXI.

Na prática, a UFABC apresenta acordos de cooperação solidária na pesquisa e no ensino, por meio de convênios de cooperação bilaterais e da participação em redes de pesquisa, o que ocorre muito mais por conta das iniciativas empreendedoras de seus professores e, em particular, de seus agentes de internacionalização. Ademais, os fundamentos teórico-políticos que permeiam sua política institucional de internacionalização advêm de uma lógica de mercado, conforme recomendada pelas agências multilaterais e que está explícita em seu documento orientador, o PDI 2013-2022, e se inspira no modelo de instituição de educação superior das World Class Universities, confirmando a avaliação de Teodoro e Jezine (2012 p. 15) de que “as orientações do Banco Mundial são inspiradas nos princípios de mercado, sob as proposições da privatização e da descentralização das funções públicas, e pautadas pelo paradigma *tecnoeconômico*, que conduz alianças entre empresas na formação de redes.”

A partir da Constituição Federal de 1988, do Brasil, a educação passou a ser vista como um direito humano, mas agências multilaterais como Banco Mundial e OMC a propõem como mera mercadoria. Nesse sentido, há um duelo incansável de viabilização de processos de privatização da educação superior e, em contrapartida, de sucateamento e depreciação das instituições públicas, tendo como estratégias para tal intento o sufocamento dos orçamentos e das condições de trabalho dos professores, retirada de bolsas para pesquisa e desenvolvimento das ciências, entre outros problemas.

Pode-se perceber, na análise das entrevistas com os atores da UFABC aqui pesquisados – gestores da administração superior (3) e agentes de internacionalização (5) –, tanto a percepção das especificidades do projeto da instituição na qual estão inseridos quanto os interesses e desafios gerados nas suas relações com a região do ABC no quadro do processo de internacionalização. De outro lado, e contraditoriamente, o papel da Universidade Federal do ABC concernente ao acesso se realiza em boa medida, dados os números de estudantes advindos da escola básica

pública que ingressam por meio de políticas de inclusão, tendo em vista que a principal forma de ingresso é pelo ENEM/ SISU – assim, pode-se dizer que a UFABC possui uma característica popular quanto ao acesso.

As análises das questões abordadas nas entrevistas indicam que os propósitos de rompimento com as matrizes político-institucionais tradicionais que tanto permeiam o contexto da educação brasileira e que estão presentes nos documentos que fundam a UFABC surgem em meio a ambiguidades que dificultam a perseguição dos objetivos de construção de um modelo institucional fora dos padrões. Como observamos na prática, a trajetória dessa instituição caminha em meio a ciclos viciosos da tradição.

A política de internacionalização da UFABC apresenta propósitos bem definidos e relevantes de trabalhar para o avanço tecnológico e científico de excelência, da região e do país, segundo o modelo das universidades de classe mundial, levando-a a focar investimentos em cursos e processos de participação na internacionalização que não conseguem romper os traços de elitismo que historicamente constituíram o sistema nacional de educação superior. Esse aspecto é evidenciado em seu projeto original e em sua prática institucional - a busca por se tornar uma universidade de classe mundial -, que se volta, não prioritariamente, para a inclusão e o resgate de saberes populares, mas às pesquisas em inovação tecnológica e à aproximação com as empresas para se posicionar melhor na economia mundial.

Ainda que a política de internacionalização da UFABC seja uma política interna, portanto orgânica e institucionalizada, a análise dos dados das entrevistas com os atores responsáveis pelo processo de internacionalização está demasiadamente dependente, de um lado, das possibilidades de mobilidade trazidas pelo Programa Ciência Sem Fronteiras e das iniciativas de seus professores (eventualmente de seus estudantes) nos contatos e nas redes internacionais de pesquisa, e, de outro, da modelagem proposta para as universidades de padrão internacional.

Desse modo, a política de internacionalização da instituição não se constitui, em sua prática institucional e na matriz curricular, em perspectiva contra hegemônica, o que se deve, em boa medida, aos modelos avaliativos utilizados pelo MEC que incidem sobre as instituições de educação superior indistintamente - seja em relação às novas IES federais seja com as que buscam implantar novo modelo como a UFABC -, que respondem a elementos de identidade e critérios de desempenho exógenos de universidade. Tais encaminhamentos apresentam a ambiguidade que aqui foi tratada como uma dialética local/global que preserva um modelo dominante de IES e inibe as

potencialidades do modelo que se propõe alternativo. Por isso, é possível identificar nas entrevistas analisadas a ambiguidade entre o projeto político-institucional original, de cariz contra hegemônica em larga medida, e a política interna de institucionalização de natureza adaptativa aos modelos internacionais. No que concerne à política de internacionalização, apesar da boa novidade de se estruturar organicamente, ela se orienta pela força do padrão de uma internacionalização competitiva, inibindo processos mais amplos de cooperação acadêmica e científica que implicariam uma atuação mais proativa, por exemplo, na América Latina e na reordenação das desigualdades que se apresentam na geopolítica mundial do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANASTACIO, Thais Pinheiro Zarattini. **Circulação internacional de estudantes de graduação: caso Unicamp**. 24/09/2014. 110 f. Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Biblioteca depositária: biblioteca central da Unicamp.

ANAU, Roberto Vital. **As transformações “das economias” no Grande ABC de 1980 a 1999**. Pós- Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v.11, p.46-59, 2002.

ARAÚJO, Emília Rodrigues; SILVA, Sílvia. **Temos de fazer um cavalo de Troia: elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2015, vol.20, n.60, pp.77-98. ISSN 1413-2478.

ARCHANJO, Renata. **Saberes sem fronteiras: políticas para as migrações pós-modernas**. *DELTA* [online]. 2016, vol.32, n.2, pp.515-541. ISSN 0102-4450.

ASSIS, Wanessa de. **Internacionalização e conhecimento: análise do Programa Capes-Brafagri na Universidade Federal de Viçosa sob a ótica de estudantes-participantes no biênio 2013-2014**. 25/04/2016 124 f. Mestrado em educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Viçosa, Viçosa biblioteca depositária: biblioteca central da Universidade Federal de Viçosa

AZAMBUJA, Ricardo Daniel Meurer. **Internacionalização de escolas de negócios: Um modelo à Francesa**. 01/01/2009 110 f. Profissionalizante em administração. instituição de ensino: Fundação Getúlio Vargas/RJ, Rio de Janeiro biblioteca depositária: biblioteca Mario Henrique Simonsen

BALL, S. J. **Education reform: a critical and post structural approach**. Buckingham: Open University Press, 1994.

_____. **The Policy Cycle/policy analysis**, que pode ser assistida no link: <http://www.ustream.tv/recorded/2522493> , acessado 14/07/2016, palestra foi promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED/UERJ no dia 09/11/2009, na UERJ.

BANCO MUNDIAL. **La enseñanza superior – Las lecciones derivadas de la experiência**. Washington, 1994. Disponível em <http://www.bancomundial.org.br>., acesso em: 9 abr, 2010.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; TAVARES, Manuel (org.). **Culturas, Identidades e Narrativas**. São Paulo: BT Acadêmica, 2014.

BARBOSA, Thiago Sales. AZEVEDO, Adalberto Mantonovani Martiniano Sales de. **Democracia e governança na educação pública de nível superior: desafios para a universidade do século xxi.** III semana de ciências políticas. Universidade Federal de São Carlos. Abril, 2015.

BARBOSA, Thiago Sales. **Governança e democracia na universidade do séc. XXI: O caso da UFABC.** Dissertação (mestrado em políticas públicas). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas – Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo – SP. Junho- 2014.

BATISTA, Janaina Siegler Marques. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia'** 01/04/2009 224 f. Mestrado em administração de organizações Instituição de Ensino: universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto, Ribeirão Preto Biblioteca Depositária: biblioteca central - USP/RP

BEELEN, jos. **La internacionalización em casa en el mundo: una comparación regional.** in La internacionalizacion de la educacion superior em America Latina y Europa: Retos y Compromissos/ editores Luis David. Pietro Matinez y Carmen Helena Jiménez de Peña. –1ª Ed.—Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

BENINCÁ, Dirceu (org.) **Universidade e suas fronteiras.** São Paulo: Outras Expressões, 2011.

BEZERRA, Maria das Graças Dantas. **O processo de internacionalização da educação como fator estratégico de desenvolvimento institucional: Um olhar sobre as ações de internacionalização desenvolvidas em instituições de ensino superior do Rio Grande do Norte.'** 01/10/2012 121 f. Profissionalizante em administração Instituição de ensino: Universidade Potiguar, Natal biblioteca depositária: SIB-FP

BIANCHETTI, Lucídio e MAGALHAES, António M. **Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2015, vol.20, n.1, pp.225-249. ISSN 1414-4077

BIANCO, Anna Carolina Lo; HUTZ, Claudio S.; YAMAMOTO, Maria Emilia. **Internationalization: towards new horizons.** *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2015, vol.28, suppl.1, pp.49-56. ISSN 0102-7972.

BIDO, Maria Claudia Fogaca. **Ciência com fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos.** 22/10/2015 134 f. Mestrado profissional em Gestão Educacional

Instituição de Ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Unisinos.

BOCCHINI, Daniel. **A inclusão do negro na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILA): perspectivas de um currículo contra hegemônico.** / Daniel Bocchini.2017.

BORGES, rovenia amorim. **Mérito? Gênero, raça e classe no ciência sem fronteiras: impactos na língua inglesa'** 03/12/2015 215 f. Mestrado profissional em educação instituição de ensino: universidade de Brasília, Brasília biblioteca depositária: bce

BOTELHO, Adriano. **Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital.** 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. doi:10.11606/D.8.2000.tde-22052003-224444. Acesso em: 2017-05-08. **APA**

BRACKMANN, marta maria. **Internacionalização da educação superior e política externa brasileira: estudo da criação da universidade federal da integração latino-americana (Unila)'** 01/05/2010 270 F. Mestrado em ciências sociais instituição de ensino: pontifícia universidade católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre biblioteca depositária: irmão José Otão

BRAGATO, Cintia Nunes. **Mobilidade acadêmica internacional - razões da baixa mobilidade dos estudantes de Colleges do Reino Unido'** 30/06/2015 99 F. Mestrado em administração instituição de ensino: escola superior de propaganda e marketing, São Paulo biblioteca depositária: biblioteca central Napoleão de Carvalho.

BRASIL. **Lei Nº 13.110 de 25 de março de 2005.** Lei de criação da Universidade Federal do ABC - UFABC. Diário oficial da união nº 58, 26 de março de 2005. Seção 1. Página1.

BRASIL. **Lei Nº 13.110 de 25 de março de 2005.** Lei de criação da Universidade Federal do ABC - UFABC. Diário oficial da união nº 58, 26 de março de 2005. Seção 1. Página1.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFABC.** PDI - UFABC, 2008 a 2013. Santo André. 2013.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFABC.** PDI - UFABC, 2013 a 2022. Santo André. 2013.

BRAZ, Raquel Leite. **O programa Andifes de mobilidade acadêmica: uma mobilidade estudantil no sistema federal de ensino superior Brasileiro'** 09/03/2015

144 F. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte biblioteca depositária: biblioteca da faculdade de educação da UFMG

BROW, Wendy. **Undoing the Demos. Neoliberalism's Steath Revolution.** Zone Brooks. 2005

BULE, Anieli Ebling. **Processo de internacionalização de instituições de Ensino Superior: Estudo de caso na Universidade Federal de Santa Maria'** 28/04/2015 163

F. Mestrado em administração instituição de ensino: universidade federal de Santa Maria, Santa Maria biblioteca depositária: biblioteca central UFSM

CANCLINI, N. Garcia. **Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo. USP, 2008.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. **A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2013, vol.18, n.54, pp.761-776. ISSN 1413-2478.

CARVALHO, Tatiana. A universidade e uma nova hegemonia. **Filosofia e Educação**, v. 2, n. 1, p. 276-294, 2010.

CARVALHO, Tatiana. **Universidade Federal do ABC: desafios e possibilidades de um projeto interdisciplinar.**

CARVALHO, Tatiana. **Universidade Federal do ABC: uma nova proposta de universidade pública?** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.48.2011.tde-21072011-100910. Acesso em: 2017-04-29.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. **O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina.** *Rev. Lusófona de Educação* [online]. 2012, n.21, pp.69-96. ISSN 1645-7250.

CERQUEIRA, Joyce Ariadne. **O Processo de internacionalização do ensino superior no Brasil: educação como bem público ou mercadoria?'** 01/05/2008 95 f. Mestrado em educação escolar instituição de ensino: universidade est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara, Araraquara biblioteca depositária: Faculdade de Ciências e Letras

CHAVES, Gerlia Maria Nogueira. **As bolsas de graduação-sanduíche do programa Ciência sem Fronteiras: uma análise de suas implicações educacionais'** 31/08/2015 196 F. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Católica de Brasília, Brasília biblioteca depositária: Sistema de Bibliotecas - SIBI - Universidade Católica de Brasília - UCB

CHIROLEU, Adriana Rosa. **Proyectos políticos y transformaciones de los sistemas de Educación Superior Universitarios. El caso de las políticas de admisión a la Universidad en Argentina y Brasil.**' 01/07/1996 264 f. Doutorado em estudos comparativos da américa latina e caribe instituição de ensino: universidade de Brasília, Brasília biblioteca depositária: Universidade de Brasília

CHRISTINO, Adriana Maria. **Internacionalização de Ensino Superior: estudo de casos em cursos de Administração de instituições públicas de ensino superior.**' 18/10/2013 243 f. Mestrado em administração de organizações instituição de Ensino: Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto, Ribeirão Preto biblioteca depositária: biblioteca central de Ribeirão Preto.

CHRISTÓVÃO, Maria Carmen Tavares **UFABC: limites, perspectivas e possibilidades de um modelo de ensino inovador a partir da criação do projeto da Universidade Federal do ABC.** Dissertação (Mestrado administração). Centro Universitário da FEI. 2013.

COSTA, Karla da Silva. **Internacionalização da Educação Superior: Reflexos do AGCS na regulação normativa da educação superior brasileira'** 01/09/2009 235 f. Mestrado em educação instituição de ensino: universidade federal de minas gerais, belo horizonte biblioteca depositária: Faculdade de Educação

COSTA, Noelia Cantarino da. **Internacionalização da educação superior e o programa Ciência sem Fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense'** 16/12/2014 undefined f. Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro biblioteca depositária: undefined

CUNHA, Dleine amaral da. **Ciência sem fronteiras: perspectivas da internacionalização e a experiência australiana'** 21/11/2016 116 f. Doutorado em educação em ciências química da vida e saúde (UFSM - FURG) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre biblioteca depositária: ICBS
DAL-SOTO, Fábio; ALVES, Juliano Nunes; SOUZA, Yeda Swirski de. **A produção científica sobre internacionalização da educação superior na web of science: características gerais e metodológicas**¹. *Educ. Rev.* [online]. 2016, vol.32, n.4, pp.229-249. ISSN 0102-4698.

DEL VECCHIO, Ângelo; SANTOS, Eduardo. **Educação Superior no Brasil: modelos e missões institucionais.** São Paulo: BT Acadêmica, 2016. 226 p.

DELMAESTRO, Maria Paula de Carvalho. **Os desafios da Internacionalização da educação profissional técnica: A experiência do Ifes'** 30/10/2013 Undefined f. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória biblioteca depositária: biblioteca central UFES

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DUARTE, Roberto Gonzalez; CASTRO, José Márcio de; CRUZ, Ana Luiza Albuquerque e MIURA, Irene K. **O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior.** *Educ. rev.* [online]. 2012, vol.28, n.1, pp.343-370. ISSN 0102-4698.

FARIAS, Maria Iris Tavares. **O papel do instituto municipal de pesquisa, Administração e Recursos Humanos (IMPARH) na cooperação internacional descentralizada no município de Fortaleza'** 01/08/2012 135 f. Profissionalizante em Políticas Públicas e Gestão da educação superior instituição de ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza biblioteca depositária: Ciências Humanas

FEIJO, Rosemeri Nunes. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso de alunos estrangeiros do programa de pós-graduação em antropologia social/UFRGS'** 16/05/2013 109 f. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre biblioteca depositária: central UFRGS

FERNANDES, Larissa Maria da Costa. **A internacionalização da educação superior: contributos da mobilidade estudantil na Pós-Graduação em Educação da UFRN (2001-2010).'** 20/12/2013 219 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal biblioteca depositária: biblioteca central Zila Mamede - UFRN

FERNÁNDEZ LAMARRA, Norbert. **Una perspectiva comparada de la educación superior en América Latina. Ponencia presentada a universidad** 2008. Habana, 2008.

FERREIRA, Claudio Reis. **Um estudo de caso de internacionalização de instituição de ensino por meio de aliança estratégica'** 01/08/2005 120 f. Mestrado em administração Instituição de ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte biblioteca depositária: Biblioteca da face e biblioteca universitária da UFMG

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Denise de. **Estratégias na busca de parcerias internacionais.** *Rev. Col. Bras. Cir.* [Online]. 2015, Vol.42, Suppl.1, Pp.81-82. Issn 0100-6991.

GARCÍA GUADILLA, C. **Financiamiento de la educación superior en América Latina. En: La educación superior en el Mundo 2006: el financiamiento de las universidades.** Madrid: GUNI; Ediciones Mundiprensa, 2006.

GARCIA-GUADILLA, Carmen. **Universidad, desarrollo y cooperación en la perspectiva de América Latina.** *Rev. iberoam. educ. super* [online]. 2013, vol.4, n.9, pp.21-33. ISSN 2007-2872.

GIANASI, Anna Luiza de Castro. **Internacionalização do ensino superior: cooperação internacional versus mercantilização'** 01/03/2006 170 f. Mestrado em Direito instituição de ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte biblioteca depositária: PUC minas

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GUIMARAES, Orlínea Maciel. **A internacionalização do ensino superior: estudo de caso sobre a mobilidade internacional de estudantes de graduação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Franca, no período de 2003 a 2014'** 15/02/2016 120 f. Mestrado Profissional em Planejamento e Análise de Políticas Públicas Instituição de Ensino: Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Franca, Franca Biblioteca Depositária: Unesp/Fchs/França

HARVEY, David. **A condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 2001.

LAGE, Thelma Silva Rodrigues. **Políticas de internacionalização da educação superior na região norte do Brasil: uma análise do programa ciência sem fronteiras na universidade federal do Tocantins'** 03/06/2015 183 f. Mestrado em Desenvolvimento Regional Instituição de Ensino: Universidade Federal do Tocantins, Palmas biblioteca depositária: biblioteca central da Universidade Federal do Tocantins

LAUS, Sonia Pereira. **A Internacionalização da Educação Superior: um estudo da Universidade Federal de Santa Catarina'** 01/02/2012 332 f. Doutorado em administração instituição de ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador biblioteca depositária: Escola de administração - UFBA

LEITE, Denis; GENRO, Maria Elly Herz. **Avaliação e internacionalização da educação superior: Quo vadis América Latina?** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.763-785. ISSN 1414-4077.

LIMA, Francisca Monica Rodrigues de. **Vozes e contra-vozes de um discurso universitário lusófono: cooperação internacional na Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILA.** 2017. 181p.dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE. São Paulo, 2017.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. **O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2009, vol.14, n.3, pp.583-610. ISSN 1414-4077.

LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, Caterine Vila; MEDIEL, Olga González. **Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2016, vol.21, n.2, pp.317-340. ISSN 1414-4077.

LUNA, S.V.de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1997.

MAFRA, Jason; ROMÃO, Jose Eustáquio.; SANTOS, Eduardo. **Universidade popular: teorias, práticas e perspectivas.** Líber Livro. Brasília, 2013..

MAINARDES, Jefferson. **Análise de políticas educacionais: breves considerações teórico metodológicas.** Contrapontos, Itajaí, v. 9, n. 1, p. 4-16, jan./abr. 2009.

MAINARDES, Jeferson.; SANTOS, M.; TELLO, Cezar. **Análise de políticas: fundamentos e principais debates teórico-metodológicos.** In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (Orgs.). *Políticas Educacionais: questões e dilemas.* São Paulo: Cortez, 2011. p. 143-172.

MAINARDES, Jefferson. **Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais.** *Educ.Soc.*, Campinas, vol.27, n. 94, p.47-69,jan./abr. 2006.Disponível em:<http://www.cedes.unicamp.br>

MARIANO, Donizete Antônio. **Novos modelos de educação superior: um estudo sobre as matrizes institucional e curricular da universidade da fronteira Sul sob a ótica da Inclusão da diversidade cultural e epistemológica.** /. Donizete Antônio Mariano. 2016

MARTINS, Joira Aparecida Leite De Oliveira Amorim. **Programa Ciência sem Fronteiras no contexto da política de Internacionalização da Educação Superior brasileira'** 27/03/2015 174 f. Mestrado em educação instituição de ensino:

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá biblioteca depositária: biblioteca setorial do instituto de educação e biblioteca central / IE / UFMT

MEA, Liliane Gontan Timm Della. **A internacionalização da pós-graduação: um estudo de caso da universidade federal de santa maria'** 18/06/2013 91 F. Mestrado profissional em administração instituição de ensino: Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria biblioteca depositária: setorial – CCSH

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Ediciones del signo. Buenos Aires. 2010.

MONTEIRO, Marcio Rodrigo da Silva et al. **Uma nova perspectiva em gestão de bibliotecas públicas universitárias: o caso UFABC.** Anais do SNBU, 2016.

MORAES, Carin Sanches de. **Escola Florestan Fernandes: Educação e formação política no Brasil contemporâneo e sua dimensão internacionalista/** Carin Sanches Moraes. 2015.

MORELLA, Patricia Duarte Peixoto. **O processo de Internacionalização no contexto da globalização: Uma relação entre Universidades e Empresas'** 17/12/2015 295 F. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí biblioteca depositária: Univali

MOROSINI, Marília Costa. **Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas.** *Educ. rev.* [online]. 2006, n.28, pp.107-124. ISSN

MOROSINI, Marília Costa. **Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal.** *Educ. rev.* [online]. 2011, vol.27, n.1, pp.93-112. ISSN 0102-4698.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do. **Internacionalização Da Educação Superior no Brasil: A Produção recente em teses e dissertações.** *Educ. rev.* [online]. 2017, vol.33. Epub 03-Abr-2017. ISSN 0102-4698.

MUCKENBERGER, Everson; TOGASHI, Gustavo Benjamin; PADUA, Silvia Inês Dallavalle de MIURA, Irene Kazumi. **Gestão de processos aplicada à realização de convênios internacionais bilaterais em uma instituição de ensino superior pública brasileira.** *Prod.* [online]. 2013, vol.23, n.3, pp.637-651. Epub 26-Out-2012. ISSN 0103-6513.

MONTEIRO, Marcio Rodrigo da Silva et al. **Uma nova perspectiva em gestão de bibliotecas públicas universitárias: o caso UFABC**. Anais do SNBU, [S.l.], 2016. ISSN 2359-6058. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/anaisnbn/article/view/3288>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

MUELLER, Cristiana Verônica. **O processo de internacionalização do ensino superior: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 03/05/2013 178 f. Mestrado em Relações Internacionais Instituição de Ensino: universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre biblioteca depositária: biblioteca setorial de Ciências Sociais e Humanidades, UFRGS

NEVES, María Teresa de Sierra. **Políticas públicas para la institucionalización de las redes de conocimiento en las instituciones de educación superior en México, desde fines de los noventa**. *Rev.hist. educ. latinoam.* [online]. 2014, vol.16, n.22, pp.231-248. Issn 0122-7238.

NOBREGA, Evangelita Carvalho da. **Ações afirmativas na universidade popular brasileira: o caso da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB**. 2016. 171p. dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

NOBREGA, Lutecia Maciel. **Internacionalização da educação superior: estudo de caso dos cursos de pós-Graduação da Universidade Federal do vale do São Francisco**. 02/06/2016 140 f. Mestrado Profissional em Administração Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador biblioteca depositária: Escola de Administração - UFBA

OLIVEIRA, Adriana Leonidas de FREITAS, Maria Ester de. **Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários**. *Educ. Rev.* [online]. 2016, vol.32, n.3, pp.217-246. Issn 0102-4698.

OLIVEIRA, Gustavo Adolfo Galati de. **Interdisciplinaridade e inclusão social no processo de implantação da Universidade Federal do ABC: da proposta à prática**. 2010. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de educação, universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OREIRO, José Luís. FEIJÓ, Carmem A **desindustrialização: conceituação, causas efeitos e o caso brasileiro**. *Revista de economia política*, vol.30, n° 2(118), pp.129-232, abril-junho/2010

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

OTALORA, Jorge Alexander. **Elementos para la discusión de la internacionalización de la Educación Superior colombiana.** *Rev.fac.cienc.econ.* [online]. 2009, vol.17, n.1, pp.109-122. ISSN 0121-6805.

OTRANTO, C. R. **A reforma da educação superior do governo Lula da Silva: da inspiração a implantação.** In: Reforma Universitária: dimensões e perspectivas: organizado por João dos Reis Silva jr, João Ferreira de Oliveira e Denise Mancebo. Campinas, SP. Editora Alínea, 2006 p.43-5

PANTALEÃO, F.C **O processo de adaptação de professores ao projeto pedagógico da UFABC.** 2013. 66 pág. Dissertação (Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática, Universidade Federal do ABC-UFABC, Santo André, 2013.

PÊCHEUX, M. **Discours: Structure ou Evennement.** Illinois University Press, trad. bras., Discurso: estrutura ou acontecimento, E. Orlandi, Pontes. Campinas. 1983

PENTEADO, Jard da Silva e Fonseca / **Humanidades na UFABC: produção do conhecimento interdisciplinar na pós-graduação.** RBPG, Brasília, v. 12, n. 28, p. 475 - 500, agosto de 2015.

PERROTTA, Daniela. **La dimensión internacional em las actuales condiciones de producción intelectual: entre la potencia creativa y la jaula de hierro.** In: NAIDORF, Judith; MORA, Ricardo. (orgs.). **Las condiciones de la producción intelectual de los académicos em Argentina, Brasil y México.** Buenos Aires, AR: Miño y Dávila, 2012.

PESSINO, Soraya Pimentel. **Internacionalização universitária e interculturalidade: Análise dos programas federais interuniversitários Sul-Sul durante a gestão Lula'** 30/11/2015 undefined f. Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária.

PILONETTO, Roseli de Fátima Rech. **Mobilizando processos de formação: a experiência docente com os estágios supervisionados.'** 01/12/2007 120 F. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas biblioteca depositária: biblioteca central

PIMENTA, Ricardo Dias. **Internacionalização de escolas de negócios: análise do processo de internacionalização da Fundação Dom Cabral.'** 01/12/2006 112 f.

Profissionalizante em Administração Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte biblioteca depositária: PUC/Minas

PONTES, Suelen. **A inclusão da diversidade no ensino superior: um estudo da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) na perspectiva das epistemologias contra hegemônicas.** / Suelen de Pontes Alexandre. 2015.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder.** 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.

Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.81.2014.tde-27042015-154447. Acesso em: 2017-04-29

RACY, Joaquim Carlos. SILVA, Everton de Almeida. **Indústria e universidade: a cooperação internacional e institucional e o protagonismo da mobilidade estudantil nos sistemas de inovação da Alemanha.** *Educ. Pesqui.*[online]. In press. . Epub 26-Set-2016. ISSN 1517-9702.

RAMA, C. La tendencia a la internacionalización de la educación superior. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, N. (comp.). **Universidad, sociedad e innovación.** Buenos Aires: Eduntref, 2009.

RAUEN, Margarida Gandara. FILHO, Afonso Figueiredo. **A educação internacional e os resultados de cooperação Brasil-Alemanha na Unicentro.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2016, vol.21, n.3, pp.673-690. ISSN 1414-4077.

RODRIGUES, Silvia Helena. **Jovens oriundos de países africanos de língua portuguesa na universidade de Brasília: experiências de migração internacional estudantil'** 17/12/2013 224 f. Doutorado em educação instituição de ensino: universidade de Brasília, Brasília biblioteca depositária: bce UnB

ROMÃO, Tatiana Alves. **Os dilemas da inclusão na educação superior – um estudo exploratório da proposta político pedagógica da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).** /Tatiana Alves Romão. 2015.163p. dissertação (mestrado em educação) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2015.

RUEDA-DELGADO, Gabriel; PINZON-PINTO, Jorge Emiro e PATINO-JACINTO, Ruth Alejandra. **Los currículos de los programas académicos de contaduría pública, tras la enseñanza de lo internacional y la globalización en la contabilidad: necesidades de ajuste más allá de respuestas técnicas.** *Cuad. Contab.* [online]. 2013, vol.14, n.35, pp.639-667. ISSN 0123-1472.

- SAMPAIO, Ana Maria Meneses. **O programa de graduação sanduíche na França para a formação de Recursos Humanos em Engenharia: Uma experiência de parceria entre o Estado e a Indústria.** 01/04/2002 103 F. Mestrado em Educação instituição de ensino: Universidade de Brasília, Brasília biblioteca depositária: BCE
- SANTOS, Eduardo.; TAVARES, Manuel. (2016). **Desafios históricos da inclusão: características institucionais de duas novas universidades federais brasileiras.** *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 23(X). <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v24.> , vol. 24, 2016, pp. 1-19.
- SANTOS, Fabio de Paula. **Globalização, educação superior e avaliação.** 01/08/2007 93 F. Mestrado em educação Instituição de ensino: Universidade de Sorocaba, Sorocaba biblioteca depositária: Aluisio De Almeida
- SANTOS, Fernando Seabra; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; BUARQUE, Cristovam. **Mudanças necessárias na universidade brasileira: autonomia, forma de governo e internacionalização.** *Educ. rev.* [online]. 2013, vol.29, n.1, pp.39-61. ISSN 0102-4698.
- SANTOS, S. Boaventura. ALMEIDA FILHO, Naomar. **A universidade do século XXI: para uma universidade nova.** Coimbra. 2008.
- SARAIVA, Karla Beatriz Gomes. **A interdisciplinaridade nas licenciaturas das áreas constituintes das ciências naturais:** um estudo de caso na Universidade Federal do ABC. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Química) -
- SCHULZ, Leslie Adriana Quiroz. **La movilidad académica internacional en el posgrado: un estudio comparado entre doctorados en educación de Brasil y México.** 24/02/2016 198 F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre biblioteca depositária: central PUC .
- SCHWARTZMAN, Simon. **Demanda e Políticas públicas para o Ensino Superior nos Brics.** *Cad. CRH* [online]. 2015, vol.28, n.74, pp.267-290. ISSN 0103-4979.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico** -21.ed.rev e ampl.- São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA JUNIOR, João dos Reis. **O professor pesquisador nas universidades públicas no contexto da internacionalização do capital: a produtividade do trabalho imaterial superqualificado.** *Rev. Port. de Educação* [online]. 2009, vol.22, n.1, pp.145-177. ISSN 0871-9187.

SILVA, Carla Camargo Cassol da. **Avaliação da Internacionalização no ensino superior: um estudo multicaso'** 24/04/2015 198 F. Mestrado profissional em gestão e negócios instituição de ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Unisinos

SILVA, Claudia Cristiane Dos Santos. **Mobilidade corpórea de estudantes internacionais as motivações dos estudantes internacionais acolhidos por instituições de Educação Superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte'** 26/06/2013 162 F. Mestrado em Administração Instituição de Ensino: Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo: biblioteca depositária: biblioteca central Espm

SILVA, Jane Machado da. **A Internacionalização das Políticas Educacionais nas Cúpulas das Américas'** 25/04/2013 108 F. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá.

SILVA, Josielle Soares da. **Internacionalização da Educação Superior: um estudo da mobilidade em cursos de graduação da UFRN no âmbito do Programa Ciência Sem Fronteiras (2012-2014)'** 16/02/2016 173 F. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal biblioteca depositária: Undefined

SILVA, Maria Lucia da. **Memória dos professores negros e negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas.** / 2016. 179 p. tese (doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2016.

SILVA, Maria Sol Fernandes Marques da. **O processo de internacionalização de empresas: um estudo de caso no setor de serviços de informações'** 01/03/1998 111 f. Mestrado em Administração instituição de ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro biblioteca depositária: biblioteca do Coppead

SILVEIRA, Zuleide S. **Setor educacional do MERCOSUL: convergência e integração regional da educação superior brasileira.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2016, vol.21, n.3, pp.901-927. ISSN 1414-4077.

SOLANAS, Facundo. **Intercambio cooperativo versus mercantilización competitiva: las políticas de movilidad académica en el MERCOSUR y la Unión Europea.** *Rev. iberoam. educ. super* [online]. 2014, vol.5, n.12, pp.3-22. ISSN 2007-2872.

SOUSA, Alzira Dias de. **O programa de estudantes-convênio de graduação na Universidade Federal da Bahia: percepção dos estudantes PEC-G oriundos de**

países de língua oficial portuguesa - anos 2009-2013' 14/04/2015 undefined f. Mestrado em estudos interdisciplinares sobre a Universidade Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador biblioteca depositária.

SOUZA, Eduardo Pinheiro de. **Mapeando os caminhos da internacionalização de instituições de ensino superior no Brasil'** 01/10/2008 233 f. Mestrado em administração instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo biblioteca depositária: Fea/USP/SP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

SOUZA, José Maria. **A internacionalização e a mobilidade na Educação Superior: o debate na América Latina.** *Revista de Iniciação Científica da FFC[UNESP]* v. 10.

SOUZA, Nayara Christine. **Programa de licenciatura internacional na Universidade Federal de Uberlândia: limites e possibilidades'** 01/03/2016 128 F. Mestrado em educação instituição de ensino: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia biblioteca depositária: UFU

TAVARES, Marcelo. **Internacionalização da Educação Superior: Estratégias e Ações da Universidade Tecnológica Federal do Paraná'** 25/02/2016 162 F. Mestrado em desenvolvimento regional instituição de ensino: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco biblioteca depositária: UTFPR - Campus Pato Branco

TAVARES. M. História, **Memória e Esquecimento: Identidades silenciadas.** In BAPTISTA, Ana Maria Haddad; TAVARES, Manuel. (org.). **Culturas, Identidades e Narrativas**, (73-114), São Paulo: BT Acadêmica, 2014.

_____. **A universidade e a pluriversidade epistemológica: a construção do conhecimento em função de outros paradigmas epistemológicos não ocidentocêntricos.** *Revista Lusófona de Educação*, n. 24. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2013, p.49-74.

_____. **Culturas e educação: a retórica do multiculturalismo e a ilusão do interculturalismo.** *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 11, n. 25, p. 163-190, 2014.

VALVA, Andre. **Ciência Sem Fronteira: Análise de dados do Programa Ciência Sem Fronteiras como instrumento de Política Social de educação para inclusão de estudantes em um ambiente universitário internacionalizado.'** 10/09/2015 128 f. Mestrado em políticas sociais instituição de ensino: Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo biblioteca depositária: Haddock Lobo Neto

VIEIRA, Rosilene Carla. **A internacionalização da pós-graduação no Brasil: a relação entre os *rankings* acadêmicos globais e avaliação dos programas de pós-graduação em Administração'** 12/03/2014 209 f. Mestrado em Administração
Instituição de Ensino: Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo
Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Napoleão de Carvalho

VILALTA, Luís Antonio. **A internacionalização do ensino superior brasileiro: conceito e características do processo em instituições privadas de ensino superior'** 01/12/2012 232 f. Doutorado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC/SP

VOIGT, Ana Clara Carvalho Machuca. **Mobilidade estudantil: relações Brasil no Mercosul'** 26/05/2015 131 F. Mestrado em desenvolvimento social instituição de Ensino: Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros biblioteca depositária: biblioteca central professor Antônio Jorge

GESTORES**CATEGORIA: INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Sujeito 1:	<p>Unidade de significado</p> <p>a. Isso, tem tudo essas coisas né, bom agora então as outras universidades enfim cada um na sua foi feito e outra maneira tá certo? Cada uma com o contexto que elas foram criadas, as outras universidades novas agora o grande impulso para a internacionalização isso aí não só para as universidades federais, mas para todas as universidades do Brasil, só veio lá em 2011 acho que as primeiras foram em 2012 com o programa ciência sem fronteiras aí já no governo Dilma né quer dizer, quando entrou o governo Dilma logo mandou meio que parar a expansão das universidades não expande mais, agora vão terminar de construir as[...] então é porque tinha um bocado...umas obras aí[...] então quer dizer, não digo que foi uma decisão tão errada assim né, porque ninguém aguenta né, expandir assim continuamente, isso aqui é uma loucura né, quem vem aqui no começo e começa a trabalhar e você tem que construir tudo ao mesmo tempo [...]</p> <p>b. [...]foi todo um processo assim de construção assim, de trocar o pneu do carro e colocar ele em movimento, mais ou menos foi esse processo, então quando veio o ciência sem fronteiras aí teve um grande aumento dessa demanda com internacionalização, a maior parte das universidades nem tinham uma área pra cuidar de relações internacionais, a UFABC não tinha, e aí foi nesse contexto do ciência sem fronteiras que foi criada a assessoria de relações internacionais na UFABC principalmente pra dar conta do programa ciência sem fronteiras, e na grande maioria das universidades federais que eu tenho conversado também não existia nada de internacionalização e também deu um impulso de internacionalização em várias universidades estaduais,</p>
-------------------	--

	<p>universidades privadas confessionais, tiveram um impulso grande de internacionalização, tanto que se pegar o exemplo da [...] internacional, eles cresceram muito depois do ciência sem fronteiras tão presentes no estrangeiro e tal, eu não sei porque eu só assumi em 2014 então já tinha o ciência sem fronteiras eu não sei como era antes, mas eles diziam que era um universo bem menor só voltado pra comunidade mesmo assim e depois é evento cheio de estrangeiro tudo quer vir aqui, mesmo com o fim do ciência sem fronteiras o Brasil...é coimo o brasil entrou no mapa do mundo da educação superior então o fluxo continua e esse desejo de fazer internacionalização continua, mas não veio no projeto, quer dizer, não veio no projeto de criação universitária, veio depois.</p> <p>c. A assessoria de relações internacionais, na época eu era pró-reitor de pós-graduação, até janeiro de 2014 tinha uma outra pessoa que assumia a assessoria de ralações internacionais que foi quem criou com esse objetivo do Ciência sem Fronteiras e foi construído também, não tinha nada, tinha que fazer andar o Ciência sem Fronteiras e era um desafio porque nós aqui enviamos 1400 alunos para o Ciência sem Fronteiras, porque? Por causa desse viés tecnológico da UFABC então temos muitos alunos que estavam no perfil que eles queriam...</p> <p>d. [...] É eu não digo isso porque também, até esse termo agora está sendo um pouco mais desusado, caiu em desuso, porque também quem definiu esse negócio de universidade de classe mundial foi o Jamil Salmi do banco mundial. Conheci ele, até quando... Ele teve na FAUBAI dois anos atrás e depois quando eu tive esse evento na Arábia Saudita que eu participei do painel em abril ele foi o moderador do painel, conversei com ele de novo. Quer dizer, agora ele tá na Colômbia ele não é muito [...] banco mundial, é ele que[...] baseado nas observações que ele fez de como que eram as universidades, então assim não é que vai criar uma universidade de classe mundial, é mais uma inspiração,</p>
--	--

	sabe. Universidade mundial...
Sujeito 2:	<p>a. o próprio acesso não as políticas de internacionalização, mas a própria possibilidade que algumas pessoas tem de ter contato exterior, vamos usar esse termo ela gera desigualdade porque hoje uma pessoa que pode passar dois anos fora estudando, mesmo que não seja um estudo de alto nível, mesmo que não seja algo espetacular só o fato de ela conhecer outra cultura ter acesso a outro idioma ela já sai a frente da outra que não pode então isso já é uma desigualdade, isso já é um agravante da desigualdade então a UFABC tem a função de diminuir desigualdade, ela deve tentar, eu acho que parte da política de internacionalização da universidade pública é tentar corrigir um pouco essa desigualdade que os alunos, os adolescentes [...] então a primeira delas é o próprio idioma, então acho que o que instituição tentou fazer foi na medida do possível criar cursos de idiomas né...e na época do ciência sem fronteiras o próprio governo criou esses cursos de idioma pra pelo menos preparar o aluno para conseguir começar a estudar lá fora...</p> <p>b. ... Bom antes de falar dos [...] você tinha perguntado o que que acho no contexto atual a importância da internacionalização [...]o processo de internacionalização do mundo uma das funções pra mim também é você poder[...] é aquele princípio básico, se você convive com pessoas de outras culturas, você, não vai querer matar essas pessoas, claro que não quero matar ninguém, mas acho que o processo de internacionalização é necessário pro mundo e acho que a universidade é um ambiente que isso é possível, você tem razões pra você fazer isso, você tem desculpas pra você fazer isso, talvez [...] é como...porque é interessante porque a globalização ao meu ver, olha eu sou um físico hein, então não leva muito a sério(risos). A globalização a meu ver a gente podia pensar que a globalização e internacionalização são sinônimos e na [...] de palavras até são de certa forma mas</p>

	<p>interpretação histórica que se da a ela s ou o que cada uma representa atualmente a meu ver não são, pro exemplo quando você tem a globalização ela faz com que, sei lá a Zara[...] mas uma indústria têxtil qualquer ela vive com trabalho semiescravo, usa mão de obra semiescrava</p> <p>c. [...]. Então acho que a internacionalização o primeiro papel é esse claro que com isso vem a adquirição do conhecimento e acho que hoje não existe adquirição dos conhecimentos e você não trabalhar com a adquirição do conhecimento de maneira internacional, para que não haja nenhuma nação frágil no mundo que não haja nenhum povo que precise se sujeitar a trabalhar como escravo e por exemplo passar fome o papel da [...] ao meu ver é esse.</p> <p>d. Bom ela quer, virar uma universidade internacionalizada como um todo. Mas eu posso até falar por mim, porque quando eu comecei na relações internacionais a primeira coisa que eu fiz foi buscar universidades próximas pra saber o que eles fizeram, então eu conversei com quem cuidava na época do setor na unifesp pra saber como é que eles eram e tal e aí não sei se a gente tem um modelo específico, mas se você vai pra universidades fora do brasil não são muito diferentes né na realidade, o que que você quer não tem um modelo[...] melhor do que dessa e tal, não tem exatamente uma grande diferença. O que a gente tem que fazer, o que tem que acontecer é que tem que ser natural a internacionalização a gente tem que chegar num nível que você não precisa chegar e dizer “ah qual é a politica de internacionalização da universidade?” não, ela é natural a gente tem que chegar num nível de vir gente de fora, ir aluno pra fora, vir pessoas de fora, servidores. Você ter essa mobilidade tem que passar a ser natural, então no fundo o ideal é que se daqui há 10 anos fosse fazer a...vamos supor que você publica um livro disso e você fosse fazer uma edição atualizada que a pessoa que tivesse aqui na internacionalização falasse olha a gente tem uma politica de internacionalização, mas a gente faz as coisas funcionarem,</p>
--	--

	<p>tem que ser algo meio...tem que ser algo natural, tem que ter tudo funcionando . Por exemplo, hoje a gente tem disciplinas em inglês pra quem vem de fora assistir aulas em inglês e pra gente daqui também começar a entender como é que se assiste disciplinas em outros idiomas pra começar a vender[...] então na realidade acho que isso que deve ser pensado né. Claro, hoje você tem também alguns grupos o brasil por exemplo tem grupo Coimbra de universidade, alias eu nem sei como tá atualmente mas é um grupo cujo objetivo é juntar brasileiros pra processos de internacionalização, isso existe. Mas o objetivo é que seja natural, claro.</p> <p>e. a gente foi um pouco atropelado pelo ciência sem fronteiras...não, foi ótimo, fomos atropelados no sentido que a gente chegou do zero a mandar mais de mil alunos pro exterior, isso em ...acho que a gente tinha chegado a enviar 1000 alunos em 2 anos...</p> <p>f. então uma das grandes coisas que eu acho que a gente fez, bom...vamos pensar as [...] então acho que o princípio básico que eu te falei, pelo menos que eu pensava na época da RI que a gente conduzia eu e [...] primeiro era uma mentalidade um pouco horizontal de você tentar como eu falei colocar, eu penso em sistema de sangue você vai bombeando sangue pra que lá nos cantinhos, os setores...o setor de administração geralmente tá muito longe da prática acadêmica que ele também tivesse internacionalização e a internacionalização chegasse nele, então que toda universidade fosse contaminada um pouco por esse setor, é interessante que quando foi criado o cargo muita gente falava assim, pra que criar esse cargo, tanta coisa na universidade, pra que que você vai criar esse cargo de direção, esse setor[áudio confuso] isso [...] era existente[...] então a primeira parte é essa você vai capilarizar ou seja[...] de uma maneira que todos setores agora tivessem acesso, a gente criou uma politica especifica pro ciência sem fronteiras pros aluno</p>
--	---

	<p>então uma das coisas que a gente tentou fazer para os alunos, até porque o [...] já tinha falado um pouco das possibilidades desses programas a gente começou a preparar a universidade para os alunos apara que aproveitasse ao máximo qualquer tipo de [...] no exterior então uma das cosas que a gente fez foi criar mecanismos para que por exemplo a [...] da disciplina cursada no exterior fosse razoavelmente simples aqui</p> <p>g. Olha, eu acho que o principio básico seria a ideia de difusão do conhecimento o conhecimento[...], conhecimento aberto, você não ter um domínio em formação, é claro que tem os princípios éticos, você não pode ter nenhum tipo....é...todo tipo de interação, de...bom acho que os princípios são tão claros mas as vezes são até meio[.] de falar, você não pode ter nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de sexismo, nenhum tipo de...isso tudo é básico, a gente entende bem o problema, mas é a gente buscou por exemplo a internacionalização nossa é que hoje o brasil vive uma certa crise econômica mas na época a gente tava numa época muito boa então a gente começou uns acordos que alguns caminharam outros nem tanto mas foi a ideia de que a gente [...] que receber, começar acordos pra mandar gente para grandes universidades e tal, também a universidade se [...] mais pobres[...] que nem a nossa e que a gente começou ter alguns acordos pra mandar professores para lá para ter interação de...e isso começou a entrar muito devagar porque como eles são mais pobres que a gente e a gente[...] digamos assim, isso acontece, mas a gente teve acordo com Moçambique, então a gente começou a ter essa ideia também de que a internacionalização não é só pra você ir pra Harvard, [...] é também pra você ter contato com todo tipo de universidade, com todo tipo de pais...</p>
Sujeito 3:	<p>a. olha no conjunto das novas o cenário é bem diversificado, quer dizer, na medida em que você tem uma universidade de integração [...] brasileiras, então uma universidade de integração latino-americana, quer dizer você tem uma universidade de fronteira sul, quer dizer, todos esses exemplos que eu estou</p>

dando são exemplos que estão lidando de uma maneira muito peculiar com a questão da internacionalização, então o que eu posso dizer é, pensando não só na UFABC mas no conjunto das universidades novas que essa é uma questão muitíssimo forte, é uma questão que não está secundarizada, se foram 10 universidades novas e três remetem diretamente a questão internacional isso é um sinal, acho que mais do que isso, esse sinal é qualificado porque tá se tratando muito nesses três casos de relações internacionais no hemisfério sul e daí as relações sul-sul tem um destaque obviamente né. E entendo que isso tem a ver com o modelo de política internacional dos governos anteriores, dos governos Lula e Dilma que eram um modelo de afirmar o brasil como um player no cenário global, que o brasil no cenário internacional saísse de uma posição de apenas coadjuvante e assumisse protagonismo em alguns processos e aí obviamente vamos dizer que o hemisfério sul é um hemisfério vamos dizer carente de liderança própria o hemisfério sul tá sempre olhando pro norte e acho que as universidades como parte desse projeto de política internacional do governo brasileiro no começo dos anos 2000 acho que essas universidades ajudam a alavancar esse processo, o que eu acho muito interessante porque são universidades fortemente internacionalizadas em dialogo com um projeto de internacionalização do próprio governo e isso dá mais força pro projeto e para o processo.

- b.** o conhecimento não é conhecimento local né, não existe mais isso, se lá atrás há décadas atrás uma tese de doutorado se esperava que ela fosse uma tese inédita no país então você iria apresentar a justificativa você dizia olha não tem nenhum trabalho em língua portuguesa sobre esse assunto porque hoje isso já não é mais uma justificativa porque os conhecimento estão acessíveis né...estão disponíveis, nem sempre acessíveis, mas quer dizer se tem alguém fazendo uma pesquisa que dialoga com a sua em uma região da Turquia, do oriente médio, da

	<p>China, da Europa, isso tudo pode estar conectado, então eu diria que as fronteiras do conhecimento se tornaram também fronteiras globais e por isso a universidade se ela quer continuar sendo com só pode ser, uma instituição de conhecimento, instituição de guarda e de produção principalmente de novos conhecimentos é imprescindível que a universidade esteja colocada nesse dialogo internacional, senão a gente vai estar produzindo conhecimento que só é novo dentro de uma bolha mas que muitas vezes está atrasado em relação a conhecimentos produzidos em outros cantos do mundo então pra universidade que se pretende como instituição de conhecimento isso é imprescindível, não há como ser universidade sem ser internacionalizado.</p> <p>c. eu não tenho claro. Pode falar isso? (risos) Assim é uma resposta ambígua, por um lado é claro, está claro nos dois documentos, no projeto pedagógico e no plano de desenvolvimento que a internacionalização, o dialogo internacional mais amplamente[...] é fundamental, então não há duvidas disso né. Acontece que no curso do processo histórico, por vários motivos eu acho que a gente não desenvolveu uma política de internacionalização ainda, porque veja, cria-se a assessoria de relações internacionais na gestão do professor Waldman que é a gestão anterior a esse, quase que pra dar conta do ciência sem fronteiras, então minha leitura é que houve uma política do governo federal de internacionalização que foi o ciência sem fronteiras que veio com muitos recursos, muitos alunos da UFABC, uma quantidade incrível de alunos da UFABC na época dava dez por cento do alunado da ufabc participando disso ou tendo já participado. Então assim como tinha essa politica nacional muito forte que a ufabc tinha que dar conta ela acabou meio que na minha leitura dando vazão para a politica nacional do governo federal, mas não criou a politica própria de internacionalização e aí quando acaba o ciência sem fronteiras, ele se reconfigura agora vai adquirir uma nova forma, fica um vácuo porque a universidade deu conta</p>
--	--

	<p> muito bem daquele projeto que era um projeto do governo federal acabou aquele projeto e nós não tínhamos desenvolvido ainda um projeto próprio de internacionalização, então na minha leitura a gente tá nessa fase a gente já tem uma grande atividade de internacionalização mas a gente ainda não tem uma política, um projeto de internacionalização que diz a cara da UFABC quanto a internacionalização será essa. Isso não foi definido. Pra mim isso fica claro se depois você quiser pesquisar em alguns documentos referentes a comissão de relações internacionais que foram aprovados no consune recentemente e eu lembro que eu fiz essa crítica né eles falavam por exemplo, parte das atividades de internacionalização é dar cursos para os servidores da ufabc. Ai eu falei escuta mas não é isso porque curso pra servidor a superintendência de gestão de pessoas dá. A minha pergunta pra eles naquele momento era o que é o especifico da internacionalização que vai fazer com que esse curso seja um curso de relações internacionais e não de gestão de pessoas. E aí enfim, mesmo nessas discussões me parece q1ue isso não ficou esclarecido, na minha leitura é muito claro que falta uma política de internacionalização ainda mas que por outro lado a gente tem todas as condições de construir ela agora porque a gente já tem uma baita experiência em internacionalização </p> <p> d. então como eu falei, acho que uma política propriamente acho que não está claro, a universidade deu passos claros, por exemplo, ao criar uma assessoria, ao vincular essa assessoria a reitoria, então não quero dar a entender que a internacionalização na UFABC esteja vamos dizer, insipiente, tem um setor dedicado a isso que dialoga com um curso de graduação muito forte, multi representativo que agente tem na universidade tanto que é frequente a presença de embaixadores aqui, enfim de autoridades relacionadas ao âmbito da RI. </p> <p> e. por outro lado também é comum a gente receber aqui por ação da assessoria de relações internacionais, receber agencia grupos de </p>
--	--

	<p>pesquisadores estrangeiros enfim, fomento de parcerias e esse tipo de coisa, então assim, existe um direcionamento institucional para internacionalização na media em que se cria e se fomenta uma assessoria de relações internacionais vinculada diretamente ao gabinete da reitoria, isso é uma coisa. Outra coisa é apesar desse movimento de criação num setor, apesar de totó o ideário de internacionalização que se difunde na universidade, faz isso se tornar presente no imaginário de todos da universidade. Eu acho que a gente não tem ainda a política, uma política que deva dizer quais são os objetivos principais, que são as estratégias para se alcançar esse objetivo, um plano de metas mais claro né. Então acho que nesse sentido eu acho que a gente não tem propriamente uma política. Veja que eu faço uma leitura que...como parte da minha formação veio das politicas educacionais eu entendo que o setor tem uma politica quando ele tem um plano escrito e publicado que pode ser depois, revisto, criticado, alterado. Mas que ele oferece pra comunidade como um todo um documento dizendo “aqui está nossa politica” e é nesse sentido que eu digo que não tem, quer dizer eu acho que é importante ter um documento assim como é importante ter um projeto pedagógico, não basta ter uma ideia. Na minha leitura falta um documento mais robusto que seja a politica de internacionalização...</p>
--	--

DIALÉTICA**LOCAL/GLOBAL****(RELAÇÕES****NACIONAL/INTERNACIONAL);**

Sujeito 1:	<p>Unidade de significado:</p> <p>a. Sempre foi essa ideia, na verdade assim, como o pessoal da região do ABC tava esperando a muito tempo que fosse criado uma universidade pública a expectativa do pessoal da região é que a universidade chegasse e já fosse interagir com as empresas pra melhoras as empresas, é como se você fosse...é então, mas não é essa a proposta, já conversei com várias lideranças locais, analistas, aí você, olha no início a gente tinha que construir tudo quer dizer, você não podia...você tinha que se voltar pra dentro, porque tinha que ser construído, então nós tínhamos que construir uma universidade e sempre foi com essa proposta se houve discussões no sentido de construir algo com perfil de instituto federal, essas discussões não ocorreram dentro da universidade, no contexto da universidade, ocorreram fora.</p> <p>b. um dos objetivos de instalar uma universidade com esse perfil, porque a UFABC iniciou pra ter um único curso de ingresso né, hoje tem dois, discute-se eventualmente criar mais, mas ela iniciou...tanto que se você pegar o projeto pedagógico da UFABC ele fala de bacharelado em ciência e tecnologia, porque ciência e tecnologia? Ora, pelo perfil da região, mil vagas por ano, na verdade você não entra pra nenhum curso específico mas se você fizer uma divisão das vagas tão la colocadas mil vagas por ano pra formar engenheiros, claro se forma um dos papeis da universidade, se forma recursos humanos altamente qualificados pra atuar em vários setores inclusive o setor que gera emprego e renda, que aqui tem muito. Então a ideia é também dá uma revitalizada na região, claro, porque de maneira geral se mantem razoavelmente constante, um terço dos nossos alunos vem do abc os outros dois terços vem de fora, ou da grande são Paulo ou do resto da cidade de são Paulo ou do estado e tal, mas muitos acabam ficando porá aqui, acabam tendo empregos por aqui, claro, muitos também vão pra outros lugares, tem uma mobilidade grande. Então se vê que muitos acabam entrando nas</p>
-------------------	--

	<p>empresas por aqui e tal, quer dizer isso é uma coisa muito boa para a região né, porque também tava naquele contexto a economia do país fechada na época dos militares, daí o Collor abriu e teve aquela queda econômica no início dos anos noventa, então a instalação da universidade vem com essa promessa que seria o resgate dos tempos gloriosos....</p> <p>c. [...] Do desenvolvimento... Mas aí são bases diferentes né, a história não se repete, então você muda a história, você constrói uma história diferente, então o tipo de desenvolvimento, de inovação que se tem hoje é muito baseado no conhecimento científico-tecnológico, então o objetivo, claro a universidade tá aqui na região, e o objetivo é contribuir muito com o desenvolvimento da região, do país também claro, porque trabalhamos com um</p> <p>d. a visão mais global, mas especificamente aqui porque é inclusive mais fácil de interagir e tem essa missão da universidade que tá sediada aqui e tem que interagir com a região que eu acho que é muito nobre, acho que é correto, corretíssimo fazer isso, tem aumentado cada vez mais a interação da universidade com a região até porque tá entrando mais ou menos num período de estabilização né tudo que tinha que construir a maioria foi construída tem algumas coisas que estão sendo construídas ainda, tanto físico quanto pedagógico e tal mas agora então as pessoas... Também tem um corpo docente tecno-administrativo razoavelmente estável de bom tamanho, agora você consegue olhar mais pra fora, vamos interagir mais com a região e eu acho que muito correto e que é isso que tem que ser feito mesmo.</p> <p>e. Por outro lado também, [...] vem de fora né, quer dizer são as montadoras que a tecnologia eles desenvolvem lá em suas matrizes em seus centros de pesquisas espalhados por vários lugares e aqui você vai lá e implementa, algumas pesquisas desenvolvidas aqui, alguns desenvolvimentos, claro né sempre</p>
--	---

tem muita coisa local, por exemplo [...] cálculo tal, muita coisa que é local no brasil e tal, mas ...também não sou da área automobilística pra dizer de maneira geral é essa a questão, então a proposta da universidade é desenvolver alta tecnologia de maneira que com os recursos nacionais, gere uma autonomia nacional pra conseguir criar inovação tantos nas empresas existentes ou criar novas empresas startups que vão trabalhar com essa alta tecnologia, esse é o objetivo, é contribuir pra autonomia nacional, acho isso uma coisa importantíssima, você não pode ser visto como produtor de commodities, quer dizer, exportador de..., claro que é bom produzir commodities, que o brasil o celeiro agrícola assim...quem é que não gosta disso, pô tem países que não produzem comida suficiente, né. Que recentemente na Arábia Saudita eles estão sentados num poço de petróleo enorme só que eles exportam exatamente tudo, e eles estão preocupados, estão querendo desenvolver as universidades dele lá porque sabem que, sei lá, o ciclo do petróleo pode acabar e daí como eles ficam? Então a temática do evento, foi em abril desse ano, foi O conhecimento é novo petróleo, então você vê, eles estão preocupados então veja, se eles lá na Arábia Saudita que tão sentados em cima de um de um petro[.] estão com essa preocupação quem não teria. Claro que tem que ter, tem que essa preocupação de gerar autonomia nacional o desenvolvimento e inovação pra ser capaz de competir de igual pra igual com países chamados de desenvolvidos, com certeza.

- f. Por outro lado também, [...] vem de fora né, quer dizer são as montadoras que a tecnologia eles desenvolvem lá em suas matrizes em seus centros de pesquisas espalhados por vários lugares e aqui você vai lá e implementa, algumas pesquisas desenvolvidas aqui, alguns desenvolvimentos, claro né sempre tem muita coisa local, por exemplo [...] cálculo tal, muita coisa que é local no brasil e tal, mas ...também não sou da área automobilística pra dizer de maneira geral é essa a questão, então

	<p>a proposta da universidade é desenvolver alta tecnologia de maneira que com os recursos nacionais, gere uma autonomia nacional pra conseguir criar inovação tanto nas empresas existentes ou criar novas empresas startups que vão trabalhar com essa alta tecnologia, esse é o objetivo, é contribuir pra autonomia nacional, acho isso uma coisa importantíssima, você não pode ser visto como produtor de commodities, quer dizer, exportador de..., claro que é bom produzir commodities, que o brasil o celeiro agrícola assim...quem é que não gosta disso, pô tem países que não produzem comida suficiente, né. Que recentemente na Arábia Saudita eles estão sentados num poço de petróleo enorme só que eles exportam exatamente tudo, e eles estão preocupados, estão querendo desenvolver as universidades dele lá porque sabem que, sei lá, o ciclo do petróleo pode acabar e daí como eles ficam? Então a temática do evento, foi em abril desse ano, foi O conhecimento é novo petróleo, então você vê, eles estão preocupados então veja, se eles lá na Arábia Saudita que tão sentados em cima de um de um petro[...] estão com essa preocupação quem não teria. Claro que tem que ter, tem que essa preocupação de gerar autonomia nacional o desenvolvimento e inovação pra ser capaz de competir de igual pra igual com países chamados de desenvolvidos, com certeza.</p>
<p>Sujeito 2:</p>	<p>a. havia uma ideia que se fosse uma universidade federal numa região carente de universidade, e são Paulo é uma região carente de universidade pública e uma das pontes que você faz se pegar a população do estado de são Paulo e comparar com o número de vagas em universidade pública é o estado que tinha menos vagas em universidades públicas do brasil porque é um estado muito grande, pouquíssimas vagas, [...] e a região do abc era uma região muito populosa, uma região que passa ainda por transformação porque se você pegar as montadoras da época da década de 80 sei lá, do abc, você</p>

	<p>produzia uma montadora ela fazia quase todas as etapas de produção de um carro, então você precisava de muito mais gente trabalhando. Hoje não, hoje você tem a mecanização muito grande, boa parte das montadoras elas pegam uma peça produzida na China, outra sei lá onde, outra no Brasil e juntam tudo, então o abc passa ainda por uma crise muito grande com o desemprego gerado pelas montadoras, e aí é importante estrategicamente que a região se redefina e uma universidade tem esse papel da redefinição de maneira geral... Novos campos de estudo, uma nova relação da indústrias, uma das ambições da federal do abc é ter uma relação coma indústria aqui[...] ao meu ver a[...] brasileira é muito atrasado, ele não respeita o conhecimento universitário, então é muito difícil você chegar , talvez universitários brasileiro também você [...] não conseguiu conversar muito com a indústria e uma das propostas pra você ter uma ideia uma das épocas quando começou o ciência sem fronteiras a gente fez uma expedição para os Estados Unidos apara ver as universidades, o piloto do[...]foi nos estados unidos então eu e outras pessoas que cuidavam dessas áreas viajamos para os estados unidos a convite do governo e a gente foi com a região do meio oeste americano, acredite isso tem a ver com o que eu tava falando do abc. E é muito engraçado, você vai lá no meio oeste americano e tem milho, milho, milho e de repente uma universidade. (risos) [trecho confuso]e de repente você chega e tem uma universidade enorme né. E aí um é pró-reitor, provavelmente não, mas na época ele era, e aí ele perguntou e disseram, aqui desenvolvem é tipo uma incubadora que desenvolviam produtos pra indústria, e ele perguntou como é que era feita a divisão dos Royalties se surgisse um produto novo, aí a pessoa que tava lá respondeu: vai tudo pra universidade, não existe isso aqui.</p>
--	---

	<p>b. a gente tem uma coisa chamada doutorado industrial. Que é um doutorado normal que partes do... Eu não sei exatamente o tempo e tal... Mas parte da formação do aluno ele fica na indústria. Parte da tese dele é desenvolver alguma coisa pra indústria. Então esse projeto tá funcionando na universidade e tem vários convênios, muito convenio com indústrias [...] ainda ta crescendo mas...</p>
Sujeito 3:	<p>a. como a universidade vê eu não sei, posso falar como eu vejo (risos) mas eu falo isso muito tranquilamente porque como eu falei, eu sou morador aqui do grande abc desde que eu nasci. Eu tenho a impressão que a região do grande abc pra pensar nas necessidades regionais e na pauta regional, ainda não se...a região ainda não faz uso de todo potencial que ela tem. É uma região com dois municípios no caso Santo André e São Bernardo que contribui muito pra constituição o pib do estado de São Paulo, são Bernardo especialmente por conta das montadores. É uma região que tem uma interface ambiental altíssima, a questão do parque da serra do mar, então você tem uma reserva de mata atlântica, tem nascentes importantes, então acho que assim, do aspecto cultural, do aspecto histórico as cidades de são Bernardo e de santo André são quase tão antigas quanto o município de são Paulo porque era ponto de passagem entre os barcos que aportavam em são Vicente e são Paulo de Piratininga. Então assim eu acho que a região não valoriza toda a potencialidade que a gente tem como região né. Acho que houve um passo importante nesse processo quando o ex prefeito de santo André, o celso Daniel, criou o consórcio intermunicipal como uma entidade que congregasse os sete municípios da região e como entidade suprapartidária que cada vez um dirigente de um partido politico presidia e tal, justamente para que tivesse esse caráter é da conta da região como um todo né. Mas isso foi implementado, gerou alguns avanços mas eu acho que ainda muito aquém,</p>

	<p>acredito que muitas fragilidades que a região enfrenta ainda é a na internacionalização por conta dessa falta de agregação dos municípios, quer dizer, como os municípios não agem no geral como região eles ficam mais fragilizados nas relações internacionais, inclusive porque a gente tem na região municípios que são também bastante pequenos, enfrentam muitas dificuldades com IDH, enfim, questões mais básicas e portanto tem muito mais dificuldade de procurar qualquer tipo de relação internacional que vamos dizer, exijam uma qualificação de servidor municipal, uma capacidade de gestão municipal muito maior. Tem municípios ainda que estão lidando com problemas muito inferiores, muito mais básicos do que isso. E aí eu acho que a universidade podia ajudar muito, quer dizer se a universidade estabelece bem as relações com os municípios e a universidade tem esse potencial de internacionalização então a universidade poderia ser um canalizadores de relações entre as prefeituras da região e a comunidade internacional né e aí passa pelo setor produtivo, com todas as engenharias que a universidade tem, passa pela formação de professores com todo o campo das licenciaturas,. Passa com a pesquisa de ciências dura, né quer dizer a gente tem pesquisadores que estão lidando com os grupos mais avançados da física mundial, então isso tudo poderia ser colocado a disposição por exemplo da ciência e tecnologia e inovação dos municípios né. Falta ao meu ver por um lado que nossa política própria dê ponte para isso, e falta por outro lado um preparo mínimo dos gestores municipais que também é uma outra dificuldade. São sete cidades na região, além da capital que a gente interage muito também e quando alguns processos começam a ganhar corpo você tem uma mudança na gestão municipal, ou muda o prefeito ou secretários e secretarias etc, e você tem todo um recomeço de atividades. Enfim,. É um desafio mas aí eu vejo que como também a universidade é apartidária enfim, ela não está vinculada nem a</p>
--	--

	um nem a outro município mas o conjunto da região eu acho que a universidade poderia ser um catalizador e um potencializador desse processo de internacionalização dos municípios também.
--	---

SUBCATEGORIAS: INTERNACIONALIZAÇÃO PELA PERSPECTIVA COMPETITIVA OU PELO ASPECTO SOLIDÁRIO;

Sujeito 1:	<p>Unidade de significado</p> <p>a. o projeto da universidade é focado em pesquisa, nós somos uma research university desde o começo. Ou seja, pós-graduação, pesquisa desde o início, com certeza o resultado dos rankings tem um atraso pra refletir as coisas, publicação, citação tem sempre um atraso um delay no tempo assim, então não é por causa disso, é por causa do foco em pesquisa da universidade, o foco em pesquisa gera esse resultado nos rankings internacionais, porque os rankings internacionais os professores reclamam, mas no fundo eles medem o quando a universidade ela é uma universidade de pesquisa, é isso claro, o que eles chamam em inglês de teching researching community servisse e aqui no brasil a gente chama de extensão. Ah mas tem universidade que faz muito extensão, tá, mas não tem o ranking da extensão até porque extensão é difícil medir e pesquisa você mede, pesquisa é fácil de medir sabe. Dá um trabalho, mas você mede pesquisa, ensino é mais complicado eles tem uma central lá o [...] tem um bocado de métricas lá tem uma que é reputação. Reputação é a enquete que eles fazem com outras universidades no mundo todo para citar universidades boas, a ufabc quase nunca aparece, claro né, porque a gente tá construindo uma certa imagem por isso que eu disse que tem que fazer um trabalho de construção da imagem da universidade, toda vez quando eu vou apresentar aí eu falo inglês. Teve um evento aqui internacional de neurociência aí eu fui fazer a abertura no lugar do leitor aí eu</p>
-------------------	---

falo inglês aí eu falo de [...] eu disse que soa engraçado pra quem não é brasileiro, mas a universidade do abc como é que soa pra eles, soa como uma universidade que você ensina crianças, ensina a alfabetizar criança mas eu aproveito esse fato que é engraçado. Porque claro no Brasil todo mundo sabe que em São Paulo existe uma região chamada abc pode ser de qualquer lugar do Brasil que sabe. Fora do Brasil parece engraçado universidade do ABC, pô é uma universidade pra ensinar criança. Aí eu aproveito essa coisa de ser engraçado que daí eles gravam ABC (em inglês) porque é um bocado né, é UFRJ é não sei o que, nós somos ABC eu já digo que é engraçado eles riem e pronto eles gravam que eu sou do ABC. Então já é uma tentativa de construção da marca né. Aí eles dizem, pô tem uma universidade boa que tá fazendo uns negócios lá como é o nome? Ah é ABC. (risos) Então claro, é uma estratégia...

- b. Na verdade a gente não vai criar índices para os rankings, veja essa coisa que foi comentada de que não a gente tá não sei quantos passos de fazer... É o seguinte, nós não trabalhamos para os *rankings* os *rankings* que nos identificam pelo que nós fazemos. Você faz uma coisa e eles identificam que você fez bem feito, uma coisa que nós fazemos, nós aparecemos no Times [...] education, desde o ano passado primeira vez que nós... não é só assim os dados que eles pedem, porque é muita informação que você dá pra eles, ano passado foi a primeira vez que a ufabc apareceu, eles identificaram a ufabc e pediram por aí nós mandar os dados. Outras universidades brasileiras nem ligam não preenchem. Olha eu mobilizei todo mundo aqui dentro a pegar dados e dados porque você tem que somar com não sei o que de orçamento e bla bla bla e daí a gente preenche tudo direitinho.. Esse ano tem uma funcionária aqui que é a Bruna ela ficou alguns meses só fazendo isso essa é a parte que a gente faz. Claro que eu quero ir bem, por exemplo, no

ranking da américa latina no THE ano passado nos ficamos em 18 esse ano em 14, claro que eu quero melhorar. Veja eu não trabalho pro ranking, mas assim não é possível se existe o ranking eu quero que ele saiba tudo que a gente tá fazendo, então a gente fornece as informações e aí porque o fato de nos irmos bem no ranking vai contribuir pra melhorar nossa reputação né, se nossa reputação melhorar a gente vai melhorar mais ainda no ranking porque parte do ranking é reputação, mas o objetivo não é trabalhar pro ranking, o objetivo é você ser conhecido e ser alvo de parceiros internacionais pra você fazer a internacionalização, proporcionar essas experiências para os professores, para os alunos, pros funcionários quer dizer o objetivo não é o ranking pelo ranking, o objetivo é você melhorar a qualidade do ensino, proporcionar uma educação melhor uma pesquisa de melhor qualidade uma formação melhor para os alunos através da exposição deles a essa questão internacional, intercultural. Agora para você ser desejado pelos estrangeiros você tem que ser conhecido, qual é a maneira de ser conhecido ó: tem uma historinha do professor Wadlman que foi ex-reitor da ufabc ele era o reitor quando eu era reitor de pós-graduação, tem uma historinha do Rockefeller que chegou para o reitor da Universidade de Harvard há mais de cem anos atrás, daí ele chegou assim eu quero criar uma universidade tão boa quanto a Universidade de Harvard o que precisa fazer? Você precisa de tantos milhões de dólares, e isso na época ele tinha. E você precisa de cinquenta anos. Aí ele ficou desanimado, 50 anos por quê? É o que leva pra construir a reputação, pra ser reconhecido, bem avaliado. E tem uma coisa que as pessoas xingam no ranking uma coisa que eu sempre digo é o seguinte ó, o ranking ele desafia a tradição ele desafia a reputação. Eu vou fazer uma analogia eu vi uma vez uma reportagem que numa região da França tinha um cara que tinha migrado da Argélia, na primeira geração eu tava fazendo

	<p>vinho e o vinho dele era muito bom, só que claro todo aquele chateau ninguém dava bola pra esse cara, aí chegou um dia que o [...]parker, que é aquele especialista de vinhos lá americano e achou o vinho dele fenomenal e deu uma nota altíssima pro cara, e aí o vinho dele ficou conhecido. Quer dizer não interessa que tenha 200 anos de tradição, o que importa é fazer um vinho bom. Claro, tradição é bacana, mas o que vale é você cumprir sua missão de acordo. Dar uma boa educação fazer uma boa pesquisa e fazer uma boa extensão, então nesse sentido os rankings são legais porque pra uma universidade nova como a UFABC ele nos identifica logo sabe? Nos coloca numa posição que nós demoraríamos cinquenta anos pra chegar se fosse pelo método antigo...</p>
Sujeito 2:	<p>a. A meu ver eu acho que não pode desprezar os rankings e “ah vamos fazer tudo e o que for bom é bom e o que não for bom não é bom” mas ao meu ver eu acho que os rankings eles devem emitir uma melhora uma excelência da universidade, vamos dizer assim, em todos os aspectos e a gente tem a ambição de ser uma universidade com importância internacional, sem nenhuma dúvida. E pra isso a gente o processo de internacionalização nesse sentido ele passa a meu ver duas coisas: não atrapalhar a vida de quem já tem colaborações internacionais, se alguém tem colaboração internacional, faz parte de um grupo enfim, recebe pessoas, a gente tem que facilitar a vida e facilitar a vida se ele quiser trazer um visitante e facilitar a vida ele quiser passar uns meses fora, não necessariamente financiar porque geralmente quem tem colaboração internacional consegue bolsa de fapesp etc, não precisa nem de verba interna, mas de facilitar né, na medida do possível, a documentação[...] burocrático então acho que nosso papel um pouco é isso</p> <p>b. a universidade tem que facilitar, o que é facilitar, pro exemplo, tem esse nosso projeto e não tem nenhum servidor que fale</p>

	<p>inglês, então agente tem cursos pra que os servidores falem inglês, pelo menos pra que, vamos supor, chega um convidado internacional e eu me atrasei, aí precisa de alguém pra explicar, senta espera um pouco, toma um como d'agua, enfim, o mínimo que a gente pode fazer[...] então esse tipo de ambiente que é receptivo a quem vem de fora nós temos que criar na universidade, agora os rankings devem ser uma consequência disso e a gente aparece bem nos rankings...não...eu não gosto do ranking da folha tá e eu posso falar isso com tranquilidade porque a gente ficou em primeiro lugar em internacionalização quando eu era da assessoria, então posso falar tranquilamente...(risos)</p> <p>c. Mas de fato, em geral os rankings internacionais a gente vai crescendo consequentemente em todos os anos, principalmente porque nossa pesquisa aqui é muito internacionalizada... É de qualidade, hoje em dia pra ser pesquisa de qualidade ela tem que ter alguma repercussão internacional.</p> <p>d. Vai mais alunos pra ficar um tempo fora do que vir aqui, a gente recebeu muito aluno de fora já teve aluno da Alemanha, mexicano, tem muito aluno de pós-graduação, a gente tem o programa[...] que fornece bolsas para alunos de pós graduação da america latina[...] esse programa mas tinha também, então a gente ainda manda muito mais do que recebe, isso é um problema né. [...] o brasil. Até porque a gente tinha muitos problemas pro exemplo, a gente tem muito assalto em santo André, na estação de trem... Quer dizer têm algumas dificuldades, moradias então a gente tem muita coisa estrutural que depende da gente e também não depende da gente, dificulta muito é o grande desafio da eterna[...] brasileira é que você vê principalmente aluno...é que professor, pelo salario, pela idade pela [...] de vida ele consegue ficar, alugar um hotel um apartamento enfim ele consegue, o aluno não, o aluno geralmente fica no alojamento, principalmente aluno que vem</p>
--	---

	<p>de outro país, então a gente tem um esquema com republica que a gente conseguiu fazer, receber gente de fora, mas ainda é muito inicial, foi um projeto que a gente teve que a gente chama de Casa de Família que honestamente eu não sei em que pé está hoje, a gente começou mas eu não sei onde. Só que ainda falta né a gente precisa abrir[...] depois o fluxo de gente vindo de fora, fora do brasil na graduação principalmente é muito pouco, fora da graduação já tem um numero razoável , mas na graduação é muito pouco, então é um desafio que a gente tem...</p>
Sujeito 3:	<p>a. a UFABC ela tem eu diria algumas características muito peculiares que eu acho que são interessantes, primeira a ufabc se destaca nos rankings universitários pela questão da internacionalização né. Agora em grande parte isso se deve ao fato de que cem por cento dos docentes da ufabc são doutores, uma boa</p> <p>b. parcela desses docentes são estrangeiros que estão no brasil ou que vieram ao Brasil mais recentemente e por tanto eles tem as suas redes de relacionamento fora do país assim como os brasileiros que são doutores também fizeram doutorado, estagio de doutorado em outros países e mantem suas redes de relacionamento. Quero dizer que na minha leitura o sucesso da ufabc nos rankings de internacionalização tem a ver com a característica do corpo docente. Todo mundo doutor, todo mundo ita produzindo pesquisa de ponta e todo mundo tem relações, networking fora do país. Por outro lado e talvez por isso mesmo na minha leitura não se desenvolveu ainda na ufabc uma politica de internacionalização. Quer dizer, me aparece que internacionalização aqui ela acontece de maneira mais intuitiva do que como resultado de uma política.</p> <p>c. Não é um modelo a perseguir. As politicas internas, as</p>

	<p>decisões, as políticas pelo menos dessa gestão da qual eu participo elas não são políticas decididas, tomadas como o objetivo de melhorar no ranking x ou y então assim, esse é um elemento a gente olha pra esses rankings eu diria tendo um sinal e não entendendo eles como uma verdade absoluta, ele é um dos elementos, os rankings são um dos elementos que permitem a auto avaliação da universidade, mas a gente não acredita que são os elementos únicos nem os principais, são um elemento entre outros né. E nesse sentido a minha leitura não e trata de perseguir o modelo de universidade internacional, mas desenvolver a ufabc segundo os valores de seu projeto pedagógico que a gente acredita que sejam valores diferenciados, que agregam em relação ao modelo mais tradicional de universidade e a nossa aposta é que quanto mais a gente conseguir implantar esse projeto, porque uma coisa é você ter o projeto, outra coisa é implantar ele, quanto mais a gente conseguir implantar esse projeto mais a universidade vai quase como um efeito colateral se destacar nesses rankings, então agente não tá conseguindo ranking mas a gente acha que vai alcança-lo desenvolvendo o projeto pedagógico que a gente tem.</p>
--	--

AGENTES DE INTERNACIONALIZAÇÃO

CATEGORIA: INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Sujeito 4:

- a. Meu envolvimento com os alunos que saíram pro ciência sem fronteira é desde o início, desde o primeiro pessoal que foi pro Ciência, que inclusive acho que foram duas alunas e como era muito novo e ninguém sabia direito o que era aquele Ciência sem Fronteiras, aquele dinheiro que o país tava dando, vários alunos meus foram para Portugal, que foi onde conseguiu da noite pro dia contatos com instituições lá que também não sabiam o que fazer com aluno que tava chegando do nada, então Portugal foi um começo, acho que o primeiro ano. No segundo ano eles já cancelaram Portugal, porque o objetivo era o contato com uma língua inglesa ou com uma língua estrangeira, então Portugal eles realmente cancelaram porque a primeira leva foi muito para Portugal exatamente pela dificuldade da língua que ninguém tinha e logo depois eles descobriram e cancelaram Portugal. Estados Unidos foi um problema mandar alunos porque eles tinham um banco de universidades que não eram as principais e poucos alunos foram pra universidades de elite nos estados unidos, mas depois de dois anos o Ciência....todo mundo ficou sabendo e aí os alunos já começaram a se preparar melhor, aí já tinha obrigatoriedade do Toeffel e das outras e aí foi uma leva.
- b. Do ponto de vista dos alunos que voltam, eles voltam modificados, eles voltam amadurecidos, eles voltam como

	<p>uma visão já ampliada de carreira, de faculdade e mesmo aqueles que fazem poucos cursos por dificuldade, ou da língua, ou qualquer que seja, eu sou completamente...quero deixar registrado que a minha experiência de todos os processos que eu vi, não teve nenhum aluno sem aproveitamento, ou seja, não foi...como eles falam, ciência...férias...</p> <p>c. [...]Nenhum aluno nosso foi fazer turismo, todos trouxeram disciplina, vários trouxeram estágio, e alguns trouxeram pesquisa. Então se eu puder dizer, foi cem por cento de aproveitamento, na engenharia aeroespacial.</p> <p>d. Como agente de internacionalização a gente traduziu todas as ementas do curso de engenharia aeroespacial, eu fiz esse papel pra deixar inclusive pra vinda de alunos, para alunos poderem já comparar as ementas. Esse é um dos objetivos de internacionalizar a UFABC para atrair alunos para cá e ajudar os alunos que foram a comparar as ementas. Fora isso, como a gente era muito ocupado com o ciência sem fronteiras, era basicamente esse meu papel, mas eu sei que tem agora um trabalho que tem que ser feito para trazer alunos.</p> <p>e. Antes do ciência sem fronteiras, você tem que buscar vários acordos bilaterais, então existem programas antigos com a França para poder mandar agora alunos nesses programas, eu sei que na aero tem um professor que faz com a Suécia, mas nesse caso pode ser diretamente só o professor ou a instituição que ele tem conhecimento e, obviamente, eu deveria interceder e ajudar essa troca, mas não tem sido feito.</p> <p>f. acabando com o ciência sem fronteiras, esse é um novo aspecto que nós temos que ver, de novo eu só conheço esses que você busca via as próprias universidades e faz os acordos e eu não conheço outro.</p>
Sujeito 5:	<p>a. eu fazia a internacionalização mas não como agente, eu era mais ou menos um pesquisador que caminhava para um lado e para o outro, mas quando eu assumi o cargo executivo então eu tive que começar participar ativamente desse assunto.</p> <p>b. O agente de internacionalização tem uma característica de</p>

empreendedor, ele tem que ir atrás da oportunidade, que a gente pode chamar de oportunidade de negócios que seria criar um vínculo de levar um aluno pro exterior e trazer alunos do exterior pra cá, e também professores, pesquisas, convênios etc. Então o agente de internacionalização é muito mais do que um sujeito que assina papel, ele tá na verdade prospectando negócios, sempre prospectar, tem que participar de eventos apresentando nossa universidade e entregando e recolhendo cartões de visitas de outros agentes de internacionalização, porque ele é a encruzilhada entre as universidades, as universidades do mundo inteiro se cruzam através dos agentes de internacionalização, então ele tem esse papel mesmo, fazer a prospecção do negócio e depois a realização. O acompanhamento não precisa mais ser com ele, se bem que acaba acompanhando, mas é muito importante esse papel de estar presente, se ele não atuar a universidade perde a internacionalização, o agente tem que estar lá, tem que ir nos eventos, as vezes viajar, chamar outras pessoas pra cá, propor visitas, isso é muito importante e eu acho que esse é o papel dele, um empreendedor

- c. o principal objetivo é a excelência. Não adianta nada a gente fazer um trabalho de internacionalização porque tem um custo, não é um trabalho que a gente faz de forma gratuita, gasta horas de docente, gasta tempo etc e a gente busca excelência academia nos três eixos, porque a gente tem a parte de pesquisa, ensino e extensão, os três devem estar contemplados pelo agente de internacionalização, então não pode dizer assim por exemplo, eles tem que saber escolher as universidades, porque de uma forma assim bem crua, a cada universidade é uma entidade que precisa ser sustentada e precisa ter seu retorno, mesmo nós

	<p>que somos uma entidade federal, a gente precisa responder a sociedade porque estamos gastando dinheiro de impostos aqui não é. Não é porque somos nós que se pode jogar dinheiro fora sem mais nem menos, então a gente tem que procurar universidades que tenham o mesmo perfil da gente, de buscar excelência. Porque faz um vínculo assim, manda um aluno e a universidade não tem o mesmo retorno a mesma visão que a gente, a gente só cumpriu o papel mas não realizou a coisa toda. O aluno não pode voltar pior do que foi né, ele tem que voltar melhor e aonde ele estiver tem que melhorar com a presença dele porque ele tá levando a nossa visão pra lá, de uma forma sutil mas tá levando. Então é importante essa conscientização de que não pode ser qualquer universidade também. Porque tem muita universidade fora do Brasil que só estão visando o lucro, essas a gente tem que tomar muito cuidado pra não cair em uma armadilha, porque nossos objetivos é difusão do conhecimento que é o ensino, pesquisa que é a excelência a academia e extensão que é o lado social, não podemos esquecer esses três lados, a maioria dos casos a gente encontra essas universidades[...]</p> <p>d. São dos acordos, na verdade grande parte dessas que estão aqui, nasceram no Ciências sem Fronteiras. Esse eu acho que foi o melhor resultado que a gente conseguiu. O Ciência sem fronteiras vinha de cima pra baixo, o governo dava o dinheiro, você mandem seus meninos e os meninos foram, só que atrás do menino tem sempre um professor, em muitos casos o menino o aluno servia de ponte dos pesquisadores com pesquisas de lá.</p>
Sujeito 6:	<p>a. Depende de como você conta, porque assim, eu sou agente de internacionalização da materiais eu acho que de 2 anos pra cá, mas a minha atuação com iniciativas de</p>

	<p>internacionalização já vem de antes...</p> <p>b. os agentes de internacionalização, cada curso escolhe um mas é mais pra resolver burocracia de...quer dizer, acho que grande parte, mais de 90% do trabalho dos agentes de internacionalização dos cursos hoje em dia está relacionado com a burocracia dos alunos que foram pro ciências sem fronteiras, então eu tenho aqui...o que eu resolvo é isso, o aluno foi pra fora...eu to com uma pasta aqui que é de uma aluna que foi para fora e aí ela fez várias disciplinas fora e aí eu tenho que fazer a equivalência das disciplinas pra ela aproveitar os créditos aqui, se vão substituir disciplinas obrigatórias ou de opções limitadas ou se entram como créditos livres e aí é o agente de internacionalização que resolve isso, e outra função foi coordenar dentro do curso e isso foi uma iniciativa do professor Kamienski de ter um site em inglês</p> <p>c. Então, e aí isso é uma coisa que o professor Kamienski fez muito bem porque ele poderia centralizar isso, ter uma pessoa que sabe muito bem inglês e ir traduzindo todas as informações...porque é bastante trabalho né se uma pessoa quer vir...a intenção dele é fazer uma universidade de nível internacional e receber aluno de fora também. E o aluno quer saber detalhes ele quer saber a ementa das disciplinas, quais são os livros, texto que eles vão precisar e tal, então pra todas as disciplinas da ufabc, isso é bastante trabalho...</p> <p>d. a gente diz que a disciplina não é pra aprender inglês, então o aluno tem que ter um nível de inglês pra acompanhar, então os alunos já sabiam muito bem, claro que existem diferentes níveis né, mas eu acho que foi ótimo pros alunos porque eles saem da zona de conforto, primeira coisa. Então já são alunos que topam sair da zona de conforto. Mas outra coisa é que de repente eles tem</p>
--	---

	<p>essa experiência de acompanhar um curso em inglês e daí desperta neles um, olha acho que se eu for pra fora numa universidade estrangeira eu vou conseguir acompanhar, afinal, fiz um curso de nível universitário, numa universidade de classe mundial que a gente fala, e eu acompanhei cursos em inglês, então se eu for pra fora não vai ser tão difícil assim, então acho que o aluno se sente melhor, mais confiante, já é uma espécie de internacionalização em casa né, que a gente fala...</p>
Sujeito 7:	<p>a. então desde 2016, final do primeiro semestre de 2016, eu tenho exercido a função ao de agente de internacionalização. Bom, acho que talvez você queira que eu diga alguma coisa sobre o tipo de atividade que tem a ver com isso. Em geral a principal demanda de trabalho que eu tenho em relação a isso é avaliar os pedidos dos estudantes que foram fazer algum estagio no exterior, 99,9% deles dentro do programa Ciência Sem Fronteiras, então eles saíram pra fazer estágios de seis meses, um ano, as vezes até mais que um ano e lá eles tiveram obviamente que cursar certas disciplinas que podem ter sobreposição com o nosso currículo, então muitas vezes eu sou solicitado a avaliar demandas de por exemplo, reconhecer os créditos de disciplinas que eles fizeram lá, liberando a obrigatoriedade de fazer disciplinas que teriam uma sobreposição grande de currículo daqui da universidade. Então essa é a principal demanda, as vezes tem algumas outras demandas que a assessoria de relações internacionais pede, mais 90% do tempo é isso.</p> <p>b. Então, eu acho que internamente, na assessoria de relações internacionais, o que acontece é que o pessoal lá tem o treinamento pra conseguir diferenciar pra que caixinha vai cada demanda por exemplo. Mas as caixinhas não são super fechadinhas, as vezes elas são um</p>

	<p>pouquinho largas, por exemplo, pra mim vem os pedidos relacionados ao bacharelado da ciência e tecnologia, não os relacionados em física, os relacionados em física vão pra outras pessoas.</p> <p>c. Então, o trabalho como assessor é aquilo que eu te falei, ele é muito restrito, em geral ele é muito associado ao curso de graduação. Então por exemplo, eu não tenho responsabilidade nenhuma de tentar prospectar novos acordos internacionais com outras instituições, eu não tenho isso. Embora eu tenha contato com muitas instituições fora do brasil eu não tenho essa prerrogativa, não me é dada essa função.</p> <p>d. Então, o agente de internacionalização não faz muita coisa. O ator de internacionalização no caso o aluno ele recebe o que ele pediu, ou ele recebe a frustração de eu não dar o que ele pediu. Eu não tenho um colega um professor por exemplo que seja um agente de internacionalização ou que precisa de um serviço meu por exemplo, não tenho isso. Não existe nenhum grupo de professores que precisa da ação do agente de internacionalização.</p>
--	--

CATEGORIA: DIALÉTICA LOCAL/GLOBAL (RELAÇÕES NACIONAL/INTERNACIONAL);	
Sujeito 4:	Unidade de significado: <p>a. Eu tenho recebido muito retorno de como as empresas gostam dos nossos alunos e o diferencial é por conta do treinamento que se tem aqui com esse projeto pedagógico diferente, ou seja, o quadrimestre você trabalha muito sob pressão, porque ele é curto, ele tem bastante cobrança, você tem uma prova atrás da outra e além de correr atrás de uma série de coisas isso está dando um treinamento de lidar com pressão para os alunos que está sendo visto como uma grande vantagem nas empresas.</p>
Sujeito 5:	<p>a. A UFABC é bem diferente, traz muitas vantagens, a gente percebe as vantagens, principalmente em função do pessoal que se forma e sai e a gente tem o retorno. As empresas onde os meninos estão empregados, e muitos deles voltam pra fazer mestrado, doutorado, ou para participar das semanas de eventos, palestras que tem aqui a gente recebe o retorno deles, comparado a todas as universidades que eu conheço realmente a UFABC tá dando certo, no dia a dia a gente não percebe isso porque a gente tá envolvido com [...] a gente não percebe o resultado verdadeiro. O verdadeiro resultado vem da sociedade para cá.</p> <p>b. as políticas de internacionalização que a gente tem, vem de um projeto de crescimento regional...fala que é do país todo</p>

	<p>mas as outras universidades que estavam na mesma rede que a nossa que tem o mesmo padrão de pensamento que o nosso, tem uma visão nacional e é um projeto de três quatro décadas, não é coisa pouca não, mas faz parte disso, então a internacionalização entra nisso, nossa preocupação social [...] uma questão social muito séria aqui na UFABC, a questão de identidade da universidade com o cuidado que nós tivemos no começo, foi não ter nenhum curso que competisse diretamente com as colegas vizinhas, nós não temos.</p> <p>c. Os resultados, eu tenho até números, eu posso te dizer, um dos números é esse aqui você viu a quantidade de convênios que a gente tem agora funcionando, um ano ou dois anos, então esse aqui o número fica sempre variando mas a média é essa, tá sempre crescendo, então o número de convênios já é um bom resultado, o número de alunos que a gente teve no ciência sem fronteiras em números absolutos foi cosia de mil e cem alunos mais ou menos no total, em números relativos somos a primeira do Brasil, a usp não chegou a 2% e nós passamos de 10% só que nossos 10% são mil e cem, os da usp são vinte mil (risos) diferente dos números absolutos, mas assim, o esforço que a gente fez foi maior do que o deles e a gente teve um resultado. O número de convênios que tem só de pesquisa também, muitos vínculos de internacionalização resultaram em projetos de pesquisa que resultaram em patentes também, patente, inovação e os convênios com as indústrias locais. Por exemplo, se a gente tem um convenio internacional e coloca alunos em universidades lá na Alemanha, a mercedes benz, a Wolkswagen...esses caras querem conversar coma gente né, quer dizer as indústrias, as empresas da região do abc que não são poucas, que é o polo mais forte do hemisfério sul é aqui no abc, eles batem na</p>
--	--

	<p>nossa porta querendo esses alunos pra estágio, treinee etc. e também oferece oportunidade de pesquisa pra gente e aí o [...] fecha. A universidade deixa de ser uma coisa fechada e agora tá dando retorno pra sociedade que é a coisa mais importante de todas</p>
Sujeito 7:	<p>a. que eu acho é que a ufabc presta um serviço de ser uma oferta pro pessoal da região, e aí quanto mais internacional tiver a universidade melhor você vai estar fazendo essa oferta pro pessoal daqui. Uma das coisas que a gente fez, tem um projeto que eu faço parte, que eu tenho feito parte nos últimos dois anos, que não tem nada a ver com a assessoria de relações internacionais, é um projeto de extensão universitária onde a gente traz alunos do segundo grau pra [...] é, o masterclasses hands on particle physics(?), onde a gente faz uma imersão vamos dizer assim, a gente explica pra eles qual é o trabalho de física de partículas, dá uma noção geral e aí eles tem a oportunidade de vivenciar como é de maneira simplificada, o dia a dia de um pesquisador da área de física de partículas</p> <p>b. a relação com a indústria porque eu sou mais da área de pesquisa pura e não aplicada. O que eu sei é que a indústria tem muito interesse de colaborar com a gente, fazer pesquisas e coisas aqui, usando nossas ferramentas, pesquisadores e tal, e uma das coisas que a gente tem em mente, um projeto aí pra médio e longo prazo, é a criação e cursos voltados pra indústria, cursos de extensão e tal, não seriam cursos de graduação, mas seriam cursos de curta duração onde você pega um indivíduo já formado e você dá cursos de especialização em técnicas de pesquisa, enfim Pro pessoal aplicar na indústria, então são ferramentas de ciência aplicada, como teoria de Watts que eles podem aplicar</p>

	diretamente nas referidas indústrias
--	--------------------------------------

SUBCATEGORIA: INTERNACIONALIZAÇÃO PELA PERSPECTIVA COMPETITIVA OU PELO ASPECTO SOLIDÁRIO;	
Sujeito 4 :	Unidade de significado
Sujeito 5:	<p>a. Em 2015 eu fiz uma visita para oito universidades na Suécia, e[áudio confuso] mas olha só tem Suécia, Rússia, Portugal, México, Japão, Coreia do Sul tem duas, Colômbia deve ser o pessoal ligado as políticas públicas e tal, ó Canadá tem seis e veja só idioma de instrução, inglês, inglês, inglês, no Canadá tem francês, espanhol tal. Então isso aqui é interessante, temos outras que tão começando a fazer contato, na argentina, Colômbia, Espanha, estados unidos. Os americanos são mais complicados. França tem bastante, Índia, Itália, Japão, México, Peru, reino unido, Rússia, Taiwan, Turquia</p> <p>b. o aluno trouxe o convenio e eu diria assim, dois terços do que está aqui veio assim, então isso nasceu do ciência sem fronteiras e nós estamos mantendo. No meio do caminho nos descobrimos que existe um projeto invertido de ciências sem fronteiras, da França. Chama-se Brafitech(??) e aí nós instituímos uma pessoa pra ser Brafitech aqui</p>
Sujeito 6:	<p>a. Uma experiência nova aqui pra ufabc e é nova, razoavelmente nova no mundo também, que foi oferecida uma disciplina do tipo</p>

	<p>COIL, que é a sigla para Collaborative Online International Learning, qual que é a proposta, você oferece esse tipo de disciplina em parceria com uma outra universidade fora do país, então no nosso caso foi com a Wayne State University, nos estados unidos. Qual que é a proposta, você matricula numa mesma disciplina, numa mesma turma, alunos daqui da ufabc e alunos da Wayne State University, então nós tivemos 20 alunos aqui e 20 alunos lá. E aí eles fazem uma mesma disciplina e nessa disciplina eles tem que desenvolver projetos em conjunto, então a gente monta grupos mistos, a gente montou grupos assim, de dois alunos da ufabc e dois alunos da Wayne State, então um grupo de quatro alunos e eles tem que desenvolver em conjunto um projeto num dado tema e aí eles tem que colaborar, então via mídias sociais, Skype, email...</p> <p>b. É à distância eles lá e aqui, então também é uma forma de internacionalização em casa, porque eles tem contato direto com pessoas de fora do país estando aqui, e eles tem que desenvolver, eles tem um objetivo em conjunto, e aí o objetivo da disciplina é justamente esse processo de aprendizado de realizar um projeto em colaboração com pessoas de fora, então você tá falando em outra língua, no caso foi o inglês né, choque de culturas, diferenças de fuso horário, e isso traz um amadurecimento muito grande pros alunos e a gente teve uma palestra também com um especialista nesse tipo de disciplina, ele que cunhou o termo COIL e já vem fazendo isso a muitos anos e ele diz que cada vez mais empresas tem contratado, se eles sabem que o aluno fez esse tipo de curso eles já pegam porque já é uma experiência a mais porque hoje em dia as empresas são internacionais, tem sedes em diferentes países daí essa pessoa já tem essa experiência de desenvolver um projeto a distância, colaborando, diferentes culturas, diferenças de fuso horário, etc. já vem com essa experiência então já sabe que tem um diferencial. E aí a gente ofereceu esse curso no quadrimestre passado.</p>
--	---

<p>Sujeito 7:</p>	<p>a. O grande impacto da internacionalização que leva a ufabc em primeiro lugar é o fato de que a gente tem algumas pessoas trabalhando em colaborações internacionais como a que eu trabalho. Então o número de publicação com autores estrangeiros de alto impacto é muito grande, porque tenho eu do ALICE, tem o pessoal do CNS, tem o pessoal de outro experimento super gigante também, tem o pessoal que trabalha no observatório [...] do sul que fica no Chile, então todas essas publicações tem impacto muito grande, e elas tem um grande números de autores estrangeiros, então ela é cooperativa pois elas estão dentro do contexto destas colaborações internacionais, que são cooperativas por natureza, as colaborações internacionais o nome já diz, colaboração. Então são grandes colaborações internacionais, onde você tem no mínimo dez institutos, no mínimo 100 pessoas trabalhando e é espalhado por vários países, as vezes algumas colaborações tem um numero preponderante de um determinado pais dependendo do perfil dela, mas em geral é sempre cooperativa. Competição existe, ela sempre vai existir, então tem coisas que eventualmente eu faço aqui que o pessoal do cns também quer fazer e aí tem uma competição de ver quem faz primeiro e tal. Mas eu não vejo isso como uma forma de...talvez o que você quer saber é se é uma cosia excludente ou inclusiva, eu não vejo assim uma competição do tipo, eu vou ganhar alguma coisa do tipo, eu particularmente vou ganhar alguma cosia com isso, eu vou ter mais projeção</p>
--------------------------	---

ENTREVISTAS TRANCRISTAS

SUJEITO 1

Raquel: Dia 27/09/2017, entrevista com o presidente da comissão de relações internacionais da Universidade Federal do ABC, sujeito 1. Sua apresentação, seu nome, sua formação e sua atuação pela universidade.

Sujeito 1: Meu nome é Sujeito 1 eu sou do primeiro grupo de professores que ingressou na UFABC, no dia primeiro de agosto de 2006, foram 100 professores mais ou menos que passaram nos primeiros concursos, minha área é computação... Ciência da computação na graduação, mestrado e doutorado e na verdade quando eu entrei na UFABC eu fiquei sabendo depois que tem esse projeto pedagógico diferente, com modelos diferentes e organização diferente. Claro, pra mim era muito conveniente, eu tinha vindo morar aqui em Santo André por uma outra questão e depois eu fiquei sabendo que existia essa nova iniciativa, dessa nova universidade que é a Universidade Federal do ABC.

Eduardo: O Senhor já atuava como professor?

Sujeito 1: Isso, eu era professor antes. Fui professor por dez anos no ensino técnico, tecnológico da escola técnica federal da Paraíba, hoje Instituto Federal da Paraíba, porque eu morei em João Pessoa, em Recife por vários anos, minha esposa é de lá de João Pessoa então morei lá por 14 anos então bom, tive essa atuação. Eu sou de Santa Catarina, minha formação, graduação é Federal de Santa Catarina, fiz o mestrado na Unicamp e o doutorado na Federal de Pernambuco, então... Uma coisa regional bastante sofisticada. Bom aí, chegando aqui na UFABC no primeiro dia não tinha nada, não tinha prédio, não tinha nada. Ao contrário de outras instituições que foram criadas à partir de faculdades isoladas existentes, federalização, desmembramentos de instituições existentes, aqui foi criado à partir do nada, então nós tivemos um primeiro encontro no

dia primeiro de agosto de 2006 lá no auditório da FAAP em São Paulo, foi emprestado, você tinha o auditório lá pra fazer a recepção e aí foram feitas aquelas apresentações, particularmente quem tava lá era o professor Luiz Bevilacqua mentor do projeto pedagógico. Você já falou com ele? Ele tá aqui hoje por sinal. Saí de uma palestra dele pra vir falar aqui com vocês, ele tá aqui numa sala no segundo andar.

Eduardo: Podemos até marcar depois com ele aqui, tá?

Sujeito 1: Talvez, não sei que horas vai, se ele vai embora e tal...e aí ele começou a explicar o projeto pedagógico e tal, como é que era a interdisciplinaridade, não tem departamento e não sei o que aí ele: “bom é isso, construam uma universidade e por sinal, as aulas começam no mês que vem”, quer dizer então nos ingressamos em agosto e as aulas iniciaram em setembro, no dia 11 de setembro de 2006 nuns prédios alugados aqui que a gente chamava na Atlântica, na Avenida Atlântica aqui em Santo André, aí tem um prédio lá que é alugado que ficou com a UFABC por um bom tempo, lá nós começamos a dar aula nas duas primeiras turmas era 1500 ingressantes por ano mas daquela vez eles decidiram fazer o ingresso de 500, 500, 500, porque nós temos...o modelo aqui é quadrimestral né, não é semestral então entraram os primeiros 500, 250 de manhã e 250 a noite, daí como as primeiras disciplinas eram disciplinas é...lógico, bacharelado em ciência e tecnologia então foram feitas duas salas de aula e cada sala de aula, tanto de manhã como a noite tinham 125 alunos, é isso né, daí os alunos se dividiam para ir em turmas de laboratório e as aulas teóricas eram turmas grandes. Então foi assim que aconteceu né, quer dizer, a gente tinha que chegar e tal como é que é esse negócio e sempre tínhamos muito essa questão do professor Bevilacqua explicando como é que era tudo, como é que era a universidade muito [não compreendido] tanto que desde o começo esse grupo de 100 professores persistiu, nós sempre interagimos muito com colegas de várias áreas, então hoje, pra mim não existe aquela coisa do, sei lá, o departamento de ciência da computação, como tem em outras universidades não, eu atuo aqui, converso com colegas de várias áreas, a minha sala de professores fica no bloco B que é esse mais alto aí do lado, no décimo andar, os meus vizinhos são físicos, químicos, filósofos e matemáticos, no andar de baixo tem engenheiros, arquitetos, quer dizer, então é uma coisa toda meio misturada assim, nesse piso vermelho do bloco A é um ponto de encontro, todo mundo se encontra, então você encontra as pessoas, você conhece, sabe quem elas são e tal, e esse projeto é muito interessante. Então assim, desde o início eu me envolvi muito, eu acabei me envolvendo

com a pós-graduação daí eles separaram né, todo mundo tinha que construir tudo, quem quer fazer o que? Então era assim, quem quer trabalhar em que? Aí eu disse: “não, eu quero trabalhar na pós-graduação”, então foi criada uma comissão, chamada de comissão de implantação da pós graduação, presidida pelo pró reitor de pós graduação na época e aí eu comecei a participar.

Eduardo: Eram pró tempores ainda?

Sujeito 1: É, eram todos pró tempores no início...

Eduardo: Quem era o primeiro reitor?

Sujeito 1: O primeiro reitor foi Hermano Tavares que tinha sido um ex-reitor da Unicamp, o pró-reitor de pós-graduação na época era o professor Hermano Milioni que é do ITA e tal, cedido pra cá né. Então, bom, comecei a trabalhar na pós-graduação aí desses encontros e tal saiu a proposta de seis programas de pós-graduação que foram enviados à CAPES, eu acabei assumindo a liderança da construção dessa proposta de pós-graduação que nós chamamos de engenharia da informação e aí foi submetida a CAPES, foi aprovado o mestrado, não doutorado, iniciamos em setembro de 2007...

Eduardo: No mesmo ano da fundação?

Sujeito 1: Não, foi fundado em 2006, né. [...]enviar a proposta pra CAPES, o negócio todo e tal e aí foi feita a aprovação me 2007 e em setembro nós iniciamos a pós-graduação e o mestrado né, os seis cursos iniciaram, na verdade cinco iniciaram em 2007, um iniciou em 2008 que foi a Matemática. Bom, aí depois me tornei coordenador do programa de pós-graduação e aí quando teve a eleição em 2009, houve uma eleição, o primeiro reitor foi eleito...

Eduardo: Foi a eleição do Herman aí?

Sujeito 1: Não, não. O Hermano ele foi assim tá, só pra... O Hermano ele foi o primeiro reitor, ele assumiu aqui acho que em 2005 ainda quando não tinha universidade, ainda quando tava terminando o projeto pedagógico tal, definindo como ia ser e aí ele ficou até lá pra outubro de 2006 e aí ele saiu, daí assumiu o Bevilacqua. O Bevilacqua assumiu como reitor, ele era o vice-reitor naquela época e ele assumiu como reitor, o Bevilacqua ficou mais ou menos aí de outubro... Outubro ou novembro, não me lembro exatamente até mais ou menos agosto de 2008 e aí entrou o terceiro reitor que foi o professor Fazzio, Adalberto Fazzio que é um professor da física da USP ele já era

diretor de um centro também pró tempores, diretor de um centro aqui que é o Centro de Ciências Humanas e Naturais, ele é físico né, o centro congrega físicos, químicos, biólogos e filósofos. Então ele assumiu em 2008, na metade de 2008 e daí ele conduziu o processo de eleição, primeira eleição pra reitor que foi mais ou menos lá pra novembro de 2009 e nesse processo foi eleito o professor Helio Valdman que também era da UNICAMP, já era aposentado da unicamp, era professor daqui, professor titular da UFABC, pró reitor de pesquisa pró tempores, depois foi pra reitoria da graduação e daí foi eleito reitor. Assumiu o mandato em fevereiro de 2010 e naquela ocasião ele me convidou para ser pró reitor de pós graduação, então eu trabalhei como pró reitor de pós graduação de fevereiro de 2010 até janeiro de 2014 que daí no final de 2013 teve outro processo de eleição né, o professor Valdman não concorreu [...] ele poderia tê-lo, mas daí o pró reitor de pesquisa na época, o professor Klaus Capelle foi eleito pra um mandato de fevereiro de 2014 até janeiro de 2018 vai acabar agora e então ele me convidou para esse cargo, quer dizer, o cargo que eu tenho hoje na verdade é chefe da assessoria de relações internacionais mas normalmente como se fala assessor de relações internacionais [...] presidente da comissão de relações internacionais, quer dizer, também né porque assim, na verdade quando eu assumi em 2014 não havia uma comissão de relações internacionais, fui eu que criei pelo conselho da universidade [...] faz uma resolução aí tem que ser aprovada que aí o conselho universitário ele alegou poderes à comissão de relações internacionais pra tratar de certos assuntos relacionados a internacionalização então a comissão que a gente chama de CRI começou a funcionar no final de...ela foi aprovada acho pelo conselho no final de 2014, iniciou efetivamente no início de 2015 os trabalhos e é onde que eu estou nessa posição até agora basicamente.

Eduardo: Posso então... ainda focando o projeto original, senhor disse que quando chegou aqui como professor concursado, estava tudo por se fazer e você não tinha conhecimento do projeto, só tinha ideia que era um projeto inovador, procurava ser diferente e vinha um contrato mais pessoal mesmo [...] depois você já tava aqui[...] conhecendo o projeto o que o senhor poderia falar desse projeto original? Que envolve essas outras instituições que a gente tava falando, não só a UFABC mas essas outras que inclusiva a gente tá pesquisando etc. Como é que o senhor vê isso como uma experiência, um projeto que foi, formulado, produzido, elaborado no âmbito do ministério pra ter alguma vigência em nível nacional, qual é a...qual é o diferencial

desse projeto, ele é realmente feito pra destacar-se do tradicionalismo, digamos assim, das instituições federais?

Sujeito 1: O que acontece é o seguinte: essas ideias[só um pouquinho que daí eu já consigo ter o documento...] elas já vinham sendo discutidas de várias formas né, o professor Bevilacqua ele já tava envolvido em várias discussões, inclusive na academia brasileira de ciências que ele é membro, eles produziram um documento em 2004 que agora eles fizeram uma nova versão desse documento, eu to com ele aqui tá aberto

Eduardo: É mesmo?

Sujeito 1: É, quer ver... Eles produziram esse documento que é datado de abril de...aqui ó, [...] repensar o ensino superior no Brasil, análises...análises, subsídios e propostas e ele é de 2017 agora, eu não sei se é um documento público, não sei se tá no site da ABC...

Raquel: Não, não. Não tá...

Sujeito 1: tá e aí [...] o professor Bevilacqua participou coordenado pelo professor Davidovitch da UFRJ, vários outro inclusive, o professor Naomar que[...] na Federal da Bahia que implementou, baseado no projeto pedagógico da UFABC ele fez o projeto pedagógico da Federal da Bahia e daí eles fazem a apresentação dizendo que desde que esse documento aqui subsídios para reforma da educação superior foi publicado em 2004, quer dizer, esse documento foi o que deu origem ao projeto pedagógico da UFABC, foi baseado aqui, nessa apresentação eles falam, comentam isso né, inclusive o sucesso que a UFABC vem trazendo

Eduardo: Esse novo documento ele já faz uma avaliação disso

Sujeito 1: Ele faz... Ele faz uma avaliação, eu só li o início dele porque ele é bem longo, mais de cem páginas, mas ele faz uma avaliação do que aconteceu nesse período, mas aí o que eu queria dizer é o seguinte, veja, quando...e aí a história(?) política eu não tenho certeza total mesmo do que aconteceu nos bastidores políticos mas o que...até onde eu sei é o seguinte, quer dizer

Eduardo: [...] mais como professor que como gestor...

Sujeito 1: não então, pois é....então...não sei tudo que tá nos bastidores mas vamos lá havia um desejo da região do abc de ter uma universidade pública, inclusive no início dos anos 60 estavam definindo que a USP ia ter um campus aqui, daí com a.... enfim,

com a tomada do poder pelos militares em 64 foi abandonada e depois sempre teve esses pleitos da região do abc de ter uma universidade pública, né...

Eduardo: Para apaziguar um pouco o movimento operário, assim...

Sujeito 1: Talvez enfim [risos], aí em 2003 né, quando o Lula assumiu, logo que entrou o Haddad etc. como ministro da educação, o que eu entendia que ele disse era “olha, eu quero uma universidade federal no ABC. Bom aí então começou-se o processo de criar uma universidade federal no ABC. Bom, o Bevilacqua ele já tinha tentado criar um modelo parecido na UFABC...não, ele tinha tentado transformar a UFRJ em algo parecido com isso durante o mandato como reitor do professor Nelson Maculam(?), foi reitor da UFRJ é....aí, não conseguiu emplacar naquele momento na UFRJ, mas aí o que aconteceu? Quando o ministério da educação resolveu que iam fazer uma universidade federal no abc, então quem era o secretário da educação superior, da SISU do MEC? O Nelson Maculam

Eduardo: Aaaah!!!

Sujeito 1: É, era o Nelson Maculam. E daí ele chegou... ”Bevilacqua, você tem aquelas ideias lá, de construir uma universidade diferente. Ó o Lula quer construir uma universidade totalmente nova, do zero, no ABC. Você topa implementar aquelas tuas ideias lá diferentes[...]”. Então foi assim. Então na verdade assim, a minha interpretação é de que não veio do governo uma...

Eduardo: coisa pronta...

Sujeito 1: ...algo [...] assim, não, nós queremos uma universidade, com um projeto diferente, queremos uma universidade... A decisão política foi ter uma universidade e ter uma universidade com um projeto pedagógico diferente, essa foi uma decisão do Bevilacqua, do Maculam com o Bevilacqua entendeu, quer dizer foi a decisão de acadêmicos, quer dizer, a decisão de ter uma universidade com um projeto pedagógico diferente foi uma decisão acadêmica, não foi política...

Eduardo: Você não entende, pelo menos com as informações que você tem que teria sido um pleito, ou uma elaboração ou uma certa sensibilidade do próprio Haddad jogando lenha mais na fogueira “não, vamos fazer uma coisa diferente”...

Sujeito 1: Não, ele deu... ele deu...na minha visão é que o Haddad deu apoio, inclusive o Lula deu apoio né, pra fazer algo diferente, porque haviam outras...vozes digamos,

que queriam fazer outras coisas, mas aí o Bevilacqua disse: “Eu só faço se for fazer uma universidade do zero, porque eu quero fazer uma universidade diferente e não dá pra fazer de outro jeito se for pegar uma instituição existente pra transformar porque eu já tenho uma maneira de operar então não dá, tinha que ser começando do zero” e aí o que aconteceu foi que eles bancaram né, o Haddad e o Lula bancaram essa decisão e construíram a instituição, mas o desejo de fazer uma instituição diferente é acadêmica, não é política. A decisão política ela é uma decisão de construir uma universidade.

Eduardo: Ok...

Sujeito 1: A minha interpretação de tudo que eu escutei tá? Tudo que eu escutei falar. Porque se você pegar todas as universidades que foram criadas nesse processo, quer dizer, você só vai pegar as universidades diferentes pra estudar, mas tem umas que são iguais, então sei lá a federal... A unipampas ela é uma instituição normal assim, não tem um projeto pedagógico diferente, ela só...que ela é multicampo, bastante multicampo.

Eduardo: E a univasf?

Sujeito 1: Também é razoavelmente normal, eu não tenho muito contato. Tem um professor daqui que logo no começo ele foi pra UNIVASF lá no [...]São Francisco lá em Petrolina, mas vou dizer que eu não conheço todas, mas não foi uma determinação política pra se criar universidades diferentes, foi uma determinação política pra se criar universidades e também novos campi das universidades existentes, através do REUNI, que teve um problema... Teve um programa da...de você...como é que ele chama...programa de implantação de universidades, esqueci agora o nome do programa e teve o REUNI que é o programa da reestruturação das universidades, dois programas diferentes mas que no fundo ambos impactaram em você aumentar muito o ensino superior federal no país né, porque o REUNI expandindo as instituições existentes e esse programa que eu esqueci qual é o nome, criando novas universidades, então foram feitas as duas coisas, e não havia uma determinação de como fazer isso né, quer dizer, isso ficou a cargo dos acadêmicos

Eduardo: [...] Modelos, princípios, valores...

Sujeito 1: Não, pelo que eu entendi não...

Eduardo: [...] queremos fazer nessa direção...

Sujeito 1: tanto que se você pegar a lei da criação da UFABC, é fácil né, tá disponível lá, eu já li várias vezes e não me lembro de nenhuma referência que a universidade tem que ser diferente, assim. Agora tem que ler de novo pra ter certeza, tá. Mas é uma lei pequenininha assim.

Eduardo: a de criação é pequena, a exposição de motivos também não é tão...

Sujeito 1: Talvez a exposição de motivos já tenha mais...

Eduardo: Mais elementos...

Sujeito 1: É, mais elementos, mas a lei...bom enfim, mas também já veio no [...] de fazer a coisa desse jeito. Então quer dizer que como se diz um pouco [...] que você junta a fome com a vontade de comer.

Eduardo: Sei, entendi...

Sujeito 1: Né, quer dizer, um tinha vontade de fazer uma coisa e o outro tinha vontade de fazer uma coisa de um certo jeito, e daí juntou e fez.

Eduardo: Agora, você entenderia também, mantendo nessa toada da nossa conversa, daquilo que a gente chama de contexto de influência, você entenderia também que, a criação de novas universidades nesse período do Lula... Lula-Dilma...

Sujeito 1: Basicamente Lula, né.

Eduardo: ...que ela vinha pra criar um marco diferente em contraposição aos governos anteriores, do Fernando Henrique Cardoso que não criaram novas universidades, novos campi e tal. É...pra dar uma resposta pras...uma perspectiva, um debate sobre inclusão de mais gente no ensino superior...que ao mesmo tempo é pra dar uma resposta também não só pra questão nacional né. Porque se você acompanha o processo de expansão das universidades do mundo, da educação superior de uma maneira geral no mundo, ele explode à partir dos anos 60. Explode à partir dos anos 60 e de maneira absurda, dobra o número de matriculados na educação superior no mundo em função dessa [...] produtiva, da conversão dos processador produtivo, das mudanças de natureza econômica etc. é...você entende que eles também pensaram um pouco nisso? Não, nós temos que marcar a diferença nesta política aqui, nesta política no campo da educação superior eventualmente em ciência e tecnologia pra eventualmente pra incluir mais gente na educação superior.

Sujeito 1: Claro, com certeza, a ideia é você, é você expandir o contingente de pessoas formadas em níveis superior isso é uma coisa no mundo todo que até a partir dos anos noventa tenha se intensificado mais ainda né...

Eduardo: [...]

Sujeito 1: Não, no Brasil não, mas é no mundo inteiro né, no mundo inteiro se intensificou bastante a partir dos anos 90. Países claro, que largaram à frente, muitos países largaram bastante na frente do Brasil, o Brasil sempre foi muito atrasado em educação de maneira geral né, quer dizer [...], e aí ainda hoje, mesmo com toda expansão que houve nos últimos anos, você vê que dependendo de como você faz a conte, você tem sempre... Independente disso sempre você tem menos de 20 por cento dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos cursando o ensino superior que se você pegar a média dos países desenvolvidos da [...] lá dá uns 40 por cento, uma coisa assim, então quer dizer nós estamos muito atrás ainda agora antes tava bem menos, então quer dizer, é lógico que você tem essa visão, essa é uma discussão no mundo sobre a educação superior como bem público ou como bem privado...é isso é uma discussão que existe, tá. É... se vendo como bem público o país precisa dela pra se desenvolver, pra se ter uma população capaz inclusive de atuar nessa era do conhecimento da informação, do conhecimento, acho que se expandiu muito mais né a partir do final... Com o início da internet esse negócio aí, pô tem que ter curso superior. E aí claro, do outro lado da moeda é o efeito individual né, quer dizer digo assim como diz, o bem privado, é o efeito que faz individualmente em cada pessoa que recebe esse benefício, mas eu entendo que tem que pensar em que projeto de país que você tem, quer dizer, você quer ter um país que vai ser sempre desigual ou que você quer combater a desigualdade ser um país que vai ser sempre dependente tecnologicamente, culturalmente etc. cientificamente dos países desenvolvidos ou você vai gerar autonomia nacional pra que você seja um [...] que no mundo você atue em igualdade de condições com outros países então acho que condição estratégica nacional pra mim é inegável né quer dizer os governos tinham que fazer isso. Claro que esse movimento ocorreu desde a entrada do Lula em 2003 porque antes o direcionamento do governo anterior era diferente quer dizer, uma expansão inclusive muito grande do ensino privado, não público e até antes disso tava muito congelado né só uns poucos sortudos é que conseguiram ingressar no ensino superior, depois houve um primeiro momento muito grande do ensino privado

depois do ensino público e agora ainda nos temos a situação tipo 20-25 por cento das matrículas é público e o resto é privado...

Eduardo: Em São Paulo, no estado de São Paulo é um pouco mais que isso, no sudeste é um pouco mais.

Sujeito 1: Mais que o privado né

Eduardo: Mais...

Sujeito 1: É porque é muita gente né, e muita oferta, até pela questão sócio econômica que as pessoas... Você tem um desejo muito grande e as instituições não conseguem dar vazão a essa necessidade.

Eduardo: Bom professor o senhor já tá respondendo as questões que são mais do contexto de influência, mas eu vou te cutucando e nós vamos descendo especificamente pra questão objeto do trabalho da Raquel, é... Pensando ainda nesse projeto dessas novas universidades, como é que tá posto o ou pelo menos como senhor percebeu a proposta de internacionalização, dentro destes projetos das novas universidades, ou esse... esse...a internacionalização não era algo que tava previsto nesses projetos, quer dizer é uma política que vem a partir do momento de que você começa a implantar essas novas universidades aí você para e passo ao mesmo tempo você começa a desenvolver uma política de internacionalização, como é que você viu esse movimento e como é que ele impacta aqui?

Sujeito 1: Na verdade eu não entendo que como você disse que eu não entendo como sendo parte da política de criação de novas universidades. Hoje mesmo estava almoçando com o professor Bevilacqua e daí... A UFABC tem sido reconhecida pela questão da internacionalização e tal, e daí até o pró-reitor de pós-graduação o Alexandre Kihara perguntou se isso foi previsto no projeto pedagógico original ou se isso foi uma consequência das escolhas que foram feitas para o modelo de universidade que foi implantado, e aí ele disse não isso é uma consequência, isso é uma consequência do trabalho. E eu concordo isso é uma consequência do trabalho realizado, por exemplo, você pega os *rankings* que são controversos, aí né quer dizer, mas eles medem alguma coisa, normalmente eles são bem objetivos no que eles medem, se você gosta de ver os resultados que eles dizem e outra coisa, então no nosso caso embora a UFABC esteja indo bem nos rankings principalmente em relação a questão de pesquisas e internacionalização é uma consequência do que foi criado, porque se você pegar o

projeto pedagógico da UFABC original, lá tem escrito eu a pós-graduação deve iniciar quase ao mesmo tempo que a graduação, isso foi uma inovação o Bevilacqua hoje estava dizendo, muitas pessoas, muitos professores que vieram aqui disseram não primeiro a gente tem que fazer graduação, depois só a pós graduação, mas a ideia dele era a seguinte, desde o início só se contratou professores com doutorado então a UFABC tem cem por cento dos professores, todos os professores tem doutorado, e o objetivo disso era pegar pessoas que não apenas, vamos dizer, conseguissem disseminar os conhecimentos mas que fossem capaz de fazer a promoção do avanço e conhecimento e transmitir essa visão pros alunos. Bom quando você contrata pessoas com esse perfil que você inclusive você privilegia nos concursos pegar pesquisadores ativos então você tem normalmente já pessoas que tem um perfil mais internacionalizado automaticamente até talvez por conta dessa proposta nosso corpo docente sempre foi muito internacional, talvez em países de nascimento nós temos sei lá doze por cento dos professores são estrangeiros.

Eduardo: Mas isso não porque vocês botaram lá no projeto da instituição ou no caminho...

Sujeito 1: Não, nós atraímos essas pessoas nos tínhamos a capacidade de atrair essas pessoas. Agora tem um detalhe que também é o seguinte né veja, até naquela época ainda não tinha começado esse avanço grande nas vagas do ensino superior, então havia um grande contingente de brasileiros com doutorado em várias áreas que estavam fazendo pós-doc que estavam em instituições privadas que estavam aí que estavam fazendo pesquisa que estavam no exterior fazendo pós-doutorado e tal ou estrangeiros que vinham fazer doutorado no brasil, tinham vindo fazer pós-doc no brasil e estavam por ai só esperando uma oportunidade, e a oportunidade na UFABC foi a primeira como ela foi a primeira universidade da [...] só que depois foi feito o reuni, acho que o reuni começou em 2007...

Eduardo: Acho que um ano ou dois anos depois né...

Sujeito 1: É acho que foi em 2007 2008 que começou o reuni, é...então o pessoal voou pra cima da UFABC pô é a oportunidade de ser concursado, universidade federal que tem um perfil de pesquisa, então no caso da UFABC o fato de ser focada em pós graduação em pesquisa desde o início embora graduação também mas teve esse feito, e o objetivo também na verdade, muito foi porque se acredita que um modelo [...] de universidade que ensine pesquisa, mas também a questão de segurar os professore,

porque isso tem acontecido muito, com o reuni teve muita dança de cadeiras né, a gente também teve aqui, o que acontece, por exemplo, o professor é contratado pela universidade lá no interior do interior de algum lugar, aí ele pega né porque pô, é uma vaga, aí ele vê um concurso em outra universidade que tem pós graduação não sei o que, e ele voa de lá, porque lá é só pra dar aula na graduação e ele tava vendo que a carreira dele de pesquisador não vai se desenvolver daquele jeito e então ele tem que ir pra um outro lugar, e o que nós queremos é que isso não acontecesse, que nós conseguíssemos ter um fator de retenção dos nossos docentes, então desde o início nós trabalhávamos com laboratórios improvisados com não sei o que e pá pá pá e também havia um incentivo para que nós tivéssemos colaborações externas, que não tinha instalações, ou seja eles incentivaram mesmo seja um pesquisador, seja um pesquisador, seja um pesquisador e essa ênfase grande dos professores do corpo docente ter esse envolvimento com pesquisa, foi o que de certa maneira gerou todo esse reconhecimento que ta havendo da UFABC, você pega o ranking da folha por exemplo, é meio crítico dizer, até porque a UFABC fica mal classificada no mercado, mas em internacionalização nós somos os primeiros, mas o que significa isso, significa que são dois indicadores né, um indicador é arquivos publicados em periódicos internacionais e o outro é artigos publicados com coautor estrangeiros em artigos internacionais, então você vê que média é uma [...] de pesquisa, claro não só da pesquisa mas da internacionalização da pesquisa né, tem certas áreas que se publica muito em periódicos nacionais, ou só com autores brasileiros e tal então na UFABC sempre teve essa abrangência então nós tivemos essas, essa...a internacionalização veio com o efeito colateral das decisões que foram tomadas no início, embora se ler o projeto pedagógico lá sempre se fala de globalização, não sei o que e tal, uma visão global e tal, não vamos ficar né...

Eduardo: [...] vida moderna, [...]tem a ver com isso...

Sujeito 1: Isso, tem tudo essa coisa né, bom agora então as outras universidades enfim cada um na sua foi feito e outra maneira tá certo? Cada uma com o contexto que elas foram criadas, as outras universidades novas agora o grande impulso para a internacionalização isso aí não só para as universidades federais, mas para todas as universidades do Brasil, só veio lá em 2011 acho que as primeiras foram em 2012 com o programa ciência sem fronteiras aí já no governo Dilma né quer dizer, quando entrou o governo Dilma logo mandou meio que parar a expansão das universidades não

expande mais, agora vão terminar de construir as[.] então é porque tinha um bocado...umas obras aí[.] então quer dizer, não digo que foi uma decisão tão errada assim né, porque ninguém aguenta né, expandir assim continuamente, isso aqui é uma loucura né, quem vem aqui no começo e começa a trabalhar e você tem que construir tudo ao mesmo tempo é uma loucura, aqui nós tivemos que construir projetos pedagógicos porque se você ler aquele projeto pedagógico não é um ppc aquilo, não é um projeto pedagógico em curso, quer dizer você tem que derivar aquelas ideias e tal não sei o que você tem que derivar projetos pedagógicos do bacharelado de ciências e tecnologias e de todos os outros cursos que eles chamam de cursos específicos né, cursos pós bacharelados interdisciplinares, isso foi um trabalho muito grande, depois construir processos acadêmicos, processos administrativos, no início você chegava, eu quero fazer isso como é que faz, ninguém sabia ah tal, daí alguém pensava, faz assim, eu vou contando esses processos...os prédios, não tinha prédios, galpões alugados, prédios alugados, galpões aqui mesmo isso aqui era a prefeitura...garagem da prefeitura de Santo André que cedeu, tinha uns barracões velhos aqui que a gente dava aula e tal, ficava e depois começou a construir, parte do campus eram barracões antigos, aperte esses prédios aqui que estavam em construção aí inaugurou o bloco B e nos transferiram um bocado de coisa pra lá, pro bloco B e daí os barracões sumiram se expandimos pra lá, quer dizer foi todo um processo assim de construção assim, de trocar o pneu do carro e colocar ele em movimento, mais ou menos foi esse processo, então quando veio o Ciência sem Fronteiras aí teve um grande aumento dessa demanda com internacionalização, a maior parte das universidades nem tinham uma área pra cuidar de relações internacionais, a UFABC não tinha, e aí foi nesse contexto do Ciência sem Fronteiras que foi criada a assessoria de relações internacionais na UFABC principalmente pra dar conta do programa Ciência sem Fronteiras, e na grande maioria das universidades federais que eu tenho conversado também não existia nada de internacionalização e também deu um impulso de internacionalização em várias universidades estaduais, universidades privadas confessionais, tiveram um impulso grande de internacionalização, tanto que se pegar o exemplo da [...] internacional, eles cresceram muito depois do Ciência sem Fronteiras tão presentes no estrangeiro e tal, eu não sei porque eu só assumi em 2014 então já tinha o Ciência sem Fronteiras eu não sei como era antes, mas eles diziam que era um universo bem menor só voltado pra comunidade mesmo assim e depois é evento cheio de estrangeiro tudo quer vir aqui, mesmo com o fim do Ciência sem Fronteiras o Brasil...é como o Brasil entrou no mapa

do mundo da educação superior então o fluxo continua e esse desejo de fazer internacionalização continua, mas não veio no projeto, quer dizer, não veio no projeto de criação universitária, veio depois.

Eduardo: Quer dizer, não veio nem naquele projeto digamos assim, do Bevilacqua...

Sujeito 1: Não.

Eduardo: É... Que ambientou basicamente essas ideias novas por aí... nem veio [...] desta instituição. Foi no processo mesmo?

Sujeito 1: É, como se diz, na hora a UFABC foi uma consequência de um projeto...do modelo que foi escolhido, que já previa uma visão global do mundo, uma atuação no mundo, não sei o que e pesquisadores altamente qualificados que tem a presenças internacionais, etc. Quer dizer, foi uma consequência, agora o foco em entidades, de alunos em outras questões veio depois com o ciência sem fronteiras.

Eduardo: Vamos explorar isso melhor daqui a pouquinho, mas antes eu tenho uma... Ai vem uma questão um pouco minha que é pra eu comparar com algumas outras pesquisas que a gente tá fazendo nessa área que explodiu muito do ponto de vista de novas instituições que é a do ensino técnico e tecnológico, dos institutos federais, você vem de um inclusive.

Sujeito 1: Sim.

Eduardo: Quer dizer, eu tenho para mim que foi uma explosão mesmo até um pouco populista na verdade, porque você pega um maranhão um Piauí e você cria quase que numa tacada só, vinte, vinte e uma em cidades de[..]

Sujeito 1: campi, né? É, houve uma influência política na criação dos campi né...

Eduardo: Sim, por isso que eu digo que foi um pouco populista. Claro que como uma política de educação superior que é para interiorizar mais a educação superior, isso é necessário?

Sujeito 1: Com certeza. Com certeza.

Eduardo: É...tirar um pouco do litoral, das capitais, desconcentrar pra gerar...formar mão de obra pra o trabalho local, principalmente local de um perspectiva sustentável, enfim, isso me parece extremamente...e oferecer também vaga para quem tá lá, senão o cara tem que se deslocar, enfim, aquelas coisas todas.

Sujeito 1: Desenvolver a região é...

Eduardo: Agora, essas universidades, essas instituições os institutos federais, comparando um pouco com o perfil aqui da universidade federal do abc, você acha que houve uma tentativa de fazer aqui na federal do abc, era ser um instituto tecnológico?

Sujeito 1: Em que sentido?

Eduardo: Menos do que ser uma universidade, menos ainda que [...] inferior e superior, não ser uma universidade, mas ser um instituto federal para educação profissional, tecnológico...

Sujeito 1: Não, não, isso nunca...

Eduardo: Não? Sempre foi essa ideia?

Sujeito 1: Sempre foi essa ideia, na verdade assim, como o pessoal da região do abc estava esperando a muito tempo que fosse criado uma universidade pública a expectativa do pessoal da região é que a universidade chegasse e já fosse interagir com as empresas pra melhoras as empresas, é como se você fosse...é então, mas não é essa a proposta, já conversei com várias lideranças locais, analistas, aí você, olha no início a gente tinha que construir tudo quer dizer, você não podia...você tinha que se voltar pra dentro, porque tinha que ser construído, então nós tínhamos que construir uma universidade e sempre foi com essa proposta se houve discussões no sentido de construir algo com perfil de instituto federal, essas discussões não ocorreram dentro da universidade, no contexto da universidade, ocorreram fora.

Eduardo: Está, agora o que significou então implantar uma universidade aqui na região do abc, qual foi o diálogo com as lideranças, com a atividade econômica do lugar que a gente sabe que foi o lugar e expansão da indústria automobilística e eu diria até que um polo tecnológico por conta d a presença especialmente das industriais automobilísticas, quer dizer é também um lugar que tá se degradando desse ponto de vista porque ela não tem uma [...] que tinha.

Sujeito 1 K: Então esse foi um dos objetivos de instalar uma universidade com esse perfil, porque a UFABC iniciou pra ter um único curso de ingresso né, hoje tem dois, discute-se eventualmente criar mais, mas ela iniciou...tanto que se você pegar o projeto pedagógico da UFABC ele fala de bacharelado em ciência e tecnologia, porque ciência e tecnologia? Ora, pelo perfil da região, mil vagas por ano, na verdade você não entra

pra nenhum curso específico mas se você fizer uma divisão das vagas tão lá colocadas mil vagas por ano pra formar engenheiros, claro se forma um dos papéis da universidade, se forma recursos humanos altamente qualificados pra atuar em vários setores inclusive o setor que gera emprego e renda, que aqui tem muito. Então a ideia é também dá uma revitalizada na região, claro, porque de maneira geral se mantém razoavelmente constante, um terço dos nossos alunos vem do abc os outros dois terços vem de fora, ou da grande são Paulo ou do resto da cidade de são Paulo ou do estado e tal, mas muitos acabam ficando porá aqui, acabam tendo empregos por aqui, claro, muitos também vão pra outros lugares, tem uma mobilidade grande. Então se vê que muitos acabam entrando nas empresas por aqui e tal, quer dizer isso é uma coisa muito boa para a região né, porque também tava naquele contexto a economia do país fechada na época dos militares, daí o Collor abriu e teve aquela queda econômica no início dos anos noventa, então a instalação da universidade vem com essa promessa que seria o resgate dos tempos gloriosos....

Eduardo: Do desenvolvimento nacional....

Sujeito 1: Do desenvolvimento... Mas aí são bases diferentes né, a história não se repete, então você muda a história, você constrói uma história diferente, então o tipo de desenvolvimento, de inovação que se tem hoje é muito baseado no conhecimento científico-tecnológico, então o objetivo, claro a universidade tá aqui na região, e o objetivo é contribuir muito com o desenvolvimento da região, do país também claro, porque trabalhamos com uma visão mais global, mas especificamente aqui porque é inclusive mais fácil de interagir e tem essa missão da universidade que tá sediada aqui e tem que interagir com a região que eu acho que é muito nobre, acho que é correto, corretíssimo fazer isso, tem aumentado cada vez mais a interação da universidade com a região até porque tá entrando mais ou menos num período de estabilização né tudo que tinha que construir a maioria foi construída tem algumas coisas que estão sendo construídas ainda, tanto físico quanto pedagógico e tal mas agora então as pessoas... Também tem um corpo docente tecno-administrativo razoavelmente estável de bom tamanho, agora você consegue olhar mais pra fora, vamos interagir mais com a região e eu acho que muito correto e que é isso que tem que ser feito mesmo.

Eduardo: Quando o senhor fala de interagir com a região nós estamos falando aí do tanto do setor produtivo, administração pública...

Sujeito 1: Isso. Prefeitura, terceiro setor, várias...

Eduardo: Interagir com a região. Vocês estão abertos para o diálogo, com esses setores todos, e fazem diálogo permanente...

Sujeito 1: sim, só que sabe como é n na academia quer dizer, isso é muito distribuído sabe, são os docentes que tem ter essa vontade, então você não obriga ninguém, especialmente numa universidade pública você não... Fora talvez dar aula e tal, ou cobrar que tenha um certo desempenho em pesquisa, isso não existe, ninguém manda ninguém fazer nada né, então você incentiva, você dá condições pra que haja um diálogo, pra que a ganhe interlocutores, tanto a sociedade ganhe interlocutores, como o pessoal daqui ganhe interlocutores na sociedade, até porque a maior parte dos professores não vem da região do abc então não conhece as pessoas e tal, então tem que ir fazendo a interação aso pouquinhos né então você faz aquele processo de indução, de estímulo, de incentivos, mas não existe uma obrigatoriedade, mas claro que tem crescido bastante, o pessoal tem trabalhado bastante com essa região

Eduardo: Você entende então que a universidade cumpre aqui um papel de apoiar essa ...eu chamaria de [...] produtiva da região, eu acho que a região que tava muito centrada na produção de automóveis, e isso incorporou muita tecnologia etc. eu penso que ela vai se esparramar para outras áreas né. Como é que você vê?

Sujeito 1: Por outro lado também, [...] vem de fora né, quer dizer são as montadoras que a tecnologia eles desenvolvem lá em suas matrizes em seus centros de pesquisas espalhados por vários lugares e aqui você vai lá e implementa, algumas pesquisas desenvolvidas aqui, alguns desenvolvimentos, claro né sempre tem muita coisa local, por exemplo [...] cálculo tal, muita coisa que é local no brasil e tal, mas ...também não sou da área automobilística pra dizer de maneira geral é essa a questão, então a proposta da universidade é desenvolver alta tecnologia de maneira que com os recursos nacionais, gere uma autonomia nacional pra conseguir criar inovação tanto nas empresas existentes ou criar novas empresas startups que vão trabalhar com essa alta tecnologia, esse é o objetivo, é contribuir pra autonomia nacional, acho isso uma coisa importantíssima, você não pode ser visto como produtor de commodities, quer dizer, exportador de..., claro que é bom produzir commodities, que o brasil o celeiro agrícola assim...quem é que não gosta disso, pô tem países que não produzem comida suficiente, né. Que recentemente na Arábia Saudita eles estão sentados num poço de petróleo enorme só que eles exportam exatamente tudo, e eles estão preocupados, estão querendo desenvolver as universidades dele lá porque sabem que, sei lá, o ciclo do petróleo pode

acabar e daí como eles ficam? Então a temática do evento, foi em abril desse ano, foi O conhecimento é novo petróleo, então você vê, eles estão preocupados então veja, se eles lá na Arábia Saudita que tão sentados em cima de um de um petro[...] estão com essa preocupação quem não teria. Claro que tem que ter, tem que essa preocupação de gerar autonomia nacional o desenvolvimento e inovação pra ser capaz de competir de igual pra igual com países chamados de desenvolvidos, com certeza.

Eduardo: Tá ótimo. Professor, vamos entrar na questão que [...] feita, o seu trabalho diário né, que é da internacionalização. Quando o senhor foi chamado a implantar um a assessoria de assuntos internacionais, como foi exatamente isso, se o senhor puder contar a história, conte a história. Mas o que se tomou como e é que se tomou, como modelos e como desafios? Ou seja, eu vou implantar aqui um debate projetos e rotinalizar esse campo das relações internacionais, que tem a universidade como polo dinâmico, enfim, pra isso houve modelos, houve estudos de modelos, modelos estrangeiros, modelos recomendados pelas agências multilaterais, que há muito tempo fazem recomendações nessa direção e etc., além de muitas outras. Eles eram mais especialistas antes em pobretologia e depois em desenvolvimento e agora eles são mais especialistas também em educação...

Sujeito 1: Tipo o Banco Mundial...?

Eduardo: Tipo o Banco Mundial!!! Até o [...] na verdade desbaratinadamente trabalha um pouco nessa direção. Bom, mas em ter modelos e a gente pode citar os modelos, o que é uma boa universidade e o que é uma universidade internacional, internacionalizada. O padrão que é mais saliente que a gente tem estudado um pouco é as chamadas wordpress universitys que de maneira geral elas são universidades de pesquisa, e é isso que se trem perseguido [...] tivemos de congresso recente em educação comparada e você percebe claramente como universidade federal da Paraíba por exemplo, você esteve por lá, é claríssimo, o cara tem uma tabela de critérios não to falando nem no [...] de valor né, mas eu confesso que me espantei um pouco. Tem uma tabela de critérios falando “há quantos índices abaixo nós estamos do atingimento deste objetivo” (risos).

Sujeito 1: Ah é? (risos)

Eduardo: São objetivos [...] percebe, assim é um jogo muito... Me assustei porque assim pareceu uma coisa meio mecânica demais, não tinha racionalidade por trás não

tinha um pensamento, uma filosofia, não tinha uma coisa de “bom, pera aí, então a universidade me serve pra quê , pra formar quadro, pra estabelecer relações de que tipo?” enfim, como foi para vocês planejar esse...Conceituar....

Sujeito 1: Bom, á área de relações internacionais ela foi iniciada lá por 2001 22012, agora não me lembro, no contexto do ciência sem fronteiras

Raquel: Isso a assessoria?

Sujeito 1: A assessoria de relações internacionais, na época eu era pró-reitor de pós-graduação, até janeiro de 2014 tinha uma outra pessoa que assumia a assessoria de relações internacionais que foi quem criou com esse objetivo do ciência sem fronteiras e foi construído também, não tinha nada, tinha que fazer andar o ciência sem fronteiras e era um desafio porque nos aqui enviamos 1400 alunos para o ciência sem fronteiras, porque? Por causa desse viés tecnológico da ufabc então temos muitos alunos que tavam no perfil que eles queriam...

Eduardo: Que eles queriam lá fora?

Sujeito 1: Não... o programa, o ciência sem fronteiras.

Eduardo: o próprio programa [...] engenharia, informática.

Sujeito 1: Isso... Isso, não teve essas áreas, não digo nem prioritárias porque não foi prioritária, foram áreas bem definidas.

Raquel: Isso, áreas bem definidas.

Sujeito 1: ...ou você tá nesse contexto ou você tá fora.

Raquel: Isso.

Sujeito 1: foi assim que foi feito o programa, enfim. Também não to fazendo juramento de valor, mas foi assim que foi feito, e claro, isso beneficiou a UFABC, porque os alunos aqui puderam ir para o ciência sem fronteiras, quando eu assumi em 2014, fevereiro de 2014, até um pouco antes que eu já tinha sido convidado pelo professor Klauss eu comecei a estudar tudo que existia no mundo sobre relações internacionais, textos por exemplo, aqueles autores famosos, Philippe Haltbar, tem aquela cara que eu conheci, ele tava aqui na unicamp, como é o nome dele, aquele holandês que tá nos estados unidos, nossa agora tá me faltando o nome...

Raquel: De Wit?

Sujeito 1: É, o De Wit, eu conheci ele aqui, eu tava aqui num evento de uma rede internacional na unicamp, o reitor me convidou para participar de uma mesa sobre internacionalização em casa e aí eu falei tal. Primeiro eu cheguei e o De Wit tava falando e depois ele assistiu minha palestra, fez uma participação. Pra mim foi uma honra porque... 2015, final de 2015...foi uma honra porque depois ele veio falar comigo e disse que gostou muito do que eu falei e tal...

Raquel: Olha!!!(risos)

Sujeito 1: É, né! (risos), legal! Enfim, acho que eu aprendi um pouco né...

Eduardo: Ele também aprendeu um pouco...

Sujeito 1: Porque, uma coisa, dizendo, eu aprendi nesse processo que [...] o que eu falei...mas eu notei quando eu cheguei ele tava falando, bom o que ele tá dizendo é o que eu vou dizer basicamente (risos) porque todo mundo tava com uma visão razoavelmente comum assim. Mas o que aconteceu é o seguinte,, então comecei a estudar a literatura...

Eduardo: A literatura acadêmica.

Sujeito 1: A literatura acadêmica, isso. A literatura acadêmica diz que você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Tem lá um documento da American Consil Education, o Conselho Americano de Educação que fala de internacionalização, as dimensões da internacionalização.

Eduardo: Associação internacional de educação

Sujeito 1: e vai... Eu li muita coisa. Bom, enfim, aí primeira conclusão é, bom, tem que ter um plano estratégico de internacionalização, um mapeamento de internacionalização, toda a literatura diz que você tem que fazer isso, a primeira coisa que eu vi é o seguinte, fazer um mapeamento de internacionalização é uma parte impossível, você não consegue, você não tem nada centralizado aqui, eu tentei. Onde eu pego informações disso, onde eu pego não sei o que, projetos de pesquisa com colaboração internacional, não tem, entendeu, vai no lattes do professor, o lattes do professor não diz se é um projeto internacional. Porque tem umas maneiras de você pegar o currículo lattes e processar automaticamente, inclusive o professor que desenvolveu um programa chamado script lattes que você processa direto é um professor nosso aqui, o Jesus Mena Chalco. Ele consegue processar só que lá no lattes

não tem dizendo se o projeto é internacional ou não. Então, logo eu cheguei a conclusão que é loucura você tentar fazer um mapeamento até porque ela vai te dar um instantâneo, você tira uma foto e depois no dia seguinte ela já tá tudo desatualizado. E aí você tem que fazer todo aquele processo louco de coletar tudo enovo e eu disse, caramba mapeamento de internacionalização tá difícil de fazer. Mas aí a outra coisa é, o que mudou muito a minha visão de internacionalização é eu comecei a participar de eventos internacionais, então em 20014 eu fui à Faubai, fui em Joinville, Santa Catarina, aí depois em junho...maio...não, não a Faubai em abri, em maio eu fui num evento que é a [...] nos estados unidos. Aquilo me deixou assim meio impressionado. Porque eu tinha já projetos em colaboração internacional, viajava pra outros lugares pra participar de congresso tinha uma certa inserção internacional bem razoável e eu achava que eu entendia o que era internacionalização, quando eu fui para aquele lugar e via o que acontecia e ia para as sessões técnicas e não sei o que, eu me senti um amador total. Por isso que eu digo que assim, quando chegou o Hans De Wit e disse que gostou do que eu falei eu disse pô então eu aprendi né. Porque eu me senti um amador total, eu não sabia nada. Fui participar de uma sessão que tinha um camarada lá que falava sobre internacionalização do currículo, aí eu disse: o que é internacionalização do currículo aí tinha umas senhoras assim, americanas aí eu disse assim não sei o que é internacionalização do currículo, não entendo o que é aí ela: ai que bom que o senhor falou porque eu também não sei. No fundo também não é algo... No mundo todo não é conhecido... No final é um cara chamado Harvey Johnson lá, ele era o presidente da AIEA American International Education Adminstrators (**suposição**) quer dizer, associação dos administradores de educação internacional,. Aí eu tomei conhecimento de algumas terminologias, por exemplo meu cargo mundialmente ele é conhecido como SIO sênior internacionatization menager...officer. Não tem esse negócio de CEO, CIO, nas empresas... Então eles chamam de SIO, então meu cargo é esse. Como ele é conhecido. Aí eu fui falar com o Harvey, um cara fantástico aí eu disse vamos almoçar, não entendo esse negócio de internacionalização to começando, aí convidou pra almoçar com ele e ele me falando, falando, e eu assim, caramba esse cara sabe tanto aí depois ele me disse que o doutorado em internacionalização universitária, quer dizer fez doutorado nessa área ele trabalhava há [...] nessa área.

Eduardo: Como é que chama? Esse eu vou pesquisar

Sujeito 1: Quer ver, deixa eu pegar exatamente o nome dele. O cara é fantástico, depois eu trouxe ele pra Faubai no comitê organizador da Faubai do ano passado em fortaleza, eu trouxe ele pra falar sobre internacionalização do currículo.

Eduardo: mas ele é estadunidense, é dos estados unidos?

Sujeito 1: Ele é. Até achei uma outra característica interessante, ele é negro então eu achei muito legal, achei bem bacana isso. Quer ver, deixa eu pegar aqui. Harvey Charles o nome dele. É esse cara aqui Harvey Charles. E ele tá agora numa universidade de Alburne no sistema de universidade de nova York, esse cara é fantástico, sério ele é fantástico mesmo, gostei demais dele. Então essa foi uma das coisas, o que é esse negócio de internacionalização do currículo?: Aí ele, não porque tem os seis pilares da internacionalização o primeiro é esse, o segundo é esse... Aí eu pera aí, fala de novo, fala de novo. Mas eu não sabia, e eu anotei, depois esqueci, fui procurar e achei de novo mas daí já tinha mudado os pilares...

Raquel: Reformularam...

Sujeito 1: É, eles reformularam os pilares

Eduardo: Os pilares que você está falando são aprender a ser, a conviver...

Sujeito 1: Não, não. Aqueles pilares...

Raquel: Da internacionalização...

Eduardo: Da internacionalização especificamente.

Sujeito 1: Depois eu vou chegar aqui, não sei se vocês têm, a gente fez um grupo de trabalho de internacionalização na UFABC e surgiu um relatório que atua mais ou menos como sendo um plano estratégico, mas não é, é só um relatório não é um plano, nós não temos.

Raquel: Sei, claro. Não está disponível ainda no...

Sujeito 1: Não, mas eu passo pra vocês.

Raquel: Ai, por favor (risos)

Sujeito 1: acho que não foi colocado porque não foi colocado, porque isso tá disponível desde o início 2015 esse plano.

Raquel: porque tem algumas atas que ainda não foram, né...

Sujeito 1: Se você quiser cobrar fala aqui ó ela que tem que colocar no site (risos)

Raquel: Ela me disse das reformulações, eu entendo completamente (risos)

Sujeito 1: ai quer ver, deixa eu mostrar aqui pra vocês também. Porque depois disso o que eu fiz ai eu disse assim, não pera ai aqui a gente tem que entender o que é esse negócio de internacionalização na UFABC aí eu cheguei pro reitor ó preciso construir um grupo de trabalho pra definir o que é internacionalização na Ufabc pra dirigir nosso trabalho e aí a gente construiu um grupo que tinha representantes de pro reitorias e aqui três representantes, três coordenadores de graduação, três coordenadores de pós graduação indicado pelas próprias comissões, a comissão da graduação a comissão da pós-graduação então um grupo bem representativo representante da gestão e representantes dos próprios coordenadores...

Eduardo: essa é a comissão...

Sujeito 1: Não esse é o grupo de trabalho de internacionalização que foi criado, aqui tá o relatório...

Raquel: Não, esse não tem disponível

Sujeito 1: Não, mas depois eu te passo esse a [...]estratégias e diretrizes para internacionalização relatório final do grupo de trabalho e aqui eu falo ó tá vendo março de 2015

Raquel: Nossa professor, preciso. Porque eu não achei esses...

Eduardo: Estratégia e Diretrizes...

Sujeito 1: mas eu passo por e-mail.

Raquel: Tá.

Eduardo: Se o senhor puder eu agradeço.

Sujeito 1: e aí o grupo de trabalho foi concebido, [...] então por exemplo eu tava presidindo, o pró reitor de graduação o pró reitor de pós-graduação o pró reitor de pesquisa e aqui representante da pró reitoria de extensão, coordenador do programa de programa de pós graduação, coordenador de bacharelado de ciência e tecnologia, coordenação de engenharia e coordenação de bacharelado...

Eduardo: Pô, pequena não...

Sujeito 1: Não, não. Era um grupo de umas dez pessoas.

Raquel: O [...] eu cheguei até a ter um contato com ele mas a gente...

Sujeito 1: Não, ele saiu. Ele saiu.

Raquel: Sim, sim. Eu fui informada de que ele havia saído

Sujeito 1: Sim, ele saiu em fevereiro. O Leandro [...] é um cara que [...] demais, e aí bom, daí veio um bla bla bla daqui [...] da universidade aquelas coisas ali universidade quase que não [...] né [...] características aquela coisa alta concentração de talentos e [...] abundante mas não muito favorável e aí as 3 abordagens pra você criar a universidade, melhorar universidades, criar novas universidades que é o caso da UFABC, promover a fusão de instituições...isso aconteceu na Alemanha na França a fusão desses...bom então o que eu quero dizer, essa internacionalização já constou no plano desenvolvimento institucional da UFABC que foi publicado em 2013, lá já tem um capítulo sobre internacionalização...

Raquel: Sim, sim. A questão do posicionamento no ranking, dos objetivos...

Sujeito 1: e daí que eu fui ver as dimensões da internacionalização do conselho americano de educação...

Raquel: esse documento eu não tive contato.

Sujeito 1: ó, visão estratégica, currículo e aprendizado, estrutura organizacional, apoio [...]

Raquel: Ó já vem até os resultados...

Sujeito 1: Não, não. Os resultados do grupo de trabalho né. O que eu considero os resultados né que a gente considerou... E eu defini bem [...] porque eu já peguei definição de internacionalização não sei aonde. Pega a da UNESCO. A da UNESCO eu diria que talvez nessa área a universidade brasileira mais bem desenvolvida. Tem o assessor lá que é o José Celso, ele é um cara fantástico e ele é o presidente da Faubai já faz tempo e ele é um cara fantástico, se quiser falar entender mais de internacionalização fala com o Celso da UNESCO, ele é um cara muito legal.

Eduardo: Ele tá presidente da Faubai ainda...?

Sujeito 1: É ele tá. Ele tá presidente da Faubai. Mas aí a definição da UNESCO é um negócio grande. Sabe qual é a missão de uma empresa, de uma organização, dizem que tem que ser um negócio que você decora, se você não decora não serve então eu fico um

negócio bem... Aí eu conclui e o [...] aprovou, integra a ufabc o círculo da excelência acadêmica mundial, simples assim. Ou seja, nada ousado também (risos) é isso, ou seja, ele tem que estar entre os melhores.

Raquel: então constituíram a UFABC como uma universidade de classe mundial?

Sujeito 1: É eu não digo isso porque também, até esse termo agora tá sendo um pouco mais desusado, caiu em desuso, porque também quem definiu esse negócio de universidade de classe mundial foi o Jamil Salmi do banco mundial. Conheci ele, até quando... Ele teve na Faubai dois anos atrás e depois quando eu tive esse evento na Arábia Saudita que eu participei do painel em abril ele foi o moderador do painel, conversei com ele de novo. Quer dizer, agora ele tá na Colômbia ele não é muito [...] banco mundial, é ele que[...] baseado nas observações que ele fez de como que eram as universidades, então assim não é que vai criar uma universidade de classe mundial, é mais uma inspiração, sabe. Universidade mundial...

Raquel: É o modelo na qual ela se inspira.

Sujeito 1: É...Universidade de classe mundial é como o professor falou, é uma universidade de pesquisa, é a universidade no modelo alemão né, quer dizer em 1809 o [...] criou...

Eduardo: É, alemão, mas com uma pitada pragmática...anglo-saxônica

Sujeito 1: e aí a Johann Hopkins em mil oitocentos e tanto ela foi a primeira universidade americana, quer dizer, eles pegaram e aquela tradição anglo-saxônica até meio religiosa de formar pessoa Sali dentro e tal, a universidade como detentora do conhecimento ela vai formar pessoas com aquele conhecimento e aí juntaram com a visão [...]tiana e criaram essa primeira instituição de pesquisa ali nos estados unidos e aí o que nós fizemos, definição de internacionalização objetivas, esses objetivos eles tem que me ajudar. Até [...] tinha mais objetivos eu fiz questão de colocar dez, que dez é um número bonito.

Eduardo: você pode passar esse documento para a gente? Porque na realidade nossa base de perguntas é justamente essa, como é que você botou pra funcionar uma política de internacionalização aqui dentro. Você está falando dos objetivos. Se você puder sintetizar o que esse documento fala...

Raquel: qual é a política.... De internacionalização, os princípios, os valores, os objetivos...

Sujeito 1: a gente pensou em fazer, sabe aquela coisa de missão, valores e não sei o que, aí deixa pra lá... Vamos fazer uma coisa mais pragmática, vamos fazer uma coisa pra funcionar, porque eu sou particularmente uma pessoa mais objetiva, porque se é pra fazer é pra fazer e não só pra constar, sabe assim, pega um documento bonito que você bota bem grosso, coloca ele lá, ó nosso plano de internacionalização então não é assim, o que é pra fazer é pra fazer, então o que tá aqui nós temos feito de alguma maneira, por exemplo, primeiro, objetivo um, aumentar a exposição internacional da UFABC, e aí tem sido feita várias iniciativas por exemplo, todo ano tem dois eventos internacionais fora do Brasil, tem a Faubai...normalmente eu tenho ido. E aí nesses eventos tanto da [...] quanto o evento da Europa que chama EAIE European association for international education é....uma sopinha de letras, o da Europa é o EAIE e o dos estados unidos é a NAFSTA, mas tem uma outra associação dos estados unidos que é a AIEA, então tem a EAIE e tem a AIEA...

Raquel: quase um trava línguas!

Sujeito 1 K: A AIEA é fantástica, eu fui no evento da AIEA na reunião...é porque é um evento menor, umas 500 pessoas só...porque a NAFSTA a primeira vez que eu fui em 2014 em San Diego aí quando eles falaram que tinha quase onze mil pessoas eu fiquei surpreso!

Eduardo: é NAFTA?

Sujeito 1 K: NAFSTA. N-A-F-S-T-A.

Eduardo: Senão confunde com NAFTA, né

Sujeito 1: Não, mas a NAFSTA existe muito antes do NAFTA é uma sigla antiga, hoje na verdade significa association for international education basicamente, então nós sempre vamos lá, desde a EAIE de Praga na Europa em 2014 em setembro e a NAFSTA em maio, porque o brasil tem sempre um estande, todas as instituições podem participar, públicas e privadas porque é a Faubai que organiza, por exemplo a [...] sempre está representada no evento da NAFSTA nos estados unidos, e aí nós sempre temos uma mesa, tivemos mesas...o que é ter uma mesa, é ter um estande grande e as universidades tem uma mesa, tem a bandeirinha lá, aí tem cadeira tem mesa e tal, eu por algumas vezes eu fui sozinho outras vezes eu fui justamente com o [...] e era bom

porque nos estávamos em dois, porque você tem que passear tem que ir nos outros lugares mas tem que ter alguém na mesa pra receber, enfim o objetivo ali é fazer contato e nós fizemos vários, trouxemos várias colaborações, propostas que geraram pessoas pra vir pra cá, que foram pra lá, geraram convênios, geraram bolsas inclusive pra alunos pra viajar quer dizer teve um resultado muito positivo tem tido resultado positivo inclusive de construção a marca porque uma universidade nova você tem que construir a marca, até agora com a crise o que aconteceu sempre tinha vinte mesas de universidades brasileira tanto na NAFSTA quanto na EAIE, hoje em dia não tem nada, nesse ultimo evento eu não fui agora, foi o primeiro que eu não fui mas só tinham 3 universidades que tinham mesa própria as outras dividiam as mesas tal, uma cosia diferente, mesa própria significa uma bandeirinha com o seu logo aparecendo.

Eduardo: Não é mais brasão, é logo agora...

Sujeito 1: é chama de logo agora.

Eduardo: [...] só uma interrupção. Desculpe, mas é [...] ela fez um trabalho sobre universidade faz um tempo, sobre a universidade de são Paulo.

Sujeito 1: É de logomarca né...

Eduardo: Não é que o título é sugestivo da tese dela que virou livro depois: “Do Brasão ao Logotipo”. Porque as universidades eram conhecidas e reconhecidas pelos brasões

Sujeito 1: As universidades antigas, todas elas...

Eduardo: sim, sim. Isso dava um sentido da tradição né. Agora na verdade elas têm logos né, porque elas viraram organizações mais flexíveis, mas complexas e também elas têm um diálogo e uma incorporação da racionalia mais empresarial mesmo...

Sujeito 1: acho que elas estão se relacionando mais com a sociedade e talvez... A universidade sempre foi uma coisa que se [...] para si mesma tradicionalmente. Ainda aquela coisa religiosa, que ficavam ali o conhecimento e a oração tudo junto, é acho que [...] exposição e onde pudesse a gente sempre faz a gente sempre põe não sei o que, por exemplo, inclusive isso aqui faz parte de esse objetivo né, quer dizer não foi pensado nisso, mas faz parte [...] e eu aproveito todas as oportunidades que eu tenho pra divulgar em ambientes internacionais aumento do número de projeto, aumentar o número de projeto de ensino de pesquisa e extensão em colaboração internacional, isso

aqui é uma coisa que a gente colocou porque esses objetivos não são objetivos para a assessoria de relações internacionais, são objetivos para a universidade então você vê que aumentar a exposição internacional é uma ação normalmente da assessoria de relações internacionais uma ação institucional, só que aumentar o número de projetos nós até colaboramos tentando...digo que eu faço papel de cupido, então eu vou lá com a universidade...na universidade da Hungria agora então a gente tentou, trocou umas figurinhas tentou colocar os professores em contato pra ver se estabelece uma cooperação, as vezes dá certo, dá namoro, casamento, as vezes não...mas no fundo isso depende muito dos pesquisadores né, tudo que é com pesquisa depende do pesquisador e terceiro: .aumentar a produção científica e periódicos de circulação internacional em colaboração internacional, é resultado basicamente disso. Quarto: incrementar o número de docentes com estagio e pós-doutorado no exterior...

Raquel: Eu li uma ata justamente sobre essas decisões...

Sujeito 1: e esse aqui é uma coisa interessante porque aí ele resultou...teve um efeito colateral que quando eu fui apresentar nos conselhos, nós temos dois conselhos aqui o conselho de pesquisa e extensão o CONCEP e Conselho Universitário o CONSU eu apresentei esse relatório brevemente nos dois conselhos e quando eu fui apresentar no CONCEP aí eu já embuti no final uma proposta de monção pro conselho fazer uma monção que a universidade criasse uma política de estímulo de realização de estágio de pós-doutorado no exterior para os professores, porque o sentido é o seguinte: se os seus professores são internacionalizados eles vão ter projetos internacionais eles vão publicar em colaboração internacional, eles vão trazer pesquisador pra cá, vão mandar pra lá....quer dizer o corpo docente sendo internacionalizado, todo resto acontece. Então foi feita essa monção, aí eles aprovaram e nisso a reitoria criou outro grupo de trabalho que foi o grupo de trabalho que foi o grupo de trabalho de estagio de pós-doutorado no exterior e aí também eu criei um novo grupo e daí a gente fez uma nova política de estímulo a realização de estagio de pós-doutorado no exterior que foi aprovada em fevereiro do ano passado pelo CONSUNE então hoje tem essa política, porque já tava começando a ter algumas áreas que talvez por conta de problemas queriam..."não, não vai dar, não vai agora...." e basicamente tem essa resolução e ela diz o seguinte: a ufabc quer que seus professores façam pós-doc no exterior, é isso. Tem um bocado de coisa mas basicamente dizendo isso, olha é de interesse institucional. Eu acho isso importante porque digamos, é uma coisa que você faz até com menos dinheiro porque normalmente

não vem do orçamento próprio porque são órgãos de fomento internacionais, o custo maior é você liberar o docente com o salário. Mas aí já tá no orçamento mesmo enfim, isso já tá contato e você tem bastante resultado, um bocado de gente tem saído por causa disso e claro, dá uma mexida sempre.

Eduardo: Esse estágio deles, geralmente qual é o tempo...

Sujeito 1: Um ano. Às vezes pode passar de um ano, mas normalmente você não tem financiamento por mais de um ano, as bolsas concedidas por FAPESP, CAPES, CNPq normalmente são pra um ano, mas tem gente que vai com o financiamento de lá

Eduardo: essa era a minha outra pergunta. Quando você tá fazendo esse tipo de tratativa com instituições estrangeiras e vocês conseguem conviver[...] com o aporte deles mesmo pra receber um professor dos nossos fazer esse tipo de estágio...

Sujeito 1: Consegue, mas depende de cada um entendeu. Isso não é uma questão institucional, não sou eu quem negócio isso é o professor que negocia. Quer dizer o que nós fizemos foi dizer assim, a universidade tem interesse nisso agora que mm vai atrás é o professor então ele que tem que achar um supervisor na universidade, a bolsa da agencia da agencia de fomento, aí ele tem a liberação dele. Ou não é bolsa, é um pagamento de lá. Mas isso aqui pra mim tem um resultado muito grande então o nosso interesse é aumentar muito e não só que tenha feito uma vez na vida mas que façam periodicamente, da uma renovada dá uma chacoalhada, tanto fazendo pesquisa quanto interagindo com colegas....

Eduardo: a interação cultural por si só já é...

Sujeito 1: já é interessante mas a interação...é que trem aquela coisa de maneira de trabalhar você tem que ver como é que os caras fazem, é diferente né a questão da cultura...aí o outro: incrementar programas de mobilidade internacional. Esse aqui tá complicado, mas a gente tem tentado entrar mas tá complicado por questão orçamentaria.

Eduardo: Mobilidade tanto de professores quanto de estudantes?

Sujeito 1: É, a mobilidade, e depois tem lá diretrizes, aumentar atração de alunos, docentes e pesquisadores estrangeiros, então, ou seja, atraís esses caras pra cá. Sete: incentivas o estabelecimento de dupla diplomação, isso foi uma coisa que aconteceu principalmente na pós-graduação, depois disso inclusive já veio...ou até meio que

simultaneamente tem alguns acordos de cotutela de doutorado, então no começo primeira cotutela a gente não sabia como fazia eu tive que entrar e ditar o documento e não sei o que agora a gente já sabe agora pessoal[...] tem que entrar no negócio vamos fazer...depois você entra depois você aprende mas pô você fica, como é que faz isso, como é que é, não sei o que e tal.

Raquel: É acompanhei a mudança, que agora é a carta de intenções que vocês fazem pra fazer esses acordos não é isso?

Sujeito 1: tem um acordo específico mesmo de cotutela, mas depende, no mundo todo varia tá, o acordo de cotutela pode ser institucional, mas de todo jeito ele vai ter que ter um acordo individual, sabe por quê? Porque quando é cotutela significa o seguinte o aluno está matriculado nas duas universidades são mesmo tempo e daí você precisa de um acordo citando o nome desse aluno, esse acordo precisa ser assinado pelo reitor e aquele negócio todo. Nosso primeiro acordo foi uma professora brasileira que fazia doutorado nas universidades de Paris, e daí ela veio pra cá, mas como é que ela iria ser aluna nossa aqui se ela não passou pelo nosso processo seletivo, então o que garante que ela vire nossa aluna é o acordo de cotutela então assim que foi assinado o acordo e chegou aqui ela foi registrado na pós-graduação como aluna da UFABC e daí ela ganha o diploma das duas instituições, esse é o acordo de cotutela de doutorado.

Eduardo: tem que ter de qualquer maneira, o supervisor aqui e o supervisor lá

Sujeito 1: Isso e tem umas...

Raquel: São os agentes de internacionalização...

Eduardo: [...]

Sujeito 1: não... São os critérios... Os supervisores, os orientadores e tem uma questão que daí o aluno tem que ficar num lugar e no outro, dependendo do acordo, da universidade às vezes eles aceitam que tem que ficar um ano as vezes tem que ficar um ano e meio em cada lugar tipo assim vai um aluno daqui...sei lá tem duas alunas aqui que estão com acordo de tutela com a universidade de Napoli aí elas tem que ficar um ano lá. Tudo bem, que bom porque daí ela vai fazer o sanduiche, o doutorado sanduiche fica um ano lá e aí já fica uma cotutela, ótimo né;

Eduardo: mas deixa eu te perguntar uma coisa dentro da sua experiência, e exatamente nisso. Quando você estabelece, é isso que houve aí, [...] outras diretrizes ou ações é estabelecer protocolos de cooperação etc...

Sujeito 1: É, tem um que chama de acordo de cooperação geral o [...] memorando of understanding, mas eles dizem assim “queremos ser amiguinhos”, basicamente

Eduardo: é aquilo que a gente chama de guarda-chuva né [...] tem que [...] recheado com projetos específicos que efetivamente vão embarcar aí no negócio e tal, mas a minha pergunta é assim, nesses projetos, nesse convênios de cooperação quer se assina com instituições vocês tem tido aqueles que preveem justamente isso dentro do convenio prevê especialmente ou principalmente ou como um aspecto do projeto uma ação do projeto, do convenio que anualmente um professor vira pra cá um professor daqui irá pra lá, um estudante virá pra cá...

Sujeito 1: Normalmente tem acordos eles sempre dizem não as universidades... a gente tem um template, um modelo padrão em dupla coluna inglês e português já e aí é uma cosia que normalmente, quando é o modelo que fica o nosso ou da outra instituição, normalmente é quem saca primeiro sabe?, Quem manda primeiro fica o seu, normalmente... É porque esses [...] eles são tudo meio muito parecidos né, e eles dizem lá não vamos fazer interação em ensino pesquisa e extensão, alguns deles no próprio[...] vamos trocar cinco alunos por ano, uma de graduação, porque pós-graduação você não consegue fazer porque daí tem que fazer pesquisa, você não consegue gerar obrigatoriedade, números na graduação porque assim, você não pode ir pra um lugar que não tenha ninguém que queira te orientar na tua pesquisa, tem que ir pra outro lugar, não aquele. Então quer dizer pesquisa é uma coisa muito especifica é como você disse, quer dizer. A [...] é muito especifica. Como a pesquisa é muito especifica tem que coincidir que esse tema seja igual ao doutorado de professores lá que aceita então não adianta “ah tem que ser com aquela universidade “ agora aluno de graduação dá né quer dizer você diz assim ó vamos trocar alunos de graduação ele vai pra lá o outro vem pra cá então geralmente ou é no próprio [...] ou então as vezes tem um acordo separado mas é bem pequenininho uma folha ou duas e normalmente só pra graduação você não consegue dizer que você vai fazer cotutela, cotutela depende do aluno e do orientador a gente já tentou fazer, eu tentei coma universidade [...] da Austrália tentei fazer uma acordo de cotutela colocamos dois professores em contato os caras lá da área do international office queriam muito e colocamos dois professores de neurociência só que

o professor de lá nunca respondeu, e ficou por isso, lido pelo não lido, acabou. Então é o que eu digo, eu tento fazer o cupido mas as vezes não funciona. Você não consegue forçar ninguém a fazer isso, você não consegue forçar alguém a fazer pesquisa junto com outro, tem que ser uma coisa espontânea você induz, mas você não força então os acordos preveem, e aí a gente faz editais, tem feito editais todo ano pra selecionar alunos pra universidade de [...] na Alemanha, mestrado de ciências aplicadas de [...].

Eduardo: Tá, mas isso vocês fazem porque vocês tem um...

Sujeito 1: Um acordo, nós temos um acordo com eles...

Eduardo: e aí tem cursos envolvidos com os que são.... Conseguimos fazer com esses cursos sejam pagos?

Sujeito 1: não, o que ele envolve é o abatimento de taxas escolares.

Eduardo: porque o cara tem que pagar...

Sujeito 1: mas então, esses acordos quando eles preveem mobilidade simétrica digamos a 2 por ano e tal, eles envolvem o abatimento de taxas escolares, então se o aluno tiver que pagar uma coisa lá, ele não vai ter que pagar, agora a universidade não tem orçamento pra se autofinanciar. Esse é o problema claro.

Eduardo: Sim, porque ele vai pagar mensalidade, ele vai pagar taxas

Sujeito 1: não, dentro desse convenio não.

Eduardo: ah! Não paga mensalidades...

Sujeito 1: não, é porque senão pra que eu o convenio, senão ele se inscreve lá e pronto, justamente o convênio é pra ter o abatimento pra não ter cobrança de taxas escolares que chama de [...] então...

Eduardo: Para ele sobreviver lá....

Sujeito 1: Não... Autofinanciamento. Nós não temos... Tem universidades, por exemplo, a UNESP a UFMG outras universidades que tem recursos pra isso a UFABC não tem, não tem recursos orçamentários pra dar uma ajudar de custo pro aluno. Tem certas bolsas, por exemplo, daquele programa [...] da Europa que daí sim tem bolsa pra [...] da comissão europeia, mas...

Eduardo: É o estudante que tem que entrar com o projeto de qualquer maneira, também...

Sujeito 1: Não, a gente faz o edital ele se inscreve d ai a gente seleciona e tal, mesmo eles tendo que pagar mas se a gente só tem duas vagas pra universidade de [...] no Japão então são duas entendeu, não pode mandar mais, a gente se eles chamam a se a gente seleciona mais pode perguntar se pode mandar três e as vezes eles aceitam. Porque eles querem receber estrangeiros entendeu, é isso. A a gente mesmo tem uma acordo. A UFABC a gente quer receber aluno internacional então a gente aceita, tem universidades no mundo que aceitam os chamados de free movers, os caras que vem, e ele entra em contato com você e não sei o que. Ai eu digo não, entra em contato com o seu international office pra dai eles entrarem em contato coma gente dai a gente aceita, a gente aceita qualquer um mesmo sem acordo,. Várias universidades no mundo, inclusive no Brasil não aceitam sem acordo, mas nos aceitamos, porque nos queremos internacionaliza, queremos fazer internacionalização em casa. Inclusive nos oferecemos disciplinas em inglês na graduação na pós-graduação justamente pra atrair estrangeiros que não falam português, isso faz parte aqui, é um dos objetivos quer ver. Objetivo oito: oferecer disciplinas em inglês na graduação em a pós-graduação. E ai como tava no contexto disso aqui eu peguei e escrevi resoluções tanto pra ser aprovado na comissão da pós-graduação quanto na comissão da graduação aí eu disse assim pode oferecer disciplinas em inglês quase sem restrição, na pós graduação não tem restrição nenhuma, na graduação tem restrição mas quase nenhuma, porque o projeto pedagógico da ufabc é muito flexível e você pode oferecer disciplinas em inglês facilmente e isso ajuda a atrair estrangeiro porque claro toda vez que eu vou negociar eu quero receber, não quero só mandar, quero receber os seus, porque essa é uma estratégia de internacionalização em casa. Quando você e manda um aluno proe exterior ele vai ter uma experiência fantástica. Quando você traz um estrangeiro aqui vários alunos vão conviver com ele, vários alunos vão ter uma experiência que não é fantástica porque não foram pra lá mas vão conhecer um estrangeiro e tal. Quanto mais estrangeiro você tem, mais os seus alunos daqui dentro eles vão ter oportunidade dessa experiência internacional, intercultural etc. esse networking que se cria, ou seja a vida profissional dele vai ser diferente por ter sido exposto a essa diferença cultural. Claro isso é referencial fantástico.

Eduardo: eu acredito muito nisso...

Sujeito 1: internacionalização em casa é uma coisa. Então pra isso a gente sentiu que toda vez eu chegava pros caras eles diziam, é mas sabe o que que é nossos alunos não

falam português a gente não tem nem curso de português na universidade. Dai no começo eu percebi que eles diziam, vocês oferecem disciplinas em inglês e eu dizia ainda não mas estamos discutindo, não estávamos mas eu comecei a discutir entendeu (risos) aí aprovou e ponto e partir do segundo quadrimestre de 2015 começou a oferecer disciplinas em inglês na graduação e agora tem sempre oferecido

Eduardo: mas qual é a reação dos seus alunos aqui, os brasileiros. Vão na onda sem problema?

Sujeito 1: eles adoram. Eles adoram. Porque como o projeto...

Eduardo: tem o projeto pedagógico também em inglês...

Raquel: Sim, sim.

Sujeito 1: [...] tem, tem. Tem uma divisão de onze funcionários que ficam ali...

Raquel: é a Janaina

Sujeito 1: Isso, a Janaina a Luciana o Ivan eles ficam ali.

Raquel: ela me falou, me mandou um e-mail contando todo o processo...

Sujeito 1: Ai o que ia dizer. Por exemplo, agora no segundo quadrimestre, segunda vez que eu dei disciplina em inglês, ano passado e nesse ano, uma disciplina do BCT Bacharelado em Ciência e Tecnologia que é uma disciplina chamada comunicação em redes. Uma turma grande, aula teórica não tem laboratório, teve 120 inscritos, eu tava com uma sala com mais de 100 alunos.

Eduardo: e sem tradução...

Sujeito 1: Claro, essa que é a ideia, tudo em inglês eu só falo inglês com eles, aí me mandam e-mail em português eu respondo em inglês (risos) eles me encontram no corredor eu falo inglês com ele, me encontram na minha sala eu falo inglês com eles. Tipo assim é pra eles irem desenvolvendo uma experiência fantástica eles adoram, eles adoram essa experiência

Raquel: Professor, aproveitando a sua fala, eu quero fazer uma pergunta que na assessoria, no site da assessoria tem lá escrito a visão que é a visão da assessoria que até em 2015 ela que tinha a [...] de tornar a internacionalização um elemento fundamental do desenvolvimento das atividades de ensinos sociais. A internacionalização da UFABC ela seria uma quarta missão?

Sujeito 1: É eu tentei emplacar isso mas ai não foi mudada a missão da universidade essa é aquela questão... Eu tentei emplacar mas dai eu disse não porque é o seguinte desde que entrou o professor Klaus Capelle ele é alemão né, ele fala assim “sou suspeito para falar mas internacionalização pra mim é uma prioridade” então ele sempre colocou a internacionalização como prioridade eu cheguei a discutir com ele sobre mudar a missão porque a missão da ufabc é promover o avanço do conhecimento através de ações de ensino e pesquisa de extensão como fundamentos a internacionalidade e a excelência academia e a inclusão social e ai eu ia colocar tendo como fundamentos a interdisciplinaridade, e excelência acadêmica convívio social e a internacionalização, tanto que não foi[...] pra fazer a exposição internacional há eu não falei tudo sobre exposição internacional:

Raquel: então fale tudo professor

Sujeito 1: a primeira vez (parte inaudível aos 1h30min25seg até 1h30min35s)

Eduardo: Ah, vou pegar um pouco dessa água aqui... Ah não é água[...]

Raquel: por favor, professor...

Sujeito 1: aí a segunda foi pra NAFSTA em 2014 eu pensei aqui caramba, aí tinha um menino aqui um estagiário que eu pedi pra fazer um folder porque não tinha nada eu cheguei lá não tinha nada pra entregar os caras me entregavam coisas e eu não tinha material pra entregar, que vergonha né (risos) aí eu fiz um folder, um folder feio, cheguei pro pessoal da assessoria de comunicação eles disseram “professor, esse folder tá feio” (risos) então façam um folder melhor pra mim, aí eles fizeram esse, pode levar, mas aí tá vendo ó aí eu mandei colocar esse aqui, fui eu que fiz eu mandei eles colocaram (risos) é um foder só porá dar uma visão geral, porque a universidade

Raquel: vai para os meus anexos, professor.

Sujeito 1: pode pegar, e aí primeiro ano que eu fui em setembro, em maio eu fui pra nafta em 2014 tinha um folder feio, aí quando fui pra EAIN em setembro já tinha um folder bonito assim, e aí eu comecei a notar que o interesse delas era todo pelo projeto pedagógico bacharelado em ciência e tecnologia bacharelado em ciência e humanidade e aí eu percebi que tinha que fazer um foder de cada um... Aqui tem o outro ó.

Eduardo: agora eu tô ficando preocupado aí com o seu horário que nós estamos te...

Raquel: eu só tenho mais algumas perguntinhas...

Eduardo: Você vê que essa dois do contexto da prática já tá respondida, a primeira já ta respondida, os objetivos e tal

Raquel: Não a última ainda não, os modos operandi não.

Eduardo: Não, tá sim ele... e tem esse relatório que ele vai mandar pra gente

Sujeito 1: esse aqui fala do BC&T, esse outro aqui do BC&H e dai deixa eu pegar essa daqui só pra te mostrar o que, ai depois eu vi que os caras queriam saber sobre pesquisa e eu tô atrapalhado aqui, deixa eu pegar o da pesquisa...

Raquel: ai professor esses documentos não tem no site...

Sujeito 1: a Sheila não te passou isso, não?...

Raquel: Não...

(áudio confuso do professor **Sujeito 1**)

Eduardo: mas tudo bem, qualquer coisa a gente fotografa e depois...

Sujeito 1: Depois eu vou fala com os meus colegas...vamos fazer pesquisa, bom mais quais são as áreas fortes de pesquisa, aí eu fiz Research e aí depois eu fiz graduating programamn os programas de pós graduação que a gente tem e dai a primeira vez inclusive eu cheguei na comunicação foi ano passado quando eu fui pra nafta fui eu que escrevi tudo isso aqui, eu que escrevi, fiz todo texto em inglês o pessoal daqui me ajudou aí quando chegou, não vai dar tempo professor eu peguei não tive dúvida, mandei imprimir na gráfica

Raquel: Lá?...

Sujeito 1: eu mandei imprimir, eu paguei, eu paguei eu disse tanto esforço eu vou levar pago do meu bolso.

Eduardo: Professor tem que pagar pesquisa também né (risos)

Sujeito 1: É, é assim. E aí, tem quem quer saber de inovação e dai eu fiz inovação e em um programa de núcleos estratégicos e um deles eu sou o coordenador e eu mandei fazer também, pronto. Aqui não tem todos ainda, mas ele paga um outro aqui pra você é que não tem separadinho, não tem os montinhos. E a outra coisa que nós fizemos também isso entrou no ar em junho eu vivia passando vergonha porque não tinha o site inglês da universidade

Raquel: Sim, eu acompanhei, vi que tem as traduções agora...

Sujeito 1: Não, negativo, não tem tradução não isso é tudo conteúdo novo, o problema todinho de você fazer um site inglês é que você tem que fazer esse site inglês orientado pra visão de um estrangeiro que não é a mesma visão de um brasileiro porque o site da universidade ele mudou um pouco, tá um pouquinho diferente, mas normalmente ele é orientado a organograma, os sites das nossas instituições são orientados a organograma: pró-reitoria de pós-graduação, cursos de pós-graduação. Pró-reitoria de não sei o que, cursos disso, cursos daquilo. Pro estrangeiro isso não interessa, o que ele quer saber é se faz pesquisa, ah tem uma agência de inovação, não quer saber se tem agência de inovação, então tem escrever tudo de outro jeito. O organograma não interessa, já não interessa tanto aqui na minha opinião interessa bem menos mas as pessoas gostam de associar com a marca, então eu tive muito trabalho de convencer o pessoal a não colocar nome das pró-reitorias, porque não era pra ter nada. Era pra ter assim, extensão na ufabc, inovação na ufabc, isso foi um trabalho construir os textos todinhos...

Raquel: Os quick facts, colocar lá...

Sujeito 1: Isso, a gente colocou lá. Então a gente conseguiu colocar esse site no ar agora em junho e também não foi só o conteúdo, foi também fazer o site que daí teve um menino desse núcleo estratégico nuvem que a gente tem um funcionário que daí ele fez toda a parte da programação o pessoal aqui inseria dados e tal, tem uma coisa...ah tem outra iniciativa que eu fiz que tá até em andamento ainda se você for lá em academics, graduating programasns aí tem todas as emendas das disciplinas traduzidas pro inglês, isso é um processo que a gente tá fazendo de tradução. Quer dizer se você entrar no site da ufabc não sei se dá pra tirar aqui ele vai parar de gravar, quer ver ó, você tem aqui...aqui eu vou colocar o site em inglês, aqui não vai pra mostra porque o wifi aqui nesse cantinho é muito ruim. E esse é um processo complicado o processo de tradução os professores que tem que fazer, é o especialista que tem que dizer, você que lê toda a literatura da área, você sabe como é que se diz aquilo naquelas áreas, não é um tradutor, senão você tem que ter tradutor especialista em várias áreas diferentes, então o que a gente tava fazendo é academics, aí tem programs, undergraduating. E daí você pega undergraduating aqui aí tem lá tipo se pega sei lá tem alguns que já terminaram... aí quando chega aqui ó tem as disciplinas que tem que fazer vai pega essa aqui vai “advance fluids mechanics” daí tem lá todo...em inglês porque eles querem saber qual é o conteúdo, qual os silabos pra ver se eles vão vir aqui ou não, pra ver se tem o

reconhecimento de crédito e tal tudo aqui em inglês, esse é um processo curto né que foi uma iniciativa que foi iniciada em 2015 ,...foi o ano passado, começo de 2016.

Eduardo: Mas o cara entra na página e tem... os textos em português toda apresentação...ou tem também em inglês?

Sujeito 1: Não, aqui é só em inglês. Aqui nesse site inglês só tem em inglês, não tem em português porque a ideia daí é que os estrangeiros que não falam português eles tem que ah eu quero ir pra UFABC fazer tal e tal disciplina, não pera aí tem que fazer a análise do professor pra ver se vai reconhecer o crédito tal, aí se tiver em português como é que ele faz, então eu senti essa dificuldade. Primeira vez que eu fui pra NAFSTA eu estava estabelecendo contato com uma universidade do País de Gales no reino unido a primeira cosia por e-mail que a mulher perguntou era se podia passar informações sobre os cursos e eu é infelizmente não tem, caramba como eu vou conseguir fazer internacionalização se a informação não está disponível. Porque a informação em português é criptografada para o resto do mundo né. Como você entra num site em chinês s não vai entender nada.

Eduardo: ai não adianta...

Sujeito 1: Não adianta é a língua franca acadêmica mundial é o inglês. Agora tanto que tem uma cosia que a gente tá promovendo também....

Eduardo: A diplomacia que admite outras línguas...

Sujeito 1: É, mas a academia não admite muito não, tanto que tem uma cosia que a gente tá fazendo promovendo cursos para os professores darem aula em inglês que é uma área chamada EMI, english as a médium of instruction, inglês como meio de instrução, e a gente tá oferecendo cursos desse tipo para os nossos professores, isso tudo iniciativa que foram feitas nos últimos anos pra tentar estimular, porque aí o professor diz, vocês me colocam alí pra dar aula mas eu nunca dei aula em inglês, tá bom, a gente te da um curso então. Tudo isso dá muito trabalho pra fazer...

Eduardo: **Sujeito 1**, Carlos, como você prefere?

Sujeito 1: Tanto faz, aqui normalmente eles me chamam de **Sujeito 1**

Eduardo: Kamienski, tem uma última questão que é mais fundamental e que prepara um pouco o campo de pesquisa da gente e eu gostaria que você nos ajudasse nisso. Como o foco da Raquel é a política interna da internacionalização, essa entrevista pra

nós já tá valendo bastante, mas você tem uma ação que é a dos chamados agentes de internacionalização, nós pensamos na estratégia de pesquisa metodologicamente falando além dessas entrevistas contigo, vamos falar ainda com o pró reitor que pelo menos a gente conheça pra falar de projetos mais gerais da universidade das relações enfim, a gente prevê fazer ou entrevistas com pelo menos uns cinco dos seus agentes pra entender as dificuldades...

Sujeito 1: foi criado esse mecanismo, não fui eu que criei, veio antes, pra fazer o reconhecimento de crédito do ciência sem fronteiras basicamente foi isso tá esse é o papel primordial dos agentes de internacionalização eles foram criados com esse objetivo nós fizemos uma nova resolução da comissão de relações internacionais no passado daí nos demos mais atribuições a eles mas no fundo não tem funcionado tanto assim, é muito o ciência sem fronteira. Os agentes de internacionalização que são responsáveis por esses processos de tradução das disciplinas, a gente tenta dar mais atribuições a eles, mas a gente não tem fôlego, eles também não tem fôlego pra terem mais atribuições

Eduardo: Eles são professores também, né...

Sujeito 1: Sim, são professores então não sei se... Acho que talvez pra ver a visão deles mas...

Eduardo: É, ver um pouco a visão do micro...porque de qualquer maneira esse cara tem algumas atribuições se dá pra ele tocar ou não é outra história eu sei que a coisa é muito mais complicada que isso mas ele é um cara que tem contato com os estudantes daquele curso específico, não é assim que funciona, ele é o cara que....

Sujeito 1: Sim, porque é o cara da engenharia de gestão da física, da ciência da computação, da matemática e tal...

Eduardo: Porque daí qual é o interesse, é o impacto micro no e com o estudante. Tentar entender como é que se pode ir construindo eventualmente também um estudante internacional ou de mentalidade internacionalista, é essa um pouco a ideia pra mim e de qualquer maneira mostra os impactos ali chamando de micro, nada ofensivo nisso, de algumas diretrizes de algumas ações que são desenvolvidas no âmbito da própria assessoria, da comissão etc. mas assim, como é que é no terreno fazer isso com o estudante, qual são as dificuldades sentidas. Um pouco por aí porque me chamou muita atenção pelo menos como projeto, como iniciativa, eu entendo que é pra espalhar...

Sujeito 1: É a ideia é de descentralizar um pouco e ter as decisões tomadas mais locais, num contexto mais local, mas o objetivo foi fazer o reconhecimento das disciplinas do ciência sem fronteiras a gente dar mais atribuições, envolver mais essas pessoas, não é muito simples porque é muita coisa. Talvez tenha um professor interessante pra vocês conversarem... Agora no q2 a gente fez uma disciplina na modalidade que a gente chama de COEL tradução para ensino internacional colaborativo online, que é uma modalidade que você tem uma disciplina aqui oferecida por professores a alunos, uma disciplina lá em outra universidade que foi em [...] Detroit nos estados unidos e aí chega um momento que eles sincronizam e basicamente os alunos fazem projetos em conjuntos, isso agente fez com esse pessoal da [...] agora em agosto e foi bem legal, os alunos gostaram, tiveram que interagir com professores de lá, com alunos de lá. Isso é uma forma de internacionalização em casa, que tá começando, no mundo todo tá começando e a gente já deu esse passo na frente, quase ninguém fez isso ainda, tanto que eu tenho falando com duas universidades, ontem veio um pessoal de um grupo de universidades do canada que tem uma sigla engraçada chamada de CALDO, tem um cara da Universidade de Ottawa no Canadá ele é da universidade de Calgary, e os dois dizendo um nem tinha ouvido falar o outro já tinha ouvido falar mas não tinha feito quer dizer então você vê que é um negocio muito novo e agente já fez, então essa é a ideia, fazer e fazer. Então eu tive que pegar esse professor, porque eu conhecia o cara de relações internacionais o SIO da [...] states, já de anos que eu encontrava ele nesse evento nessa de vamos fazer alguma coisa, fazer alguma coisa...a gente tentou por meios virtuais não deu. Peguei esse professor fomos lá em Detroit em dezembro ano passado, conversamos tudinho e pronto, lançamos a disciplina agora esse ano. É uma disciplina lá e outra aqui, são duas diferentes, mas a ideia é que alguns se sincronizam, pode ou não ter aula a distancia, não é educação a distancia é interação dentre alunos, neste caso o professor dava aula a distancia mas não era esse o objetivo, é porque ele queria. O objetivo é fazer os alunos trabalharem em grupos de alunos daqui e alunos de lá e eles tem que interagir, culturas diferentes aquela coisa. É isso que é o bacana, esse networking que eles fazem esse conhecimento que eles tem com pessoas, porque imagina que um camarada desse vem aqui e vai trabalhar na Ford, vai trabalhar na volkswagen, na gm o que vai acontecer, vai ter que trabalhar com times internacionais, por exemplo, você dá pra ele um sabor do que ele vai encontrar nesse mercado, é muito diferente.

Eduardo: Isso me leva uma outra questão pra finalizar, mas depois eu vou retomar pensando nos agente. A inserção da instituição e seus professores em redes de pesquisas redes ativas, atuantes. Qual o escudo que você tem disso, a avaliação.

Sujeito 1: É individual e isso é muito positivo sempre, para os professores que participam de rede de pesquisa, tem várias, na física tem muitas redes de pesquisa mesmo, a física tem redes de pesquisa, tem uma rede de pesquisa daquele LHC lá, o laboratório, tem uns dois, três professores que participam, numa rede de dois mil pesquisadores no mundo inteiro então são redes enormes de pesquisa, agora uma coisa é rede de pesquisa uma coisa é [...] outras coisas são projetos de pesquisa internacionais, por exemplo eu agora mesmo tive aprovado num projeto que é Brasil e Europa e vai durar por três anos financiado aqui pelo ministério da ciência e tecnologia e inovação em comunicação e lá pela comissão europeia vai começar agora em dezembro e deve durar 3 anos, mas é um projeto de pesquisa que tem começo, meio e fim...

Eduardo: Que a gente consegue aprovar alguma coisa aqui sempre...

Sujeito 1 K: isso, com financiamento eles usam o dinheiro deles na Europa nós usamos o nosso aqui no Brasil. Mas são projetos de pesquisa, eu como pesquisador eu quis, juntei um grupo, entro em contato com um parceiro lá na Finlândia que é o coordenador e pronto a gente faz e aprovado o projeto. Tem outra coisa que são as redes de pesquisa e tem outra coisa que são as redes universitárias né que tem várias. Por exemplo, no Brasil tem uma organização chamada GCUB a UFABC faz parte aí tem várias né, tem o grupo de Montevideo, nós temos tentando entrar já faz tempo mas eles tão limitando a entrada porque eles querem ter um peso entre os países e não pode aceitar muito do Brasil, mas não é uma rede de pesquisa. A gente não participa na realidade, enfim, por vários motivos. Não temos acesso ao programa [...] Santander ainda, mas esperamos ter, mas tem várias redes internacionais, tem uma rede que eu queria ter participado mas envolve um pagamento de mensalidade que é a CONAREC que é lá dos Estados Unidos Canada México e agora eles estão vindo para o resto do mundo, tem várias redes de pesquisas que daí envolve mobilidade de alunos...não essa não é uma rede de pesquisa, é universidade uma rede de mobilidade, mas tem aqueles de pesquisa, mas de pesquisa é uma coisa do pesquisador e essa outras redes elas são institucionais, são duas coisas diferentes

Eduardo: quer dizer, quando você tenta fazer rede de pesquisa pela relação institucional, funciona muito menos... (áudio confuso)

Sujeito 1: Institucional funciona a graduação, institucional funciona muito bem na graduação

Eduardo: porque o resto é via pesquisa.

Sujeito 1: O que funciona de pende de pesquisa você induz, você só induz, você gera estímulos, incentivos, mas você não consegue realmente você realizar, porque a pesquisa tem que ser feita pelo pesquisador né, eu não posso dizer pra você ou seu orientador que vocês tem que pesquisar, não é assim que funciona, pesquisa é uma coisa que depende do pesquisador, então assim rede de pesquisa é uma coisa bem individual, existe um apoio institucional para que eles façam isso etc.

Eduardo: Sujeito 1 pra finalizar mesmo porque a gente já te tomou um tempo enorme ai e eu agradeço. Você acha que não valeria umas entrevistas com esses agentes para tentar entender [...] discutindo, como é a recepção dos estudantes, como é essa ideia.

Sujeito 1: A gente pode até selecionar alguns aqui que talvez são incorporados mais na ideia

Raquel: Vou encerrar a gravação e dai a gente conversa mais sobre isso, obrigado professor **Sujeito 1**

Eduardo: Os resultados que vocês têm alcançado nos rankings são extraordinários, isso no Brasil. Sinteticamente você atribuiria esses resultados a perseguir ações que vão gerar indicies de internacionalização de maneira persistente consistente ou é um espaço pouco aproveitado pelas outras instituições e a federal do abc soube ocupar esse espaço

Sujeito 1: o projeto da universidade é focado em pesquisa, nós somos uma research university desde o começo. Ou seja, pós-graduação, pesquisa desde o início, com certeza oi resultado dos rankings tem um atraso pra refletir as coisas, publicação, citação tem sempre um atraso um delay no tempo assim, então não é por causa disso, é por causa do foco em pesquisa da universidade, o foco em pesquisa gera esse resultado nos rankings internacionais, porque os rankings internacionais os professores reclamam, mas no fundo eles medem o quando a universidade ela é uma universidade de pesquisa, é isso claro, o que eles chamam em inglês de teching researching community servisse e aqui no brasil a gente chama de extensão. Ah mas tem universidade que faz muito extensão, tá, mas não tem o ranking da extensão até porque extensão é difícil medir e pesquisa você mede, pesquisa é fácil de medir sabe. Dá um trabalho, mas você mede pesquisa, ensino é mais complicado eles têm uma central lá o [...] tem um bocado de

métricas lá tem uma que é reputação. Reputação é a enquete que eles fazem com outras universidades no mundo todo para citar universidades boas, a ufabc quase nunca aparece, claro né, porque a gente tá construindo uma certa imagem por isso que eu disse que tem que fazer um trabalho de construção da imagem da universidade, toda vez quando eu vou apresentar aí eu falo inglês. Teve um evento aqui internacional de neurociência aí eu fui fazer a abertura no lugar do leitor aí eu falo inglês aí eu falo de [...] eu disse que soa engraçado pra quem não é brasileiro, mas a universidade do abc como é que soa pra eles, soa como uma universidade que você ensina crianças, ensina a alfabetizar criança mas eu aproveito esse fato que é engraçado. Porque claro no brasil todo mundo sabe que em são Paulo existe uma região chamada abc pode ser de qualquer lugar do Brasil que sabe. Fora do Brasil parece engraçado universidade do ABC, pô é uma universidade pra ensinar criança. Aí eu aproveito essa coisa de ser engraçado que daí eles gravam ABC (em inglês) porque é um bocado né, é UFRJ é não sei o que, nós somos ABC eu já digo que é engraçado eles riem e pronto eles gravam que eu sou do ABC. Então já é uma tentativa de construção da marca né. Aí eles dizem, pô tem uma universidade boa que tá fazendo uns negócios lá como é o nome? Ah é ABC. (risos) Então claro, é uma estratégia

Eduardo: Mas **Sujeito 1**, como é que vocês pretendem criar pra acompanhar mesmo o trabalho do [...] no trabalho de internacionalização, criar índices de internacionalização ou basta os que estão postos nos próprios [...]

Sujeito 1: Na verdade a gente não vai criar indicies para os rankings, veja essa coisa que foi comentada de que não a gente tá não sei quantos passos de fazer... É o seguinte, nós não trabalhamos para os rankings os rankings que nos identificam pelo que nós fazemos. Você faz uma cosia e eles identificam que você fez bem feito, uma coisa que nós fazemos, nós aparecemos no Times [...] education, desde o ano passado primeira vez que nós...não é só assim os dados que eles pedem, porque é muita informação que você dá pra eles, ano passado foi a primeira vez que a ufabc apareceu, eles identificaram a ufabc e pediram porá nós mandar os dados. Outras universidades brasileiras nem ligam não preenchem. Olha eu mobilizei todo mundo aqui dentro a pegar dados e dados porque você tem que somar com não sei o que de orçamento e bla bla bla e daí a gente preenche tudo direitinho., Esse ano tem uma funcionaria aqui que é a Bruna ela ficou alguns meses só fazendo isso essa é a aparte que a gente faz. Claro que eu quero ir bem, por exemplo, no ranking da américa latina no THE ano passado nos ficamos em 18 esse

ano em 14, claro que eu quero melhorar. Veja eu não trabalho pro ranking, mas assim não é possível se existe o ranking eu quero que ele saiba tudo que a gente tá fazendo, então a gente fornece as informações e aí porque o fato de nos irmos bem no ranking vai contribuir pra melhorar nossa reputação né, se nossa reputação melhorar a gente vai melhorar mais ainda no ranking porque parte do ranking é reputação, mas o objetivo não é trabalhar pro ranking, o objetivo é você ser conhecido e ser alvo de parceiros internacionais pra você fazer a internacionalização, proporcionar essas experiências para os professores, para os alunos, pros funcionários quer dizer o objetivo não é o ranking pelo ranking, o objetivo é você melhorar a qualidade do ensino, proporcionar uma educação melhor uma pesquisa de melhor qualidade uma formação melhor para os alunos através da exposição deles a essa questão internacional, intercultural. Agora para você ser desejado pelos estrangeiros você tem que ser conhecido, qual é a maneira de ser conhecido ó: tem uma historinha do professor Waldman que foi ex-reitor da ufabc ele era o reitor quando eu era reitor de pós-graduação, tem uma historinha do Rockefeller que chegou para o reitor da Universidade de Harvard há mais de cem anos atrás, daí ele chegou assim eu quero criar uma universidade tão boa quanto a Universidade de Harvard o que precisa fazer? Você precisa de tantos milhões de dólares, e isso na época ele tinha. E você precisa de cinquenta anos. Aí ele ficou desanimado, 50 anos por quê? É o que leva pra construir a reputação, pra ser reconhecido, bem avaliado. E tem uma coisa que as pessoas xingam no ranking uma coisa que eu sempre digo é o seguinte ó, o ranking ele desafia a tradição ele desafia a reputação. Eu vou fazer uma analogia eu vi uma vez uma reportagem que numa região da França tinha um cara que tinha migrado da Argélia, na primeira geração eu tava fazendo vinho e o vinho dele era muito bom, só que claro todo aquele chateau ninguém dava bola pra esse cara, aí chegou um dia que o [...]parker, que é aquele especialista de vinhos lá americano e achou o vinho dele fenomenal e deu uma nota altíssima pro cara, e aí o vinho dele ficou conhecido. Quer dizer não interessa que tenha 200 anos de tradição, o que importa é fazer um vinho bom. Claro, tradição é bacana, mas o que vale é você cumprir sua missão de acordo. Dar uma boa educação fazer uma boa pesquisa e fazer uma boa extensão, então nesse sentido os rankings são legais porque pra uma universidade nova como a ufabc ele nos identifica logo sabe? Nos coloca numa posição que nós demoraríamos cinquenta anos pra chegar se fosse pelo método antigo...

Eduardo: E te obriga a perseguir nessa toada...

Sujeito 1: E a gente não fez nada pra isso, a gente fez aquilo que a gente achava que devia fazer e deu o ranking aí todo mundo pô UFABC, UFABC e isso nos faz tornar conhecido e tornar alvo tanto de professores quando de funcionários, de alunos, de parceiros internacionais quer dizer, ver que isso melhora, melhora o país, melhora tudo

Eduardo: Kamienski, você tá participando daquela associação de assessores internacionais de universidades? Não a Faubai, tem uma outra...

Sujeito 1: Nacional não, nacional é só a Faubai, tem outra que é só das universidades federais que é o cegrifes, esse eu participo, é o colégio dos gestores de relações internacionais das instituições federais de ensino superior porque é da Andifes né.

Eduardo: É... Ali eu não sei por que pelo seu conhecimento, obviamente você tem sempre informações, alguns dados e tal. Você diria que o processo e internacionalização, no nosso caso, no Brasil, pensando no Brasil, na nossa estrutura, sistema universitário etc. Nos estamos mais correndo atrás e indo mais pra fora, nós somos mais emissor de cabeças e talentos, do que receptores, ou seja, nosso diálogo tá pouco horizontalizado e quais as possibilidades que nos temos de ir horizontalizando mais o dialogo, ou seja, não sermos...vamos chamar aqui e isso é que vai ouvir na literatura acadêmica em geral, visões mais críticas, não sermos recolonizados, digamos assim pelo conhecimento.

Sujeito 1: O próprio programa ciência sem fronteiras tinha muito esse objetivo de mandar os alunos pro exterior, uma das críticas que tinha é que tinha que trazer mais estrangeiros para cá. Você tem que [...] o ambiente aqui né. Eu acho que sim, existe muito isso, no ano passado eu fui chamado para... As escolas doutorais fizeram um tour pelo Brasil, qual era o objetivo? Pegar alunos de doutorado pra levar pra lá aí me chamaram, relações Brasil França para participar de um painel. Ai o pessoal fica jogando confete, o cara da usp tava lá ah nós temos muita relação com a França, a França é muito bom. Ai eu cheguei e disse é o seguinte, primeiro existia um modelo anterior de relação Brasil França que era assim, mestre-escravo. O brasil escravo, mandava o pessoal pra fazer doutorado o cara voltava pra cá e ficava sempre fazendo projetos de pesquisa com o orientador dele, mas assim, lá é o líder aqui é o seguidor e a linguagem de comunicação entre eles era obviamente o francês, eu não tenho nada contra falar francês mas qual é o novo modelo de cooperação brasi-frança que tem que ser implantado é assim, primeiro as relações são peers-to-peers, são de pares, são de iguais, depois nós aqui do brasil não queremos só mandar alunos, queremos receber

alunos de vocês, nós temos a infraestrutura, nós temos cérebro, nós queremos receber o de vocês também, e terceiro que a língua franca tem que ser inglês, claro se o francês falar português e o brasileiro falar francês ótimo porque daí facilita, mas senão se fala em inglês é assim que se fala no mundo todo, i teve uns caras que não gostaram. Mas não to dizendo que o brasileiro não pode ir pra lá, acho fantástico o que foi feito ao longo dos anos, mas tem que começar mudar um pouco a estratégia. Você tem que dizer assim, nós podemos de igual pra igual, eu nunca me coloquei como “coitadinho, nós vamos mandar...”, eu sempre me coloco de igual pra igual. Ó eu tive na NAFSTA em los Angeles na mesa, aí vieram pessoal da universidade da Califórnia [...] que é uma das universidades da Califórnia, universidade de excelência do sistema, aí eram duas mulheres que queriam vender summer programas, eu disse pra elas olha, somos uma universidade publica e nós não cobramos dos alunos, só rpoa gente não perder nosso tempo não adianta a gente conversar sobre isso porque nós não oferecemos para nossos alunos nenhum programa pago ou seja você ta querendo vender um programa e nós não oferecemos então não adianta. Mas tem umas universidades particulares aqui a PUC, talvez elas tenham interesses aí elas “mas sua universidade como é? Ai eu comecei a explicar como era o projeto pedagógico e elas perguntando, e aí elas “gosto que você é bem empolgado né aí eu disse “sou né eu gosto” aí ela disse “quem sabe a minha universidade pode fazer como a sua” entendeu, quer dizer universidade da california[...] quer dizer, eu não me coloco de maneira nenhuma como sendo terceiro-mundista, como sendo inferior a eles, a gente tá no mesmo nível, eu sempre me coloco desse jeito. Eu não digo que essa é a maneira como outros pessoais de relações internacionais do Brasil se coloca mas eu me coloco dessa maneira.

Eduardo: Desculpa, mas uma pergunta chama outra. Mas eu juro que é a última. Como é que você vê esse processo de... Fazendo a pesquisa lá com a pró-reitora inclusive, especificamente a pró-reitora de relações internacionais da UNILA. Ai no final das contas eu provoqueei essa questão e ela me respondeu é “é de fato, a própria Dilma chegou a usar essa expressão” que as nossas universidade internacionais, ou projetos de universidades internacionais que no caso [...] é o braço acadêmico da política externa brasileira , como é que você vê isso? E mais ainda, você entende que se as universidades, lugares produtores de conhecimento, formação de pessoas etc. e tal...(fim do áudio)

SUJEITO 2

Sujeito 2: ...ela acaba sendo uma fonte de desigualdade, o próprio acesso não as políticas de internacionalização, mas a própria possibilidade que algumas pessoas tem de ter contato exterior, vamos usar esse termo ela gera desigualdade porque hoje uma pessoa que pode passar dois anos fora estudando, mesmo que não seja um estudo de alto

nível, mesmo que não seja algo espetacular só o fato de ela conhecer outra cultura ter acesso a outro idioma ela já sai a frente da outra que não pode então isso já é uma desigualdade, isso já é um agravante da desigualdade então a UFABC tem a função de diminuir desigualdade, ela deve tentar, eu acho que parte da política de internacionalização da universidade publica é tentar corrigir um pouco essa desigualdade que os alunos, os adolescentes [...] então a primeira delas é o próprio idioma, então acho que o que instituição tentou fazer foi na medida do possível criar cursos de idiomas né...e na época do ciência sem fronteiras o próprio governo criou esses cursos de idioma pra pelo menos preparar o aluno para conseguir começar a estudar lá fora. Bom antes de falar dos [...] você tinha perguntado o que que acho no contexto atual a importância da internacionalização. Eu acho que na verdade vou citar uma experiência, esse congresso que eu organizei aqui em 2009 [...] ele foi uma série de congressos de escolas na realidade, organizado por um grupo [...] harris[...] aí tem alguns outros americanos, um indiano enfim era um grupo que eu organizava essas escolas em alguns países a primeira delas, a nossa é a segunda, a primeira foi na Índia e como eu ia organizar essa daqui eu fui nessa da Índia, não só para participar mas também como preparar pra organizar a nossa, que é bem difícil [...] semanas usando o laboratório a gente chama de [...] of school então você não faz seminário só, a gente faz experimento então fica todo mundo fazendo experimentos, aprendendo. Desde experimentos, computação, tem várias coisas. E aí eu me lembro que um dia lá no almoço, e lá na Índia nós fomos num instituto. Um instituto que você fica lá dentro, é grande é quase um sítio, e aí num dos almoços eu me dei conta que eu tava numa mesa com uma libanesa, um palestino, um israelense e um americano almoçando e aí eu brinquei que a paz é possível né, brincando. Porque de certa maneira quando você faz ciência internacionalizada você naturalmente você colabora com pessoas sem olhar nada né. Claro que é muito preconceito, não vou negar, mas se você consegue ultrapassar os preconceitos você colabora com as pessoas isso acaba, se a pessoa tem o que te ajudar e você ajuda daí que saem as colaborações, então eu acho que uma parte da ciência, nesse caso física e matemática elas se acostumaram pouco no mundo tem muito preconceito, tem sexismo tem racismo obviamente a gente sabe que isso existe mesmo nas ciências, mas você consegue superar isso, então o processo de internacionalização do mundo uma das funções pra mim também é você poder[...] é aquele princípio básico, se você convive com pessoas de outras culturas, você, não vai querer matar essas pessoas, claro que não quero matar ninguém, mas acho que o processo de

internacionalização é necessário pro mundo e acho que a universidade é um ambiente que isso é possível, você tem razões pra você fazer isso, você tem desculpas pra você fazer isso, talvez [...] é como...porque é interessante porque a globalização ao meu ver, olha eu sou um físico hein, então não leva muito a sério(risos). A globalização a meu ver a gente podia pensar que a globalização e internacionalização são sinônimos e na [...] de palavras até são de certa forma mas interpretação histórica que se da a ela s ou o que cada uma representa atualmente a meu ver não são, pro exemplo quando você tem a globalização ela faz com que, sei lá a Zara[...] mas uma indústria têxtil qualquer ela vive com trabalho semiescravo, usa mão de obra semiescrava

Raquel: É realmente, mas é o que é né, é verdade, sim [...] entre outras marcas...

Sujeito 2: A apple se usa...a globalização ela permite esses absurdos talvez a internacionalização seja a saída para a defesa da globalização nesse momento porque se você compartilhar conhecimento com o provo do sudeste asiático, você criar essa empatia com as pessoas do sudeste asiático, você talvez comece a mudar um pouco essa visão. Você já ouviu falar em um reality show na Dinamarca, acho que foi na Dinamarca de algumas blogueiras de moda que foram pra algum país do sudeste asiático, não lembro qual que havia trabalho escravo e que foram visitar crianças que trabalham na indústria têxtil de 12 a 14h por dia e aí em dois dias elas falaram que nunca mais iam escrever sobre moda (risos). Então acho que a internacionalização o primeiro papel é esse claro que com isso vem a aquisição do conhecimento e acho que hoje não existe aquisição dos conhecimentos e você não trabalhar com a aquisição do conhecimento de maneira internacional, para que não haja nenhuma nação frágil no mundo que não haja nenhum povo que precise se sujeitar a trabalhar como escravo e por exemplo passar fome o papel da [...] ao meu ver é esse. E ai para um país, pensando mais localmente, para você desenvolver tecnologia conhecimento enfim, você precisa saber o que é feito no mundo e precisa saber o que você faz também, acho que não existe, o conhecimento local ele naturalmente é limitado, mesmo a origem deles sendo local ele acaba sendo limitado. E isso é engraçado, não tinha pensado nisso que eu vou falar agora, mas uma das bases da UFABC é interdisciplinaridade que é o estudo...que você tem uma mistura entre disciplinas e uma das coisas que acontecem bem interessante na interdisciplinaridade é que as vezes por exemplo, vou falar da minha área um pouquinho. Em física tem uma área da física chamada física estatística que é basicamente é posso dizer assim, formalmente tinha uma parte da física que lidava com

termodinâmica e tal, pressão temperatura e aí depois você começou a lidar isso de uma maneira menos empírica, menos teórico e aí principalmente depois com mecânica quântica você conseguiu explicar como funciona e aí na física se desenvolveu várias técnicas e vários resultados e aí alguns resultados de física e estatística hoje são utilizados por exemplo pra estudar comportamento em multidão, que não tem nada a ver com dispersão de multidão em pânico, coisa que não tem nada a ver diretamente com a física, isso é um exemplo de interdisciplinaridade, uma coisa que você pegou uma coisa que em origem é estudar gases coisas assim e você usa como também de multidão. Você tem, por exemplo, fluidos o pessoal que estuda mecânica de fluido você usa alguns resultados pra[...] então você tem[...]então de certa maneira você pode pensar que se você estuda uma técnica, desenvolve uma técnica contando com aquele exemplo lá de produtos agrícolas pra estudar os produtos agrícolas específicos do Brasil, pode ser que alguém que plante na Austrália um produto diferente perceba a coisa que você utilizou e adapte a sua realidade para resolver o seu problema, às vezes resolveu um problema que é diferente mas a natureza do problema é muito parecida então você aplica no seu problema então até nisso a internacionalização acaba trabalhando junto com a interdisciplinaridade de certa maneira porque você resolve conflitos aqui e de repente você...então...bom o que mais que você tem[...] só pra..eu já to...

Raquel: Você já está respondendo várias perguntas professor, pode continuar (risos) Tá muito bom. Bom, você já me falou um pouquinho sobre as questões de implantações a questão de implantar e porque implantar uma universidade federal nessa região do ABC especificamente aqui esse novo modelo de universidade aqui no ABC.

Sujeito 2: Bom, [...] posso ser mais honesto para você?

Raquel: Por favor!

Sujeito 2: É que assim, alguns meios históricos eu não tenho acesso até porque ninguém tem acesso, mas eu diria que esse modelo foi pensado a bastante tempo foi discutido [...] há bastante tempo, liderado pelo Bevilacqua entre outras pessoas, havia uma ideia que se fosse uma universidade federal numa região carente de universidade, e São Paulo é uma região carente de universidade pública e uma das regiões que você faz se pegar a população do estado de São Paulo e comparar com o número de vagas em universidade pública é o estado que tinha menos vagas em universidades públicas do Brasil porque é um estado muito grande, pouquíssimas vagas, [...] e a região do ABC era uma região muito populosa, uma região que passa ainda por transformação porque se

você pegar as montadoras da época da década de 80 sei lá, do abc, você produzia uma montadora ela fazia quase todas as etapas de produção de um carro, então você precisava de muito mais gente trabalhando. Hoje não, hoje você tem a mecanização muito grande, boa parte das montadoras elas pegam uma peça produzida na China, outra sei lá onde, outra no Brasil e juntam tudo, então o abc passa ainda por uma crise muito grande com o desemprego gerado pelas montadoras, e aí é importante estrategicamente que a região se redefina e uma universidade tem esse papel da redefinição de maneira geral... Novos campos de estudo, uma nova relação da indústrias, uma das ambições da federal do abc é ter uma relação com a indústria aqui[...] ao meu ver a[...] brasileira é muito atrasado, ele não respeita o conhecimento universitário, então é muito difícil você chegar, talvez universitários brasileiro também você [...] não conseguiu conversar muito com a indústria e uma das propostas pra você ter uma ideia uma das épocas quando começou a ciência sem fronteiras a gente fez uma expedição para os Estados Unidos para ver as universidades, o piloto do[...]foi nos Estados Unidos então eu e outras pessoas que cuidavam dessas áreas viajamos para os Estados Unidos a convite do governo e a gente foi com a região do meio oeste americano, acredite isso tem a ver com o que eu tava falando do abc. É muito engraçado, você vai lá no meio oeste americano e tem milho, milho, milho e de repente uma universidade. (risos) [trecho confuso] de repente você chega e tem uma universidade enorme né. E aí um é pró-reitor, provavelmente não mas na época ele era, e aí ele perguntou e disseram, aqui desenvolvem é tipo uma incubadora que desenvolviam produtos pra indústria, e ele perguntou como é que era feita a divisão dos Royalties se surgisse um produto novo, aí a pessoa que tava lá respondeu: vai tudo pra universidade, não existe isso aqui. Estamos falando dos Estados Unidos, um país capitalista que todo mundo quer ganhar dinheiro, não tá falando de um país...que né. E porque isso, porque os empresários sabem que embora todos os royalties daquele produto vai pra universidade, eles aprenderem a fazer aquele produto e eles vão vender, eles vão ter o lucro e vão desenvolver coisas posteriores depois disso. Aqui quando você consegue dividir os royalties é raríssimo, é comemorado quando você consegue. Então a gente tenta um pouco aqui mudar essa mentalidade né, então ainda está patinando mas há uma missão da universidade de tentar. Eles já tem relações com a indústria química talvez seja a indústria que tenha melhor relação com a universidade no Brasil e um pouco a parte da agro indústria, embora atualmente está faltando muita coisa, mas tinha...

Raquel: existe algum trabalho em conjunto coma UFABC com as empresas, as indústrias da região do abc, existe uma proposta de [...]

Sujeito 2: a gente tem uma coisa chamada doutorado industrial. Que é um doutorado normal que partes do... Eu não sei exatamente o tempo e tal... Mas parte da formação do aluno ele fica na indústria. Parte da tese dele é desenvolver alguma coisa pra indústria. Então esse projeto tá funcionando na universidade e tem vários convênios, muito convenio com indústrias [...] ainda ta crescendo mas...

Raquel: Os documentos da UFABC ele estabelece alguns objetivos específicos em relação aos posicionamentos e as expectativas em relação aso rankings universitários né? Isso significa que existe um modelo universitário de internacionalização que vocês perseguem, por exemplo, ser uma world class university, como a universidade de pesquisa se posiciona e como a questão da internacionalização enxerga essa coisa dos rankings universitários

Sujeito 2: A meu ver eu acho que não pode desprezar os rankings e “ah vamos fazer tudo e o que for bom é bom e o que não for bom não é bom” mas ao meu ver eu acho que os rankings eles devem emitir uma melhora uma excelência da universidade, vamos dizer assim, em todos os aspectos e a gente tem a ambição de ser uma universidade com importância internacional, sem nenhuma dúvida. E pra isso a gente o processo de internacionalização nesse sentido ele passa a meu ver duas coisas: não atrapalhar a vida de quem já tem colaborações internacionais, se alguém tem colaboração internacional, faz parte de um grupo enfim, recebe pessoas, a gente tem que facilitar a vida e facilitar a vida se ele quiser trazer um visitante e facilitar a vida ele quiser passar uns meses fora, não necessariamente financiar porque geralmente quem tem colaboração internacional consegue bolsa de FAPESP etc, não precisa nem de verba interna, mas de facilitar né, na medida do possível, a documentação[...] burocrático então acho que nosso papel um pouco é isso. Por outro lado as áreas de conhecimentos do brasil são muito pouco internacionalizadas e eu acho que a universidade deveria, essa é a minha parte mais[...] da internacionalização, porque você precisa de dinheiro assim é mais fácil você conseguir mandar um aluno estudante da graduação pra fora, claro se você tiver condições de fazer isso, porque ele ainda tá em formação então ele faz matérias lá e volta, mas você tentar um docente, pesquisador que não tem nenhuma tradição de colaboração internacional começar a colaborar internacionalmente é muito difícil porque você acaba interferindo na carreira, isso é difícil acho que a universidade é

muito limitada no que ela pode fazer, mas de qualquer modo pra que agente seja uma universidade com excelência de pesquisa, ensino e extensão, é importante que quase todo professor tenha a possibilidade de ter um contato com o exterior, colaboração exterior. Não necessariamente colaborar com coautor, mas você ter acesso as pesquisas no resto do mundo, você tem que evitar ficar fechado no seu ambiente. E isso a gente tenta fazer, só que essa é a parte da internacionalização que depende muito mais do corpo docente como um todo do que da pessoa que fique naquele[...] o que eu acho que a universidade tem que facilitar, o que é facilitar, pro exemplo, tem esse nosso projeto e não tem nenhum servidor que fale inglês, então a gente tem cursos pra que os servidores falem inglês, pelo menos pra que, vamos supor, chega um convidado internacional e eu me atrasei, aí precisa de alguém pra explicar, senta espera um pouco, toma um como d'agua, enfim, o mínimo que a gente pode fazer[...] então esse tipo de ambiente que é receptivo a quem vem de fora nós temos que criar na universidade, agora os rankings devem ser uma consequência disso e a gente aparece bem nos rankings...não...eu não gosto do ranking da folha tá e eu posso falar isso com tranquilidade porque a gente ficou em primeiro lugar em internacionalização quando eu era da assessoria, então posso falar tranquilamente...(risos)

Raquel: justamente o que nos instigou a vir conhecer a política foi justamente essa colocação nos rankings, se quiser falar um pouquinho sobre isso.

Sujeito 2: mas de fato, em geral os rankings internacionais a gente vai crescendo consequentemente em todos os anos, principalmente porque nossa pesquisa aqui é muito internacionalizada... É de qualidade, hoje em dia pra ser pesquisa de qualidade ela tem que ter alguma repercussão internacional. Uma boa parte[...] fato que as vezes[...] pesquisas aqui, você acaba com o desmatamento da Amazônia[...] ou vou falar mais próxima a pesquisa que você consegue resolver alguma coisa que acabe com a poluição do Tietê por exemplo, isso é um resultado local muito bom e é pesquisa de alto nível, mas até nisso você vai ser reconhecido internacionalmente porque se você acaba com a poluição do Tietê por mais que o grande resultado seja um resultado visível[...] se quiser que[...] é, essa técnica você vai ter repercussão internacional, então para você ter uma ideia que uma coisa local você acaba...então eu vejo que o nosso objetivo é um pouco esse, para você ser uma universidade de alto nível você precisa ter políticas de internacionalização você precisa ter uma mentalidade...quando eu passei já...quando eu fiz [...] mas eu já visitei algumas universidades em congresso e tal, uma das coisas que

você vê nas grandes universidades e no MIT particularmente você chega lá não é que você...claro, um país desenvolvido eles tem mais dinheiro é normal, mas não é que você vê uma...por exemplo fui assistir um curso lá e ficava assistindo como ouvinte porque eu não era aluno mas... a sala de aula fedida e não tinha nenhuma cadeira igual a outra, era tudo improvisada, não era uma coisa maravilhosa então não que [...] todas as salas maravilhosas não, não é essa a questão. A questão que as vezes tem o governo [...] computadores novos nas escolas e tal mas não paga nada pro professor aí não adianta, é melhor não ter computador nenhum, só uma lousa e um giz, mas um professor bem pago e com boas [...] trabalho, certamente seria muito melhor. Mas o que é que tem, você tem um ambiente que você está andando aí tem seminários e [...]que você assiste e é muito bom, você quer conversar sobre alguma coisa sempre tem alguém que entende sobre aquele assunto, então você tem um ambiente que te propicia aumentar o conhecimento e é isso que agente deveria [...] na universidade, não é uma coisa assim, salas lindas, pode ter salas feias, faz parte, acontece, o ideal é que não, claro, mas isso acontece. Mas é um ambiente que você tenha ambientes de conhecimento, que você tenha uma, por exemplo, hoje tá tendo uma semana de relações internacionais aqui, depois se quiser tem seminários (risos) aí na minha área de[...] mas você chega na universidade você acha legal você ver que tem gente de outros lugares, pessoas diferentes então isso é um pouco que acho que motiva um pouco essa parte não só da internacionalização mas da universidade como um todo é que a internacionalização é obviamente necessário porque as pessoas diferentes[...]

Raquel: É verdade. a gente tá acabando, só tenho mais umas perguntas. Mas isso que o senhor falou, isso significa que por exemplo a UFABC ela tem um modelo de universidade internacionalizada, ela tem algum modelo universitário internacionalizado que ela percebe, ela quer se tornar uma world class university?

Sujeito 2: Bom ela quer, virar uma universidade internacionalizada como um todo. Mas eu posso até falar por mim, porque quando eu comecei na relações internacionais a primeira coisa que eu fiz foi buscar universidades próximas pra saber o que eles fizeram, então eu conversei com quem cuidava na época do setor na UNIFESP pra saber como é que eles eram e tal e aí não sei se a gente tem um modelo específico, mas se você vai pra universidades fora do Brasil não são muito diferentes né na realidade, o que que você quer não tem um modelo[...] melhor do que dessa e tal, não tem exatamente uma grande diferença. O que a gente tem que fazer, o que tem que acontecer é que tem

que ser natural a internacionalização a gente tem que chegar num nível que você não precisa chegar e dizer “ah qual é a política de internacionalização da universidade?” Não, ela é natural a gente tem que chegar num nível de vir gente de fora, ir aluno pra fora, vir pessoas de fora, servidores. Você ter essa mobilidade tem que passar a ser natural, então no fundo o ideal é que se daqui há 10 anos fosse fazer a...vamos supor que você publica um livro disso e você fosse fazer uma edição atualizada que a pessoa que tivesse aqui na internacionalização falasse olha a gente tem uma política de internacionalização, mas a gente faz as coisas funcionarem, tem que ser algo meio...tem que ser algo natural, tem que ter tudo funcionando . Por exemplo, hoje a gente tem disciplinas em inglês pra quem vem de fora assistir aulas em inglês e pra gente daqui também começar a entender como é que se assiste disciplinas em outros idiomas pra começar a vender[...] então na realidade acho que isso que deve ser pensado né. Claro, hoje você tem também alguns grupos o brasil por exemplo tem grupo Coimbra de universidade, aliás eu nem sei como tá atualmente mas é um grupo cujo objetivo é juntar brasileiros pra processos de internacionalização, isso existe. Mas o objetivo é que seja natural, claro. Por exemplo, fui para os estados unidos, o Estados Unidos tem uma dificuldade que toda universidade tem que o visto lá é um saco, então o setor lá de internacionalização é um setor grande que entre outras coisas tem que ter todo um contato com embaixada com sei lá, qual o setor americano pra...então tem essas peculiaridades de cada país então isso é algo a ser desenvolvido também né. Que é um setor muito eficiente e tal, quando a gente chegou lá, todo mundo que chegou na leva comigo em todas as áreas a gente foi recebido com uma grande, uma grande recepção pra todo mundo e tal então isso tem que ter também, mas tem que ser um processo autoral, você quer vir pra cá tem lá um edital pra alunos...matricula de alunos internacionais que se abra periodicamente, então o objetivo nosso, e ai que vem a...foi a gente que criou a administração de internacionalização, foi uma cosia da[...] e um dos objetivos era a [...] da internacionalização e acho que essa é a grande digamos assim...se eu tentar pensar qual era o projeto que você pensava na época que você assumiu aqui, algumas cosias deram certo outras deram erradas quando eu falo[...] reunião com o Bauer no final do ano, falávamos com os pro reitores, dirigentes falavam com o reitor[...] vou falar pra você o que deu certo e o que deu errado, faz parte é importante você ter isso[...] mas o objetivo que a gente cumpriu parcialmente provavelmente o Kamienski dever ter melhorado um pouco e provavelmente o[...] vai melhorar mais ainda é capilarizar a internacionalização pra que ela seja natural então ela não pode ser

centralizada na assessoria, por que a gente criou os agentes de internacionalização para que cada grupo, pra cada graduação ou cada pós-graduação tivesse alguém cujo objetivo é bom...eles foram importantes no ciência sem fronteiras por exemplo...é ajudar lá no plano de trabalho dos alunos sei lá engenheiros [...] por exemplo, ai ele tinha lá uma pessoa que não era o coordenador justamente o coordenador do curso de graduação, pós graduação ele tem trabalhos muitos pesados então pra alguém ficar só nisso geralmente alguém que tem muitas experiência, vários deles são pessoas estrangeiras e tal, e os objetivos eram esses porque aí o curso começa a nadar sozinho e ai uma das coisas que começou a fazer, ainda ta muito lento assim é que todo curso tem que ter uma página em inglês, toda disciplina tem que ter uma emenda em inglês e isso não tem como se [...] então pode dizer que o grande objetivo que eu tinha era pensar a internacionalização de maneira horizontal, porque aí é natural quer dizer, um pessoal que vai fazer pós-doc fora, ele só precisa ir porá área[...] precisa de ajuda, precisa [...] dar satisfação no máximo [...] colocar na estatística pra registro que é importante saber, isso é importante pros dados, o registro é muito importante pros dados pra você poder falar. Agora e quanto mais você faz isso é mais natural, é mais natural porque os alunos que agora que viajaram se alguns virarem professores se alguns forem trabalhar em indústria no mercado eles vão já ter um pouco dessa mentalidade, então acho que esse seria o grande objetivo [...]

Raquel: Falando sobre essa questão de ser um processo natural, tem no registro da página da assessoria que até 2015 um dos objetivos da internacionalização aqui na UFABC é tornar ela um elemento fundamental do desenvolvimento das atividades indissociáveis né que é ensino, pesquisa e extensão. A internacionalização ela seria uma quarta missão da UFABC?

Sujeito 2: Quarta missão pensando que[...] ensino e pesquisa e tal. Bom eu acho que a quarta missão nesse sentido da coisa é a inclusão. Isso é uma coisa mais clara pra gente, ensino pesquisa, extensão e inclusão, isso seria as 4 grande missões que geralmente a gente...[...] eu não diria que ela é a quinta missão, eu diria que internacionalização eu não diria que ela é a quinta missão, pra nós, eu diria que ela se você conseguir cada um dos contextos em papel, mas ela faz com que todas as missões atinjam um patamar maior, ela é muito mais algo....como eu falei, eu tenho uma visão de internacionalização sendo algo horizontal, então você tem 4 missões, se você tem essa internacionalização você sobe, quando você tira esse tripé aqui você sobe como se aumentasse a altura do

sustento, você sobe[...] como um todo, acho que o papel dela é mais esse de você melhorar o nível...pesquisa, hoje em dia pesquisa não internacional é muito [...] como eu falei. A deram o desafio pra gente, ainda falta muito e isso é da área de ensino, entender como a internacionalização ela...qual a relação dela com a área de ensino, como você tem que trazer isso pra área de ensino, de graduação mesmo, técnicas de ensino, entender o que deu certo e o que deu errado no resto do mundo esse tipo de conhecimento relacionado ao ensino e também ensino básico, ensino fundamental, médio eu acho que a gente deveria ver as tentativas o que deu certo e o que deu errado as ideais de coisas possíveis no mundo e extensão também, extensão virou muito assim o "os outro" né, mas extensão aqui na universidade ela muito ligado a parte cultura, provavelmente o Pansarelli vai falar isso pra você. Então a parte de cultura você tem [áudio confuso] então eu acho que eu não diria pode ser que [...] diferente, mas eu não penso com o um quinto pilar digamos assim mais como algo que faz que suba todos os pilares pra cima...

Raquel: agora um pouquinho mais de uma questão de contexto...

Sujeito 2: Desculpa se eu to meio devagar, porque faz tempo que eu não falo sobre. Então eu tenho que lembrar as coisas (risos)

Raquel: Não professor, fica à vontade, eu quero ouvir, estou aqui para ouvi-lo e quero saber mais sobre a sua visão e seus pontos de vista, isso é muito importante pra mim, e voltando um pouquinho mais pro contexto da pratica mesmo, qual é a política interna de internacionalização que a universidade estabeleceu né a sua relação em presença no âmbito da gestão universitária. Então assim, seus princípios, valores objetivos assim, desde a da formação, como senhor foi o primeiro gestor eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre isso pra mim.

Sujeito 2: a gente foi um pouco atropelado pelo ciência sem fronteiras...não, foi ótimo, fomos atropelados no sentido que a gente chegou do zero a mandar mais de mil alunos pro exterior, isso em ...acho que a gente tinha chegado a enviar 1000 alunos em 2 anos...

Raquel: até pela linha mesmo né, engenharia, matemática...

Sujeito 2: então uma das grandes coisas que eu acho que a gente fez, bom...vamos pensar as [...] então acho que o princípio básico que eu te falei, pelo menos que eu pensava na época da RI que a gente conduzia eu e [...] primeiro era uma mentalidade um pouco horizontal de você tentar como eu falei colocar, eu penso em sistema de

sangue você vai bombeando sangue pra que lá nos cantinhos, os setores...o setor de administração geralmente tá muito longe da práxis acadêmica que ele também tivesse internacionalização e a internacionalização chegasse nele, então que toda universidade fosse contaminada um pouco por esse setor, é interessante que quando foi criado o cargo muita gente falava assim, pra que criar esse cargo, tanta coisa na universidade, pra que que você vai criar esse cargo de direção, esse setor[áudio confuso] isso [...] era existente[...] então a primeira parte é essa você vai capilarizar ou seja[...] de uma maneira que todos setores agora tivessem acesso, a gente criou uma política específica pro ciência sem fronteiras pros aluno então uma das coisas que a gente tentou fazer para os alunos, até porque o [...] já tinha falado um pouco das possibilidades desses programas a gente começou a preparar a universidade para os alunos apara que aproveitasse ao máximo qualquer tipo de [...] no exterior então uma das coisas que a gente fez foi criar mecanismos para que por exemplo a [...] da disciplina cursada no exterior fosse razoavelmente simples aqui. Pelo que eu conversei com alguns colegas de outras universidades parece que teve sucesso. Uma das razões de ter sucesso foi por que a gente é muito novo, a gente começou do zero, as universidades que já faziam isso a muito tempo elas faziam isso [...] nenhum grande programa de intercâmbio da graduação então elas tiveram destruir o que já existia obviamente com uma inercia muito grande, ou com uma...é muito difícil modificar o que já existe do que você criar uma coisa do nada e a gente teve essa vantagem, como não tinha nada a gente já criou pensando nessa perspectiva do ciência sem fronteiras, foi um pouquinho antes que a gente criou, a gente passou umas resoluções de como você poderia...como validar créditos, a gente criou uma maneira de você...ah as vezes você tem três disciplinas do exterior que valem duas aqui, então você podia fazer essa sei lá você pra Universidade que divide...você tem uma disciplina[...] são quatro horas semanais ou seis horas semanais e aí tem uma universidade tem duas disciplinas como se fossem duas de duas horas aí você consegue convalidar e vice e versa, pra facilitar o aproveitamento do estudante no exterior. Então a gente pouco conhecido que o aluno podia cursas a graduação nossa e alguma disciplina ele podia fazer em outra universidade. E isso foi um mecanismo de pratica que a gente criou pra que facilitasse o aluno[...] e não só isso, servir par outros programas também. Então no caso dos alunos a gente fez isso e outra coisa que a gente fez também foi gerar o histórico escolar do aluno em inglês, direto. Ele gera em português e aí o que a gente fez foi um trabalho grande, eles traduziram todas as disciplinas, só o nome, com ajuda de alguns..[...] ajudaram outros não, é

sempre assim né. **..[áudio confuso...]**claro a gente...é fácil porque geralmente você puxa a disciplina ela tá num código e aí você puxa em inglês associa esse código então...e aí a gente tentou vencer algumas burocracias, por exemplo. A universidade ela não pode emitir documento oficial em inglês, a menos que se tenha[...] eu não posso então o que a gente faz, a gente emite o documento oficial, o histórico oficial em português e a gente emitia um em inglês da assessoria, e aí com o assessor ou alguém da época da assessoria assinava que é compatível com o original, então isso diminuiu muito a burocracia e a gente venceu esse**[...áudio prejudicado]** mas o setor da universidade reconhece que a tradução é compatível então facilitou muito a vida dos alunos por exemplo, e depois o que a gente faz é que no histórico aparece a disciplina que o aluno fez no exterior ela aparece no histórico gerado quando são convalidados, então não é só assim, a equivalência uma disciplina você tem equivalência além disso tem o anexo que é o histórico o nome da disciplina, isso tudo aparece também no histórico então a experiência internacional não fica...ah convalidou, não ela fica[...] então isso é uma coisa que a gente fez, tentava analisar e facilitar a vida de quem vai e volta do exterior, isso para os alunos. A gente [...], dos acordos também, outra parte prática que a gente fez foi tentar facilitar os acordos de cooperação, então pra eles a gente tentou criar de tal forma que não precisava, por exemplo, eu conversei com uma...esqueci o nome dela...a moça da UNIFESP, e ela falava que lá era tinha que fazer e era muito burocrático porque tinha que passar pelo procurador, e tinha que tradução juramentada então eles atrasavam muito o acordo, e é muito chato você pedir pra...ou pedir pra alguém de fora assinar um acordo[...] então o que a gente fez, a gente passou a escrever os acordos de maneira bilíngue então você tem acordo com sei lá, eu vou dar um exemplo real, a gente fez o acordo com uma universidade japonesa, e aí o texto do acordo era trilingue, português inglês e japonês, e o reitor assinava em português e inglês, o japonês e o inglês e a gente fazia muito isso, os acordos bilíngues ou trilingues, que aí ia pra lá você não tinha o que em princípio o reitor não pode assinar um documento [...] ele teria que estar em português então na verdade ele assina o documento em português então localmente[...] ele tem o português que ele assinou. Só que o que vale para a legislação para o país é que ele assinou o termo em inglês. Então resolvemos o problema, os acordos ficavam muito tranquilos porque a gente escrevia sempre uma versão bilíngue e a gente tentou procurar e aí tinha uma comissão que definiam os acordos, mas quando os acordos enviavam uma contribuição financeira no acordo a gente conseguia fazer de maneira muito clara. Claro que quando envolve uma colaboração financeira da

universidade aí[...] porque aí[...] mas a grande parte dos acordos de cooperação não envolvem, geralmente você vai e os meios pelos quais você consegue financiamento são editais de [...] tanto nacionais quanto internacionais e você usa esse acordo pra solicitar e aí você não precisa passar por burocracia e isso então é outro jeito que também é tentar facilitar ao máximo esse[...] o que a gente começou a fazer agora no final da [...] e não sei basicamente[...] foi a questão da possibilidade de dupla[...] até tinha um programa ligado a licenciatura com universidades portuguesas em que o aluno daqui ele passava dois anos em Coimbra fazendo projetos e aí depois [...] novas universidades e aí ele fica licenciado em matemáticas com dois títulos, licenciado em matemática no Brasil e em Coimbra, então a possibilidade de ter titulação inclusive é algo que a gente começou a fazer esse já existia, mas é algo que a gente tá começando a tentar também, então na prática o que a gente tentou fazer é facilitar a vida, facilitar a vida do aluno e facilitar a vida daqueles que[...] de acordo. Tem muita coisa que a gente ainda **[áudio prejudicado]** facilitar, e o grande desafio é vencer a burocracia porque a burocracia é muito grande, a gente conseguiu vencer nesses dois exemplos... Mas é possível, com criatividade você consegue. Quando não envolve dinheiro, você consegue, quando envolve complica, mas quando não envolve verba da universidade você consegue. E os princípios, você perguntou dos princípios...

Raquel: Valores, princípios, objetivos.

Sujeito 2: Olha, eu acho que o princípio básico seria a ideia de difusão do conhecimento o conhecimento[...], conhecimento aberto, você não ter um domínio em formação, é claro que tem os princípios éticos, você não pode ter nenhum tipo....é...todo tipo de interação, de...bom acho que os princípios são tão claros mas as vezes são até meio[...] de falar, você não pode ter nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de sexismo, nenhum tipo de...isso tudo é básico, a gente entende bem o problema, mas é a gente buscou por exemplo a internacionalização nossa é que hoje o Brasil vive uma certa crise econômica mas na época a gente tava numa época muito boa então a gente começou uns acordos que alguns caminharam outros nem tanto mas foi a ideia de que a gente [...] que receber, começar acordos pra mandar gente para grandes universidades e tal, também a universidade se [...] mais pobres[...] que nem a nossa e que a gente começou ter alguns acordos pra mandar professores para lá para ter interação de...e isso começou a entrar muito devagar porque como eles são mais pobres que a gente e a gente[...] digamos assim, isso acontece, mas a gente teve acordo com Moçambique,

então a gente começou a ter essa ideia também de que a internacionalização não é só pra você ir pra Harvard, [...] é também pra você ter contato com todo tipo de universidade, com todo tipo de país...

Raquel: Bom vamos para a última pergunta e eu dou uma folga para o senhor. Bom mais uma pergunta sobre a questão pratica é, quais os mecanismos postos em funcionamento, projetos...o senhor já falou um pouquinho sobre eles, mas eu quero aprofundar um pouco mais os projetos, os programas as ações para atingir os objetivos de internacionalização que a universidade tinha proposto. O senhor já mencionou o ciência sem fronteiras...

Sujeito 2: Ah o ciência sem fronteiras foi uma coisa que a gente...

Raquel: na verdade... Mas os próprios projetos, programas da própria universidade

Sujeito 2 G: Então isso é um desafio que a gente começou a enfrentar o porque a imagem que a gente fazia era o seguinte, era uma possibilidade muito grande pra você ter um contate enorme com universidades do mundo inteiro então a gente tentou usar o ciência sem fronteira pra a partir dai você tentar resolver aos poucos era uma universidade como[...] era um mecanismo de contato. Então a tentativa mesmo era ver oportunidades e na medida que houver oportunidade procurar acordos então com isso a gente na medida do possível[...] várias delegações, a delegação alemã[...] a gente pelo menos uma dez vezes aí tinha feiras de universidades europeias a gente tinha uma interação muito grande a com a comunidade sueca a universidade de [...] se escreve Linköping com K, a gente até tem acordo[...] mas o jeito que se escrevê não tem nada a ver, e aí pro exemplo lembra a época dos caças que tava...o brasil ia produzir uns caças e tava a Boeing, a [...] e o francês que é ligada, eu não lembro qual é o nome ligada a [...] ai rebemos os três, os três grupos daqui [...] gente da boing recebeu gente da [...] e recebeu gente da França e a SAR acabou ganhando e a SAR[...] eles estão muito ligados a universidade de Linköping Então a gente acabou tendo essa oportunidade e muitos professores nossos começaram a universidade de Linköping na época a gente chegou a ter um estagio no exterior na Boeing, foi um aluno nosso passou um tempo em Seattle pra fazer estagio na Boeing então a gente aproveitou essa oportunidade e começou a interagir, ele tinha interesse obviamente de mostrar a ele quer mostrar pro governo brasileiro que a gente ta interagindo com universidades brasileiras então eles tinham interesse de vir pra cá e a gente bom , vamos transformar esse papel em algo de verdade e a gente começou a ter uma interação e particularmente com a universidade de

Linköping a gente chegou a desenvolver alguma colaboração, e aí depois desses contatos aí professores que...a maioria das vezes eram professores, a gente tem alguns servidores administrativos que começam a interagir mas na maioria das vezes são professores e alunos porque é uma interação muito acadêmica, e aí os professores alguns pegam e vão pra vida toda, outros vão para projetos temporários de um ano enfim, mas depende do contexto e a gente conseguiu, aproveitou essa oportunidade e sempre que tem oportunidade a gente trazia tentava fazer um meio de campo, buscava aqui quem seriam os professores, quais seriam as áreas e atuações que tinham mais aderência digamos assim com as áreas daquela universidade a gente tentava fazer uma espécie de relações públicas e a gente conseguiu bastante coisa. E aí tem o [...] Martins pro exemplo ele tinha esse contato da Alemanha e agente trouxe pra cá e recebia [...] toda universidade apresentava ao grupos de pesquisas...

Raquel: O próprio reitor atual, né

Sujeito 2: O reitor. E aí a gente falava bastante coisa com essa universidade aproveitava as coisas que a gente tem o [...] alemão[...] chegava um representante da elevada e conversar alemão no brasil ele fica feliz da vida né, essa parte social é importante também. E daí a gente foi pegando volta e meia a gente tem chamadas pra possíveis colaborações com o pessoal desse grupo [...] que são três universidades e aí tem um outro professor que temos provação lá com uns russos, de uma universidade russa, só pra dar um exemplo, aí ele falou com a gente ah então tá vem pra cá a gente recebe, dava direito pra receber facilita o acordo e pronto, tem isso também, a gente tinha modelo de acordo pronto, se tem o acordo mais ou menos tranquilo [...] o modelo, já tá traduzido em português, inglês, espanhol e francês, tinha isso tudo pronto, então se universidade aceitasse, assinava, tava pronto então, tinha caso que era muito simples que era só pra facilitar[...] dois professores tudo bem, que outros são grandes projetos então o que a gente fazia era facilitar buscar oportunidades e tentar trazer, como eu falei né com o ciência sem fronteiras a gente trouxe muitas universidades e hoje ainda se trás, vem muita universidade ainda.

Raquel: no caso, alunos de outras universidades pra cá?...

Sujeito 2: Na maioria das vezes vem representantes das universidades, professores ou alguém ligado a [...] daquela própria universidade pra interagir com a gente, e aí eles abrem possibilidade do professor e os alunos....

Raquel: de ir... Mas aqui na UFABC vai mais alunos do que recebe, ou não?

Sujeito 2: Vai mais alunos pra ficar um tempo fora do que vir aqui, a gente recebeu muito aluno de fora já teve aluno da Alemanha, mexicano, tem muito aluno de pós-graduação, a gente tem o programa[...] que fornece bolsas para alunos de pós graduação da américa latina[...] esse programa mas tinha também, então a gente ainda manda muito mais do que recebe, isso é um problema né. [...] o brasil. Até porque a gente tinha muitos problemas pro exemplo, a gente tem muito assalto em santo André, na estação de trem... Quer dizer têm algumas dificuldades, moradias então a gente tem muita coisa estrutural que depende da gente e também não depende da gente, dificulta muito é o grande desafio da eterna[...] brasileira é que você vê principalmente aluno...é que professor, pelo salário, pela idade pela [...] de vida ele consegue ficar, alugar um hotel um apartamento enfim ele consegue, o aluno não, o aluno geralmente fica no alojamento, principalmente aluno que vem de outro pais, então a gente tem um esquema com república que a gente conseguiu fazer, receber gente de fora, mas ainda é muito inicial, foi um projeto que a gente teve que a gente chama de Casa de Família que honestamente eu não sei em que pé está hoje, a gente começou mas eu não sei onde. Só que ainda falta né a gente precisa abrir[...] depois o fluxo de gente vindo de fora, fora do brasil na graduação principalmente é muito pouco, fora da graduação já tem um número razoável , mas na graduação é muito pouco, então é um desafio que a gente tem...

SUJEITO 3

Raquel: hoje é dia 29/11, eu sou a Raquel e inicialmente eu vou pedir para a senhora dizer seu nome, sua formação, área de atuação na universidade, tempo de exercício docente, falar um pouquinho sobre a senhora e a sua formação.

Sujeito 4: Bom, meu nome é Thais Maia Araújo, eu tenho formação na área de combustão e propulsão, e eu estou na ufabc há uns três anos, acho que estou aqui desde 2015...isso, maio de 2015, então estou aqui há três anos, antes eu estava na UnB, e antes era engenharia de energia e agora engenharia aeroespacial. Eu dou aula desde 2010 na Federal e sempre nessa área técnica. Meu envolvimento com os alunos que saíram pro ciência sem fronteira é desde o início, desde o primeiro pessoal que foi pro Ciência, que inclusive acho que foram duas alunas e como era muito novo e ninguém sabia direito o que era aquele Ciência sem Fronteiras, aquele dinheiro que o país tava dando, vários alunos meus foram para Portugal, que foi onde conseguiu da noite pro dia contatos com instituições lá que também não sabiam o que fazer com aluno que tava chegando do nada, então Portugal foi um começo, acho que o primeiro ano. No segundo ano eles já cancelaram Portugal, porque o objetivo era o contato com uma língua inglesa ou com uma língua estrangeira, então Portugal eles realmente cancelaram porque a primeira leva foi muito para Portugal exatamente pela dificuldade da língua que ninguém tinha e logo depois eles descobriram e cancelaram Portugal. Estados Unidos foi um problema mandar alunos porque eles tinham um banco de universidades que não eram as principais e poucos alunos foram pra universidades de elite nos estados unidos, mas depois de dois anos o Ciência....todo mundo ficou sabendo e aí os alunos já começaram a se preparar melhor, aí já tinha obrigatoriedade do Toeffel e das outras e aí foi uma leva. Olha, eu posso garantir que uns cinco...oito anos...quanto tempo durou o ciência sem fronteiras? Acho que foi em 2011, 2012 até o ano passado. Com certeza eu mandei mais de cem alunos. Olha lá na energia, quando eu trabalhava na UnB na engenharia de

energia eu com certeza só da energia eu mandei uns cem lá, e aqui eu não mandei, mas eu recebi uns cinquenta, foram muitos alunos. E aí sim tem uma diversidade. Eu recentemente recebi alguns alunos da china, que eles foram no projeto, que foi muito interessante que eu conversei com ele eles foram e falavam muito pouco chinês, a china deixou eles seis meses ou um ano aprendendo mandarim, aí depois eles foram para as aulas, sofreram um monte e voltaram com aproveitamento, então com disciplinas feitas e com conceitos de passado, alguns tem conceitos [...] os outros passaram, enfrentaram suas dificuldades, mas sucesso total. Essa é uma experiência que eu...

Raquel: há quanto tempo a senhora está de exercício no trabalho como agente de internacionalização aqui?

Sujeito 4: Aqui, desde que eu cheguei, então tem três anos, ou dois anos e meio, um negócio assim.

Raquel: A senhora já chegou como agente..

Sujeito 4: Não, eu cheguei e logo em seguida o professor que era saiu e eu entrei no lugar dele.

Raquel: antes da senhora vir pra ufabc, a senhora já conhecia o projeto institucional, já tinha conhecimento?

Sujeito 4: da UFABC? Não, eu conheci quando eu comecei a lidar com a redistribuição, que eu vim redistribuída, eu era da federal de lá pra federal de cá, então eu continuo conhecendo o projeto pedagógico daqui todo diferente.

Raquel: eu vou entrar um pouquinho mais na questão dos agentes de internacionalização e daí a gente vai desenvolvendo. Quais foram os critérios de escolha do seu nome para a função de agente de internacionalização?

Sujeito 4: Olha, eu acho que como na aeroespacial a gente tem que assumir vários cargos que vai sendo distribuído e minha experiência com o Ciência Sem Fronteiras quando surgiu essa vaga o meu nome apareceu, mas foi por acaso

Raquel: A senhora considera que o projeto institucional da ufabc representa um a inovação em termos de política de educação superior no Brasil ou se trata de mais uma universidade federal como qualquer outra?

Sujeito 4: Não, é completamente diferente. E pra dizer que além do projeto pedagógico ser completamente diferente eu tenho muito contato com os alunos, porque eu cuido

muito de estágios de aluno e eu tenho recebido muito retorno de como as empresa gostam dos nossos alunos e o diferencial é por conta do treinamento que se tem aqui com esse projeto pedagógico diferente, ou seja, o quadrimestre você trabalha muito sob pressão, porque ele é curto, ele tem bastante cobrança, você tem uma prova atrás da outra e além de correr atrás de uma série de coisas isso tá dando um treinamento de lidar com pressão pros alunos que tá sendo visto como um grande vantagem nas empresas.

(Pausa na entrevista)

Raquel: Referente a sua experiência como agente aqui na universidade

Sujeito 4: Como assim?

Raquel: a gente tava conversando sobre como a senhora definiria a função do agente de internacionalização.

Sujeito 4: Ah tá. Aí você tem contato direto com o aluno. O aluno vem cheio de duvidas, ele é inseguro porque ele fez coisas lá e acredita que aqui não vão considerar nada para eles, e aí eu tento ajudar nisso e tento até por exemplo, a França tem um sistema completamente diferente de ensino, então as disciplinas hoje lá são em grupos, então o aluno as vezes não consegue tirar uma disciplinada dali, o que não é verdade, porque daí como a gente conhecedor...eu to falando tudo da aeroespacial. Aí eu consigo ajudar o aluno nesse sentido, de ver qual a disciplina que ele mais teve foco naquele grupo e consigo as vezes fazer uma equivalência de uma disciplina aqui, eu acho que isso ajuda o aluno porque daí ele traz mais créditos.

Raquel: Quais os objetivos que se busca alcançar e que orientam o trabalho dos agentes de internacionalização?

Sujeito 4: Não entendi.

Raquel: Quais os objetivos que se busca alcançar

Sujeito 4: Pois é, nesse ponto aí eu acho que é...ah, eu tenho outro[...] por exemplo, como agente de internacionalização a gente traduziu todas as ementas do curso de engenharia aeroespacial, eu fiz esse papel pra deixar inclusive pra vinda de alunos, para alunos poderem já comparar as ementas. Esse é um dos objetivos de internacionalizar a ufabc para atrair alunos para cá e ajudar os alunos que foram a comparar as ementas. Fora isso, como a gente era muito ocupado com o ciência sem fronteiras, era

basicamente esse meu papel, mas eu sei que tem agora um trabalho que tem que ser feito para trazer alunos.

Raquel: O trabalho do agente de internacionalização é dirigido a que público?

Sujeito 4: Pois é, boa pergunta (risos) a minha experiência é só alunos

Raquel: a parte da graduação

Sujeito 4: Só a parte de alunos.

Raquel: Há projetos prioritários, ciência sem fronteiras, [...] estudantil, ou programas específicos e áreas prioritárias como engenharia, administração...que devem ser desenvolvidas pelos estudantes, ou não?

Sujeito 4: Pelos estudantes?

Raquel: Com os estudantes, desenvolvida com os estudantes.

Sujeito 4: Pois é...antes do ciência sem fronteiras, você tem que buscar vários acordos bilaterais, então existem programas antigos com a França para poder mandar agora alunos nesses programas, eu sei que na aero tem um professor que faz com a Suécia, mas nesse caso pode ser diretamente só o professor ou a instituição que ele tem conhecimento e, obviamente, eu deveria interceder e ajudar essa troca, mas não tem sido feito.

Raquel: Agora eu queria falar um pouquinho da sua área específica. Como é operacionalizada a cooperação institucional estrangeira, ou projetos internacionais de pesquisa e mobilidade e como ela envolve os estudantes da sua área de competência.

Sujeito 4: Pois é, de novo, essa é uma pergunta boa para o Aníbal que deve estar mais atualizado, como eu to ainda só no...de novo, acabando com o ciência sem fronteiras, esse é um novo aspecto que nós temos que ver, de novo eu só conheço esses que você busca via as próprias universidades e faz os acordos e eu não conheço outro.

Raquel: Então da sua área em específico a demanda de alunos pra mobilidade são justamente nos programas tipo ciência sem fronteiras...

Sujeito 4: Isso, o principal foi esse. Os outros são sempre entre faculdades.

Raquel: dos acordos de cooperação...

Sujeito 4: Entendeu. Aí você consegue trocar alunos, eu sei que tem um com a Suécia.

Raquel: Estamos quase chegando ao final. Como a política de internacionalização chega aos estudantes, os professores, aos gestores? Isto é, cada ator acadêmico recebe e se relaciona com o trabalho desenvolvido pelos agentes?

Sujeito 4: Não que eu saiba. Acho que só se tiver uma demanda, porque...se é que eu entendi a pergunta. Se a gente trabalha junto com os professores e alunos?

Raquel: e de que forma essa política de internacionalização por exemplo o ciência sem fronteiras e outras políticas desenvolvidas na universidade chega aos outros professores?

Sujeito 4: Aí é divulgação né. Aí vai chegando...deve sair do projeto chega no diretor, diretor passa pra coordenador e vai chegando aos professores e aí eu acho que é papel do agente fazer a união dos professores de cada área

Raquel: Esse [...] trabalha nessa gestão de...

Sujeito 4: De novo, é tudo novo porque de internacionalização só tinha o ciência sem fronteiras, ele já consumia todo mundo, todo mundo trabalhando por conta do ciência, foi uma demanda absurda. Você já conversou com eles, os agentes. Porque eles é que sofrem

Raquel: A senhora é a segunda agente que eu to entrevistando, mas eu to super curiosa, que resultado que a senhora consegue perceber e eu acho que a senhora já me deu algumas referencias em relação a isso e já consegue contabilizar na sua área de atuação com essa mobilidade e com a internacionalização na UFABC?

(Entrevista interrompida)

Raquel: Eu gostaria de retomar as perguntas anteriores e recomeçar a entrevista com o Professor Aníbal. Porque eu gostei muito quando a senhora começou a falar na questão dos resultados ainda mais esse despertar de que o curso e área de vocês é uma das áreas mais internacionalizadas. Então eu gostaria de retomar essa pergunta sobre que resultados que a senhora consegue perceber nos alunos, na própria universidade e se a senhora consegue contabilizar na sua área de atuação todo esse processo de internacionalização que você vem vivenciando né, anteriormente já trabalhava com iniciativas de internacionalização e posteriormente como propriamente dita agente de internacionalização da ufabc, então gostaria que a senhora contasse um pouquinho.

Sujeito 4: Olha do ponto de vista dos alunos que voltam, eles voltam modificados, eles voltam amadurecidos, eles voltam como uma visão já ampliada de carreira, de faculdade e mesmo aqueles que fazem poucos cursos por dificuldade, ou da língua, ou qualquer que seja, eu sou completamente...quero deixar registrado que a minha experiência de todos os processos que eu vi, não teve nenhum aluno sem aproveitamento, ou seja, não foi...como eles falam, ciência...férias...

Sujeito 5: Que ao invés de ciência sem fronteiras, seria férias sem fronteiras...

Sujeito 4: Isso não aconteceu com a engenharia de energia na unb e nem na engenharia aeroespacial aqui. Nenhum aluno nosso foi fazer turismo, todos trouxeram disciplina, vários trouxeram estágio, e alguns trouxeram pesquisa. Então se eu puder dizer, foi cem por cento de aproveitamento, na engenharia aeroespacial.

Raquel: Professora, eu vou voltar um pouquinho lá pra UnB, porque está me chamando muito a atenção essa questão dentro da sua prática né, e das iniciativas de internacionalização que a senhora trabalhou na unb, então gostaria que a senhora me contasse um pouquinho do que a senhora já trabalhou em relação a...

Sujeito: Eu era coordenador do curso de energia quando saiu o ciência sem fronteiras, e uma aluna, uma única aluna chegou com essa história, e ela falava assim, professora tá aqui ó, o governo tá me dando dinheiro e eu falava assim “não existe isso” o governo não vai te dar dinheiro simplesmente.

Sujeito 5: Porque era novidade, o ciência entrou de um jeito totalmente bom.

Sujeito 4: Entrou, assim do nada e eu não sei como ela viu isso, foi épico.

Sujeito 5: Os alunos aproveitaram bem, mas a gente levou um susto

Sujeito 4: O diretor dizia, isso não existe, não vou ligar pra ninguém. “professor, eu só preciso de uma faculdade que aceite. Aí o que a gente fez, o primeiro não tinha nada Aníbal, a gente ligou pra Portugal pra [...] Olha a gente vai mandar uns alunos aí, mas como? Não, nós vamos pagar tudo, mas como? Aí a gente mandou um, depois foram mais uns três, aí vieram as [...] e aí [...] Portugal.

Sujeito 5: As [...] vieram depois...

Sujeito 4: Pois é, por isso que eu sei do Ciência e eu tenho certeza que eu mandei uma aluna e foi um trabalho mandar ela pra faculdade e eles não entendiam, como vocês tão mandando? Não, a gente tá mandando, a única coisa que a gente precisa é que vocês aceitem. E eles não entendiam, deu um trabalhão. Aí eles mandaram o aceite, que era a

única coisa que precisava e aí saiu as [...] porque quem descobriu mandou muito pra Portugal.

Sujeito 5: Foi traumático para a gente. Porque assim, o ciência sem fronteiras chegou de uma forma que não era acadêmica. É normal o que? A gente entra em contato com um grupo de pesquisa lá e aí a gente troca uns...Isso apareceu sem um vínculo entre os grupos

Sujeito 4: e foi difícil as faculdades lá aceitarem essa demanda.

Sujeito 5: É, ninguém no mundo estava acostumado com isso, então na verdade [...] que foi meio forçado que no final deu certo, mas poderia ter dado melhor se tivesse começado de um jeito acadêmico

Sujeito 4: Poderia, porque eu, de novo, na engenharia de energia e na aeroespacial que eu convivi, nenhum aluno foi passear, nenhum aluno foi passear, porque eu vi todos os processos que voltavam, agora eu sei de outras áreas que...não foi um sucesso.

Sujeito 5: Ó não querendo te cortar mas posso te contar que na ufabc pelo menos os que passaram por mim foi coisa de mil e cem

Sujeito 4: Oi?

Sujeito 5: Mil e cem, dessa ordem. Por isso que nós estamos lá na frente, só teve dois casos que a gente pode dizer que, puxa, não deu certo. Mas nesses dois casos foram meninos que eles não estavam preparados, eles não tinham maturidade pra enfrentar o que foram enfrentar, porque é um país estrangeiro, você não tem nenhum conhecido, amigo, família, não tem nada e eles não conseguiram se engajar nos estudos como deviam, então é mais ou menos assim e eles foram casos perdidos mesmo.

Sujeito 4: Agora que você falou, eu tive uma aluna que pediu pra voltar, foi exatamente isso.

Sujeito 5: É uma adaptação que exige independência da pessoa e maturidade

Sujeito 4: Isso, ela não aguentou

Sujeito 5: O pessoal entra em depressão. Mas de mil e cem, dois.

Sujeito 4: A sua estatística tá ótima!

Sujeito 5: Eu vi um que só fez um curso de violão, toca muito bem!

Sujeito 4: Aí, aproveitou! (risos)

Raquel: Professora, uma última pergunta para a senhora que daí eu vou retomar o roteiro com o professor. Eu to gostando muito, tá muito interessante e acho que a gente conseguiu captar coisas muito importante. A senhora considera, que o trabalho dos agentes de internacionalização devem ter continuidade, mesmo com o encerramento desses programas? Ele deveria ser reformulado em algum aspecto? Do seu ponto de vista, como a senhora vê essa questão dos agentes de internacionalização?

Sujeito 4: Então, eu vou falar mas depois o Aníbal vai esclarecer. De novo, por conta do ciência sem fronteiras eu acho que aqui dentro os agentes estão mais por conta disso, mas eu acho que com o fim do ciência sem fronteiras o papel do agente também é começar a descobrir novas formas de troca de alunos, e isso eu acho que é o papel de um agente dentro do grupo. Descobrir professores que tem contato e trabalhar nesse sentido.

Raquel: Professora **Sujeito 4**, eu quero agradecer a sua disponibilidade de me receber, vai ser muito relevante o que a senhora falou, muito obrigado.

Sujeito 4: Obrigada você.

SUJEITO 5

Raquel: Eu gostaria de saber seu nome, sua formação, área, curso de atuação na universidade.

Sujeito 5: Meu nome é **Sujeito 5**, depois eu escrevo aqui, boto as letras pra você (risos). A minha formação, eu sou físico de formação e depois astrofísico de pós-graduação, fiz tudo na USP. Fiz meu doutorado na França, aqui na ufabc eu entrei para o curso de engenharia aeroespacial na área de manobras orbitais e controles de satélites, alguém tem que fazer (risos) alguém tem que cuidar disso, eu atuei por um tempo na área de projetos de motores de foguetes, motores de foguetes é [...] bacana, aí depois eu assumi o cargo de diretor e depois de amanhã estou voltando para o curso (risos) amanhã é o último dia, acabou...em termos de atuação de pesquisa, eu trabalho na área de astrofísica e trabalho na área de estrelas jovens que é uma área muito bonita, tem uma física bonita, ela bem completa é complexo e envolve todas as áreas da física porque uma estrela quando ela nasce você tem fluido, você tem calor, você tem radiação, relatividade, quântica, todas as áreas da física acabam entrando junto e eu gosto muito. E...de apresentação tá bom, né?

Raquel: e quanto tempo o senhor está no exercício do trabalho docente?

Sujeito 5: Faz mais de vinte anos(?) Eu considero minha vida inteira praticamente. Porque antes de estar na ufabc eu estava em outras universidades privadas por aí, sempre a [...] pesquisa, sempre a mesma área então praticamente minha vida inteira, antes de me formar eu já estava envolvido com a área acadêmica.

Raquel: E quando o senhor veio pra ufabc o senhora já conhecia o projeto, como que foi assim?

Sujeito 5: Eu prestei o primeiro concurso pra ufabc em 2007 e aí eu tive quer estudar o projeto porque pra fazer o concurso a gente tem que apresentar um projeto de pesquisa e esse projeto de pesquisa tem que estar mais ou menos ligado ao projeto da ufabc senão que loucura né, ninguém consegue entrar. E eu não passei no primeiro concurso, aí três anos depois teve outro concurso e aí eu entrei, mas então eu tive contato com a ufabc por causa do meu concurso, um concurso público e tal e eu tive que estudar para poder concorrer, então foi aí que eu entrei em contato com a UFABC.

Raquel: e quanto tempo o senhor está no trabalho de agente de internacionalização?

Sujeito 5: Ó, mesmo, mesmo efetivo há quatro anos. Quando eu assumi o cargo de diretor eu também tive que encarar isso aí, porque eu fazia a internacionalização mas não como agente, eu era mais ou menos um pesquisador que caminhava para uma lado e para o outro, mas quando eu assumi o cargo executivo então eu tive que começar participar ativamente desse assunto.

Raquel: e quais foram os critérios de escolha do seu nome para função de agente de internacionalização?

Sujeito 5: Eu fui eleito. Tinha três candidatos e eu fui eleito[...] diretor, então...Você sabe quem foram os outros? O Marcelo Modesto e o Jorge Damião(?)

Raquel: O senhor considera que o projeto institucional da ufabc representa uma inovação em termos de política de educação superior ou se trata de uma universidade federal como qualquer outra?

Sujeito 5: A ufabc é bem diferente, traz muitas vantagens, a gente percebe as vantagens, principalmente em função do pessoal que se forma e sai e a gente tem o retorno. As empresas onde os meninos estão empregados, e muito deles voltam pra fazer mestrado, doutorado, ou para participar das semanas de eventos, palestras que tem aqui a gente recebe o retorno deles, comparado a todas as universidades que eu conheço realmente a ufabc tá dando certo, no dia a dia a gente não percebe isso porque a gente tá envolvido com [...] a gente não percebe o resultado verdadeiro. O verdadeiro resultado vem da sociedade pra cá. Por outro lado eu penso que a ufabc é mais diferente do que o pessoal pensa, porque internamente também, a gente sobre com as [...] da ufabc que tem um monte de coisa diferente mas na hora de explicar isso pro mundo lá fora é terrível, ninguém entende a gente. Eu passo muita dificuldade na interface principalmente com

as entidades por exemplo o CREA que trata dos engenheiros, o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, eles não entendem nossos cursos que são interdisciplinares, o aluno pode fazer disciplina do outro curso, um professor da aula pra outro curso e isso a sociedade não entende. Eu recebi um dia...porque o aluno vai fazendo as disciplinas aqui e quando ele termina as disciplinas de um determinado curso ele tá formado naquele curso mas ele ainda pode continuar aqui e fazer outros cursos e aproveitar aquelas disciplinas para outros, é como se fossem pecinhas que você vai encaixando, então tem alunos que se formam sem estar matriculado no curso, ele é aluno da universidade mas ele não esta preso ao curso, ele tá livre fazendo disciplinas, isso o mundo lá fora não entende. Eu tive um caso de um empresário que ligou aqui que tava concorrendo a um premio da entidade que a empresa dele participa e precisava catalogar todos os funcionários, aí ele ligou aqui e disse “o aluno estagiário aqui é muito bom e tal, qual curso que ele está matriculado?” E não tinha, ele não estava em curso nenhum e o mundo lá fora não entende isso, mas pra nós isso é normal, alias quando a gente vê um aluno que diz não, vou me matricular naquele curso, por um lado é bom, mas por outro ele se amarrou ali e não tem mais liberdade de ir pra todo lado como bem quisesse. Porque o nosso espírito é esse e isso vai demorar um pouco pra sociedade entender, então realmente a ufabc é diferente.

Raquel: Como o senhor definiria a função do agente de internacionalização tendo em vista sua experiência?

Sujeito 5: O agente de internacionalização tem uma característica de empreendedor, ele tem que ir atrás da oportunidade, que a gente pode chamar de oportunidade de negócios que seria criar um vínculo de levar um aluno pro exterior e trazer alunos do exterior pra cá, e também professores, pesquisas, convênios etc. Então o agente de internacionalização é muito mais do que um sujeito que assina papel, ele ta na verdade prospectando negócios, sempre prospectar, tem que participar de eventos apresentando nossa universidade e entregando e recolhendo cartões de visitas de outros agentes de internacionalização, porque ele é a encruzilhada entre as universidades, as universidades do mundo inteiro se cruzam através dos agentes de internacionalização, então ele tem esse papel mesmo, fazer a prospecção do negócio e depois a realização. O acompanhamento não precisa mais ser com ele, se bem que acaba acompanhando, mas é muito importante esse papel de estar presente, se ele não atuar a universidade perde a internacionalização, o agente tem que estar lá, tem que ir nos eventos, as vezes viajar,

chamar outras pessoas pra cá, propor visitas, isso é muito importante e eu acho que esse é o papel dele, um empreendedor.

Raquel: Quais os objetivos que se busca alcançar e que orienta o trabalho do agente de internacionalização?

Sujeito 5: Acho que o principal objetivo é a excelência. Não adianta nada a gente fazer um trabalho de internacionalização porque tem um custo, não é um trabalho que a gente faz de forma gratuita, gasta horas de docente, gasta tempo etc e a gente busca excelência academia nos três eixos, porque a gente tem a parte de pesquisa, ensino e extensão, os três devem estar contemplados pelo agente de internacionalização, então não pode dizer assim por exemplo, eles tem que saber escolher as universidades, porque de uma forma assim bem crua, a cada universidade é uma entidade que precisa ser sustentada e precisa ter seu retorno, mesmo nós que somos uma entidade federal, a gente precisa responder a sociedade porque estamos gastando dinheiro de impostos aqui não é. Não é porque somos nós que se pode jogar dinheiro fora sem mais nem menos, então a gente tem que procurar universidades que tenham o mesmo perfil da gente, de buscar excelência. Porque faz um vínculo assim, manda um aluno e a universidade não tem o mesmo retorno a mesma visão que a gente, a gente só cumpriu o papel mas não realizou a coisa toda. O aluno não pode voltar pior do que foi né, ele tem que voltar melhor e aonde ele estiver tem que melhorar com a presença dele porque ele tá levando a nossa visão pra lá, de uma forma sutil mas tá levando. Então é importante essa conscientização de que não pode ser qualquer universidade também. Porque tem muita universidade fora do Brasil que só estão visando o lucro, essas a gente tem que tomar muito cuidado pra não cair em uma armadilha, porque nossos objetivos é difusão do conhecimento que é o ensino, pesquisa que é a excelência a academia e extensão que é o lado social, não podemos esquecer esses três lados, a maioria dos casos a gente encontra essas universidades[...]

Raquel: então, eu tô descobrindo uns tesouros de documento hoje, que eu tô muito feliz.

Sujeito 5: Eu separei aqui, procurei na internet justamente pra te mostrar, no nosso site de relações internacionais estão aqui os acordos firmados, e eu contei que tem dezessete acordos que estão vigentes e...

Sujeito 4: A Suécia, eu sabia que tinha um com a Suécia!

Sujeito 5: Tem dois com a Suécia. [...]

Sujeito 4: Pois é, o Luis que está envolvido

Sujeito 5: O Luis tá envolvido em um e o Gilberto Martins em outro. Em 2015 eu fiz uma visita para oito universidades na Suécia, e[**áudio confuso**] mas olha só tem Suécia, Rússia, Portugal, México, Japão, Coreia do Sul tem duas, Colômbia deve ser o pessoal ligado as políticas públicas e tal, ó Canadá tem seis e veja só idioma de instrução, inglês, inglês, inglês, no Canadá tem francês, espanhol tal. Então isso aqui é interessante, temos outras que tão começando a fazer contato, na argentina, Colômbia, Espanha, estados unidos. Os americanos são mais complicados. França tem bastante, Índia, Itália, Japão, México, Peru, reino unido, Rússia, Taiwan, Turquia, olha só, não sei nem como se fala isso.[...] Então esse site aqui é legal, e aqui você encontra números também. Ah! Outra coisa, aqui na ufabc a gente tem cursos de idiomas, as vezes ministrados por alunos, então sueco, os alunos suecos vem aqui eles deram aula de sueco, os alemães sempre deram aula de alemão e aqui a gente tem aula de inglês, então o pessoal que vem de fora consegue ter aula. Aqui tá a parte de mobilidade acadêmica que sou eu que cuido justamente. Atualmente nós estamos com um contrato com a universidade de [...] na Alemanha, é...sei lá como fala isso aqui...no Canadá...isso aqui são oportunidades que estão disponíveis para os alunos pleitearem.

Raquel: Essas mobilidades são referentes aos ciências sem fronteiras ou são já dos acordos das instituições?

Sujeito 5: São dos acordos, na verdade grande parte dessas que estão aqui, nasceram no ciências sem fronteiras. Esse eu acho que foi o melhor resultado que a gente conseguiu. O ciência sem fronteiras vinha de cima pra baixo, o governo dava o dinheiro, você mandem seus meninos e os meninos foram, só que atrás do menino tem sempre um professor, em muitos casos o menino o aluno servia de ponte dos pesquisadores com pesquisas de lá

Sujeito 4: Esse é o resultado que as pessoas não lembram de mencionar que isso aconteceu. Algumas universidades fizeram ligação via o aluno.

Sujeito 5: É, o aluno trouxe o convenio e eu diria assim, dois terços do que está aqui veio assim, então isso nasceu do ciência sem fronteiras e nós estamos mantendo. No meio do caminho nos descobrimos que existe um projeto invertido de ciências sem fronteiras, da França. Chama-se Brafitech(??) e aí nós instituimos uma pessoa pra ser Brafitech aqui

Sujeito 4: Quem que é?

Sujeito 5: É a...como é o nome dela? É a menina francesa que era professora de francês, parece aluna.

Sujeito 4: Brafitech é um acordo antigo, Brasil e França

Sujeito 5: Isso, que tinha as características do ciência sem fronteira, só que só Brasil e França. Então o ciência sem fronteiras não teve só resultado nos alunos, trouxe resultado pra [...] e todos eles estão funcionando bem.

Raquel: O trabalho doa gente de internacionalização é dirigido a que público?

Sujeito 5: Principalmente ao outro agente de internacionalização, internamente dentro da universidade ele divulga as oportunidades e negócios que tá fazendo, as visitas que ele faz, mas o principal público dele são os outros agentes de internacionalização então ele é uma espécie de embaixador da universidade e esse é o principal trabalho dele. Depois que traz oportunidades pra dentro da universidade a própria universidade consegue divulgar e encontrar pessoas interessadas em participar daquilo que ele tá propondo, mas não chega a ser o público alvo, principal dele, apesar de ser o resultado dele. Público alvo dele são as outras universidades, isso é fundamental, porque se ele esquecer isso e só ficar voltado pra dentro, não tem internacionalização. É gozado, ele é o cara que trabalha do lado de fora dos muros da universidades, isso é fundamental pra ele, senão o que a gente vai ter, vamos ter um agente pedagógico, um coordenador de curso, agora alguém que vai lá fora [...] conversa com os outros, leva a universidade, consegue cavar um espaço dentro da outra universidade pra apresentar a nossa, isso é difícil, não é fácil, e é [...]

Raquel: Professor há projetos prioritárias, ou áreas prioritárias que devem ser desenvolvidos com os estudantes da ufabc, por exemplo, projetos prioritários, ciência sem fronteiras, alguma mobilidade acadêmica específicas, ou áreas prioritárias por exemplo, engenharia, administração, informática, tem alguma?

Sujeito 5: Alguma área específica? Não tem uma prioridade, porque aqui na ufabc o aluno tem a liberdade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, então as oportunidades estão aí e eles são todos convidados a participar, então tem projetos de extensão que o aluno participa como parte da organização do evento, parte da organização de um curso de extensão. Todos os nossos cursos tem participação dos alunos na parte de coordenação do curso também, a gente tem... como é o nome daquela

menina que tá fazendo agora...ela tá sempre...tem os projetinhos de aplicação tecnológica, tem o [...] tem o carrinho que eles correm, não ganham nunca nenhuma corrida, mas eles tão sempre lá cheio de lama com aquele carrinho deles lá. Tem o pessoal da rocket que faz foguetinhos, tem o pessoal da arpia que faz uns aviõezinhos, se você entrar na página...Olha que interessante, nós conseguimos segundo e terceiro lugar numa competição de robótica nessa semana, então os alunos que entram nesse grupo aqui não tem cara de nerd mas é robótica, mas temos até nossa equipe de cheer leaders, que são campeãs, que são as melhores do Brasil nossas cheer leaders.

Raquel: É a maneira de trazer a cultura

Sujeito 5: e uma forma de integração, porque tem que ser completa a universidade, tem o pessoal de esportes é claro[...] mas nenhuma dessas áreas aí são prioritárias, porque se a gente der prioridade pra uma tá indo contra nosso projeto de universidade. A gente tem que fomentar o melhor possível todas elas e não são poucas.

Sujeito 4: Cada aluno tem uma ideia, cada aluno quer participar de uma competição

Sujeito 5: E tá certo, se ele quiser participar de duas, participa, tem coral, o pessoal que canta, tem a nossa bateria, tem a bateria!

Raquel: Todas essas atividades estão relacionadas a algum processo de internacionalização?

Sujeito 5: Não sei dizer se todas, mas muitas estão.

Sujeito 4: Eu posso dizer que a Rocket que é a de foguete, eles competem internacionalmente, e vão várias universidades para algum lugar e lá eles competem, então é um meio de internacionalização

Raquel: E é um meio de trabalho com o agente de internacionalização que trabalha com essa...

Sujeito 4: Por acaso eu até trabalho com eles mas não tinha pensado que era o meu papel esse (Risos)

Sujeito 5: A competição dos esportivas, muitas são internacionais, tem um ou outro de futebol...então acaba beirando isso daí. Sai fora de um ambiente de pesquisa e ensino mas não deixa de ser um ponto importantíssimo pra universidade[...] que a gente

consegue internacionalizar isso, chegar junto a gente incentiva é claro né. Tá faltando dinheiro agora, não tem mais como financiar, mas muitos deles tem financiamento com empresas e tal, então dá pra chegar

Raquel: Como é operacionalizada, a gora vou falar um pouco da sua área de competência, a cooperação das instituições estrangeiras e/ou projetos internacionais de pesquisas de mobilidade e como ela envolve os estudantes?

Sujeito 5: Os projetos de pesquisa você pode separar em duas categorias, aquele que é individual, que o pesquisador vai por conta própria, faz o seu convênio de pesquisa lá fora e tem bastante gente que faz isso, é o que mais tem. A maioria faz isso, consegue o projeto, consegue o contato, assina seu convenio, [...] dinheiro com a FAPESP, pro CNPQ e vai embora. Se ele fizer a gentileza de nos informar a gente põe nos relatórios no fim do ano, mas ele nem precisa fazer isso, aí é uma coisa muito individual é [...] com a universidade a médio prazo mas num...é uma internacionalização também, mas não envolve aluno nenhum. E tem o segundo tipo de convenio que é aquele que a instituição participa. Esse sim é o que nos interessa. Então tem um instrumento que é um contrato, toda universidade que se preste a internacionalização tem também um convenio desses, tem um centro, uma comissão de convênios aqui, um pessoal especializado na parte jurídica de ficar escrevendo

Raquel: Chama Ascic(?), algo assim né

Sujeito 5: Tem os ascic e tem uns [...] comissão permanente de convênios. Ascic ainda faz parte também, tá cheio de siglas. Que é um instrumento jurídico. Pra nós é muito importante isso porque somos uma entidade federal, qualquer coisa que a gente fizer nós temos que potencialmente prestar contas no tribunal de contas, controladoria geral da união, receita federal e a polícia federal as vezes também, então nosso lado jurídico é muito...não é complicado, mas muito rígido. Não é complicado porque dá pra trabalhar, mas tem que passar por procurador, tem que ser aprovado pelo ministro. As outras universidades que a gente faz convênio tem algo parecido sempre. A usp é muito mais complicado, muito mais complicado. O que a gente faz então. Há um interesse então dos pesquisadores ou dos alunos fazerem convênio e agente fazer esse negocio então vamos pegar esses dois instrumentos e vamos transformar em um só e se não for possível dá-se um jeito, mas a gente nunca nega os convênios, porque é do nosso interesse ter convênios. Feito isso, os reitores assinam, tem que ser o reitor que assina, porque é nível de instituição. A partir daí que tiver estabelecido o convênio acontece.

Nós vamos botar agora professores durante dois anos, então passa 15 dias lá, passa 6 meses aqui, agora um aluno vai ir e um aluno quer vir pra cá, vamos trocar [...] vamos trocar equipamento, fazer um workshop em conjunto, tudo está específico em projetinhos que eles fizeram lá. Então nesse sentido, passada essa etapa burocrática a gente faz o que é meio rígido não conseguimos escapar. O resto a gente tenta fazer o máximo possível pra satisfazer a vontade original dos pesquisadores, professores e alunos envolvidos. Então é nesse sentido que a coisa funciona.

Raquel: Como a política de internacionalização chega aos estudantes, aos professores, aos gestores isso é, como cada ator acadêmico recebe e se relaciona com o trabalho desenvolvido com os agentes?

Sujeito 5: Tem vetores[...] você já viu o jeito que psicólogo trata a palavra energia? Não tem nada a ver com energia de verdade, eu sou físico (risos). O primeiro vetor que é no sentido de divulgação que tá sendo feita, então o agente traz por exemplo, visitei a universidade lá na Holanda, trouxe aqui novidades, vim chegando na universidade na Irlanda lembra que chegou a produzir [...] então faz parte, primeira coisa é divulgar no sentido de lá pra cá, por isso eu chamo de vetor que é o sentido. Divulgar o que tá sendo feito que também é divulgação das oportunidades, e o segundo vetor é o retorno disso né, quando o pessoal vem e se engaja, quero participar desse negócio, aqui a minha disposição. Como os alunos participam? Então, os alunos participam primeiro, se engajando, você não pode colocar um aluno como agente de internacionalização não é o papel dele, mas uma vez que o projeto tá começado e tem o mecanismo pra que isso funcione, a oportunidade, a gente pode acatar aluno na medida que o projeto...tem projeto que [...] quero seis alunos, tem outro que diz quero quantos alunos for, aí é diferente, quantos vierem a gente põe, depende da natureza do projeto, em alguns casos tem bolsa, em outros casos não tem bolsa, tem uns que viajam, tem outros que só tem sacrifício (risos) a gente não interage assim, no projeto em si. O que a gente quer, nossa política é divulgar o maior possível pra receber o maior número possível. Uma vez estabelecido o contato, o aluno tá participando do projeto, em alguns casos ele pode até participar da coordenação do projeto, alguns projetos admitem ter um representante discente justamente participando de decisões, do projeto em si. Eu acho que até na comissão de relações internacionais tem aluno no meio, deve ter alguém da pós, pelo menos um deve ter, porque aqui é tudo democrático, então deve ter. Todos os cantos da

ufabc tem essa participação. Então nesse sentido todos os graus, todo que você pode imaginar.

Raquel: Estamos chegando ao fim, eu vou fazer mais algumas perguntinhas. Que resultados o senhor consegue perceber, ou já consegue contabilizar, da sua área da atuação em relação a internacionalização da ufabc?

Sujeito 5: Os resultados, eu tenho até números, eu posso te dizer, um dos números é esse aqui você viu a quantidade de convênios que a gente tem agora funcionando, um ano ou dois anos, então esse aqui o número fica sempre variando mas a média é essa, tá sempre crescendo, então o número de convênios já é um bom resultado, o número de alunos que a gente teve no ciência sem fronteiras em números absolutos foi cosia de mil e cem alunos mais ou menos no total, em números relativos somos a primeira do Brasil, a usp não chegou a 2% e nós passamos de 10% só que nossos 10% são mil e cem, os da usp são vinte mil (risos) diferente dos números absolutos, mas assim, o esforço que a gente fez foi maior do que o deles e a gente teve um resultado. O número de convênios que tem só de pesquisa também, muitos vínculos de internacionalização resultaram em projetos de pesquisa que resultaram em patentes também, patente, inovação e os convênios com as indústrias locais. Por exemplo, se a gente tem um convenio internacional e coloca alunos em universidades lá na Alemanha, a mercedes benz, a Wolkswagen...esses caras querem conversar coma gente né, quer dizer as indústrias, as empresas da região do abc que não são poucas, que é o polo mais forte do hemisfério sul é aqui no abc, eles batem na nossa porta querendo esses alunos pra estágio, treinee etc. e também oferece oportunidade de pesquisa pra gente e aí o [...] fecha. A universidade deixa de ser uma coisa fechada e agora ta dando retorno pra sociedade que é a cosia mais importante de todas. De uma forma ou de outra a pesquisa que é realizada aqui traz tecnologia que veio de fora através dos alunos via internacionalização e vai parar em patentes depois logo mais vira produto na mão de pessoas aí né. Então isso é maravilhoso e agente consegue não só no aspecto tecnológico de engenharia mas em aspectos sociais que a gente tem experiências sociais[...] entusiasmado com sociedade sueca [...] não é possível que esses caras[...] você sabia que aqui o primeiro polo industrial da Suécia foi em Estocolmo, a capital deles, mas eles tem polos no país inteiro, o segundo polo industrial da Suécia é aqui no abc, a Scania a volvo agora a [...] a 3m a [...] um número imenso de empresas suecas instaladas aqui, então eles querem ter uma potencia daqui pra lá, de lá pra cá que é do interesse deles, é do interesse ancional e

econômico deles terem um vínculo coma gente, as outras universidades, não to falando mal hei (risos) todas as outas universidades que a gente tem no abc são universidades privadas com interesses muito fechados focados em um determinado nicho, ou só engenharia, ou só não sei o que e não tem esse interesse na política nacional de longo prazo, os cursos instalados aqui quando a universidade foi criada, vieram de um projeto de país de cinquenta anos, eles estão preocupados com o lucro ano que vem e nós estamos preocupados quem está formado daqui a quinze anos que vai ser o gerente daqui a quinze que vai ser o diretor de empresa daqui a trinta, esse é o cara que [...] porque ele é quem vai mudar o país daqui a pouco, não vai ser no no que vem, vai se formando [...] internacional, com capacidade de diálogo e decisão que nossos alunos [...] qualquer coisa, os que sobrevivem [...] ele consegue. E esses caras é que vão mudar o país, não vai ser...a gente tem que fazer bem feito e fazer em quantidade.

Raquel: Então o senhor enxerga a internacionalização da ufabc e a política de internacionalização da ufabc como fator estratégico de desenvolvimento regional?

Sujeito 5: Sim, as políticas de internacionalização que a gente tem, vem de um projeto de crescimento regional...fala que é do país todo mas as outras universidades que estavam na mesma rede que a nossa que tem o mesmo padrão de pensamento que o nosso, tem uma visão nacional e é um projeto de três quatro décadas, não é coisa pouca não, mas faz parte disso, então a internacionalização entra nisso, nossa preocupação social [...] uma questão social muito séria aqui na ufabc, a questão de identidade da universidade com o cuidado que nós tivemos no começo, foi não ter nenhum curso que competisse diretamente com as colegas vizinhas, nós não temos.

Sujeito 4: Mas faz todo sentido

Sujeito 5: agora justamente não alterar o que já estava estabelecido e também não criar uma situação difícil pra gente, hoje a gente tá colhendo os frutos, que eles vem bater na nossa porta e agente faz projeto com eles, tem projetos de internacionalização nosso que envolve como parceiro a fei, a maua entre outras, quer dizer, eles estão entrando no nosso bonde, não no bonde deles, quer dizer, eles vão ter que seguir nossa “política”

Raquel: Diante desse cenário da globalização inevitável, a prática de internacionalização que a ufabc tem, ela tem um viés de cooperação ou ela tem um viés mais voltado pro aspecto de competitividade? Como o senhor enxerga esse processo de internacionalização da ufabc? Tendo em vista o conceito de excelência que a

universidade tem, diante desse cenário, como que o senhor vê essa questão da prática de internacionalização da universidade?

Sujeito 5: A ufabc não se preocupa muito com competitividade, o que é bom e ruim ao mesmo tempo. Porque a gente é [...] da ideia, mas a ideia de que nós temos esse posicionamento, essa visão, a nova diretoria que foi eleita agora a pouco, faz um mês que foi eleito o novo reitor, ele é mais forte nesse ponto que eu vou falar agora. Que é a visão inicial da gente, apesar de parecer que a gente tá um pouco desviado, como eu falei, um pouco descolado da sociedade em termos burocráticos, a gente considera que esse é o caminho certo. Se fosse uma universidade privada a gente iria se preocupar com a competitividade e ser mais eficiente, formar mais alunos, ganhar mais dinheiro sabe, e nós não nos preocupamos com isso. A gente tem cursos aqui que tem por exemplo a engenharia de gestão eles formam coisa de cem alunos por ano, é muito. Isso representa 44% do nosso[...] e tem curso que forma 6 alunos por ano. Nós não vamos fechar esse curso que formam seis alunos por ano porque a gente sabe que esse alunos apesar de poucos, são muito importante pro nosso plano. Percebeu? Então e agente fosse se preocupar com a competitividade muitas ações da ufabc iriam fechar e não teriam condições de prosperar, e aí a gente ia ser igual os outros e não ia ter nenhuma novidade e eu sei que por isso que eu digo que faz falta a competitividade, quer dizer as vezes a gente exagera demais nessa história de seguir nosso caminho e não ligar para os outros, porque afinal o sujeito que se forma tem que ter uma vida, uma carreira e se ele se sacrificou se formando aqui, porque não é fácil, é difícil, ele merece ter um retorno, um diploma que dê pra ele carreira por isso nossa briga [...] reconhece 100% dos nossos cursos, assim, reconhece engenharia aeroespacial, mas não reconhece todas as habilidades que se forma aqui, por uma questão de [...] a ufabc, a energia tem um problema enorme com o CREA, nossa. Mas estamos resolvendo. Mas então eu fico angustiado, porque com o [...] porque eu vou me preocupar com o crea que é uma entidade externa que não tem nada a ver comigo e nosso caminho é esse. Tá nosso caminho é esse mas o caminho de cada indivíduo que se forma, ele tem que poder chegar porque senão ele não vai conseguir executar a plenitude das suas habilidades, então por isso que eu digo que tem que ter a competitividade, as vezes precisava pensar um pouquinho mas tudo bem, uma visão não compartilhada por todo mundo aqui mas tudo bem. Do ponto de vista de internacionalização como isso aparece, toda vez que a gente entra em contato com uma universidade a gente põe na mesa as cartas e diz, ó

aqui funciona assim, nós não vamos desviar desse caminho, na maioria das vezes os nossos valores são bem aceitos, raras vezes a gente teve que abrir mão de um ou outro valor que são os aspectos sociais, de interdisciplinaridade, excelência acadêmica, todo mundo topa isso porque é o que eles querem também, por isso que a gente chama essas universidades de universidades irmãs, porque eles pensam igual a gente, e que dá força pra nossa própria causa, então a internacionalização só vem reforçar aquilo que a gente sempre defendeu aqui na ufabc, mais um motivo pra gente investir na internacionalização, porque daí fecha o ciclo.

Raquel: Quais são as dificuldades do dia a dia do seu trabalho? Como professor e como agente de internacionalização

Sujeito 4: eu to aqui pensando se eu tenho alguma dificuldade no meu trabalho mas...o dele é mais difícil porque ta como administrador, mas como docente, dificuldade eu não quero parecer [...] mas eu não vejo muita dificuldade.

Sujeito 5: Ela redescobriu o laboratório lá em são bernardo e isso [áudio confuso]

Sujeito 4: Dificuldade é talvez que a ufabc é jovem, muito nova, nós passamos por uma crise, então a gente tá com problemas só recente né de laboratórios de conduzir algumas pesquisas, nada que me faça sofrer ou ter problemas como professora, eu diria que um trabalho é administrativo, o professor que se divide em administração e docência esse sim ta lascado. Mas eu to na vida de docente eu lido só com aluno e como agente de internacionalização ainda bato um papo com eles, fico sabendo, converso sobre essas experiências, então eu não sou muito...[entrevista interrompida, diálogo com terceiro]

Sujeito 5: Em termos de dificuldades, a dificuldade principal que a gente sofre é fazer funcionar com harmonia o lado burocrático e a vida real, e cada pessoa tem o seu jeito de trabalhar, os projetos não são iguais e os alunos...isso aqui é uma escola, não uma fábrica de parafuso, não é pra todo mundo sair igual, no tempo igual, cada um tem seu estilo, cada um tem seu jeito, sua forma de pensar. Do lado burocrático ó, esse aqui é minha pilha de louça que eu tenho que seguir [...] cada coisa, cada momento, cada demanda que vem pra cá a gente tem que ver primeiro se bate são todos funcionários [...] e isso é o tipo de responsabilidade que [...] não imagino que seja[...] é quase como você ser um monge no monastério, você tem regras muito rígidas e tem também direitos, mesmo que muitas vezes pareça estranho, então a maior dificuldade é casar esses dois

mundos, pra que a pesquisa aconteça com excelência, o ensino aconteça com eficiência, a extensão aconteça em sua plenitude, tudo funcionando sem ferir os aspectos legais. Não é fácil. Posso contar um caso, você vai adorar, apareceu um pedido de um colega nosso que queria montar um laboratório e precisava de 200 metros quadrados, o que você vai por lá dentro a família? (risos) e ó, tem que ser num lugar afastado, tá ficando melhor ainda (risos) num acordo de internacionalização ele conseguiu um reator nuclear, eu falei, nós não vamos ter condição de instalar. As leis municipais não permitem que a gente instale um troço desses dentro de um perímetro urbano, ah mas e se a gente desse um jeitinho. eu disse ó se você der um jeitinho é porque você tem um primo senador, nem com o primo senador.

Sujeito 4: Você falou uma coisa interessante, existe um problema de agente de internacionalização que é cuidar desses acordos onde eles prometem fazer coisas que legalmente você não consegue cumprir, você falou um ponto muito importante, que você no calor da emoção de fechar um acordo bilateral, você se compromete e depois não consegue cumprir, então isso é muito....

Sujeito 5: Por isso que é importante o pessoal do nosso jurídico as vezes dar uma olhada. Teve um caso na energia o pessoal da energia [áudio comprometido] com reciclagem, pra reciclagem precisa de lixo então cata lixo pra reciclar ele vai pra um lixão, aí o pessoal da vigilância sanitária não deu a licença pra ele, aqui. Aí ele ficou com acordo na universidade ficou meio capenga, lá o pessoal a contrapartida conseguiu, mexeu com o lixo deles lá, mas também, lixo europeu né (risos) e aqui ficou faltando o lado de cá, então teoricamente os modelos, o [...] temática com a parte química, mas não conseguiu a plenitude do acordo, isso acontece muito porque as leis são rígidas, resolver a questão legal aí você tem todo direito, aí você tem um papel dizendo que você pode fazer aquilo e aí ninguém te segura, mas pra conseguir o papel as vezes é difícil.

Raquel: Professor, você considera que o trabalho dos agentes de internacionalização ele deve ter continuidade? Deveria ser reformulado? Em que aspectos? Como o senhor colocaria essa [...] de internacionalização, quero ouvir um pouco a opinião do senhor.

Sujeito 5: Eu acho que assim, os resultados de um bom agente de internacionalização não tem preço, é uma coisa maravilhosa, eu acho inclusive que deveria ter um..aí uma coisa boa pra se pensar, um curso de extensão [...] de formação do agente de internacionalização, deveria ter. Uma proposta voltada mesmo pra excelência acadêmica em todos os seus aspectos, porque a pessoa precisa ter uma formação, jogar

uma pessoa que não tem experiência [...] mas tem que ter uma visão muito ampla da universidade que as vezes nem o reitor tem uma visão da universidade do ponto de vista que o agente de internacionalização deve ter, né. O que cabe a pessoa tá fazendo então é impossível de saber, então o agente de internacionalização tem que ser um cara muito especial, ele tem que ter a equipe dele, pelo menos uma secretária do lado dele porque é uma papelada, um bom tradutor que não seja o google, porque você trabalha com textos jurídicos em uma língua estrangeiras, então como é que faz né. Estão começando a aparecer agora uns convênios que são de três universidades, três línguas diferentes. E quando a segunda língua é árabe, pelo quem é que fala, então chinês. Já tem acordo em japonês, os Coreanos aceitam em inglês na boa, mas os japoneses querem em inglês e também em japonês (risos) aí fica divertido. Mas você vê a importância que tem a internacionalização aqui na ufabc, o último chefe aqui do setor de internacionalização foi candidato a reitor, não chegou a ganhar, mas olha o nível da pessoa que tava lá, ele poderia ser reitor aqui, então quer dizer a gente tá no caminho certo, o chefe das Relações internacionais é[...] de reitor, o que mostra a importância que a gente dá.

SUJEITO 6

Raquel: Hoje é dia 29/11, eu sou a Raquel, sou mestrandia em educação na universidade nove de julho, muito obrigado por me receber professor, e eu vou começar pedindo para o senhor se apresentar, seu nome, sua formação, área de atuação na universidade, tempo de exercício docente e como que o senhor chegou a universidade, como que o senhor conheceu a UFABC, conta um pouquinho da sua trajetória.

Sujeito 6: Eu sou o professor Jeroen Schoenmakern também conhecido como professor Schumacher...

Raquel: Olha o senhor vai ter que me ensinar qual é seu nome (risos)

Sujeito 6: é Jeroen, o Jerônimo holandês e...por isso que tá ali né, o café que a turma vem tomar aqui é o café do holandês né.

Raquel: É eu vi que tem até o Sheldon Cooper ali né, achei muito chique!

Sujeito 6: É, isso é uma brincadeira que a gente faz com as salas que ainda não estão compartilhadas aí a gente põe.

Raquel: É, tem que ter muita força pra aguentar o Sheldon.

Sujeito 6: É esse é o centro de engenharia ele não gosta muito de ficar aqui.

Raquel: Não, não...ele deve estar preocupado com o Nobel.

Sujeito 6: É. Então, o meu background é na área de matérias magnéticos e é isso que eu venho trabalhando desde a iniciação científica, fiz o meu mestrado em filmes finos magnéticos pra gravação magnéticas, no doutorado comecei a trabalhar com desenvolvimento de microscópicos para o estudo de materiais magnéticos então eu migrei um pouco pra área de instrumentação, é isso que eu segui no meu doutorado, fui pro exterior, passei três anos nos estados unidos também desenvolvendo microscopia para o estudo de materiais. Aí eu entrei aqui na ufabc em 2009 num concurso de instrumentação, era micro sensores e micro atuadores e por isso eu tava junto do corpo docente da engenharia de instrumentação, automação e robótica. Mas aí eu me transferei pra engenharia de materiais porque a minha aderência poderia contribuir mais com a engenharia de materiais em termos de disciplinas que eu pudesse contribuir. Mas assim que eu entrei aqui como você viu a proposta da universidade é que se tenha uma atuação interdisciplinar, então eu cheguei aqui a universidade era um canteiro de obras, eu tinha a sala ali na catequese, parecia um call center um monte de mesa os professores ali e só o bloco b, só tinha um prédio que a universidade tava funcionando.

Raquel: E o senhor já tinha conhecimento do projeto da ufabc de...

Sujeito 6: Sim, quando eu prestei o concurso eu estudei a proposta eu sabia que ela tinha essa proposta interdisciplinar de um único curso de ingresso, eu achei isso muito interessante, a ausência de departamentos. Então tudo isso eu achei muito legal, muito interessante e vim aqui também querendo abraçar essa proposta. Me ai tem aquela coisa né, uns veem o copo meio vazio, outros veem o copo meio cheio né, tem os dois pontos de vista, o que pra muita gente poderia ser um grande problema, de você chegar numa universidade que ainda tá sendo construída, tudo precisa ser desbravado, construído, eu achei aquilo uma vantagem porque ai você tem a chance de fazer do seu jeito. É claro que você vai numa universidade estabelecida você já tem com o que trabalhar, mas aqui...Aí eu resolvi atuar de uma maneira interdisciplinar, então aqui eu não deixei de

trabalhar com materiais, continuo tendo trabalho na área de materiais mas eu comecei a estudar outras coisas também que eu acho interessante...

Raquel: Que fazem parte da[...]

Sujeito 6: Isso! Então eu comecei a estudar bastante coisa na área de termodinâmica, de novos ciclos termodinâmicos, na área de instrumentação também a gente desenvolveu um trabalho interessante que a gente chama de lentes de [...] que seria uma espécie de uma lente magnética mas diferentes das lentes magnéticas que se conhecem como lentes magnéticas, que gerou até uma patente, um trabalho científico interessante, ou seja eu vou buscando outras coisas também então eu tenho uma atuação bem diversa atualmente, procurando abraçar várias outras áreas do conhecimento também. Bom, é isso.

Raquel: Bom, agora eu vou entrar um pouquinho na questão da internacionalização. Quanto tempo o senhor está no exercício de trabalho como agente de internacionalização? Como foi o processo de se tornar uma agente de internacionalização, há quanto tempo o senhor está...

Sujeito 6: Depende de como você conta, porque assim, eu sou agente de internacionalização dos materiais eu acho que de 2 anos pra cá, mas a minha atuação com iniciativas de internacionalização já vem de antes...

Raquel: Isso, que o o senhor mencionou no email eu fiquei bastante curiosa, queria que o senhor falasse um pouco sobre isso, como que foi essas iniciativas de internacionalização...

Sujeito 6: porque assim, os agentes de internacionalização, cada curso escolhe um mas é mais pra resolver burocracia de...quer dizer, acho que grande parte, mais de 90% do trabalho dos agentes de internacionalização dos cursos hoje em dia está relacionado com a burocracia dos alunos que foram pro ciências sem fronteiras, então eu tenho aqui...o que eu resolvo é isso, o aluno foi pra fora...eu to com uma pasta aqui que é de uma aluna que foi para fora e aí ela fez várias disciplinas fora e aí eu tenho que fazer a equivalência das disciplinas pra ela aproveitar os créditos aqui, se vão substituir disciplinas obrigatórias ou de opções limitadas ou se entram como créditos livres e aí é o agente de internacionalização que resolve isso, e outra função foi coordenar dentro do curso e isso foi uma iniciativa do professor Kamienski, de ter um site em inglês

Raquel: Ah eu acessei, muito legal!

Sujeito 6: Então, e aí isso é uma coisa que o professor Kamienski fez muito bem porque ele poderia centralizar isso, ter uma pessoa que sabe muito bem inglês e ir traduzindo todas as informações...porque é bastante trabalho né se uma pessoa quer vir...a intenção dele é fazer uma universidade de nível internacional e receber aluno de fora também. E o aluno quer saber detalhes ele quer saber a ementa das disciplinas, quais são os livros, texto que eles vão precisar e tal, então pra todas as disciplinas da ufabc, isso é bastante trabalho. Então você entra no jargão de cada área, por isso eu acho que foi uma decisão acertada dele não centralizar isso e deixar que cada curso...porque aí tem os professores que tem o conhecimento das áreas que iam traduzir as disciplinas e as ementas, e o processo foi capilarizado via os agentes de internacionalização, então eu falei com a equipe de professores da materiais, olha gente, cada um na sua especialidade, nós temos essa lista de disciplinas que a gente precisa traduzir os títulos, as ementas, os objetivos e tal, então isso foi um esforço em conjunto que aconteceu em todos os cursos via agente de internacionalização pra colocar o site no ar. Mas fora isso, eu acho que existem várias outras iniciativas que não tá relacionado com, tipo assim, meu posto de agente...então, como eu disse, eu já participei de iniciativas de internacionalização antes de ser agente de internacionalização...

Raquel: Dentro da UFABC?

Sujeito 6: Isso.

Raquel: Legal, fala pra mim ou pouquinho pra mim sobre quais foram essas iniciativas. Foi específico do seu curso ou foi de [...] da universidade.

Sujeito 6 : Da universidade. Então por exemplo tem essa iniciativa que é ter as disciplinas regulares da universidade sendo oferecida em língua inglesa, então não é um curso de inglês, mas por exemplo, a gente tem uma disciplina que eu leciono em inglês. Os alunos ingressantes eles tem uma disciplina chamada base experimental das ciências naturais, são várias turmas, a gente tem 1560 alunos entrando no dct, imagina esses 1560 alunos dividido em salas de 30 alunos quantas salas de laboratório tem.

Raquel: Eu vi os números e cada dia tá aumentando né, isso é bom!

Sujeito 6: É, e aí a gente fez uma iniciativa que é assim, olha tá disponível, o aluno se inscreve, a gente divulga isso, você gostaria de ter esse curso em inglês? e aí o aluno se inscreve e eu fui o professor que eu ministrei esse curso, então eu entro na sala de aula

falando inglês, a comunicação tem que ser feita em inglês, as respostas, os trabalhos, então é um curso de experimento de laboratório, eles desenvolvem um projeto final e esse projeto final é apresentado na forma de pôster no simposium que acontece no fim do quadrimestre e um mini paper, um mini artigo científico, e eles apresentaram o pôster em inglês, fizeram o artigo científico em inglês, então tem muitas outras disciplinas né, por exemplo, tem bases matemáticas que você vai ter um professor que entra lá e vai dar todas as disciplinas em inglês, e isso com o intuito de mostrar que é claro que a gente ainda não teve alunos de fato estrangeiros que tem essa limitação de não entender o português, quer dizer a gente teve na pós graduação, na pós graduação isso já existe, alunos que vem de fora e aí as aulas são feitas em inglês porque o aluno não entende o português. Na graduação pelo que eu saiba isso não aconteceu, mas já temos várias disciplinas regularmente sendo...pelo menos uma ou duas turmas sendo oferecidas em inglês, então a gente mostra pro aluno que vier de fora que ele tem a opção de assistir em inglês.

Raquel: Na língua deles.

Sujeito 6: É, ou na língua universal acadêmica, que é o inglês.

Raquel: E como que foi para os alunos essa experiência, professor. A partir da sua visão. Eles já tinham familiaridade com o inglês, eles aprenderam durante o processo, ou pra cursar a disciplina tem que ter obrigatoriamente....

Sujeito 6: A gente diz que a disciplina não é pra aprender inglês, então o aluno tem que ter um nível de inglês pra acompanhar, então os alunos já sabiam muito bem, claro que existem diferentes níveis né, mas eu acho que foi ótimo pros alunos porque eles saem da zona de conforto, primeira coisa. Então já são alunos que topam sair da zona de conforto. Mas outra coisa é que de repente eles tem essa experiência de acompanhar um curso em inglês e daí desperta neles um, olha acho que se eu for pra fora numa universidade estrangeira eu vou conseguir acompanhar, afinal, fiz um curso de nível universitário, numa universidade de classe mundial que a gente fala, e eu acompanhei cursos em inglês, então se eu for pra fora não vai ser tão difícil assim, então acho que o aluno se sente melhor, mais confiante, já é uma espécie de internacionalização em casa né, que a gente fala...

Raquel: Que legal professor. Vou aprofundar um pouquinho mais na questão dos agentes de internacionalização...

Sujeito 6: É, tem uma outra, não sei se cabe nessa pergunta aqui, que eu não sei se o professor kamienski falou do curso tipo COIL

Raquel: Não, eu acredito que não. Ele conversou um pouquinho sobre as disciplinas né, os cursos em inglês e mencionou um pouquinho sobre internacionalização em casa mas não tinha me [...] assim com todos os detalhes

Sujeito 6: Tem um outro assim, ela aconteceu pela primeira vez no quadrimestre passado, que foi uma experiência nova aqui pra ufabc e é nova, razoavelmente nova no mundo também, que foi oferecida uma disciplina do tipo COIL, que é a sigla para Colaborative Online International Learning, qual que é a proposta, você oferece esse tipo de disciplina em parceria com uma outra universidade fora do país, então no nosso caso foi com a Wayne State University, nos estados unidos. Qual que é a proposta, você matricula numa mesma disciplina, numa mesma turma, alunos daqui da ufabc e alunos da Wayne State University, então nós tivemos 20 alunos aqui e 20 alunos lá. E aí eles fazem uma mesma disciplina e nessa disciplina eles tem que desenvolver projetos em conjunto, então a gente monta grupos mistos, a gente montou grupos assim, de dois alunos da ufabc e dois alunos da Wayne State, então um grupo de quatro alunos e eles tem que desenvolver em conjunto um projeto num dado tema e aí eles tem que colaborar, então via mídias sociais, Skype, email...

Raquel: Ah, é à distância?!

Sujeito 6: É à distância eles lá e aqui, então também é uma forma de internacionalização em casa, porque eles tem contato direto com pessoas de fora do país estando aqui, e eles tem que desenvolver, eles tem um objetivo em conjunto, e aí o objetivo da disciplina é justamente esse processo de aprendizado de realizar um projeto em colaboração com pessoas de fora, então você tá falando em outra língua, no caso foi o inglês né, choque de culturas, diferenças de fuso horário, e isso traz um amadurecimento muito grande pros alunos e a gente teve uma palestra também com um especialista nesse tipo de disciplina, ele que cunhou o termo COIL e já vem fazendo isso a muitos anos e ele diz que cada vez mais empresas tem contratado, se eles sabem que o aluno fez esse tipo de curso eles já pegam porque já é uma experiência a mais porque hoje em dia as empresas são internacionais, tem sedes em diferentes países daí essa pessoa já tem essa experiência de desenvolver um projeto a distância, colaborando, diferentes culturas, diferenças de fuso horário, etc. já vem com essa experiência então já sabe que tem um diferencial. E aí a gente ofereceu esse curso no quadrimestre passado.

Raquel: Quais foram as áreas que esse curso...

Sujeito 6: então, teve com o tema Energy for [...] Century. Então foi os desafios energéticos para o novo século, mas o tema não importa, entendeu, a gente pode oferecer de novo com a *Wayne State University* com o tema de Gestão, por exemplo.

Raquel: E os aluno são de diversas áreas?

Sujeito 6: Foram alunos de engenharia, como teve o assunto de desafios da questão da energia a gente procurou priorizar alunos da engenharia.

Raquel: Calma professor, esse eu ainda não tinha conhecido, como eu leio bastante os programas e os projetos desenvolvidos esse eu não tinha conhecido, acho que não tá no site da assessoria, vou perguntar pra Janaina.

Sujeito 6: Deve tá, mas talvez não esta tão bem...se não tiver é uma falha que eles precisam colocar.

Raquel: É eu vou conversar com ela porque eu quero colocar no meu projeto porque é uma coisa interessante, até porque é inovador né. que legal. É, eu vou voltar um pouquinho sobre a questão dos agentes de internacionalização. Quais foram os critérios de escolha assim, do seu nome pra função de agente, foram essas iniciativas? Algum trabalho nessas iniciativas?

Sujeito 6: Isso, eles já perceberam que eu tava mais ou menos envolvido

Raquel: Você considera que o projeto institucional da ufabc representa uma inovação em termos de políticas de educação superior no Brasil? Ou se trata de uma universidade como qualquer outra? Como você vê a ufabc no cenário da educação superior no Brasil?

Sujeito 6: Ó isso vai bem além da questão da internacionalização né aí esses cursos, os bacharelados interdisciplinares, quer dizer, a iniciativa começou com a ufabc e agora isso já tem replicado em diversas universidades pelo Brasil né, então eu acho que sim é uma ideia diferente que tem uma proposta que vai uma consonância muito grande com o que se espera né dos profissionais, dos cidadãos que a gente já tem bastante especialistas né, então uma pessoa que tem uma visão ampla da realidade, que tem uma postura crítica, eu acho que a UFABC contribui bastante nesse novo formato né, nessa nova forma de...

Raquel: Tá, vamos lá. O senhor já falou um pouquinho sobre as funções dos agentes de internacionalização, o senhor já me respondeu. Quais são os objetivos que se

busca...isso daí o senhor já me respondeu né, a orientação do trabalho do agente de internacionalização, mas tem outros objetivos que os agentes de internacionalização têm percebido, tem buscado, dentro dessas[...] internacionalização da ufabc?

Sujeito 6: Então, a gente conversou bastante, tem essa coisa na parte do ensino né, então a gente tem essas iniciativas que cumprem a função da internacionalização em casa né, então os alunos têm as aulas em inglês e tem contato com alunos de outras universidades e tal, abre também a possibilidade de alunos de fora vir para cá, a gente espera que isso aconteça mais né, num futuro. Aí de novo eles têm contato até direto, tendo contato com alunos de outros países já é uma internacionalização em casa também, os alunos se sentem mais confiantes para ir para fora quando tem essa experiência já aqui, então a gente já tem pessoas indo para fora do país independente do programa Ciências Sem Fronteiras, porque agora a ciência sem fronteiras já meio que acabou, então, eu tinha uma pilha enorme dessas pastas aqui e agora tem diminuindo e vai minguando (risos)

Raquel: Vai vir agora um outro né, [áudio muito baixo 21:36]

Sujeito 6: É, bom, tomara! Mas as pessoas têm condições e tal, já tem mais confiança e vão, vão para fora, veem a oportunidade e vão para fora

Raquel: [...] acordo de cooperação entre a UFABC e as outras universidades

Sujeito 6: Exatamente, só que aí isso é no âmbito do ensino né e a gente também tem bastante iniciativa de internacionalização no campo da pesquisa. Então interações com laboratórios internacionais, com outros institutos e grupos de pesquisa fora do país, isso também é uma outra iniciativa de internacionalização, que é importante também.

Raquel: O trabalho de internacionalização é dirigido apenas para a graduação ou ele abrange outras áreas?

Sujeito 6: então, vai na graduação, pós-graduação, pesquisa...tem outras áreas também

Raquel: Há projetos prioritários? Tipo ciência sem fronteiras, mobilidade acadêmica, ou áreas prioritárias que devem ser desenvolvidas com os estudantes [...]

Sujeito 6: Então, acho que isso é mais o gestor que vai decidir como fazer, eu pessoalmente tenho atuado bastante como agente de internacionalização em termos da burocracia de equivalência de disciplinas dos alunos, mas também atuado dando disciplinas em língua inglesa e dos cursos tipo COIL, essas são as iniciativas que eu

tenho me envolvido mais na área de internacionalização e tradução do site de informações para o site em inglês da UFABC.

Raquel: Só amis algumas perguntinhas. Como é operacionalizada na sua área de competência a cooperação entre instituições estrangeiras ou em projetos internacionais e como ela envolve os estudantes na sua área de atuação, como acontece nesses processos...

Sujeito 6: Bom, eu acho que na pratica o que aconteceu é o estabelecimento dessa colaboração da Wayne State que eu posso citar assim que existiu uma ação, porque o resto a gente dá as disciplinas em inglês e isso é uma coisa mais interna né e nisso primeiro teve um contato dos gestores né, o gestor daqui e o gestor de lá entraram em contato, tinham um desejo em comum, tivemos várias reuniões via Skype, mas aí pra você condensar as estratégias em um curso em comum tem vários problemas práticos quer você tem que resolver, então você tem que ter professores que tem áreas em comum, interesses em comum, porque é coordenado, um professor aqui, um professor lá e aí você tem que ter um tema em comum pra disciplina, você tem que ter uma ementa, você tem que ter um objetivo e a gente tentou com várias reuniões via Skype e não tava funcionando muito bem, as coisas não convergiam direito, então teve a possibilidade de fazer uma viagem, então agente foi até a *Wayne State*, interagimos pessoalmente com um pessoal lá, conhecemos a universidade sentamos juntos com os gestores, os professores de lá e aí de lá a gente saiu com um plano para essa disciplina coil né energy for the [...] century

Raquel: O senhor tem alguma ementa dessa disciplina?

Sujeito 6: Tenho.

Raquel: Se o senhor puder me enviar, porque eu não vi na assessoria, no site da assessoria eu não vi. Acho que como deve ser da área específica talvez não esteja disponível lá e eu gostaria muito de ler um pouquinho mais sobre ela, se o senhor tiver ela disponível, até pra colocar como registro mesmo das ações de [...] de internacionalização.

Sujeito 6: Deixa eu ver aqui se eu acho...

Raquel: até para usar de anexo no trabalho. Anexar a iniciativa porque é muito interessante.

Sujeito 6: deixa eu ver se é esse documento... Ó esse aqui na verdade...

Raquel: Coisa de pesquisadora ficar feliz quando acha um documento

Sujeito 6: É. Então esse aqui na verdade são os slides iniciais então ele vai falar um pouco sobre o programa, quais são os assuntos e tal. Ta meio como é...ele usa a palavra tentativa(?) porque era a primeira vez né, vamos tentar fazer isso aqui e tal e acabou que foi bem, se consolidou essa...

Raquel: tem algum documento, alguma ementa de registro ou não?

Sujeito 6: acho que só esses slides aqui, registro do que você quer?

Raquel: Da disciplina mesmo, se tem no site, porque eu não vi esse...

Sujeito 6: Aí que tá, porque assim, se você for procurar a disciplina Energy For the [...] Century você não vai achar, porque pra criar uma disciplina você precisa passar pelo conselho universitário sabe aquela coisa, burocracia, então aí que tá, a gente tem que ter reunião com gestores, ela foi oferecida pros alunos sob o nome de Tópicos em Física Teórica, foi esse o nome da disciplina.

Raquel: Você me disponibilizaria os slides para eu anexar ao meu trabalho? Porque eu acho muito importante essas iniciativas e eu gostaria de anexar ao meu trabalho e até o momento eu não tinha conhecimento desse trabalho e é uma...E vai se repetir a disciplina?

Sujeito 6: Eu espero que sim viu, mas por enquanto...

Raquel: É uma por ano esse projeto? Durou quanto tempo?

Sujeito 6: É um quadrimestre, então é outra coisa que...é um período letivo, é outra coisa que pode dificultar esse tipo de coisa, porque o período letivo nos estados unidos não é necessariamente o mesmo daqui, então tem umas adaptações entendeu, a gente começou umas semanas antes a gente foi preparando, começou lá como curso intensivo, então a gente teve doze semanas e eles lá tiveram oito semanas, e aí nessas oito semanas foi bem intensivo pra eles enquanto que aqui a gente já foi preparando antes, então pra alinhar tudo isso você tem que fazer uma reunião como é que vai fazer, como é que eles vão instrumentalizar lá qual é o período, quantas horas, o que você pode...então tudo tem que ser adaptado.

Raquel: Agora as perguntinhas finais da nossa entrevista. Como política de internacionalização pela sua percepção né, chega aos estudantes, aos professores, aos gestores. Isso é como cada ator acadêmico recebe, ou se relaciona com o trabalho desenvolvido com os agentes, como senhor percebe essa relação, como que é esse processo?

Sujeito 6: Em grande parte as pessoas tem que dar um passo nessa direção né, então aqui os agentes, não só os agentes mas pra ministra ruma disciplina em inglês não precisa ser um agente de internacionalização, qualquer professor pode, mas ele tem que dizer ó, eu quero, eu to afim, e os alunos que querem fazer essa disciplina também tem que dizer que querem essa aula em inglês então as pessoas tem que se voluntariar nessa direção e as pessoas fazem, . Então a gente tem tido bastante turma em inglês , elas são cheias, os alunos procuram, teve bastante oportunidade no ciência sem fronteiras, também as pessoas se disponibilizam para traduzir as informações pro inglês e sso tem sido bem disponibilizado, as oportunidades estão aí

Raquel: isso fica disponível e os alunos que optam pelo interesse. Que resultados que o senhor consegue perceber e já consegue contabilizar na sua área de atuação com relação a internacionalização?

Sujeito 6: São várias coisas né, nós tivemos muitos alunos que foram para o ciência sem fronteiras eles voltam transformados, realmente é uma boa experiência para eles. Muita gente critica o volume de dinheiro que foi investido, é bastante dinheiro, talvez pudesse ter sido usado de uma forma eficiente, mas eu não acho que foi um dinheiro mal investido, os alunos realmente voltam mais maduros, transformados, com vários outros elementos e eu acho que a gente vai perceber os efeitos disso mais pra frente, porque quando essas pessoas começarem a ingressar na sociedade, no mercado de trabalho, a gente vai perceber as ações transformadoras geradas por esse programa. Aqui também a gente percebe que os alunos têm uma experiência legal com as disciplinas feitas em inglês, então dá para perceber bastante sim.

Raquel: E com esse curso especificamente como foi o retorno, o resultado?

Sujeito 6: Do COIL? Eles gostaram, bastante. É um curso duro, porque não é fácil de repente...trabalhos em grupos na universidade já é conhecido por ser bastante problemático (risos). Quando você tem um grupo de pessoas que tem que desenvolver o projeto já é sabido que...imagina quando você envolve gente de outro país. Então a

gente teve desistência, pessoas que não conseguiram, desistiram. Mas os que foram até o fim gostaram bastante da experiência também acharam que valeu muito a pena fazer, e houve também um bom amadurecimento nesse sentido, então acho bem legal.

Raquel: E qual era a carga horária?

Sujeito 6: Era um curso de quatro créditos, ou seja, equivalente a um curso regular da universidade exigindo bastante tempo.

Raquel: Que vale coimo disciplina optativa

Sujeito 6: Sim, entrou como[..]

Raquel: Agora eu vou fazer uma pergunta mais referente a sua prática como professor aqui na universidade. Quais são as dificuldades no dia a dia do seu trabalho? Quais são as dificuldades que o senhor enfrenta tendo em vista esse novo modelo de universidade, essas iniciativas inovadoras de internacionalização, imagino que deva ter bastante desafios né queria que o senhor falasse como que é esse processo, quais são as dificuldades?

Sujeito 6: Eu acho que as dificuldades são inerentes ao lado bom, quer dizer, aquela coisa que tudo tem que ser criado, desbravado, começado. Então as coisas não tão feitas lá né, a estrada não está pavimentada, ela precisa ainda ser pavimentada, então essa é a maior dificuldade, então tudo demora mais, até indo além da questão da internacionalização, os nossos cursos aqui o aluno vem de um bacharelado interdisciplinar, então nosso aluno ele tem um perfil diferente, ele tem uma formação interdisciplinar, a gente tem um regime quadrimestral que não há em nenhuma outra universidade, então se você for pensar em termos de livro texto, não existe livro texto adequado para os nossos alunos então todos os cursos tem que ser adaptados, você tem que preparar material didático novo, então é aquela coisa, você tem que desbravar, fazer tudo do zero, então é bastante dificultoso, trabalhoso, mas ao mesmo tempo bastante gratificante.

Raquel: Última pergunta. O senhor considera que o trabalho dos agentes de internacionalização deve ter continuidade, deveria ser reformulado, um novo tipo de prática. Como o senhor pensa essa questão dos agentes de internacionalização, na sua prática desde que o senhor assumiu a função e agente de internacionalização e como professor também, já trabalhando com essas iniciativas de internacionalização.

Sujeito 6: Sim, internacionalização é sempre importante e eu acho que isso tem que ser continuado, e isso tem sido né. Eu espero que se amplie e que a gente tenha mais disciplinas ofertadas em inglês, mais acordos com outras universidades, acordos de mobilidade, acho que sim, isso deveria ser ampliado.

SUJEITO 7

Raquel: Professor, muito obrigado por me receber, eu queria que o senhor falasse seu nome, sua formação, a área de curso, de atuação na universidade, o tempo de trabalho docente e o seu tempo de exercício como agente de internacionalização.

sujeito 7: Meu nome é **sujeito 7** eu sou formado em administração de empresas e também bacharelado em física, depois eu fiz doutorado em física na universidade de são Paulo com especialização na área de física nuclear de altas energias, depois eu fiz

aproximadamente cinco ou seis anos de pós-doc e aí eu entrei aqui na ufabc em 2015, através de um concurso que eu prestei em 2014 e comecei exercer a função em 2015 e em 2016 um colega nosso que era o agente de internacionalização daqui, ele acabou sendo contratado na universidade de São Paulo e ele me sugeriu de exercer essa função, explicou mais ou menos o que ele fazia e eu concordei, então desde 2016, final do primeiro semestre de 2016, eu tenho exercido a função de agente de internacionalização. Bom, acho que talvez você queira que eu diga alguma coisa sobre o tipo de atividade que tem a ver com isso. Em geral a principal demanda de trabalho que eu tenho em relação a isso é avaliar os pedidos dos estudantes que foram fazer algum estágio no exterior, 99,9% deles dentro do programa Ciência Sem Fronteiras, então eles saíram pra fazer estágios de seis meses, um ano, as vezes até mais que um ano e lá eles tiveram obviamente que cursar certas disciplinas que podem ter sobreposição com o nosso currículo, então muitas vezes eu sou solicitado a avaliar demandas de por exemplo, reconhecer os créditos de disciplinas que eles fizeram lá, liberando a obrigatoriedade de fazer disciplinas que teriam uma sobreposição grande de currículo daqui da universidade. Então essa é a principal demanda, as vezes tem algumas outras demandas que a assessoria de relações internacionais pede, mais 90% do tempo é isso.

Raquel: Quais foram os critérios de escolha do seu nome para a função de agente de internacionalização?

Sujeito 7: Na verdade foi uma indicação, como eu havia dito eu tinha um colega que ele era já agente de internacionalização daqui, do grupo relacionado ao bacharelado de ciência e tecnologia e eu ele ia sair, ia deixar o posto vago e ele me indicou e o pessoal da coordenação do abc tem referendo, e desde então eu comecei a fazer, então foi por indicação.

Raquel: O senhor já conhecia o projeto institucional da ufabc quando fez o concurso para a docente?

Sujeito 7: Olha, conhecer como eu conheço hoje, não. Eu sabia que tinha uma proposta diferente, acompanhava a distância né, então o que eu via era uma proposta de colocar juntos diferentes setores de ciências naturais, colocaram em processos [...] áreas de química, nanotecnologia, físicas de materiais e tal. Para ter uma sinergia grande nesse tipo de atividade e enfim. Então é o trabalho multidisciplinar né, não sei nem se interdisciplinar, mas multidisciplinar. Quando eu entrei aqui foi apresentado um projeto que era um projeto de interdisciplinaridade, então a forma de ingresso, o bacharelado de

ciência e tecnologia, o bacharelado em ciências humanas seriam ambos multidisciplinares dentro das suas grandes áreas de conhecimento. Então isso seria o reflexo do que se propõe fazer a universidade em termos de pesquisas e tal. Então a interdisciplinaridade do curso do bacharelado de ciência e tecnologia e mais os cursos pós bacharelados interdisciplinares eu não tinha consciência antes de entrar aqui, isso eu realmente aprendi quando eu entrei aqui.

Raquel: Como foi a adaptação a esse processo?

Sujeito 7: Olha, a gente fica um pouco confuso no começo porque a gente está acostumado com aquela coisa mais já departamentalizada né, você entra num lugar é um departamento de física, ou quando eu fiz o outro curso era o departamento de economia e administração...então as coisas são muito separadas assim nesse sentido e a coisa mais próxima a isso que eu tinha vivenciado foi quando eu tava na pós graduação na usp em física, que existia uma parta da pós graduação que era o programa de pós graduação Inter unidades, eles não usavam a expressão interdisciplinar, era inter unidades que você as vezes tinha alguém que era de outro instituto, outra unidade da universidade, por exemplo alguém da área de química que queria fazer uma pesquisa na área de física dos materiais e acabava fazendo aquilo ali. Então de verdade, essa noção eu já tinha, mas não de viver propriamente né, porque é muito comum nos estados unidos você ter esse curso geral nos primeiros dois anos nas universidades e depois o indivíduo segue para uma carreira mais específica. Então eu acho que aqui a ideia eu acho que ela remonta um pouco essa coisa de você ter esses três...aqui são três anos né? O bacharelado de ciência e tecnologia, e acho que o de ciências humanas também. Você tem três anos onde você transita por todas as suas disciplinas do núcleo comum, que são físicas, biologia, química, no BC&T tem filosofia também, matemática, ciência da computação essas coisas, e aí o indivíduo segue um caminho, ele pode seguir mais de um caminho ao mesmo tempo. Na USP, quando eu entrei no bacharelado em física eu fui convidado a participar do processo que tem lá que é muito parecido com o BC&T que é o curso de graduação em ciências moleculares, você tinha dois anos que você tinha todas as áreas das ciências naturais, não tinha filosofia, a diferença principal era essa. E a quantidade de disciplinas era maior e mais intenso e daí você já tinha a partir de então a possibilidade de fazer disciplinas de qualquer unidade que você quisesse inclusive de pós-graduação. Então aqui o que acontece é que a semelhança dos dois é que a partir do segundo ano lá o aluno podia fazer qualquer disciplina mesmo sem pré-requisito, aqui

na ufabc é um pouco mais ousado no sentido que, depois do primeiro quadrimestre, quando o ingressante entra é dado para ele uma grade e ele não tem o que fazer, são aquelas disciplinas.

Raquel: No primeiro ano?

Sujeito 7: É, aqui na UFABC é quadrimestres e não semestres

Raquel: então nos dois primeiros quadrimestres...

Sujeito 7: Não, o primeiro quadrimestre é fixo, então entrou do ENEM lá, ele não sabe, ele entrou na ufabc ele tem um pacote de disciplinas que ele tem que fazer no primeiro quadrimestre, e aí a partir do segundo quadrimestre ele pode escolher o que ele quiser independente de ter ou não pré-requisito. Então ele tem a ausência de pré-requisito desde o primeiro ano da graduação. O que é uma graduação muito ousada porque a maioria dos estudantes você imagina que não vão ter uma maturidade suficiente para escolher o curso de física quântica sem ter visto alguns outros elementos de física, eletromagnetismo, por exemplo. Por outro lado, essa busca da flexibilidade é para proporcionar estudantes que tenham realmente essa capacidade, essa maturidade, possam transitar e encontrar atalhos para uma formação e para uma capacitação mais rápida e diferenciada porque nessas circunstâncias, o que se diz nos corredores aqui é que nenhum aluno da ufabc é igual ao outro, porque eles podem escolher currículos completamente diferentes.

Raquel: Dentro de uma mesma área...

Sujeito 7: Sim.

Raquel: O senhor considera que o projeto institucional da UFABC representou uma inovação em termos de políticas de educação superior no Brasil, ou se trata de uma universidade federal como qualquer outra. Como que o senhor enxerga a posição da UFABC?

Sujeito 7: Eu acho assim, ela teve uma proposta inovadora inicialmente, veja, eu não to aqui desde o começo então eu acabo reproduzindo talvez um pouco do que outras pessoas acham, porque você ouve, ou o que os mais antigos falam.

Raquel: Mas a partir da sua experiência.

Sujeito 7: A minha experiência é que assim, ela abre um leque, uma oportunidade única eu acho, de você ter formação multidisciplinar, ou interdisciplinar, numa série de

cursos que precisa disso. Então nesse sentido a gente não está acostumado com isso. Então ela é inovadora, eu acho até que muitas vezes o que a gente tem no ensino médio e fundamental não prepara os estudantes para estarem numa situação onde não existem fronteiras fixas entre conhecimento, o conhecimento não deveria ser compartimentalizado. Então não deveria ter tanta diferença assim. A aplicação prática na verdade, o que acaba acontecendo é que embora a proposta seja inovadora e tal, mas pessoas que compõe a universidade também não foram formadas com essa visão. Então a tendência natural é que embora não haja departamentalização na universidade as coisas acabam caminhando um pouco para uma estrutura departamental no sentido de, por exemplo, você tem o bacharelado em física e as pessoas cuidam dos assuntos do departamento de física separado do departamento de química, que é o mesmo centro de ciências naturais e [...] mas mesmo assim a gente tem uma certa departamentalização nesse sentido. Tem os centros que funcionam no final das contas, não era para ser departamental, mas os centros acabam funcionando como departamentos, porque você tem o os centros e o diretor do centro rege certas políticas públicas de execução orçamentária, execução de atividades burocráticas etc... que afetam o indivíduo que é de um centro, diferente do que é de outro centro. Então assim, embora a proposta seja inovadora, a infraestrutura jurídica vamos dizer assim, as leis do Brasil não são assim. Então a gente tem que seguir a mesma lógica que qualquer outra universidade federal. Então nesse sentido por mais que a gente tenha essa proposta multidisciplinar todos os elementos que compõe a universidade não foram forjados para isso, então existe sempre uma tendência natural a se assemelhar ao que são as outras universidades federais mais tradicionais, então tem que ser sempre um esforço de construção contínua de manter essa ideia de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, ausência de compartimentalização do conhecimento. A pessoa não pode pensar que “ah acabou a física, agora eu vou fazer biologia”, não. Você tem elementos da física que atuam na biologia e vice e versa, dependendo do contexto de física que você está olhando e tal. Então a gente acaba tendo que lutar um pouco por isso. O que acaba acontecendo é que a força natural, vamos dizer assim, que vem de fora, é a própria interdisciplinaridade que é exigida da gente na pesquisa. Então embora as leis não sejam interdisciplinares, a formação que a gente tem não tenha sido interdisciplinar, os temas de pesquisa hoje em dia acabam sendo interdisciplinares. Então você acaba sendo forçado a ser interdisciplinar e ao perceber a dificuldade que você tem por exemplo quando pega um aluno de pós-graduação que não tem o perfil interdisciplinar incorporado nele, você

acaba se motivando a fazer com que o projeto pedagógico seja implementado da maneira como ele foi desenhado.

Raquel: Então na questão prática esses elementos da questão da interdisciplinaridade ele é mais operacionalizado, mais a própria pós-graduação do que propriamente na graduação.

Sujeito 7: Exatamente, a graduação na verdade ela é mais uma coisa formal, e interdisciplinar formal, mas as coisas não se conversam. Então o aluno tem a aula de física dele e a aula de biologia dele, então ele tem as duas aulas, mas é difícil um professor de biologia chegar e falar “olha aqui entra a física do cara que está dando lá, os fenômenos dinâmicos, térmicos, não sei o que” as vezes é difícil também a gente falar, olha aqui, essas são as aplicações que vocês vão ter em biologia e tal. Então o diálogo entre as disciplinas deveria ser maior para que fosse interdisciplinar. O que eu ouvi de alguns alunos meus de iniciação científica é que eles entendem o curso do BC&T não como um curso interdisciplinar, mas como multidisciplinar, você tem várias informações, mas elas não são dadas a você de maneira que uma converse com a outra. Essa ligação, essa capacidade de fazer as pontes, de derrubar essas barreiras fica a cargo do aluno, o aluno que tem que desenvolver essa capacidade. Então aqueles que vão sair daqui e vão para o mercado de trabalho, talvez consigam, dependendo com o que forem trabalhar, vão conseguir fazer isso. Os que vão para a pós-graduação, dependendo da pós-graduação que for, vão fazer isso ou não. Se o cara fez bacharelado em física, vai fazer física teórica e vai trabalhar com buracos negros não sei o que, ele dificilmente vai se lembrar das outras coisas, dificilmente vai ser interdisciplinar. Mas aquele que está fazendo uma pesquisa em física das matérias que ele precisa usar, por exemplo, noções de matéria orgânica como componentes, novas matérias etc. Isso daí para esse cara pode fazer muita diferença. Quer dizer, ele acaba tendo essa formação multidisciplinar e depois na cabeça dele vai se juntar essas coisas “ah, eu vi isso em tal disciplina, isso deve dar para fazer tal coisa”...

Raquel: Então varia por área e por[...]

Sujeito 7: [...] Exatamente, o quanto que o indivíduo passou por aquele processo vai ser exigido a interdisciplinaridade dele, ou não. Então não é uma formação multidisciplinar, na prática o que está acontecendo a gente está dando uma formação multidisciplinar, e essa multidisciplinaridade vai virar interdisciplinaridade ou não de acordo com os indivíduos e não de acordo com um esforço institucional

Raquel: E qual local o senhor coloca a questão da interdisciplinaridade, e da multidisciplinaridade? Como quer o senhor define esses dois campos que são campos bem distintos, né?

Sujeito 7: A interdisciplinaridade é você ter a noção, por exemplo, que um organismo vivo ele só funciona se levar em consideração as leis da termodinâmica, por exemplo, que é uma coisa que ele vai ver na física, isso seria interdisciplinar. O que é multidisciplinar? O cara vai lá e vê a teoria da evolução, ecologia dos seres-vivos, metabolismo e não sei o que, e nunca faz menção a entropia, conservação de energia e nada disso. E no curso de fenômenos térmicos, por exemplo, que é onde a gente vê esse tipo de assunto, a gente nunca fala de sistemas biológicos etc. Então são coisas assim, ele tem a formação de termodinâmica, ele tem uma formação de biologia, de metabolismo, de evolução e tal, mas não é dado para ele muitas vezes essa ligação. Então é multidisciplinar no sentido que ele vê muitas disciplinas distintas, de áreas que nem sempre tem o contato claro, óbvio. Então isso seria o multidisciplinar. O interdisciplinar é aquele que tem disciplinas diferentes de áreas diferentes, mas que elas se conversam de algumas maneiras, umas com mais intensidade, outras com menos intensidade, mas o ideal seria que tudo que ele vê fizesse sentido nessa linha de “olha, eu to pegando um conhecimento daqui e to vendo que esse conhecimento se aplica aqui, isso aqui é um sistema daquele tipo que eu posso modelar com aquilo que eu aprendi lá” Então eu posso modelar certos modelos biológicos com modelos que eu aprendi na física, por exemplo. Isso seria interdisciplinar, a gente ensinar os alunos a verem as coisas desta maneira seria interdisciplinar. A gente dá física e dá biologia e daí sei lá, conseguir modelar ou não vai ser uma coisa que, ou ele vai precisar na hora que ele for fazer a pesquisa e aí o professor orientador dele vai chegar e falar, você pode modelar desse jeito, e aí ele vai estar dando um treinamento multidisciplinar pra esse cidadão, ou quando o cara for pra uma empresa e entrar em um programa de trainee e aí tem aquele curso específico e aí olha, você vai misturar isso aqui que você viu na sua área de eletrônica, com esse conceito de administração sei lá alguma coisa assim, e isso vai dar um resultado pra gente. Então essa é a diferença principal de multidisciplinar e interdisciplinar: multidisciplinar você vai ter um monte de informação que não necessariamente se conversam. E o interdisciplinar é você dizer que existe um monte de conhecimento e essas coisas podem se relacionar das mais diversas maneiras, então essa visão de achar caminhos e tal é o que seria o interdisciplinar, é você estimular o aluno

que entra a procurar soluções nos lugares menos óbvios, isso seria interdisciplinar. Multidisciplinar é falar assim olha, física funciona desse jeito, biologia desse jeito, a química desse jeito, a matemática não sei o que, e tudo bem...

Raquel: E o projeto pedagógico, ele tem em toda sua estrutura esse conceito da questão da interdisciplinaridade, diálogo. Mas assim, quando ele é formado, que acredito que cada um tem o seu e eu acabei dando uma olhada.

Sujeito 7: Sim, no papel ele é interdisciplinar, mas na prática acaba sendo multidisciplinar porquê? É aquilo que eu estava falando no começo, o professor não foi formado, não foi forjado para ser multidisciplinar. Então, para a coisa ser realmente interdisciplinar, a gente teria que passar por um treinamento do corpo docente também.

Raquel: E não tem uma formação específica para o professor poder [...] em relação a essa questão da interdisciplinaridade?

Sujeito 7: não, você fez por exemplo, todo mundo tem doutorado, para entrar aqui.

Raquel: Geralmente tem fundamentos tradicionais, né?

Sujeito 7: Exatamente. Então por exemplo, fiz física, ligado a física nuclear de altas energias, onde é que entra minha interdisciplinaridade nisso daí? A minha interdisciplinaridade nisso daí entra porque eu posso usar por exemplo alguns detectores que são usados em física para detecção de partículas ou radiação, eu posso usar esses detectores, por exemplo, pra fazer pesquisa em física de materiais, ou química de matérias, ou estudar matérias biológicas com uso de radiação, física médica e esse tipo de coisa. Então é aí que basicamente poderia entrar minha interdisciplinaridade, ou ainda o tipo de análise que a gente faz de larga escala pode ser usado em vários tipos de situações, até por exemplo, análise econômica, esse tipo de coisa. Então é o tipo da situação eu a gente pode se aventurar na multidisciplinaridade, ou na interdisciplinaridade. Mas por exemplo eu acho muito mais fácil ter um contato com alguém que trabalha com raio-x por exemplo e queira compartilhar um determinado equipamento que eu to desenvolvendo ou querendo desenvolver, do que por exemplo, alguém do bacharelado em ciências econômicas querer fazer uma parceria comigo pra fazer análise de dados do banco mundial, ou do IBGE usando as ferramentas que a gente usa pra fazer análises em física de partículas, por exemplo, que são métodos de análise computacionais poderosos, ferramentas estatísticas relevantes e tal. É muito difícil, a gente não tem essa ponte entendeu? Teria que...eu tive momentos logo que eu

entrei aqui, de tentar encontrar pessoas interessadas em instrumentação científica nos outros centros, com o pessoal que trabalha com engenharia e a resposta foi muito baixa, muito baixa. Teve um professor que se interessou e veio participar, a gente fez um workshop ele participou, mas assim, eu contatei uma meia dúzia e não teve resposta. Então é uma questão mesmo de predisposição, ou as vezes é a falta de tempo, não é que não está interessado, é que não tem tempo. A gente é cobrada, aí vem a outra força que não é multidisciplinar, a gente é cobrado por certos tipos de resultado, como qualquer um de outra universidade.

Raquel: Então o aspecto da avaliação [...] ele é tradicional

Sujeito 7: É tradicional. Você tem que publicar não sei quantos artigos, você tem que dar não sei quantas aulas, entendeu, é igualzinho, não são diferentes. E esses são critérios estabelecidos pelo ministério da educação, que é igual para todo mundo. Então a avaliação ela se encaixa naquele conjunto de leis e regras que tem no brasil que é igual para todo mundo, então não tem muito espaço, não tem muita flexibilidade as vezes pra agir de maneira diferente, então talvez tivesse que pensar fora da universidade também, no MEC, alguma coisa assim, como fazer esse tipo de avaliação de maneira diferente, no CNPq também, como fazer isso de maneira diferente.

Raquel: Os aspectos políticos de educação superior tendo essa visão de interdisciplinaridade, teria que pensar uma outra maneira de...

Sujeito 7: Na verdade existem certos incentivos. Por exemplo, a FAPESP, o CNPq, a CAPES eu não lembro se tem esse tipo de coisa, mas de tempos em tempos eles vem com editais, ou promovem projetos que sejam multidisciplinares, ou interdisciplinares. Teve uma época que era mais forte isso na FAPESP, diminuiu um pouco nos últimos anos, mas em meados da década passada entre 2005 e 2010, que foi justamente quando surgiu a ufabc, existiu uma onda muito forte de interdisciplinaridade e eu acho que foi nessa onda, nessa mentalidade, existiu um drive político, uma motivação, um empurrão das forças políticas nesse sentido, acho que por isso que surgiu a UFABC e acho que mais duas universidades que tem o perfil parecido. Esse era o entendimento de que esse era o futuro de uma certa maneira né, e eu acho que o que acabou acontecendo é que esse direcionamento de recursos, investimentos e tal, acabou fomentando realmente a criação e alguns grupos de pesquisa bastante competitivos, bastante produtivos, grupos multidisciplinares ou interdisciplinares e a coisa meio que se acomodou, porque assim, ah a gente meio que atingiu o objetivo, existe consciência de que a gente pode fazer

bem melhor mas não tem aquele desespero de que a gente não está fazendo nada interdisciplinar ou multidisciplinar. Então um pouco arrefeceu esse ímpeto de fazer as coisas né. Não, vamos fazer tudo funcionar interdisciplinarmente. Então eu acho que entrou meio que, vamos dizer assim, num estado de equilíbrio, onde a gente é um pouco interdisciplinar, mais multidisciplinar do que interdisciplinar, mas que a gente ainda está aquém do que deveria ser. Mas não surgiram novas regras, surgiram algumas regras pra criar a ufabc, pra criar os grupos de pesquisa, pra destinar aportes de recursos de apoio científico, de suporte científico que fomentaram algum desenvolvimento na área, mas essa motivação toda se arrefeceu um pouco mais recentemente.

Raquel: Agora a gente vai entrar um pouquinho na questão dos agentes de internacionalização e na questão da internacionalização. O senhor já me explicou um pouquinho o que você faz, mas eu gostaria que o senhor me definisse qual é a função do agente de internacionalização tendo em vista sua experiência aqui dentro.

Sujeito 7: Olha o que deveria ser até hoje eu não entendi direito a função (risos). A gente recebe uns comunicados e tal, enfim. Mas por exemplo, a gente não participa de nenhum tipo de conselho onde a gente chamada pra debater o que vai fazer com as políticas de internacionalização. Então a princípio você poderia dar uma opinião e falar, ah porque você não faz isso? Porque que você não faz um convênio com tal universidade...

Raquel: Vocês não têm participação no conselho de Assessoria de Relações Internacionais?

Sujeito 7: Não.

Raquel: Então os agentes não participam das decisões da Assessoria ou do Conselho?

Sujeito 7: Não. É mais um trabalho de mão de obra mesmo, de pegar e avaliar os pedidos, porque eles tem milhões de pedidos, acho que a coisa que mais pesa burocraticamente pra ele são os pedidos de reconhecimento das disciplinas, e aí como eles não tem expertise pra ver todas as áreas de todo mundo, e aí de novo entra a interdisciplinaridade, ninguém lá é capaz de ver interdisciplinarmente tudo, então você manda para pessoas de formação específica, ou de áreas específicas para ver se o pleito desse cara aqui faz sentido ou não.

Raquel: então como você definiria a pratica da assessoria de relações internacionais na ufabc? Ela é interdisciplinar, multidisciplinar? Como ela trabalha essa questão de gestar esses alunos dentro desse processo de internacionalização?

Sujeito 7: Então, eu acho que internamente, na assessoria de relações internacionais, o que acontece é que o pessoal lá tem o treinamento para conseguir diferenciar para que caixinha vai cada demanda por exemplo. Mas as caixinhas não são super fechadinhas, as vezes elas são um pouquinho largas, por exemplo, para mim vem os pedidos relacionados ao bacharelado da ciência e tecnologia, não os relacionados em física, os relacionados em física vão para outras pessoas. Então as vezes vem pedidos de alguém que querem tirar alguma disciplina de biologia, e eu não tenho conhecimento sobre isso. Mas é introdutório e faz parte do BCET, então o que eu vou fazer, eu vou lá pegar a emenda, vou olhar e em geral é assim que acontece. 90% das vezes eles não pedem para o pessoal do BC&T substituição de disciplinas obrigatórias, normalmente eles pedem que contem os créditos de algumas disciplinas que eles fizeram lá, como disciplinas livres, então 90% das vezes é isso que vem. Então por exemplo, o cara vai pra Alemanha, ele não sabe falar alemão, mas ele faz o curso de alemão lá, ele é obrigado a fazer o curso. Então ele faz lá dois semestres onde ele faz o curso de alemão, quatro horas por semana, e aí ele pede para que isso seja considerado como opção livre, por exemplo. E aí você contempla, quantos créditos de opção livre valem esse curso que ele fez? Aí eu tenho que fazer uma continha lá e pronto, aí eu dou. O que acontece por exemplo é o cara fazer um curso de física e quer substituir por fenômenos térmicos, aí é um pouco mais complicado, você tem que olhar, ver se a emenda do curso cobre pelo menos 75% da disciplina que ele quer abrir mão e aí eu posso dizer que sim ou que não. Se tiver alguma coisa muito específico tipo evolução dos seres vivos, aí eu devolvo para eles e falo olha, isso aqui eu não posso avaliar, embora seja BC&T eu não posso avaliar, então volta para o aluno. Na pratica nosso trabalho de assessor não tem nada de interdisciplinar. Vem o negócio, você vai lá vê se o que o cara está falando faz sentido, você faz a conta, vê quanto que dá de credito e dá para o aluno. As vezes eu não dou porque as vezes, queira ou não, está baixo demais, ou sei lá, as horas que ele está pedindo não corresponde ao número de créditos que ele quer e tal, mas são muito raros esses casos, mas é isso, a gente só avalia o quanto de crédito vai dar para ele.

Raquel: Mas a participação no conselho?

Sujeito 7: Nenhuma.

Raquel: Quais são os objetivos que busca alcançar com, e que orienta o trabalho do agente de internacionalização.

Sujeito 7: Então, essa é uma pergunta que até eu gostaria que eles me respondessem assim (risos)

Raquel: (risos) mas eu cheguei primeiro está!

Sujeito 7: (risos) está, quando você souber você me avisa porque não me explicaram ainda. Assim, eu esperaria ter um pouco mais de voz, assim. O que aconteceu é que a gente fez...isso na verdade meu colega que me indicou antes de sair tinha feito, ele tinha feito um processo e traduzir todas as ementas ligadas ao curso de física.

Raquel: Como é o nome desse professor?

Sujeito 7: Gabriel Landi

Raquel: Porque eu vi que as ementas foram traduzidas, tem o site em duas línguas, e ele foi o responsável...

Sujeito 7: Não, das disciplinas que são fornecidas, oferecidas pelo pessoal da física, tipo fenômenos térmicos, fenômenos mecânicos, física quântica e tal.

Raquel: que legal, eu quero o contato dele

Sujeito 7: É, ele não está mais aqui na ufabc na verdade. E ele fez as traduções das ementas...

Raquel: Como agente de internacionalização?

Sujeito 7: Como agente de internacionalização. Então isso era o projeto que foi feito, a gente quer internacionalizar, a gente quer oferecer a possibilidade de estudantes estrangeiros virem fazer o curso aqui, então a gente tem que participar, tem que oferecer a opção de o curso ser em inglês. E aí foi feito esse esforço de fazer a tradução de todas as ementas encontrar bibliografia em inglês para aqueles cursos, porque não basta traduzir a ementa se você não tem a tradução daquele livro em inglês, você vai ter que procurar uma outra bibliografia compatível com aquela e que esteja em inglês e que tenha na nossa biblioteca de preferência. Então teve esse trabalho, o Gabriel fez isso bastante rápido e tal, e eu lembro de ter ficado recendo ainda os e-mails cobrando que todo mundo fizesse, mas eu não precisei fazer porque o Gabriel já tinha feito. Então

outros cursos acabaram fazendo, demora um semestre para fazer, mas enfim, acabaram fazendo. E a outra coisa que a gente tem procurado fazer é ofertar disciplinas em inglês.

Raquel: Que legal! Fala um pouquinho mais sobre essas disciplinas.

Sujeito 7: então a gente pega fenômenos térmicos que tem normalmente sei lá, vinte turmas de trinta alunos ou mais, tem muito mais, cinquenta turmas ou mais de trinta alunos. Então o que acaba acontecendo é que a gente acaba juntando...a gente divide por trinta porque é o número de pessoas que cabem no laboratório, então a gente divide as turmas por trinta, mas nas aulas teóricas a gente as vezes juntas duas ou três turmas de trinta, as vezes você fica com a sala com noventa alunos, você dá aula de teoria e na aula de pratica vão trinta alunos em cada laboratório. Então o que a gente tem feito com uma certa frequência é que algumas disciplinas que são os fenômenos, fenômenos todos, e eu não lembro se física quântica e interações atômico-moleculares também estavam fazendo isso. Que era pegar duas turmas de trinta, totalizando sessenta alunos, sessenta vagas no total, por quadrimestre, onde você fornecia um curso em inglês. Então você tinha que seguir aquela ementa, aquela bibliografia etc...

Raquel: Não é um curso de inglês.

Sujeito 7: Não, é um curso da disciplina em inglês então você ministra física, fenômenos térmicos por exemplo, em inglês

Raquel: Teoricamente o aluno já tem que ter um entendimento do inglês

Sujeito 7: teoricamente ele tem que ter o mínimo necessário para fazer a disciplina. Então uma das coisas que eu acabei fazendo na verdade porque eu acabei dando uma das disciplinas em inglês, que foi laboratório num determinado ano, que foi justamente nessa época que o Gabriel acabou me indicando, porque ele era o professor de teoria e eu era o que dava um dos laboratórios em inglês. Dava as duas turmas de laboratório em semanas alternadas

Raquel: Isso antes do senhor se tornar agente.

Sujeito 7: Antes de eu me tornar agente, e daí eu fiz a tradução dos roteiros experimentais que existiam, para inglês. E aí sim, aí a gente fez. E aí dá aula em inglês, eles cediam o curso, o roteiro em inglês e a bibliografia em inglês. E quando faziam trabalho, faziam trabalho em inglês, então preencher o roteiro, o que se fazia de relatório, eles fizeram os resultados em inglês.

Raquel: Antes dessa experiência do laboratório em inglês, dos agentes, o senhor já tinha tido alguma experiência com a questão da internacionalização da educação superior?

Sujeito 7: sim, quando eu fiz doutorado eu fiz sanduiche nos estados unidos seis meses, e depois alguns dos pós docs que eu fiz foram fora do Brasil, então essa experiência internacional eu já tinha. E ainda hoje no projeto pesquisa que eu participo eu tenho que ir anualmente para o laboratório onde as pesquisas acontecem que fica em Genebra e então eu estou sempre em contato com o pessoal.

Raquel: O trabalho dos agentes de internacionalização é dirigido a que público? Por exemplo, o seu trabalho de agente é dirigido à alguma área específica, como é dirigido esse trabalho?

Sujeito 7: Você diz da área de pesquisa ou trabalho como assessor?

Raquel: Ambos.

Sujeito 7: Então, o trabalho como assessor é aquilo que eu te falei, ele é muito restrito, em geral ele é muito associado ao curso de graduação. Então por exemplo, eu não tenho responsabilidade nenhuma de tentar prospectar novos acordos internacionais com outras instituições, eu não tenho isso. Embora eu tenha contato com muitas instituições fora do brasil eu não tenho essa prerrogativa, não me é dada essa função. Nunca me foi solicitado isso “ah você não quer falar com o cara daquela universidade que você tem contato?” Não, ninguém nunca me falou anda disso, então é muito restrito o trabalho de assessor. Por outro lado, o lado da pesquisa, o tipo de pesquisa que eu faço que é ligado a física do acelerador lá de Hadron Collider lá, o LHC na suíça.

Raquel: Entendo tudo! (Risos)

Sujeito 7: Enfim (risos). Talvez você já tenha ouvido falar do Bóson de Higgs, então é o lugar onde descobriram o Bóson de Higgs. Que é uma partícula elementar que faltava para completar o modelo padrão. Foi descoberto em 2012 nesse acelerador do qual eu trabalho. E as colaborações que a gente monta para construir esse tipo de equipamento, você não constrói com quinhentos mil reais, você constrói com dez bilhões de euros, então você não constrói sozinho, você não constrói em uma pessoa, você não constrói em um país só. É uma colaboração internacional por natureza. Você tem vários países envolvidos. O Brasil está pleiteando fazer parte do laboratório como membro permanente há algum tempo já, na verdade não é culpa deles que a gente não entrou, é

culpa nossa, eles deram luz verde para a gente e a gente tem que passar no senado o acordo, e está parado.

Raquel: Esse que é seu projeto do [..]

Sujeito 7: É o projeto maior, vamos dizer assim. Então você tem o laboratório e dentro do laboratório você tem grupos menores, grupos menores quer dizer assim, grupos de mil pessoas, duas mil pessoas, e aí o grupo maior, o acelerador como um todo envolve mais de dez mil pessoas. Todo o laboratório. E aí para o Brasil fazer parte, como ele tem status de organização internacional como a ONU por exemplo, você tem que fazer uma acordo internacional e acordos internacionais no brasil tem que ser aprovados no senado e aí o senado não aprovou ainda. O conselho superior aprovou, mas o senado ainda não, e isso está na pauta sei lá aonde desde de 2011 eu acho. Eu participei de uma reunião lá em 2010 eu estava lá no laboratório eles chamaram todos os brasileiros lá para uma reunião, foi sei lá qual ministro eu não lembro qual que era e mais um cara da área que trabalhava com o ministro e desde aquela época, desde 2010 que está pendurado esse negócio. Então, essencialmente o trabalho é internacional porque? Porque a gente trabalha forçosamente com essa organização, então a gente dá algumas contribuições em termos de mão de obra, a gente dá algumas contribuições em termos de instrumentação, então a gente tem um projeto aqui da FAPESP de mais ou menos cinco milhões de reais para a construção de um novo tipo de eletrônica que vai ser colocada nos detectores que vai ter um upgrade, vai precisar trocar a eletrônica então a gente participou desse projeto. Tem um novo projeto de construção desse novo subsistema para esse detector grande o qual eu to submetendo um projeto, vou submeter agora esse ano um projeto pra FAPESP para fazer parte desse trabalho aqui, desenvolvimento de uma parte do detector aqui, o desenvolvimento e testes aqui no brasil, simulações e tal. E aí vem ao lado a interdisciplinaridade, é essa parte que eu to querendo propor para eles, aí você tem toda a internacionalização envolvida. E aí uma parte seria pegar algumas dessas simulações que foram feitas e fazer um protótipo que seria construída aqui e aplicada na central experimental multi[.] que a gente tem aqui que faz espectroscopia de raio-x, então seria multidisciplinar porque é uma física que não tem anda a ver com o que eu faço e que é usada para a física de matérias caracterização de matérias etc. com raio-x então eu poderia usar esse protótipo como um detector aqui. Então seria um projeto que serviria para dois projetos de pesquisas diferentes né, um mais multidisciplinar aqui e o outro lá, mais internacional.

Raquel: Como que é esse protótipo?

Sujeito 7: Mais ou menos do tamanho da tela do seu computador

Raquel: É pequeno, muito interessante professor. Existe projetos prioritários, ou áreas prioritárias por exemplo, ciência sem fronteiras, mobilidade acadêmica estudantil e áreas prioritárias por exemplo, engenharia, administração, informática que devem ser desenvolvidas com os estudantes? Existe uma área [...]

Sujeito 7: Você diz algum direcionamento institucional para áreas prioritárias? Que eu saiba não. Eu tenho minhas opiniões pessoais, mas institucionalmente eu acho que não.

Raquel: Mas como senhor enxerga? Existem questões prioritárias, projetos e áreas prioritárias que devem ser desenvolvidas com os estudantes?

Sujeito 7: Olha, tudo que é relacionado a pesquisa a gente acaba precisando dos estudantes de alguma maneira, a gente não consegue fazer tudo sozinho. Então eu tenho dois alunos de iniciação e um que era da iniciação e acabou de entrar no mestrado, então o que eu acabo fazendo é ensinado eles como fazer o que eu preciso que seja feito e aí eu vou orientando eles a fazerem as coisas que são necessárias para aquele projeto, então eles que acabam fazendo a simulação, eu não faço a simulação, ensino eles a fazer e eles fazem a simulação. E aí eles me apresentam a simulação e eu vejo se tá certo, se eles estão fazendo da maneira certa, então é um trabalho de interação onde eu vou orientando e vendo, ah não isso não parece que tá certo, isso não deveria ser assim ou vamos refazer, ou tá bom, ou avança mais, enfim. Eu não consigo imaginar o desenvolvimento aqui de nenhuma área sem o uso dos estudantes, não tem como. Então os estudantes têm que ser estudantes que estejam motivados e interessados e que tenham responsabilidade e compromisso com esse tipo de coisa, então assim, tem algumas áreas de pesquisa que o professor consegue trabalhar mais isoladamente, mas em geral eu não vejo nenhuma grande área que não tenha necessidade de usar os estudantes para contribuir para o desenvolvimento do trabalho.

Raquel: Como é operacionalizada na sua área de competência, a cooperação com as instituições estrangeiras ou projetos internacionais, e como ela envolve os estudantes de pesquisa, mobilidade, o senhor já citou a ciência sem fronteira. Então como é operacionalizada?

Sujeito 7: então, operacionalização tem aspectos simples e outros mais complicados. Então os aspectos simples são por exemplo, agora se você olhar no site lá da

colaboração Alice colaboração interacional, você vai ver que a ufabc faz parte dela. Então você vai lá vai ver aquele monte de instituições lá e tem instituições do mundo inteiro, da Índia do Paquistão da Alemanha dos estados unidos e tem três do Brasil...quatro na verdade, entrou uma do Rio grande do Sul que não está ligada a gente mas faz parte da colaboração. E aqui as três de São Paulo, a USP a Unicamp e a UFABC. Como é que eu fiz pra ufabc entrar. Primeiro de tudo a gente faz o pedido para entrar, a gente manda uma carta para a colaboração, a gente se apresenta e fala eu quero participar, porque eu já fazia parte da colaboração antes, quando eu trabalhava na USP etc..

Raquel: Essa colaboração que o senhor está falando é da construção desse...

Sujeito 7: É, é o grande detector que tem lá, que toma dados lá no laboratório etc

Raquel: Que fica onde?

Sujeito 7: Fica em Genebra

Raquel: Ah tá, é um conjunto de pesquisadores, como que chama esse programa?

Sujeito 7: Então o ALICE é uma sigla que quer dizer “A Large Ion Collider Experiment” então a ideia dele é fazer colisões de íons pesados, núcleos de chumbo em energias altas usando o acelerador do CERN que é o laboratório europeu, esse acelerador é o LHC. Então são projetos que se conversam, então o CERN é o laboratório principal, é como se fosse a ufabc, só que ele não pertence a nenhum país especificamente, ele pertence a vários países. Então ele tem uma área onde ele tem uma certa soberania, então ali dentro são as leis deles que funcionam, mas as leis deles são iguais as leis dos países onde ele tá, enfim, tem uma dificuldade burocrática ali mas basicamente é assim. Então você tem a organização que é o CERN, aí você tem o projeto do acelerador que é o LHC e aí ligado ao acelerador você tem os outros experimentos como o ALICE, você tem outros como o ATLAS, CMS, LHCb etc e cada um deles tem pelo menos mil pessoas trabalhando. Cinquenta países diferentes e tal. Então você tem o projeto do LHC tem lá um grupo de pessoas e tal e instituições que tá ligadas a ele e os experimentos são colaborações internacionais individuais, elas são submetidas a organização porque eles tem que ter uma licença pra operar ali dentro, mas elas tem autonomia pra escolher quem vai participar ou não da colaboração, então elas decidem ali internamente, elas tem um conselho deliberativo, então você submete seu pedido, por exemplo, eu quero colocar a universidade federal do ABC porque a gente pode contribuir com tal coisa e a

gente está interessado em fazer esse tipo de pesquisa com vocês, e aí eles vão falar tudo bem, você podem vir mas assim, custa tanto por ano, as pessoas tem que vir aqui tomar dados etc., você consegue fornecer esses pré-requisitos? Aí você tem que ser capaz de fornecer esses pré-requisitos, aí você tem que ter financiamento da FAPESP alguma cosia assim. De algum lugar tem que vir o dinheiro para você pagar sua anuidade, para você ir lá uma vez por ano tomar dados etc. Então você faz a carta, se inscreve, pede a sua inscrição, alguém do brasil pode referendar sem pedido de inscrição. Você tem que ter um aval da universidade, de um diretor do centro por exemplo tem que dar um aval para que esse cara participe, eu vou deixar ele ir, vou liberar ele para ir fazer tomada de dados no período que precisa etc. E aí ele passa lá numa votação, é aceito e aí depois eles mandam a documentação para cá, o pessoal aqui tem que assinar para dizer que realmente está de acordo com as regras de lá e pronto. Aí eu faço parte da colaboração, como é que eu vou para lá? Quer dizer, eles só vão aceitar se eu puder cumprir minha contrapartida, então minha contrapartida é que eu tenho que ir para lá pelo menos uma vez por ano pra tomar dados lá, então eu tenho que ter dinheiro pra passagem, ter dinheiro pra estadia, isso você consegue com projeto de pesquisa da FAPESP, você submete, a FAPESP pode ou não aprovar. Internamente a ufabc não tem fornecido mais esse tipo de recurso, o que pode acontecer é o seguinte, eu tenho esse aluno de mestrado, então ele entrou e vai pegar uma bolsa da cota que a ufabc tem da capes ou do CNPq, então o CNPq dá uma certa quantidade de dinheiro lá e fala ó vocês tem direito a quatro ou cinco bolsa de mestrado, então dentro da classificação lá alguém pega, então meu aluno vai pegar uma dessas bolsas, mas essa bolsa é no brasil, então se ele precisar ir pra fora ele vai ter que pedir uma outra bolsa que, por exemplo, quando eu fui fazer meu sanduiche, eu peguei uma bolsa da capes, eu tinha uma bolsa do CNPq aqui no brasil, mas quando eu fui pros estados unidos a capes me financiou quando eu tava lá, apagou minha passagem aérea e pagou minhas mensalidades lá, meu salário lá. Enquanto a bolsa aqui no brasil ficou congelada durante o tempo que eu fiquei lá. Então a ciência sem fronteiras fazia esse papel também, as vezes você tinha um aluno de doutorado, as vezes de mestrado você queria mandar ele para o laboratório por algum tempo, por um mês, ou seis meses e você fazia seu pedido para a ciência sem fronteiras e o ciência sem fronteiras acabou, não tem mais. Então essa porta não tem mais

Raquel: Vai entrar um novo programa, acho que é o Mais Ciência [...]

Sujeito 7: Sim, mas aí a gente que ver como é que vai ser, se vai ser no nível como foi o ciência sem fronteiras que dava muito recurso pra graduação ou se eles vão concentrar mais na pós

Raquel: Como que o senhor enxerga...acredito que agora acredito que já começa a se fazer balanços do resultado da ufabc que acredito eu participou de muitas das áreas do ciência sem fronteiras, principalmente com relação a universidade que nasce desse ponto de ciência e tecnologia, e ciências exatas. Como que o senhor enxerga o ciência sem fronteiras nessa questão, da sua área de competência, dos projetos internacionais da sua área, como foi o processo e como o senhor enxerga os resultados, fala um pouquinho sobre isso

Sujeito 7: Eu acho que assim, o pessoal que colabora comigo da USP, eu mesmo vi m para o brasil com uma bolsa, eu tava como pós doc. fora, contratado por um laboratório estrangeiro e ai eu voltei pro brasil com um programa que fazia parte do ciência sem fronteiras que chama repatriação de doutores no exterior, então eu submeti um pedido e foi aceito e aí eu voltei pra cá, eles pagaram parte da minha mudança e tal e aí eu voltei pro Brasil. Pagaram minha subsistência por dois anos, o projeto era de três anos e daí eu passei aqui e cancelei a bolsa. Mas houve vários alunos do grupo maior, porque o grupo brasileiro que trabalha no ALICE é a USP, UNCIAMP e UFABC, então alguns dos alunos acabaram ainda fazendo seus doutorados sanduiche com o dinheiro do ciência sem fronteiras. Então ao invés de pedir pra CAPES, pra FAPESP, alguns foram com bolsa do Ciência sem Fronteiras

Raquel: Alunos de graduação?

Sujeito 7: Não, de pós. De graduação eu não lembro de nenhum que tenha se ligado a isso. Como que eu particularmente me beneficieei, minha área meu projeto acabou se beneficiando do ciência sem fronteiras, com alunos de graduação. Alunos egressos, ou seja, aqueles que voltaram. Então eu tive dois casos, quer dizer, esse meu aluno que tá entrando na pós ele fez um estagio do ciência sem fronteiras na graduação, ele foi para os estados unidos fez um trabalho lá num projeto, fez um projeto científico lá e isso me deu a confiança de que tava credenciado pra seguir a pesquisa que eu tava fazendo aqui. Outro caso que teve, foi de uma menina que na verdade nem era daqui era da UFScar, que foi pra Alemanha pelo ciência sem fronteiras e ela acabou se envolvendo no projeto ALICE enquanto ela tava lá, então quando ela voltou pro brasil ela queria continuar trabalhando com o ALICE e uma pessoa lá da Alemanha que me conhecia disse, fala

com o mauro que ele tá lá na ufabc, porque a federal de São Carlos não tinha ninguém que trabalhava com LHC, então ela veio e falou comigo e fez um ano de iniciação aqui, pedimos bolsa pra FAPESP pra ela e foi aprovado, então essa experiência ela acabou trazendo pro Brasil, infelizmente depois ela preferiu mudar de área fazer uma outra coisa, mas é o tipo da coisa que eu acho que a ideia do projeto era essa. Você mandar a pessoa pra fora para ela trazer alguma coisa pra gente. Então ela vai lá, aprende alguma coisa e trás, não acho que o fato dela mudar de área tenha sido em vão, que tenha perdido o que ela trouxe, ela teve uma experiência, então ela aprendeu uma série de coisas que ela usou enquanto ela teve na minha iniciação, mas que ela vai levar pra onde ela foi.

Raquel: E nesse projeto tem acordos de cooperação entre a ufabc e outras universidades ou não? A ufabc entra como uma representação do brasil lá fora, como que é esse projeto?

Sujeito 7: Então, a assessoria de relações internacionais ela tem alguns projetos com alguma universidades especificas, então você tem esses projetos do tipo ó, a gente manda dois alunos pra lá, vocês mandam dois alunos pra cá e daí nesses acordos entra como é que se viabiliza isso em termos de dinheiro, eu não conheço especificamente nenhum acordo desses que tenha sido firmado pela nossa assessoria aqui, mas a parte que eu conheço que a gente trabalha, a gente trabalha desse jeito, quer dizer, a gente vai, pede se o cara for por prazo curto a gente pode mandar ele com o dinheiro da FAPESP as vezes, paga a passagem e dá umas diárias pro cara, o cara fica lá cinco ou seis dias sei lá, ele tem que estar como membro do projeto, aluno do iniciação acho que a FAPESP não permite, mas alunos de pós, sim. E eu acho que em geral, eu não sei se alguns financiamentos do CNPq permitem que você pague usando dinheiro de pesquisa pra aluno de iniciação. Porque aluno de iniciação em geral, tirando o contexto do ciência sem fronteiras, em geral é interpretado como intercambio cultural, não científico.

Raquel: São distintas então [...] então nessa versão que o senhor falou dessa cooperação está ligado especificamente ao conselho de relações internacionais e a assessoria, ou não necessariamente?

Sujeito 7: Esses acordos? Com certeza tem que passar por eles. O meu não, o meu foi um acordo entre áreas de pesquisa, diretoria do centro, pró-reitora de pesquisa e o conselho deliberativo da colaboração, então não teve nada.

Raquel: Como a política de internacionalização chega aos estudantes, tendo em vista o agente de internacionalização? Como ela chega aos professores, aos gestores, isso é, como cada ator acadêmico recebe e se relaciona com o trabalho desenvolvido com os agentes?

Sujeito 7: Bom, não sei se eu entendi direito a pergunta mas...o que você quer saber exatamente com a pergunta? Como as pessoas...

Raquel: Vamos por partes que são duas perguntas, como que a política de internacionalização chega aos estudantes, aos professores e aos gestores?

Sujeito 7: Como eles ficam sabendo, como eles se envolvem? Normalmente por editais, então a gente publica um edital, ou faz um anuncio, a assessoria de relações internacionais as vezes promove uns eventos aqui no piso vermelho. Eles fizeram um em 2016 onde eles trouxeram alguns dos representantes das universidades com as quais eles já tinham acordo, ou que não tinham acordo mas que a universidade era elegível a participar dos programas de internacionalização. Então teve uma espécie de feira, veio estandes do Consulado da Alemanha, do consulado sueco, do consulado francês, então eles vem aqui e fazem esse tipo de ação e divulgação, então projetos, eventos e ficam uma tarde inteira e fazem um ciclo de palestras e os estudantes podem participar das palestras onde vai lá representante do consulado francês explicar como é o programa deles, da Alemanha e explica como é o programa, vai o outro não sei de onde. Às vezes vai alguém de alguma universidade especifica, eu lembro que nesse evento tinha um pessoa de uma universidade especifica e veio e falou sobre aquela universidade e como a pessoa da ufabc tinha que fazer para participar e tal, que já tinha o pré-entendimento, não existia um acordo formado, formalmente assinado com a universidade, mas que já existia um pré entendimento de qual era o caminho e quem fosse indicado a universidade lá [...] para os professores em geral 'pe por meio de edital mesmo.

Raquel: E como que cada ator acadêmico recebe e se relaciona com o trabalho desenvolvido pelo agente.

Sujeito 7: Então, o agente de internacionalização não faz muita coisa. O ator de internacionalização no caso o aluno ele recebe o que ele pediu, ou ele recebe a frustração de eu não dar o que ele pediu. Eu não tenho um colega um professor por exemplo que seja um agente de internacionalização ou que precisa de um serviço meu

por exemplo, não tenho isso. Não existe nenhum grupo de professores que precisa da ação do agente de internacionalização.

Raquel: Entendi. Então no caso você trabalha com orientação dos estudantes

Sujeito 7: É verdade, eu deveria fazer isso mas isso quase nunca acontece, orientar alguém que vai pra fora. Porque acho que acabaram as bolsas de gente que vai para fora. Então eu orientei uma menina que foi pra Suécia, pra Suécia ou pra Alemanha, agora eu não lembro.

Raquel: Atualmente você está com quantos alunos nesse processo de mobilidade estudantil?

Sujeito 7: Eu não tenho nenhum aluno de mobilidade agora, teve essa menina que veio mas eu não consigo me lembrar o nome dela

Raquel: Que veio de fora?

Sujeito 7: Não, ela estava indo pra fora, ela tinha sido aceita já, ou estava pra ser aceita, faltava alguma coisa pra formalizar e ela precisava enviar um plano de estudos. E aí a assessoria me indicou, ela veio falar comigo e eu tracei junto com ela qual seria o plano de estudos dela, e aí ela fez, seguiu e foi aceita e e tá lá agora. Então quer dizer, não é minha aluna, não sou orientador dela e não tenho nenhuma relação formal com ela. Só orientei ela naquele momento pra fazer um projeto e tal, talvez eu não sei se faz parte, quando ela voltar ela tem que prestar contas pra mim, ou prestar contas pra assessoria e assessoria vai perguntar pra mim se foi isso que eu tinha combinado, se ela cumpriu o papel que ela deveria ter cumprido.

Raquel: Quando é ao contrário. Quando vem um aluno de outra universidade pra UFABC, em termos de mobilidade de fora, pra dentro da ufabc. Ocorre? Tem mobilidade, a UFABC recebe estudantes?

Sujeito 7: Olha eu vi um caso de mobilidade interna que era um aluno que queria vir, não lembro, acho que universidade federal do rio grande do sul, não lembro qual delas, e ele vinha pra ficar um semestre, eu lembro que não veio pra mim exatamente essa demanda mas eu fiquei sabendo por causa justamente desse problema da gente não ser semestral. Então tinha um certo conflito aí, mas eu não lembro como se solucionou esse problema. Alunos internacionais eu nunca presenciei, não. Acho que uma coisa que falta é justamente a gente ter toda a cadeia de disciplinas, um número considerado de

disciplinas que possam ser ofertadas em inglês todo quadrimestre, e isso permitiria que mais gente viesse pra cá.

Raquel: Só retornando ao início da nossa conversa em relação a posição da UFABC no cenário das políticas de educação superior brasileira, tanto na questão da pesquisa, do ensino, e da questão local, do ABC paulista, como que o senhor percebe a internacionalização nesse contexto regional?

Sujeito 7: Olha, é difícil dizer, porque o que eu acho é que a UFABC presta um serviço de ser uma oferta pro pessoal da região, e aí quanto mais internacional tiver a universidade melhor você vai estar fazendo essa oferta pro pessoal daqui. Uma das coisas que a gente fez, tem um projeto que eu faço parte, que eu tenho feito parte nos últimos dois anos, que não tem nada a ver com a assessoria de relações internacionais, é um projeto de extensão universitária onde a gente traz alunos do segundo grau pra [...] é, o master classes hands on particle physics(?), onde a gente faz uma imersão vamos dizer assim, a gente explica pra eles qual é o trabalho de física de partículas, dá uma noção geral e aí eles tem a oportunidade de vivenciar como é de maneira simplificada, o dia a dia de um pesquisador da área de física de partículas, então no primeiro dia eles tem uma introdução geral teórica do que é física de partículas, a tarde eles tem acesso a dados que foram coletados pelo RHC, onde eles fazem análise com um software que foi desenvolvido pra isso, pra fazer análises que eles sejam capazes de fazer. Então eles fazem análises e tal e daí no dia seguinte de manhã eles fazem a compilação, discutem os resultados com os outros que participaram e no final da manhã, faz um vídeo conferência com o pessoal do laboratório lá em Genebra e mais duas universidades de outros países, que fizeram a mesma coisa, analisaram os mesmos dados e vão apresentar as conclusões que eles tiraram. Então tem toda essa discussão, isso é interessante porque você coloca pessoas da região, que são alunos do ensino médio, com os seus respectivos professores, em contato com uma relação internacional. Mas isso vai por fora da [...] não são eles que fazem isso.

Raquel: E como é a relação com a indústria aqui?

Sujeito 7: Olha eu tenho pouca noção de como é a relação com a indústria porque eu sou mais da área de pesquisa pura e não aplicada. O que eu sei é que a indústria tem muito interesse de colaborar com a gente, fazer pesquisas e coisas aqui, usando nossas ferramentas, pesquisadores e tal, e uma das coisas que a gente tem em mente, um projeto aí pra médio e longo prazo, é a criação de cursos voltados pra indústria, cursos de

extensão e tal, não seriam cursos de graduação, mas seriam cursos de curta duração onde você pega um indivíduo já formado e você dá cursos de especialização em técnicas de pesquisa, enfim Pro pessoal aplicar na indústria, então são ferramentas de ciência aplicada, como teoria de Watts que eles podem aplicar diretamente nas referidas indústrias.

Raquel: O senhor citou sobre a questão das publicações, [...] primeiro lugar no ranking folha, primeiro lugar em internacionalização que fui justamente o que me levou a desenvolver minha pesquisa e investigar essa questão da internacionalização e aí eu quero uma opinião sincera sobre a sua visão que é diferente. Com o que o senhor enxerga a internacionalização? Ela tem um viés de ser cooperativa, solidária, ou ela tem um viés mais pra competição, voltado pra atender algumas demandas, como que o senhor enxerga a posição dela na questão da internacionalização nesse cenário?

Sujeito 7: Eu vou te dizer o que eu vejo como a coisa é. O grande impacto da internacionalização que leva a ufabc em primeiro lugar é o fato de que a gente tem algumas pessoas trabalhando em colaborações internacionais como a que eu trabalho. Então o número de publicação com autores estrangeiros de alto impacto é muito grande, porque tenho eu do ALICE, tem o pessoal do CNS, tem o pessoal de outro experimento super gigante também, tem o pessoal que trabalha no observatório [...] do sul que fica no Chile, então todas essas publicações tem impacto muito grande, e elas tem um grande número de autores estrangeiros, então ela é cooperativa pois elas estão dentro do contexto destas colaborações internacionais, que são cooperativas por natureza, as colaborações internacionais o nome já diz, colaboração. Então são grandes colaborações internacionais, onde você tem no mínimo dez institutos, no mínimo 100 pessoas trabalhando e é espalhado por vários países, as vezes algumas colaborações tem um número preponderante de um determinado país dependendo do perfil dela, mas em geral é sempre cooperativa. Competição existe, ela sempre vai existir, então tem coisas que eventualmente eu faço aqui que o pessoal do CNS também quer fazer e aí tem uma competição de ver quem faz primeiro e tal. Mas eu não vejo isso como uma forma de...talvez o que você quer saber é se é uma coisa excludente ou inclusiva, eu não vejo assim uma competição do tipo, eu vou ganhar alguma coisa do tipo, eu particularmente vou ganhar alguma coisa com isso, eu vou ter mais projeção, fazer um trabalho que eu gosto mais, é claro que eu vou ter, vou uma vez por ano pra Genebra, quem vai uma vez por ano pra Genebra, com dinheiro, com tudo pago? Tudo bem, eu to indo lá pra

trabalhar, mas a noite eu vou e compro chocolate suíço no mercado a preço de banana, então eu tenho um benefício pessoal, não posso dizer que não.

Raquel: Eu acho que essa questão do benefício pessoal é muito bom e acho que merecidíssimo né. Eu acho que é [...] uma dedicação muito grande pra desenvolver essas pesquisa, mas em termos da ufabc como universidade, ela tem esse viés de se enquadrar, de atender algumas demandas, ou ela tem esse viés de ir contra essas demandas.

Sujeito 7: Não, acho que a ideia dela foi justamente se encaixar bem nessas demandas. Porque assim, a ideia da ufabc é que não existe interdisciplinaridade sem cooperação, não existe uma pessoa interdisciplinar. A pessoa pode ter noção de várias coisas, mas ela é especialista em uma só. Então a interdisciplinaridade é por natureza colaborativa, não tem como. Não tem como eu querer fazer tudo, eu querer ser biólogo, físico, químico, tudo ao mesmo tempo. Você tem um cara que é muito bom na física, outro que é muito bom na química, outro em biologia, esses três têm que trabalhar juntos, serem capazes de conversar para produzir alguma coisa de diferente, de impactante. Então, grandes colaborações internacionais é isso, você juntar históricos e culturais muito diferentes e fazer com que elas consigam trabalhar juntas e produzir alguma coisa de valor, então eu acho que tem tudo a ver sim.

Raquel: Dentro desses aspectos o senhor enxerga como uma [...]

Sujeito 7: Sim, ela é absolutamente consistente.

Raquel: Quais são as suas dificuldades do dia a dia do seu trabalho

Sujeito 7: Bom, eu acho que isso é um problema que o fato de ser multidisciplinar acaba acarretando para a gente, como eu falei, você não consegue fazer trabalho sem ter alunos com você, você não consegue dar conta de tudo. O fato da gente ter esse curso de entrada unificado, multidisciplinar, mas depois você tem as carreiras específicas, faz com que a maioria das pessoas que entrem não liguem para o curso de física, então pra eu fazer um trabalho, conseguir um aluno, eu tenho que pegar um aluno que esteja interessado em depois seguir carreira em física ou próximo de física e a maioria está interessado em seguir engenharia. Então isso é uma dificuldade, porque é difícil você encontrar número suficiente de alunos que queriam trabalhar em todas as áreas da física que a gente tem aqui, então é difícil, isso é difícil.

Raquel: O senhor considera que o trabalho do agente de internacionalização deve ter continuidade? Ele deveria ser reformulado em algum aspecto?

Sujeito 7: eu acho que sim, deveria ser continuado, mas deveria ser reformulado sim. Acho que fazer só esse negócio de dar os créditos ou não, é muito pouco. Ou apenas um a cada vinte alunos que vem o perfil pra mim, ajudar a colaborar em montar plano de estudo eu acho pouco. Acho que seria mais interessante se a gente pudesse opinar sobre acordos de cooperação etc usados pra prospectar. Ou mesmo que a gente não fosse obrigado a prospectar, mas pelo menos ter a possibilidade de fazer a prospecção, recebendo o apoio da assessoria de relações internacionais.

Raquel: Muito Obrigada professor!

GESTORES – ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Logica para construção das questões de pesquisa

OBJETIVO GERAL E ESPECIFICOS	INSTRUMENTOS E/ FONTES	CATEGORIAS	QUESTÃO
Objetivo Geral: Analisar os fundamentos teórico-políticos da política de internacionalização da UFABC.	Inquéritos de entrevista semiestruturado	Internacionalização da educação Superior	A UFABC faz parte de um conjunto de instituições de educação superior que apresentam, segundo nossas pesquisas, um projeto político-institucional diferenciado em relação às universidades que conhecemos. O Sr. conheceu este projeto? Qual era intenção do governo de turno com a criação dessas novas universidades? Como são propostas /

			<p>desenhadas / aparecem as demandas de internacionalização nesse conjunto de novas instituições? Até 2015, tornar a internacionalização elemento fundamental do desenvolvimento das atividades indissociáveis. A internacionalização seria uma quarta missão da UFABC? Qual a política interna de internacionalização que a universidade estabeleceu, sua relação e presença no âmbito da gestão universitária, seus princípios, valores e objetivos?</p>
<p>Objetivo específico: Identificar os programas, projetos e ações de internacionalização</p>	<p>Inquéritos de entrevista semiestruturado</p>	<p>Internacionalização solidária/ internacionalização competitiva</p>	<p>Qual o projeto político- institucional da UFABC e como ele se relaciona</p>

desenvolvidos na UFABC.			com/ influencia o seu projeto político-pedagógico?
Objetivo específico: Compreender a dialética das relações local/global na política de internacionalização da UFABC.	Inquéritos de entrevista semi estruturado		Por que implantar uma universidade federal de novo tipo nessa região do ABC? Como a instituição vê a relação entre necessidades regionais (desenvolvimento local e sustentado, p.e.) e nacionais (inclusão, des. Nacional, p.e.) e as diretrizes de internacionalização?
Objetivo específico: Analisar a presença, nas políticas institucionais de internacionalização da UFABC, de uma perspectiva de cooperação solidária ou competitiva em educação superior.	Inquéritos de entrevista semiestruturado	Internacionalização solidária/ internacionalização competitiva	Os documentos da UFABC estabelecem objetivos específicos em relação ao seu posicionamento e às suas expectativas de resultados nos rankings universitários. Isso

			<p>significa que há um modelo de instituição universitária internacionalizada a perseguir?</p> <p>Constituir-se como <i>world class universities</i>, como universidade de pesquisa....</p>
--	--	--	---

AGENTES DE INTERNACIONALIZAÇÃO

OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS E/ FONTES	CATEGORIAS	QUESTÃO
<p>Objetivo Geral</p> <p>Analisar os fundamentos teórico-políticos da política de internacionalização da UFABC.</p>	<p>Inquéritos de entrevista semiestruturada</p>	<p>Internacionalização da Educação Superior</p>	<p>Quais foram os critérios de escolha de seu nome para essa função de AI?</p> <p>Como é operacionalizada, na sua área de competência, a cooperação com instituições estrangeiras ou projetos internacionais (de pesquisa, de mobilidade etc.) e como ela envolve os estudantes?</p> <p>Você conhecia o projeto institucional da UFABC quando fez concurso para docente?</p>

			<p>Como a política de internacionalização chega aos estudantes, aos professores, aos gestores? Isto é, como cada ator acadêmico recebe o e se relaciona com o trabalho desenvolvido pelos agentes?</p> <p>Que resultados V. consegue perceber ou já consegue contabilizar em sua área de atuação?</p>
<p>Objetivo específico: Identificar os programas, projetos e ações de internacionalização desenvolvidos na UFABC.</p>	<p>Inquéritos de entrevista semiestruturado</p>		<p>Quais objetivos se busca alcançar com e que orientam o trabalho do AI?</p> <p>O trabalho do AI é dirigido a que público?</p>
<p>Objetivos específicos</p> <p>Compreender a dialética das relações local/global na política de internacionalização</p>	<p>Inquéritos de entrevista semiestruturado</p>		<p>Considera que o projeto institucional da UFABC representa uma inovação em termos de política de educação superior no Brasil? Ou se</p>

da UFABC.			trata de uma universidade federal como qualquer outra?
Objetivos específicos Analisar a presença, nas políticas institucionais de internacionalização da UFABC, de uma perspectiva de cooperação solidária ou competitiva em educação superior.	Inquéritos de entrevista semiestruturado	Internacionalização solidária/ internacionalização competitiva	Há projetos prioritários (Ciência sem Fronteiras, Mobilidade Acadêmica Estudantil...) ou áreas prioritárias (Engenharias, Administração, Informática...?) que devem ser desenvolvidos com os estudantes?



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A assinatura consignada abaixo confirma e reconhece o consentimento de

quanto aos objetivos estritamente acadêmicos da entrevista por ele concedida ao pesquisador e quanto aos compromissos da instituição pesquisadora, a Universidade Nove de Julho, de São Paulo, de não publicação de quaisquer dados pessoais sem a autorização expressa do entrevistado.

Ademais, declara o entrevistado que foi amplamente esclarecido sobre os objetivos da pesquisa e teve total liberdade para se manifestar conforme suas convicções.

Cidade de _____, aos ____ dias do mês de _____ de 2017.

DIARIO DE CAMPO

A dissertação de mestrado que estamos elaborando, tem em sua metodologia a pesquisa exploratório, neste sentido o desenvolvimento do trabalho será por meio de busca a informações que possam levar ao conhecimento mais aprofundado sobre o objeto de pesquisa.

O locus de pesquisa, a universidade Federal do UFABC, é um ambiente que ainda está em processo de implementação, por ser uma instituição nova e estar em uma região também está passando por modificações na área de comércios e serviços. O contexto geopolítico também nos coloca muitos questionamentos ao pesquisador. A partir das dúvidas que foram surgindo ao longo do processo de leituras e estudos, buscamos sanar através de registros.

O diário de campo é um documento de pesquisa que tem por objetivo acolher registros, inquietações, observações relacionados ao seu objeto de pesquisa. Nele deve conter: registro de fotos, e informações que possam ser colhidas para contribuição a construção do trabalho. Neste diário om registro descritivos de todo o ambiente universitário e principalmente das movimentações na dimensão da internacionalização na universidade.

O foco principal é conhecer a operacionalização da política de internacionalização da Universidade Federal do ABC, por meio de visitas de observação, para o contato inicial e conhecimento com o ambiente universitário; segunda visita para conhecimento da região em que abriga a universidade – ligando as observações aos pontos importantes do histórico regional e conhecimento local. a terceira vista será uma visita agendada para o conhecimento da assessoria de Relações internacionais da UFABC. A quarta vista será para coleta de entrevista semi-estruturada sobre a dimensão Internacional da UFABC, com seus respectivos agentes.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

TEMÁTICA OBSERVADA:

Conhecimento do locus de pesquisa

Vista a Assessoria de relações internacionais para realização de entrevista

SUJEITOS ENTREVISTADOS

Presidente da comissão de relações internacionais

Agentes de internacionalização

FOTOS DA UNIVERSIDADE:



infraestrutura



Patio em direção a biblioteca



Visão do ponto lateral esquerdo da UFABC



restaurante universitário. O atual restaurante, anteriormente, no local, era um frigorífico.









patio da universidade



Eu no patio da universidade

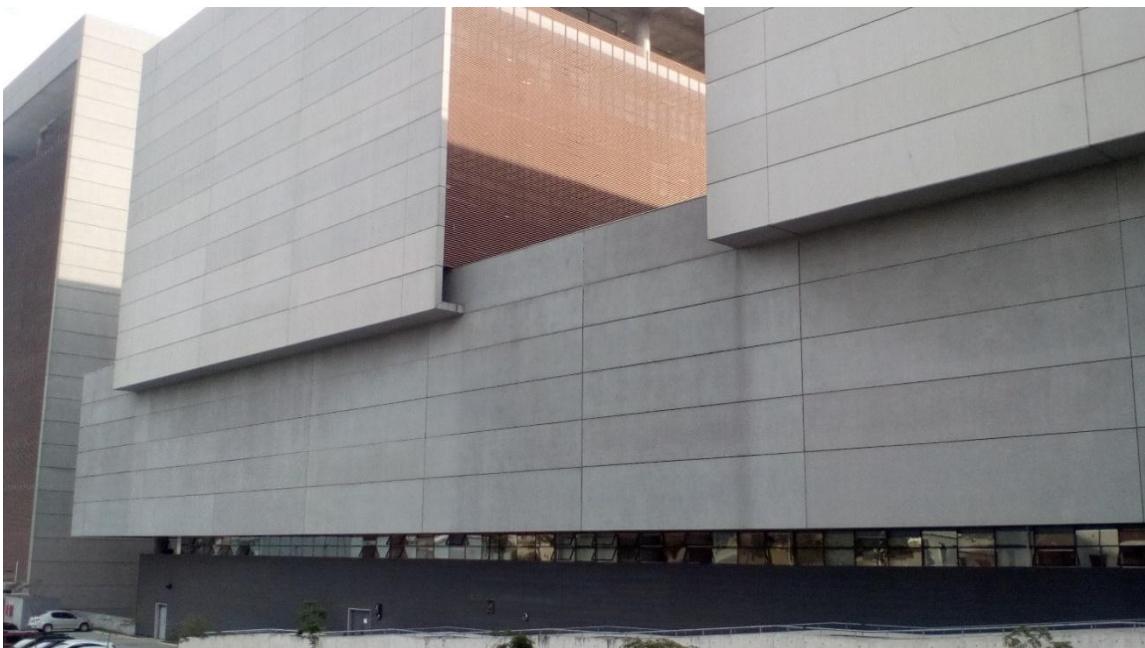


Foto da arquitetura da universidade santo andre



Foto do estacionamento – campus Santo André



Pátio da UFABC



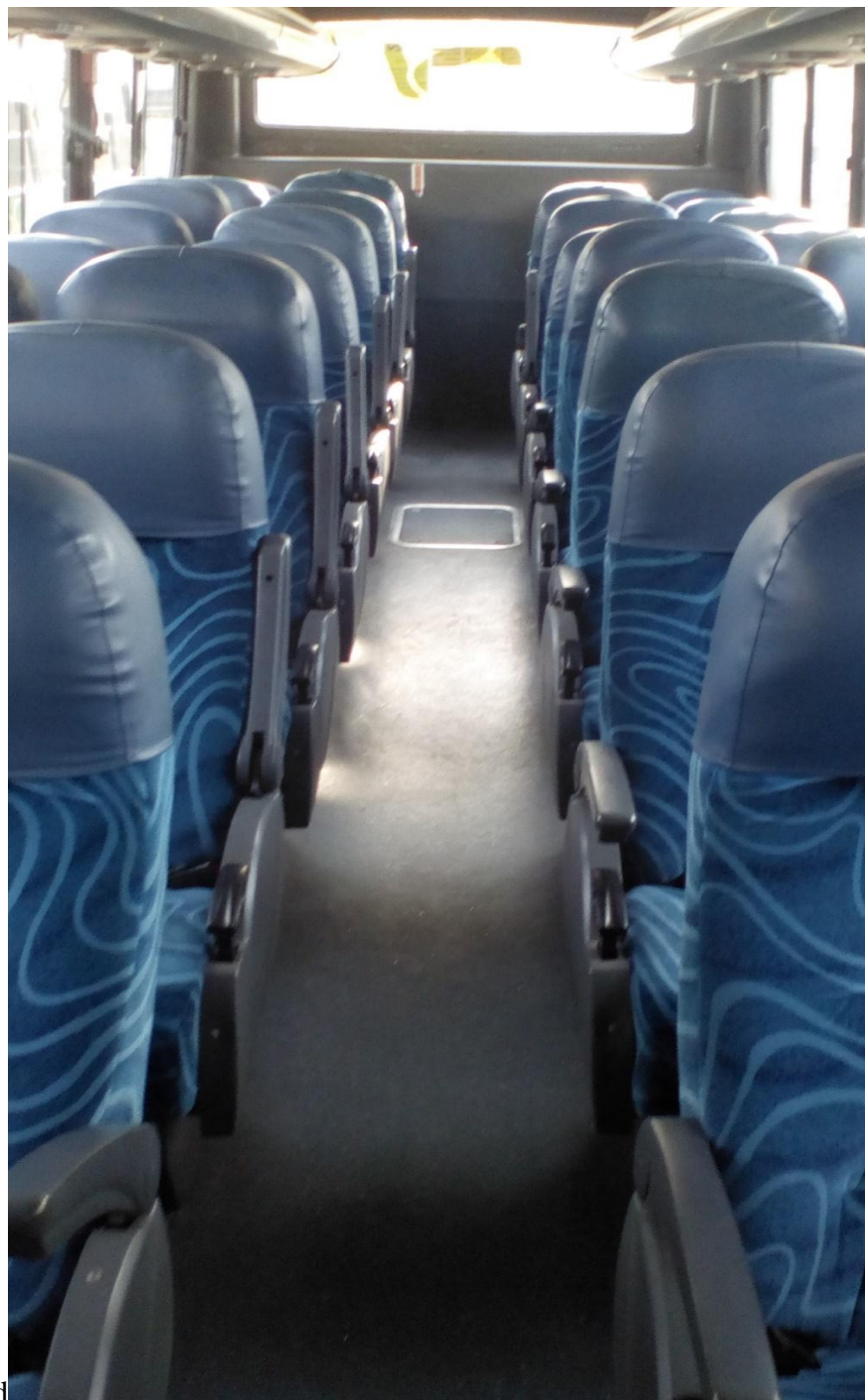


Ponto do circular/ rua latera direita da universidade.









ônibus da iversid

ade

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES:

- ix. Realizamos uma visita monitorada para o conhecimento interno e externo da universidade e seu funcionamento
- x. Realizamos a coleta de dados por meio de entrevista com gestores da CRI e professores, na função de agentes de internacionalização.

RELATOS DOS ACONTECIMENTOS

- xi. Início da pesquisa com visitação para entendimento prévio da universidade em sua formação
- xii. Visita para entrevista com os sujeitos de pesquisa

DESCRIÇÃO DO ATENDIMENTO

O atendimento sempre muito educado e receptivo. Desde início tivemos o acolhimento necessário para o conhecimento da universidade em sua estrutura, ao qual fomos bem recepcionados atendimento dos gestores das relações internacionais e acesso aos documentos que precisávamos.

FOTOS E MAPAS DA REGIÃO DO ABC

